

# Itaytera

NÚMERO 20

ANO 1976

Ao contrário da moda vigente, que procura, nostálgicamente, reviver um passado mais ou menos remoto, a comunidade cratense celebrou o Centenário do Seminário em bases prospectivas, preparando o futuro e assumindo as responsabilidades históricas.

Estas, meus senhores e minhas senhoras, são também as preocupações básicas que orientam a Ação Pastoral nesta Diocese. A plena consciência de uma continuidade histórica na Ação Promocional da Diocese dá-nos as dimensões desta responsabilidade intransferível.

A Ação Promocional começou com a obra educacional inconfundível desenvolvida pelo Seminário, que hoje se desdobra no mesmo setor específico com o Instituto de Ensino Superior do Cariri, entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia do Crato, e a plena adesão da Fundação Educacional Martins Filho.

Os Serviços Gerais e a Ação Diocesana se irradiam através da pluriforme atuação da FUNDAÇÃO PADRE IBIAPINA.

Assim, a presença da Igreja no processo de desenvolvimento desta região, é o imperativo implícito de sua missão evangelizadora, além da decorrência lógica do papel desempenhado pela mesma Igreja na civilização e colonização das plagas caririenses.

Temos procurado orientar a missão evangelizadora desta nossa Diocese, segundo a dinâmica deste legado histórico: prosseguir a opção de desenvolver pela educação, que parece ter sido a grande decisão do fundador do Seminário e precursor do ensino sistemático na região, e atualizar a metodologia da evangelização humanizadora do Pe. Ibiapina, pioneiro da ação social-comunitária em terras nordestinas".

(D. Vicente Matos, Bispo Diocesano do Crato no discurso de encerramento das festividades do Centenário do Seminário do Crato, em 1975)



Comércio de Veículos Crajubar S/A

Ford Administração e Consórcio Ltda.

# Toda Linha FORD

1.º Carro — por Sorteio

2.º Carro — por Lance

Seu carro é entregue sem avalista

Liberamos da Reserva de Domínio

Lance vencido é devolvido na hora

Lance vencedor quita as prestações

Carro usado Vale como lance

DEP. DE VENDAS

AV. PADRE CICERO, Km. 2 — Triângulo

Fones 2958-2377 - Juazeiro do Norte-Ceará

# SULCEPA

CIA. SUL CEARENSE DE PAPÉIS

Fabricamos em Crato papéis de  
ótima qualidade!

Valorizamos o produto da terra

Rua 7 de Setembro – Fone: 279

BAIRRO DO MURITI

CRATO

-x-

CEARÁ

Para conhecer as qualidades do Chevette, só existe um meio: sair dirigindo um. Sentir a potência de seu motor Chevrolet 1400 de 4 cilindros, com comando de válvulas no cabeçote e experimentar seu desempenho. Testar a segurança de sua estabilidade, seu rodar macio e a precisão de seus freios a disco, com duplo circuito hidráulico.

Sentir o conforto do Chevette com bancos individuais, reclináveis, com ou sem encosto para a cabeça, e interiores monocromáticos, preto ou marrom, opcionais. E seu exclusivo tratamento acústico e térmico. Conhecer de perto os detalhes dos seus três modelos: Chevette Especial, Chevette L e o luxuoso Chevette SL. Todos com o conforto, a segurança, o desempenho, a economia e o talento Chevette.

Não é à toa que o Opala Caravan é o primeiro Station Wagon brasileiro. Caravan significa espaço. Espaço suficiente para grandes famílias, para cargas leves e para grandes viagens.

O Caravan mantém um perfeito equilíbrio entre a versatilidade, o conforto e a beleza. Tem linhas modernas, novo interior com bancos redesenhados. E oferece a mesma experiência e as mesmas vantagens dos outros Opalas.

A mecânica você também já conhece: motor de 4 ou 6 cilindros, transmissão manual, de 3 ou 4 velocidades, ou a prática e resistente transmissão automática, opcional.

Opala Caravan: um carro do tamanho da sua necessidade. Ou do tamanho do seu mundo.

O Opala sempre tem o que você procura. Escolha o Opala que mais combine com a sua personalidade: o esportivo Cupê duas portas ou o espaçoso Sedan quatro portas. O econômico motor de 4 cilindros ou o poderoso motor de 6 cilindros. E mais, muito conforto, requinte e silêncio no seu interior.

Porque os Opalas têm tratamento acústico e térmico, especial. E também oferecem novos interiores monocromáticos; bancos individuais, reclináveis, com encosto para a cabeça; direção hidráulica e transmissão automática, opcionais.

A escolha é toda sua. Mas, qualquer que seja, você estará escolhendo muita economia. E muita experiência.

# S O D A L

ONDE ESTÁ O SEU CARRO!

AVENIDA TEODORICO TELES, 451 — FONE: 438  
CRATO — O — CEARA

# DIRETORIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Período de 18 - 10 - 75 a 18 - 10 - 76

Presidente — JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO  
Vice Presidente — JEFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA  
Secretário Geral — ANTÔNIO NIRSON MONTEIRO  
Secretário — Pe. ANTÔNIO TEODÓSIO NUNES  
Tesoureiro — ANTÔNIO CORREIA COELHO

## COMISSÕES

Da revista ITAYTERA — J. LINDEMBERG DE AQUINO  
ANTÔNIO NIRSON MONTEIRO  
JÓSSIO DE ALENCAR ARARIPE  
RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

De Ciências Letras e Artes — ELOI TELES DE MORAIS  
EDMEIA ARRAES DE ALENCAR  
JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA  
PEDRO PINHEIRO ESMERALDO

De Sindicância — JOSÉ PEIXOTO DE ALENCAR CORTEZ  
ALDERICO DE PAULA DAMASCENO  
JOSÉ EMERSON MONTEIRO LACERDA  
MARIA DE LOURDES ESMERALDO

## CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

### ATUAIS OCUPANTES:

#### SECÇÃO DE LETRAS:

Nº 1 - PATRONO: Padre José Antônio Ibiapina	OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
Nº 2 - PATRONO: Bruno de Menezes	OCUPANTE: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
Nº 3 - PATRONO: José Alves de Figueiredo	OCUPANTE: Vaga
Nº 4 - PATRONO: Alexandre Arraes de Alencar	OCUPANTE: Edmeia Arraes de Alencar
Nº 5 - PATRONO: Monsenhor Pedro Esmeraldo	OCUPANTE: Maria de Lourdes Esmeraldo
Nº 6 - PATRONO: Dr. Irineu Nogueira Pinheiro	OCUPANTE: Padre Antônio Gomes de Araújo
Nº 7 - PATRONO: Barbosa de Freitas	OCUPANTE: Otacilio Anselmo e Silva
Nº 8 - PATRONO: Álvaro Bomilcar	OCUPANTE: Dr. José Newton Alves de Sousa
Nº 9 - PATRONO: Dom Francisco de Assis Pires	OCUPANTE: Monsenhor Rubens Gondim Lóssio
Nº 10 - PATRONO: Padre Emilio Leite Cabral	OCUPANTE: Thomé Cabral dos Santos
Nº 11 - PATRONO: Raimundo Gomes de Matos	OCUPANTE: Pedro Gomes de Matos
Nº 12 - PATRONO: Leandro Bezerra Monteiro	OCUPANTE: General Raimundo Teles Pinheiro
Nº 13 - PATRONO: Dr. Otacilio Macêdo	OCUPANTE: Vaga
Nº 14 - PATRONO: Manoel Monteiro	OCUPANTE: F. S. Nascimento
Nº 15 - PATRONO: Dr. Leandro Chaves Ratisbona	OCUPANTE: General Pinheiro Monteiro
Nº 16 - PATRONO: Padre Francisco Pitta	OCUPANTE: Aécio Feitosa
Nº 17 - PATRONO: João Brigido dos Santos	OCUPANTE: Nertan Macêdo
Nº 18 - PATRONO: Raimundo de Monte Arraes	OCUPANTE: José Arraes de Alencar

#### SECÇÃO DE CIÊNCIAS:

Nº 1 - PATRONO: Dr. Barreto Sampaio OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves

## Í N D I C E

Homenagem ao Centenário do Seminário São José .....	3
Centenário do Seminário do Crato .....	4
Ano do Centenário do Seminário São José — 1875 - 1975 .....	6
Seminário São José: Cem anos de uma Majestade .....	9
Mensagem de um Centenário .....	12
Câmara Municipal Homenageia Centenário do Seminário São José ..	14
Figuras Marcantes do Seminário do Crato .....	20
Seminário: 1 Século .....	22
A Glória do Seminário e o Simpósio de Educação .....	23
Assembléia Homenageia Seminário São José .....	26
Centenário do Seminário do Crato .....	28
Centenário de Marcante Presença .....	35
Homenagem Merecida .....	37
Encerrando as Festividades do Centenário .....	39
O Escudo de Barbalha .....	43
Centro de Melhoramentos de Barbalha .....	47
Ministro Costa Cavalcanti — Cidadão de Barbalha .....	49
Assessor de Ministro assegura apoio do Governo a Fundação .....	53
Literatura Popular .....	55
Cidadão Cratense .....	61
Cicero Pinheiro .....	65
Alvaro Bomilcar .....	67
Raça de Heróis .....	70
A Sociedade Lírica do Belmonte .....	71
Alguns Documentos constantes de sua fé de ofício .....	73
Explosão Artística .....	75
Algumas Figuras Espanholas na prosa Brasileira de Ficção .....	79
Ofício Fúnebre .....	91
Mestre da Xilogravura .....	92
J. de Figueiredo Filho ainda existe .....	94
Histórico do Ensino de Engenharia no Ceará .....	95
Padre Antônio Gomes de Araújo .....	101
Ascenso Esquecido .....	110
Homenagem aos três maiores vultos Intelectuais de Jardim .....	113
Um pouco de História .....	131
O Ano Social do ICC .....	132
O último discurso no CPOR .....	134
Como Nertan Macêdo se tornou escritor dos Cangaceiros .....	135
Jovita Alves Feitosa — A Heroína Brasileira do Ceará .....	141
Contingências da Vida e Poder da Influência Mental .....	147
Academia Piracicabana de Letras .....	153
Conselho Federal de Cultura ajudou o ICC .....	157
A prostituta que queria subir ao altar .....	161
Antroponímia Caririense .....	163
Crato antigo .....	169
Dicionário Quadrado .....	172
Dois participantes do Simpósio .....	177
A Significação de Jacarehy .....	185
Walderedo Gonçalves e sua Esteta-Radicalização .....	190
A Cultura Brasileira e o Desenvolvimento Nacional .....	193
De Barbalha ao Pe. Agostinho Mascarenhas .....	198

# Homenagem ao Centenário do Seminário Diocesano São José

A presente edição de ITAYTERA, quando se completa o seu 20º número, é dedicada a uma especial homenagem ao Primeiro Centenário do Seminário Diocesano S. José, em Crato.

O vetusto estabelecimento de ensino, honra e glória de nossa formação cultural, luzeiro de nossas inteligências, foi o pioneiro do ensino médio em vasta área do interior nordestino.

Para a edição do presente número, muito concorreu o CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, órgão do Ministério de Educação e Cultura, cujo Presidente, Conselheiro Presidente, Prof. Raymundo Moniz de Aragão, assinou Convênio com o Instituto Cultural do Cariri, em 20 de Junho de 1975, e que nos possibilitou recursos na ordem de Quinze Mil Cruzeiros (Cr\$ 15.000.00). Resultante do Convênio em aprêço, cuja prestação de contas já enviamos àquele

Conselho, eis ITAYTERA, no seu número 20, com as especificações exigidas, e inserindo, no seu contexto, valiosos subsídios para os futuros historiadores que queiram se abeberar na história do nosso Seminário.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI confessa-se grato ao CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, pelo seu Presidente e todos os seus membros, em vista do auxílio que lhe foi propiciado para a presente Edição.

Permitiria-mos ensejar, nesta oportunidade, especial agradecimento ao Dr. JOSÉ GUILHERME CANÊDO DE MAGALHÃES, digníssimo Assessor Técnico do Conselho Federal de Cultura, que nos acompanhou desde os primeiros instantes, prestando-nos todos os informes para a concretização do Convênio. A ele, o nosso eterno reconhecimento.

# Centenário do Seminário do Crato

“Em 1861 — di-lo Irineu Pinheiro, em sua imortal obra — O CARIRI apelou D. Luiz Antônio dos Santos, Bispo do Ceará, para o povo do Crato, a fim de que o auxiliasse na construção do Seminário de Fortaleza, criado por decreto de 27 de Setembro de 1860. Valioso esse documento, não só porque está ligado à história do Crato, como também porque através dele se poderá mais uma vez julgar a eminente personalidade do primeiro Bispo cearense”.

O apelo de D. Luiz, vasado em ardente súplica, é uma página de amor e de fé. Diz, em certo trecho: “A todos os fiéis da Freguesia do Crato.

Sendo o estabelecimento dos Seminários eclesiásticos tão recomendado pelo Sacro Concílio Tridentino, que muito bem soube apreciar a utilidade e grande proveito de uma instituição, onde se devem formar e instruir nas ciências e virtudes os clérigos, que devem depois continuar a grande obra do Filho de Deus, que quer que a sua Igreja continue até o fim dos séculos, e vendo Nós, com a maior dor do nosso coração que esta Diocese da Fortaleza ainda se acha privada de tão necessário estabelecimento, onde se possam os numerosos candidatos ao Sacerdócio, que quase cotidianamente a Nós se apresentam, ser recolhidos e instruídos nas matérias próprias de um tão alto estado e educados convenientemente às funções que um tão alto estado exige, deixando desta arte de irem mendigar nos Seminários de outros Bispos, e com maior despesa, o que po-

derão conseguir no seu; — E achando-nos privados dos meios de lançarmos já os fundamentos de tão profícua obra e que não deixará, por certo, de muito honrar os habitantes deste Bispado, cuja fé e boa vontade, tão conhecidas são; Nós, amados filhos, com as vistas de Deus, e nutrindo a mais bem fundamentada esperança de sermos atendidos, recorreremos à vossa caridade e vos pedimos, em nome da Igreja Católica, nossa boa Mãe, e em nome da pobre e ainda nova Igreja Cearense, uma esmola.

É um Bispo que vos pede uma esmola, não para engrandecer e afofosear sua casa, mas para vós mesmos, para vossos filhos e vindouros, que, bendizendo a vossa memória, se utilizarão de edificio que queremos legar — à Diocese de Fortaleza.

“Vossos nomes, meus amados filhos, não só ficarão escritos no Edificio que com vossas esmolas edificardes, mas, ainda, no grande livro da vida, para, na bem-aventurança eterna, receberdes o prêmio de vossa caridade...”

O apelo de Dom Luiz, que ainda prossegue, foi datada de 3 de Dezembro de 1861. E o povo cratense, num entusiasmo sem precedentes, correspondeu inteiramente. Comissões foram organizadas. Arrecadou-se muita cousa, e tudo foi relacionado e enviado.

Dom Luiz teve a ventura de inaugurar o Seminário da Prainha a 10 de Dezembro de 1864.

“Depois de pouco mais de uma década — di-lo, ainda, Irineu Pi-

# Centenário

Em toda a parte, a luz da fé foi, a um tempo, itinerário de perfeição dos povos e escala ascendente de prosperidade para as gentes. Onde quer que se implante a semente do Evangelho, aí medra, também, o pólen da boa árvore que ampara o progresso, sob os seus múltiplos aspectos.

A sombra da Igreja, erguem-se cidades, florescem benéficas instituições, vicejam iniciativas de grande envergadura social. Sob o pálio sagrado da Religião, consignam-se os mais assinalados fastos da evolução social.

Não há negar, os alicerces das humildes capelas do sertão são berços que embalam a infância de grandes centros urbanos. Os templos religiosos deram guarida, sempre, do litoral ao adusto sertão, ao desabrochar dos melhores surtos de civilização. A história das nossas cidades está es-

crita, quase toda, no livro de tombo das matrizes, como a demonstrar a influência da Igreja, na formação das edificações.

Conforme podemos constatar, o que há de mais impercível, no Crato, nasceu, cresceu e se conserva, sob a égide da Igreja. A sua vocação cultural, a linhagem e a fidalguia de sua família, o seu irresistível atrativo pelas causas nobres, os afagos de sua generosidade, o justo apego às suas gloriosas tradições cívicas e morais, o seu espírito de solidariedade, humana e cristã fê-los a Igreja, plasmando e cristalizando, uma coletividade viva e pensante, com traços luminosos, na rota da vida cearense.

Efetivamente, a criação do segundo Bispado, no Ceará com sede em Crato, representa o diadema refulgente a coroar a "Princesa do Cariri". Desde então, servida de um

nheiro — recompensou, regimento, D. Luiz às populações do Cariri, que o ajudaram a edificar o Seminário de Fortaleza, dando-lhes de presente o do Crato!

Em 1863 chegou D. Luiz pela primeira vez ao Crato para lançar a campanha de construção do nosso Seminário. Foi às sete da manhã de 8 de Outubro daquele ano, ficando até o dia 16. Em Dezembro de 1874 chegou D. Luiz novamente ao Crato, desta vez para apressar as obras do Seminário S. José, iniciadas por sua ordem em Agosto daquele ano".

É este Seminário S. José, do Crato, de tão gloriosas tradições, que fez 100 anos no dia 7 de Março de 1975.

No dia 7 de Março de 1875 — na pequena e humilde capela, ainda coberta de palhas, foi procedida a inauguração da Casa e naquele ano ordenaria o Sr. Bispo quatro moços: José Alves Bezerra, de V. Alegre (dia 20

de fevereiro), Francisco Lopes Abath, do Crato (dia 11 de Julho, juntamente com José Felix Leonardo da Silva) e, por fim, a 30 de Julho, Manoel Felix de Moura, de Milagres.

D. Luiz, que passou 6 meses na Princesa do Cariri, animou os trabalhos de edificação do Seminário, pessoalmente, e procedeu sua inauguração.

O povo do Crato estava recompensado de sua generosidade.

O Primeiro Reitor foi o Pe. Lourenço Vicente Enrile, natural de Finalborgo, Savoia, Itália, que muito lutou na fase inicial da implantação, até esgotar-se fisicamente. Morreu "em odores de santidade" e está sepultado sob o altar-mor. Sucedeu-lhe na Direção o Português, Pe. Luiz Gonzaga Boa Vida, nascido em Val dos Prazeres, homem culto e artista exímio. E depois outros se sucederam.

# 1875 - Semana Santa - 1975

## Ano do Centenário do Seminário São José

Convida-se a comunidade cratense a viver, de uma maneira mais intensa, os fatos da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus e o que eles significam para nós, hoje, nesta "SEMANA SANTA - 75", no Ano do Centenário do Seminário e Ano Eucarístico.

Que todos, do maior ao menor, do rico ao pobre, participem ativamente dos atos religiosos que tornarão presentes os atos do Cristo Vivo e Ressuscitado.

De 17 a 20: — MENSAGEM DA SEMANA SANTA AOS JOVENS PELOS JOVENS!

Príncipe da Igreja, fez carreira para a primacial posição, entre as cidades do interior cearense.

A Cidade do Crato confirma esta verdade, com a fundação do Seminário S. José, a 7 de março de 1875, pioneiro do ensino médio e superior no interior do Nordeste, cujo centenário se comemora no próximo dia 7 e cujas celebrações se estenderão por todo o ano.

Por ser o mais antigo estabelecimento de ensino do interior do Centro-Nordeste, a maioria dos homens do Crato, do Cariri e Nordeste recebeu, ali, acurada formação moral e intelectual, quer como seminaristas, quer como alunos do antigo Colégio S. José, ambos funcionando no mesmo prédio, sob a mesma direção, até o ano de 1926.

Em agosto de 1874, o Pe. Lourenço Vicente Enrile, da Congregação da Missão Lazarista, rasgava os alicerces dessa monumental obra, por ordem de D. Luiz Antônio dos Santos, 1º Bispo do Ceará.

O saudoso antistite empenhou-se de tal maneira pela referida instituição que, renunciando o conforto do paço episcopal, em Fortaleza, fixou residência, por seis meses, nesta Cidade. Dirigiu, pessoalmente, os trabalhos de construção, só regressando à Ca-

pital, em agosto de 1875, depois de inaugurar um improvisado prédio que se chamou "Seminário", ao lado do gigantesco educandário, em edificação.

Em 10 de março de 1875, abriu as aulas do nosso Seminário que oferecia, então, o seguinte aspecto: uma capelinha de taipa coberta de palha, (cuja uma das estacas é hoje o frondoso Pau D'Arco do pátio interno do antigo Liceu Diocesano hoje Hospital. Pediátrico Mons. Pedro Rocha). Circundando a Capelinha havia barracões de igual feitio, servindo de salas de aula, dormitório e de mais dependências.

Era nesse ambiente de pobreza e de extrema simplicidade em que nascia o Seminário São José do Crato. Naquela humilde capelinha, ordenaram-se os primeiros sacerdotes do Crato no ano de 1875 e em 1876, graças à boa vontade do povo e o dinamismo do Enrile, estavam levantadas as partes norte e sul, além da majestosa capela ao Centro do Seminário, que neste ano comemora, festivamente, o Centenário de sua fundação, como veterano educandário e uma das glórias do patrimônio cultural do Cariri.

(Editorial do jornal A AÇÃO, da Diocese do Crato, de 1 de março de 1975).

Dia 21 — 6a. FEIRA — 19 h — Procissão dos Passos e Encontro: O Cristo sai da Matriz de São Vicente e Nossa Senhora da Matriz de Nossa Senhora de Fátima (Pimenta) — Pregadores: Gilberto Menezes, José Erlânio Alencar, J. P. Bantim, Eugênio Dantas e Pe. Salatiel.

Dia 23 — DOMINGOS DE RAMOS — 16 h — Início da Procissão na Matriz de São Francisco. Bênção dos Ramos e Missa — Ministros: Pe. Honor e Mons. Feitosa.

Dia 27 — QUINTA FEIRA SANTA — 08 h — Missa da Bênção do Crisma — Ministros: Pe. Gonçalo e Pe. Maia. Concelebrantes: Sacerdotes de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

16 h — Missa da Ceia do Senhor — Lava-pés. Ministros, Mons. Augusto e Pe. Lauro. A partir das 19 h 00, adoração.

As 20 h 00, início da Vigília de Oração pelos Jovens, no Seminário.

Dia 26 — SEXTA FEIRA SANTA — 10 h 00 — Via Sacra (da Praça da Sé ao Seminário), sob a coordenação dos leigos.

15 h 00 — Solene Ação Litúrgica — Ministros: Mons. Feitosa e Pe. Honor.

19 h 00 — Procissão com a Imagem do Senhor Morto, (saindo do Seminário) — Pregador: Pe. Gonçalo Farias Filho.

Dia 29 — SÁBADO SANTO — 20 h 00 — Liturgia da Vigília Pascal — Ministros: Mons. Augusto e Padre Gonçalo. Cantor do Louvor Pascal: Padre Gonçalo Farias Filho.

Cerimoniário: Pe. Achilles Feitosa.

Parte Artística: Pe. Honor, J. P. Bantim, Gerson Moreira, A. Rosemberg, Divanni Cabral, Fernando C. Esmeraldo e Movimento de Juventude.

Encarregados do Canto: Ir. Maria e Pe. Bosco.

## HORÁRIO DE CONFISSÕES

Dia 25 — terça-feira: 18h30min - Seminário; 19h30min - Sra. dos Pobres.

Dia 26 — quarta-feira: 16h00min - S. Francisco; 16h30min - S. Vicente; 16h30min - Sé; 19h00min - S. Miguel; 19h30min - Lameiro.

Dia 27 — quinta-feira: 14h00min - Sé; 15h30min - S. Francisco e Seminário; 16h00min - S. Miguel e Ponta da Serra; 16h30min - S. Vicente.

Dia 28 — sexta-feira: 13h30min - Sé.

Dia 29 — sábado: 15h00min — Sé; 16h30min — São Vicente; 17h00 e 18h30min — Sé e 27h00 — Ponta da Serra.

CRATO, 12 de março de 1975.

Visto:

† Vicente, bispo diocesano

# 1875 - Centenário do Seminário S. José do Crato - 1975

RESULTADO DOS CONTATOS MANTIDOS PELA COMISSÃO CENTRAL DOS FESTEJOS COM OS DIRETORES DAS FACULDADES DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, DIREITO, FILOSOFIA E COM PESSOAS REPRESENTATIVAS DO MEIO SOCIO-CULTURAL CRATENSE. APRESENTADO AO Sr. BISPO DIOCESANO AO 11 DE MARÇO DE 1975, RECEBEU SUA APROVAÇÃO E APOIO :

## I. SUGESTÕES EM LINHA EVOCATIVA

1. Placa de Bronze no Jardim do Hospital Pediátrico (Pau D'Arco);
2. Praça em frente ao Hospital Pediátrico com o nome de D. Luiz Antônio dos Santos, a ser construída pela Prefeitura;
3. Melhoramento, também pela Prefeitura, das ruas de acesso ao Seminário (calçamento, bancos junto ao Belvedere) e proteção do morro;
4. Placa de Bronze aposta no Seminário com dados históricos e alusão às comemorações em curso;
5. Galeria dos Reitores no Parlatório;
6. Exposição permanente no Seminário com dados sobre o mesmo;
7. Carimbo alusivo ao Centenário para uso do Correio local;
8. Emissão de um Selo Comemorativo pelo Correio;
9. Stand na Exposição Agro-Pecuária, com dados sobre o Seminário e com material-recordação para ser vendido (artesanato, chaveiros, flâmulas, camisetas, etc.);
10. Coleção didática de Slides sobre o Seminário com roteiro gravado;
11. Tabloide para uma Edição Especial de "A AÇÃO" no final de julho;
12. COLETÂNEA-ALBUM DO CENTENÁRIO (a ser publicada pela Imprensa Oficial) para as solenidades de Encerramento das Comemorações no dia 19 de outubro;
13. Levantamento completo do quadro de ex-alunos, com endereço e curriculum vitae;
14. Levar na devida consideração as Sessões solenes, já projetadas (ainda não datadas) na Câmara Municipal e da Assembleia Legislativa, essa última com representante não só da Diocese do Crato, mas de toda a Província do Ceará.

## II. SUGESTÕES EM LINHA PROSPECTIVA

1. Declaração do "ANO DA CULTURA" (OU DA EDUCAÇÃO) no Município do Crato;
2. Arregimentação do ensino médio e superior através de trabalhos sobre o Seminário e a Realidade Educacional do Cariri e da Região Centro-Nordestina;
3. Instalação da Fundação Educacional Martins Filho (FEMARF);
4. "Aula de Sapiência" na Faculdade de Filosofia sobre o Seminário
5. Incentivar visitas turísticas ao Crato durante o ano;
6. SIMPÓSIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO de 9 a 11 de junho, data do 20º aniversário de Sagração Episcopal de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos.

CRATO, 11 de março de 1975.

A COMISSÃO CENTRAL

# Seminário São José: CEM ANOS DE UMA MAJESTADE

Sob o pálio protetor de N. Senhora da Penha do Crato, surgiu há cem anos atrás, o Seminário S. José, naquela gleba que se estende ao alto do mesmo nome, emuldrada ao sul pelo antemural safrico do planalto Araripino.

São cem anos que marcaram o rumo de inúmeras preferências para o futuro, selando diversas gerações de discípulos com o ferro em brasa, no plasmar de uma formação ética e intelectual pelos seus ensinamentos, exemplos e virtudes. São marcos na história da educação desta terra, de um saudoso 1875.

Paralelo ao magistério da História, a quantos jovens o Velho Seminário S. José ensinou os segredos da análise de Camões, as belezas do estilo literário e as louçanias da língua portuguesa? E quantos jovens ainda para lá não seguiram, agarrados ao princípio da Religião onde vale mais a insignificância pelos bens terrenos! E entre as paredes daquele velho casarão, quantos segredos se escondem! Quantos murmúrios de orações, quantas preces e quantas súplicas subiram aos céus!

"Quando todo mundo se tornar infiel

Nós, ainda assim, ficaremos fiéis!"

Os anos se passaram: Ali já não existem Seminaristas. Nada mais é do que uma relíquia a testemunhar a presente geração o seu passado de glórias. Mas ele continua ali plantado ao sopé da serra, suícada pelas ladeiras vermelhas que lhe contornam os flancos. Na sua Capela jaz se-

pultado um dos maiores benfeitores do Crato: O Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, exemplo de uma dedicação.

Foi o Seminário São José que assinalou o marco primordial da cultura em terras do Cariri. Lembro-me ainda hoje, como o Padre Otávio, fervoroso e abnegado Sacerdote lá da minha Terra Natal, a quem rendo a esta altura, um comovido preito de saudade, falava de quando ingressou pela primeira vez, matuto e desconfiado, nos umbrais do Velho Educandário. E todo quadro se estampava na sua memória, nos acordes de uma saudade que nunca se apagou. Marcou-lhe a têmpera, o místico da sua santa profissão, tornando-se mais tarde um dos mais dedicados sacerdotes que conheci até hoje.

Obra de inesgotável mérito realizou o Seminário S. José em Crato, orientando nossa Mocidade para o porvir, e, contribuindo de fato para a elevação do índice intelectual da Região Caririense, quiçá de todo o Ceará. A mercê de sua obra pioneira, transmudou-se Crato em um centro intelectual, dos melhores e mais produtivos da Nação. Educou religiosa, cívica e moralmente, verdadeira plêiade de Mocidade Nordestina.

E quando já vai longe no tempo, essa feliz atuação, a evocação do nome dos que foram alunos e Mestres do Velho Educandário, é um bálsamo para o espírito e um estímulo e exemplo para a Mocidade de hoje! Sim porque, o Velho Casarão faz cem anos. Cem anos de Suprema e Majestosa tradição!

# 100 Anos de Seminário

A nossa vizinha e progressista cidade do Crato, legendaria e cultural, amanhece em festa. Festa de interioridade, da saudade, sem ostentações, nem vozearias. De par, alegram-se os cearenses, e por que não dizer, a própria nação espiritual, num misto de composição com a própria natureza: clara, invernos, reluzente esperançosa e vibrante, formando um quadro pintado em alegorias as mais diversificadas nos sentimentos e nas emoções do dia em que o calendário da história cariense assinala os 100 anos de existência do querido Seminário São José de Crato.

É um povo perfilado rendendo o seu preito de homenagens ao velho educandário, plantado nos idos de 1875, pelo inolvidável D. Luiz Antônio dos Santos, 1º Bispo do Ceará, enfrentando destemeroso as dificuldades surgidas na consecução de grande objetivo na concretização de feliz idéia dos missionários lazaristas, logo aceita e posta em prática.

E registram os anais, que nos meados de 1872, a cidade recepcionava festivamente à porta da atual Sé Catedral, então construída da nave e Capela mór, com a multidão aglomerada numa latada de folhas de palmeira, dois santos pregoeiros da cristandade e dos postulados da Congregação de São Vicente de Paulo, os Padres Guilherme e Antônio, os quais se achando em terra boa, generosa e hospedeira, cuidaram de melhor servir a sua gente proporcionando-lhe uma casa de ensino, onde se abrigassem não só os caririenses, mas os sertanejos das Províncias circunvizinhas. É com quanta satisfação, D. Luiz Antônio dos Santos não

lera a carta enviada pelos lazaristas missionários, noticiando as primeiras providências para a construção do prédio que serviria de Colégio. Não vacilou, não demorou, não desacreditou, não perdeu tempo na tomada de posição decisiva para dotar o Sul do Estado de um Seminário qual o que criara em Fortaleza, prestigiando a sugestão ou um pedido do Padre Cícero Romão Batista, então recentemente ordenado, que lhe fora endereçado um ano antes.

Diz mais a crônica, que "só uma vontade iluminada pela graça poderia atirar-se a construir um prédio naqueles priscos tempos, em que o Ceará ainda estava muito aquém do progresso que hoje, o põe em realce ao lado dos outros Estados da confederação brasileira".

E Dom Luiz Antônio dos Santos passou a arrecadar colaborações dos fortalezenses, através de cartas, arregimentou as freguesias e fez vir ao Cariri, o piedoso Padre Lourenço Vicente Enrile, que ajudado pelo colega lazarista Padre Pedro Augusto Chevalier, deu início à construção do prédio que se tornaria o templo da instrução e do ensino no verde vale.

Mas, os recursos se esgotaram, não, porém, o idealismo e vontade indômita de D. Luiz Antônio dos Santos, que salvaria a idéia e trabalhos iniciados vindo fixar residência em Crato, onde permanecera por seis meses, e ficando pé, ao afirmar que só deixaria a cidade, vendo funcionar o Seminário.

Assim aconteceu. Enquanto de pedra em pedra, com esmolas e dâdivas se edificava a parte Sul do estabelecimento, o grandioso Bispo da-

va o exemplo e para não se perder um ano letivo, não encontrando prédio adequado para as instalações provisórias, o Sr. Bispo, narra a tradição, "mandou construir uma capelinha de taipa, coberta de telhas e, ao lado do tosco santuário, grandes barações de igual feitio, que serviram de salas de aula, dormitório e demais dependências de uma casa de instrução"; atrás desses alpendres, construiu-se uma casinha de tijolo e telha, com dois cubículos e uma saleta para os seus aposentos". Sob esses casebres, D. Luiz Antônio dos Santos — o destemeroso — abriu o Seminário do Crato no dia sete (7) de Março de 1875. E já na referida capelinha, em suas rústicas dependências, no apelido "Seminário", antes da transferência para o real Seminário, sagraram-se sacerdotes, por suas mãos abençoadas, os ilustres sacerdotes: Padre José Alves Bezerra, de Várzea Alegre, no dia 20 de Fevereiro de 1875; Francisco Lopes Abath, de Crato e José Leonardo da Silva, de Iguatu, aos 11 de Julho e Manoel Felix de Moura, de Milagres, aos 30 do mesmo mês e ano.

Em julho de 1875, inaugurou-se a parte Sul da qual todos participaram e a história registra que tendo à frente o Padre Enrile, o 1º Reitor, "de dias em dias, vinha uma turma de homens, dos sítios vizinhos, chefiada pelo patrão que mandava, na frente, uma rez e os mantimentos necessários para os jornadeiros. Todos os dias era abatido um boi no pé da construção e o Revmo. Padre Cicero veio, certa vez, do Juazeiro, com uma multidão de pessoas, e, segundo informação segura, fez encher muitos metros de alicerce, em um só dia".

Em 1876, inaugurou-se a parte Norte do atual Seminário e a imponente Capela ao Centro. Da antiga, resta o frondoso pau d'arco", símbolo de trabalho árduo, de gerações, de lutas, árvore amiga a agasalhar e proteger tantos que a buscaram e

hoje, a falar sosinha, com o poeta:

E nestes troncos, ásperos, nodosos  
Verás feições amigas.  
Nesta sombra,  
Que alongamos do chão, verás o leito,  
Onde, tantos momentos, repousaste.  
Ah! eras belo nesse tempo! A aurora  
Tinha-te posto toda a luz nos olhos!  
Quando passavas, teu caminho ledo  
De frescura e de folhas alfombrávamos!...  
E tu parliste, ingrato, e tu parliste!

Embora uma galeria de honra perlustre as páginas centenárias da nobre instituição, não se contam somente glórias. Com três (3) anos de funcionamento, fechou-se pela primeira vez, em 1877; a segunda, em 1891; a terceira, em 1897 até 1922, como Colégio São José depois de funcionar quatro anos. Reaberto em 1922, por D. Quintino Rodrigues de Oliveira, inclusive com os cursos de Filosofia e Teologia que vingaram até 1933, permanecendo sem interrupção até 1967. Desta data para cá, o Seminário sofreu radical transformação em suas finalidades vez que não mais prepara ministros de Deus, nem se ministra o ensino tradicional, servindo o prédio contudo, para atividades para-religiosas com cursos de formação para leigos, para noivos, clubes de mães, sociedade do Bairro, cursilhos de cristandade e sede Paroquial sob a orientação do virtuoso Pe. Teodósio Nunes.

Na Reitoria, entre 1875 e 1967, prestaram relevantes serviços como titulares: Padre Lourenço Vicente Enrile (1875/1877); Padre Manoel Felix de Moura (1881/1888); Mons. Francisco R. Monteiro (1889/1890); Mons. Quintino Rodrigues (1893/1897); Padre Pedro Esmeraldo da Silva (1909/1913); Mons. José Alves de Lima (1916/1926); Mons. Joviniانو Barreto (1922/1933); Mons. Miguel Tavares Campos (1933/1943); Mons. Pedro Rocha de Oliveira (1944/1959); Padre Newton Holanda Gurgel (1960/1962); Padre Manoel Lemos de Amorim (1963/1965); Padre Antonio Onofre de Alencar (1966);

# MENSAGEM DE UM CENTENÁRIO

Há cem anos instalava-se, oficialmente, o Seminário São José do Crato. E começava, assim, a história do ensino sistemático na região. Hoje, um século depois, já existe um suficiente distanciamento dos fatos para que se possa avaliar, com uma certa objetividade, a incidência da sua ação educativa na gênese e formação cultural do Cariri e na história global da região, procurando apreender as mensagens contidas na comemoração deste centenário.

Neste sentido, há alguns pontos básicos em que a verificação empírica poderia comprovar adequadamente certas constatações do bom senso: o Seminário foi uma instituição a serviço da região, promovendo a missão da Igreja, os interesses da cultura e

a dignidade do povo. No desempenho de suas múltiplas atividades, o Seminário São José foi antes de tudo, uma instituição que polarizou as forças vivas da região. Localizado em Crato, o Seminário lançou os seus raios benfazejos por todo o Cariri e circunvizinhanças, tendo em cada comunidade expoentes da vida local marcados, na personalidade e na cultura, pelo cinzel da sua orientação humanista. A pleiade de ex-alunos, provenientes dos mais variados recantos do Nordeste Central, testemunha, com eloquência, o papel desempenhado pelo Seminário na formação cultural da região. E não só enquanto centro de atendimento de uma área geográfica idêntica, mas, especificamente, como centro ideológico que visualizou

Pe. Antônio Teodósio Nunes (1967).

Assim, na síntese de sua história, nós dizemos ao Seminário, benemérito de grandeza e ensinamentos, santuário de virtudes e santidades apregoadas, obra fecunda e de passado glorioso, vigilante da cultura plantado no alto da cidade, sob as bênçãos do Padroeiro São José, que aceite nesta data a nossa homenagem, a gratidão de todos ex-seminaristas: bem como, a nossa profissão de fé e o apelo de toda uma cidade que clamará em seu nome, o futuro Governador Adauto Bezerra, para que faça retornar o Seminário às suas verdadeiras origens de educandário propriamente dito. Para tal, já contamos com o apoio de S. Excia. D. Vicente de Araújo Mattos, nosso Pastor e timoneiro espiri-

tual. Que se ergam todas as vozes. Que na campanha se ergam todos os Cratenses, todos os ex-alunos e seminaristas, as lideranças políticas da cidade, as comunidades religiosas, as entidades de classes pela instalação do Ginásio Polivalente do Crato no alto do Seminário, já reivindicado e não atendido no Governo de César Cals, de onde advirão, certamente, novas vocações, novos líderes, fulgurantes profissionais, poetas, políticos, escultores, folcloristas, literatos e escritores renomados a serviço da cidade, do Cariri, do Estado e do País, em respeito a uma tradição, a uma época, em nome de uma geração que brilhou e de outra que deve servir de exemplo aos que fizeram um outro centenário.

uma problemática comum e projetou soluções afins para as questões de todos.

Sendo um centro de irradiação cultural, o Seminário plasmou uma conceituação do homem e do mundo, difundindo-a por toda a região. Assimilando esta conceituação, o Cariri, de modo especial, consolidou um padrão de mentalidade, de expectativas, juízos e valores, definindo-se como área cultural em coincidência com o pólo geo-político. Por isso, podemos hoje afirmar que o primeiro grande serviço que o Seminário prestou, no decurso da sua história centenária, foi, indiscutivelmente, catalizar as forças vivas da região e moldar uma área cultural.

Outra observação que realça hoje os grandes méritos dos realizadores de ontem diz respeito à participação do povo na concretização de uma iniciativa do porte do Seminário. É de causar admiração verificar que o Seminário foi construído com os recursos locais e a ativa colaboração popular, numa época de parcas disponibilidades financeiras e enormes dificuldades econômicas. É o atestado eloquente de que são estas grandes iniciativas, quando apoiadas nos anseios populares, aquele salto qualitativo inconfundível que joga a história para a frente.

É oportuno, nesta comemoração histórica, relevar também o acerto estratégico da opção dos lides que fundaram o Seminário do Crato. Aquela opção fundamentou-se na certeza de que o progresso viria consequentemente pela senda do desenvolvimento educacional e que este ganharia autonomia e automação, mediante a formação de pessoas e quadros, na configuração de uma liderança regional, esclarecida, capaz e culta.

A opção pela educação, como recurso para a instauração da justiça social e instrumento para uma correta repartição dos bens do progresso e dos frutos do trabalho, continua

ainda hoje uma decisão indicadora de espírito clarividente e alta capacidade de servir o povo, as necessidades da terra e do tempo. E, vem, espontânea, a idéia de que o Cariri precisa, hoje, de uma entidade que continue, alargue e aprofunde a missão de fermento cultural, desempenhada pelo pioneirismo do Seminário São José. A missão histórica deste centenário estabelecimento de ensino cumpriu-se plenamente na formação de uma liderança esclarecida e capaz no delineamento de uma região cultural integrada pelos valores cristãos, pelos princípios humanistas e pelas normas de convivência e colaboração.

Cabe a esta liderança, apoiada nestes princípios, valores e normas, prosseguir a tarefa do Seminário, lutando por uma Universidade que complete a integração social da região, completamente o humanismo do seminário com a tecnologia mais recente e ponha a ciência efetivamente a serviço do desenvolvimento regional. A visão retrospectiva das atividades de cem anos a serviço do Povo, em nome do Evangelho, ajuda a projetar um futuro de integração regional, onde o humanismo de braços com a tecnologia salvasse a cultura popular e liberte o homem caririense de todas as peias que amarrem o seu progresso e de todos os mitos que oprimem sua consciência.

A herança histórica que o Seminário legou a nossa geração foi um patrimônio de cultura e regionalismo. Cultura é sintonia com a alma do povo e o espírito do tempo. Os anseios populares e as exigências atuais são as molas propulsoras do progresso. Por isso, a educação, identificada com a cultura, é dinamismo, força e ação. No regionalismo, o povo se identifica consigo mesmo, encontrando a força da solidariedade e o impulso da união.

A história do Cariri vive, em nossos dias, a fase crucial da mudança e da transformação. Há procuras. Buscas. Inquietação. Para toda esta

# Câmara Municipal Homenageou Centenário do Seminário São José

As comemorações do Centenário de fundação do Seminário São José iniciadas em março e sequenciadas em junho com o Simpósio Regional de Educação, prosseguiram, na noite do dia 4 de agosto, em sua terceira etapa.

Em sessão solene, abrindo o segundo período da atual Legislatura, a Câmara Municipal do Crato homenageou o Centenário do Seminário S. José, em sua sede, solenidade que contou com a presença de D. Vicente Matos, Bispo Diocesano e Sacerdotes.

Durante a sessão, presidida pelo vereador Francisco Pereira da Silva e secretariada pelo vereador José Valdevino de Brito, usaram da palavra o vereador Dr. Ailton Esmeral-

do, ex-Presidente da Casa e autor da proposição da homenagem e o Padre Antônio Teodósio Nunes, Reitor do Seminário S. José, Diretor de Caridades Diocesana e Vigário da Paróquia de S. José.

---

expectativa só haverá uma saída autêntica. Aquela que tenha raízes na tradição e represente uma continuidade histórica. O Centenário do Seminário São José do Crato pode representar um apelo a que reflitamos um pouco mais sobre a nossa história, onde o regionalismo é a marca de autenticidade maior em todos os movimentos. A História do Cariri tem no Seminário do Crato o seu centro de irradiação cultural. O povo do Cariri encontra, hoje, na comemoração deste centenário, uma grande mensagem. É preciso lutar por uma Universidade que desempenhe na Região, conforme as exigências do tempo, o papel que o Seminário desempenhou: formar consciências, plasmar personalidades, integrar a Região e abrir os caminhos do desenvolvimento para a libertação integral do homem caririense.

do, ex-Presidente da Casa e autor da proposição da homenagem e o Padre Antônio Teodósio Nunes, Reitor do Seminário S. José, Diretor de Caridades Diocesana e Vigário da Paróquia de S. José.

## PALAVRA DO PRESIDENTE

Abrindo os trabalhos da sessão, o Presidente Francisco Pereira da Silva pronunciou as seguintes palavras:

"Constitui para esta Casa, motivo de suprema honra e grande alegria realizar a sessão que ora vai ser iniciada, em homenagem ao Centenário do SEMINÁRIO S. JOSÉ.

A grande Casa de Cultura, responsável pela sedimentação cultural e educacional da nossa comunidade ao festejar a sua primeira centúria, está realçada pela admiração e pelo reconhecimento do nosso povo.

Prova disso é que o Legislativo da Cidade, unindo-se hoje a essas comemorações, quer também, trazer a sua palavra de exaltação e de gratidão à obra imortal do Bispo Dom Luiz.

É, pois, com grande regozijo, que iniciamos os trabalhos da sessão de hoje, e damos a palavra ao orador da noite.

Com a palavra, o sr. Vereador Ailton Esmeraldo, que fará a saudação oficial".

## ORADOR OFICIAL

Em nome do Poder Legislativo Municipal, o vereador dr. Ailton Esmeraldo, autor da proposição da homenagem, proferiu o seguinte discurso de exaltação ao Seminário do Crato:

"A homenagem que o Poder Le-

gislativo do Crato está prestando, nesta noite memorável, ao Seminário S. José, dentro da programação que assinala a passagem do seu Centenário, insere-se no contexto de uma grande força emotiva e sentimental.

Não poderia a Câmara Municipal deixar passar em branco uma efeméride de tamanha importância, em vista da marcante atuação que aquela Casa de Cultura teve, no passado, na cristalização de nossa formação cultural e educacional.

A emoção, pois, deste momento, se casa à alegria desta comemoração e os nossos sentimentos de filhos do Crato alicerçam a eterna gratidão pelo muito que o Seminário fez.

O povo do Crato, ao pedir ao eminente Bispo, Dom Luiz, a criação de um Seminário em nossa terra, tinha uma firme determinação. E essa determinação se concretizou, na construção do antigo Seminário e na sua abertura solene, em Março de 1875, quando se cristalizou o velho sonho desta terra.

Determinação que era e continua sendo a de fundamentar a estrutura vital do desenvolvimento social e econômico, que só se consegue através da educação e da cultura.

Pioneiro, portanto, nesse setor, o Crato passou a liderar a Região, e grande parte do interior nordestino, na fecunda e admirável atividade do seu Seminário.

Celeiro de grandes valores que, a partir dali, começavam a espalhar os seus frutos pelo Nordeste inteiro, luzeiro de inteligência que, ao deixarem aquela Casa, espargiam, as luzes do seu saber, na fecundação de um esforço criador, o Seminário cedo se firmou, consolidando a sua fama como uma das grandes casas de ensino religioso do Nordeste.

Foi ele o responsável pelo grande lastro cultural que se sedimentou no Cariri, opulentado, hoje, por quase 30 colégios, e já significando o seu desenvolvimento na criação das primei-

ras Escolas de Ensino Superior, na perseguição do grande ideal que será a UNIVERSIDADE DO CARIRI, com sede na cidade do Crato.

Cem anos são passados da atividade do Seminário que deu os sazonados frutos da sua benemerência.

Cem anos são passados e, entre aquelas paredes, gerações se sucederam, no esforço comum e hercúleo de plantar a semente do bem, a luz da fé, os benefícios da cultura.

Cometeria o Poder Legislativo do Crato uma deselegância e, mais do que isso, uma injustiça histórica, se viesse a se omitir das comemorações que ora se celebram, do Centenário daquela Casa de Deus.

E por isso é que aqui estamos reunidos, celebrando, com honra e orgulho, efeméride que tão profundamente marca toda a nossa comunidade.

Louvamos os vultos do passado, que edificaram com seu suor e com o seu sacrifício, aquele educandário.

Destacamos as personalidades de Dom Antônio Luiz dos Santos, Pe. Lourenço Vicente Enrile, Dom Joaquim José Vieira, Monsenhor Sóther de Alencar, Pe. Emídio Lemos, Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, Dom Francisco de Assis Pires e Dom Vicente de Araújo Matos.

Louvamos a geração do presente, que saída do Seminário, está, hoje, na linha de frente pelo progresso do Crato e do Cariri.

E louvamos o Seminário, sua atuação, seu apostolado, suas benemerências, sua fecundação mental, sua grandeza, sua história, sua glória.

Os parabéns do Poder Legislativo do Crato, ante essa efeméride tão marcante e de tão transcendental importância.

Que Deus, na Sua suprema Bondade e Clarividência, ilumine as gerações de hoje e do futuro, abençoe as gerações do passado, e abra as novas trilhas do futuro, por onde, todos unidos, continuaremos a nossa

luta, em favor da difusão da fé e da sedimentação da cultura, tão bem iniciadas pelo glorioso Seminário cujo Centenário ora festejamos!"

## REITOR DO SEMINÁRIO

Agradecendo a homenagem da Câmara Municipal, Padre Antônio Teodósio Nunes, Reitor do Seminário S. José, proferiu o seguinte discurso:

"Quem focaliza o problema educacional do Crato, há de começar pelo velho Seminário S. José, que representou, durante várias décadas, o único estabelecimento de ensino médio, não só do Crato ou do Cariri, mas de todo o interior cearense.

Hoje, ele está fechado, pela quinta vez. A primeira foi em 1877, depois de apenas três anos de funcionamento. Fechou-se pela segunda vez, em 1891, após funcionar dois anos, como Seminário, pois antes vinha funcionando como Instituto. Pela terceira vez, cerraram-se suas portas, em 1897, tendo funcionado pelo espaço de quatro anos, como seminário mesmo, isto é, casa de formação sacerdotal. Passou então, de portas cerradas, o mais longo período de sua história, como seminário, pois esteve fechado durante 25 anos, até 1922. Durante este período, abriu suas portas como Colégio São José, durante quatro anos, para fechar-se a quarta vez em 1913. A partir de 1916 como Colégio Diocesano até 1926. Foi reaberto em 1922, tendo funcionado até 1967, sem nenhuma interrupção.

Segundo os documentos existentes, as causas que determinaram os fechamentos foram as seguintes, nas diversas fases:

— A seca de 1877 e a variola obrigaram a cerrarem-se suas portas.

— crise (sem haver especificação de sua natureza) e a redução de matrículas foram responsáveis pelo segundo fechamento.

— Causas econômicas, em 1897,

fecharam suas portas pela terceira vez.

— Insuficiência de alunos, em 1913, causaram o fechamento do então Colégio São José, que funcionava no prédio do Seminário.

— Fatores múltiplos, como veremos, determinaram a suspensão de suas atividades, em 1967, pela quinta vez.

Naquela época, foi uma atitude que pareceu a muitos, imprudente e intempestiva, fruto talvez da imaturidade de padres novos, não forrados ainda pela decantada experiência trazida pela idade. Mas, não foi assim. Para tomar aquela atitude, não foi tão fácil, nem dependeu apenas de uma impensada posição de quem quer fazer alguma coisa diferente.

Naquela época tínhamos ainda 34 seminaristas internos. Resolvemos fazer com eles uma sondagem, para conhecimento da realidade concreta. Não queríamos viver iludidos com aquilo que pensávamos ou gostaríamos que fosse. E a sondagem revelou mais do que se esperava.

Dos trinta e quatro seminaristas, desessete declararam jamais ter passado, por suas cabeças, o pensamento de algum dia serem padres.

Dos desessete restantes, nove revelaram que, alguma vez, tinham pensado nisso, mas naquela época não alimentavam mais esse sonho.

E os oito restantes afirmaram ainda alimentarem desejos de seguir a vocação eclesiástica.

\* \* \*

Conforme podemos verificar pelas estatísticas, pelo Seminário passaram, até o ano de 1960, 126 padres, durante esse longo período entremeadado de crises, a partir de 1875.

As percentagens de rendimento variam, de período a período, como se nota muito bem.

O período de 1875 a 1878 é muito florescente, com a percentagem de 18,6%.

Assim também, os anos de 89 a 91; 1922 a 1929 a 1949. Não conseguimos perceber as razões de uma queda brusca, no período de 1930 a 1939, caindo de 18,7% apenas.

O último período — 1950 / 1960 revela uma baixa maior, como o rendimento apenas de 4,3%. Era o tempo do após guerra. As mudanças sociais, tanto na Europa como no Novo Mundo, vão causando os seus benefícios e gerando, por outro lado, crises. Na Europa, nesse período, a percentagem de rendimento dos seminaristas também desce.

Nota-se ainda que, em geral, o número grande de matrículas não rende muito. É o defeito de seleção que se acentua. Foi o que ocorreu no período citado: 1950 a 1960, a época de maior afluxo de matrículas. Há, entretanto, outros fatores que influíram decisivamente aí.

\* \* \*

Até bem pouco tempo, o Seminário representou o educandário de ensino eficiente e barato, ao mesmo tempo. Não havia colégios oficiais, gratuitos, na Região. Os moços mais pobres tiveram suas oportunidades no Seminário, onde puderam tranquilamente estudar, mesmo alimentando outros ideais, alheios à vocação sacerdotal. Isto ocorreu, especialmente, após o regime de equivalência dos estudos do Seminário, vindo em seguida a instalação de colégios gratuitos em Crato.

Fechado o Seminário em 1967, qual seria a sorte dos alunos ali existentes?

Verificando a situação educacional sistemática do território diocesano, constatávamos, em 1967, que apenas duas ou três cidades não possuíam estabelecimento de ensino ginasial.

Aqueles alunos que não mais pensavam em seguir a vocação sacerdotal foram convidados e não mais voltaram, inscrevendo-se nas escolas existentes, em suas respectivas paróquias de origem.

Aqueles, porém, que ainda permaneciam na decisão inicial, tiveram oportunidade de continuar no velho seminário, estudando no Colégio Diocesano do Crato.

Quando se fechou o Seminário S. José, outros educandários também cerraram suas portas e chegou-se a falar em depressão, no setor educacional. Tudo não passou de apreciações superficiais, de primeira vista, sem bases na realidade dos fatos. Vejamos o que dizem as estatísticas.

## E S T A T I S T I C A

E a partir daquele ano, a Diocese continuou acolhendo as vocações que lhe manda o Senhor da messe, mas, somente quando os candidatos, tendo concluído os estudos ginasiais ou primeiro grau, contam com melhores condições psicológicas de tomar uma decisão mais consciente, no que respeita ao futuro de suas existências.

### MUNICÍPIO DO CRATO

#### E D U C A Ç Ã O

ASPECTOS 1960 1970 %

#### POPULAÇÃO:

Citadina ...	29.308	37.553	
Total .....	59.464	70.016	+ 21,1

#### ENSINO SUPERIOR:

Faculdades .	2	2	0
Alunos .....	80	325	+ 306,25
Professores .	46	54	+ 17,3

#### ENSINO MÉDIO:

Colégios ....	14	13	— 7
Alunos .....	1.548	3.666	+ 136,8
Professores .	225	250	+ 11,1

#### ENSINO PRIMÁRIO:

Escolas .....	136	159	+ 16,9
Alunos .....	2.169	17.690	+ 715,5
Professores .	114	446	+ 291,2

1960-1970 foi o período em que se instalaram os colégios oficiais em Crato. Além disto, em cada pequena cidade da periferia, instalaram-se pequenos ginásios locais. E os alunos daquelas proximidades foram acorrendo para aqueles estabelecimentos de ensino, sem precisar deslocar-se para outras cidades. Era normal, que o Seminário tivesse diminuída a sua matrícula. Não houve, portanto, depressão no setor educacional. Houve, sim, uma dessas reviravoltas sociológicas, conseqüentes a uma mudança de mentalidade. O que se verificou no setor educacional foi um processamento em parte doloroso, com a abertura e o desaparecimento de várias entidades de ensino, tudo sintoma de um crescimento que se processava de maneira dinâmica e promissora.

\* \* \*

Em face de todas estas considerações e levando em conta os fatos concretos, constatamos que a Igreja teve em nossa região, missão precursora e supletiva no campo educacional, diretamente, através de seus membros hierárquicos mais destacados. Mas, esta missão supletiva tinha que terminar. Aliás, sempre foi assim em todas as faces da história da Igreja.

Não teria mais sentido, nos dias de hoje, um seminário cheio, ocupando oito ou dez padres, para, no fim de quatorze anos, obter 4 ou 5 por cento de rendimento específico.

Hoje, multiplicam-se os colégios por todas as cidades do interior. E a Igreja não precisa colocar à frente de cada um deles, o vigário como seu diretor. Os leigos devem assumir esta missão que, por direito, lhes pertence. Ali, eles deverão levar o testemunho cristão, fruto da formação recebida sob o influxo pastoral da Igreja, essencialmente evangelizadora. Esta, sim, a evangelização, é missão específica, inalienável, dos pastores, através dos tempos.

Em lugar das lamentações que não constroem, o que vale é tomar atitudes dinâmicas, em prospectiva, sem saudosismo, mas sabendo ver os acontecimentos de qualquer espécie, os sinais dos tempos, os NOVOS TEMPOS que hão de vir, e cuja marcha depende dos homens, de hoje, de nós, em cujas mãos se encontram os destinos da História".

## AUTORIDADES PRESENTES

Ao compor a Mesa, o Presidente Francisco Pereira da Silva convidou para ladeá-lo D. Vicente Matos, Bispo Diocesano, Pe. Antônio Teodósio Nunes, Reitor do Seminário S. José, Mons. Antônio Feitosa, Vigário da Paróquia de N. S. de Fátima; Padre João Bosco Cartaxo Esmeraldo, Cura da Catedral; Pe. Francisco Salatiel Alencar, Vigário da Paróquia Sagrada Família e Pe. Antônio Maia Vigário-Cooperador de Santana do Cariri, anotando-se ainda a presença do sociológico Prof. Plácido Cidade Nuvens, da Fundação Padre Ibiapina; Jornalista J. Lindemberg de Aquino, Presidente do Instituto Cultural do Cariri e outras personalidades.

## VEREADORES

A Sessão Solene compareceram os seguintes vereadores: Francisco Pereira da Silva, Presidente em exercício; José Valdevino de Brito, Secretário dr. Francisco Ailton Esmeraldo; Joaquim de Sousa Brasil, Cícero de Moura Rozendo, Ivan da Conceição Veloso, José Amarílio Esmeraldo, Francisco Laurindo Batista, Raimundo de Sousa Sobrinho e Anildo Batista do Nascimento.

## ENCERRAMENTO

Encerrando a solenidade, o Presidente Francisco Pereira da Silva pronunciou as seguintes palavras:

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Temos recebido publicações diversas. O Instituto do Açúcar e do Alcool nos tem brindado com todos os volumes da Coleção Canavieira, de grande valor literário e documental. Também o sr. Pinto do Carmo, do Rio de Janeiro, nos tem enviado dezenas de livros como doação particular, inclusive uma coleção completa da Bíblia Sagrada, encadernada, da Editora Abril.

A Secretaria de Cultura de Alagoas nos enviou: "Folclore Negro de Alagoas".

O Jornalista Vicente Favela Filho, cearense residente em Salvador, nos enviou diversas publicações da Universidade Federal da Bahia.

Recebemos, também, "Dois de Ouro" de Fran Martins, em segunda edição, e "Direito Notorial" de Cláudio Martins, nosso conterrâneo, Presidente da Academia Cearense de Letras. Por sinal, a Revista daquela Academia, último número, também nos foi enviada.

Acusamos também a remessa do "Correio de Russas" e do semanário "Câmara é Notícia", órgão da Câmara dos Deputados. Do Ministério da Justiça recebemos o livro de discursos do Ministro Armando Falcão, "Revolução Permanente". Também recebemos "Serrote Preto" de Rodrigues de Carvalho.

A todos, nós agradecemos.

"Ao declarar encerrada a presente sessão solene da Câmara Municipal do Crato, esta Presidência deseja agradecer a presença das autoridades civis e religiosas, do público e dos vereadores, e testemunhar, mais uma vez, a sua admiração, pela grande obra de brasilidade que essa Casa de ensino religioso representa em nosso meio.

## CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO, ESTUDOS E PESQUISAS (CENDEP)

Recebemos:

Crato, 23 de Setembro de 1975

Excelentíssimo Senhor Presidente do Instituto Cultural do Cariri:

A Fundação Padre Ibiapina, órgão promocional da Diocese do Crato, instituiu o Centro de Documentação, Estudos e Pesquisas - CENDEP.

Ao comunicar o fato, poderíamos destacar alguns dos seus objetivos:

- Manter um quadro de informações atualizadas, sobre todas as áreas de atividades na região, para orientação do planejamento e avaliação dos trabalhos da F. P. I.
- Empreender estudos sobre a formação histórica e costumes tradicionais da região.
- Manter correspondência com entidades similares, para intercâmbio cultural e troca de informações.
- Bastariam esses objetivos para justificar a existência de nossa entidade, cujas metas reforçam os ideais de promoção e desenvolvimento cultural do homem caririense.

Esperamos contar com o apoio decisivo dessa instituição, solicitando nos sejam destinadas suas publicações.

Aproveitando o ensejo, renovamos nossos protestos de estima e consideração. Atenciosamente, Dr. Plácido Cidade Nuvens, Coordenador do CENDEP.

Estamos satisfeitos com o que se passou e ficamos felizes pela oportunidade de realizar tão memorável sessão, no cumprimento de um dever cívico que se impunha ao legislativo.

Agradecendo, mais uma vez, a presença de todos, declaramos encerrada a presente sessão, solicitando, antes, a leitura da ata, para a assinatura de todos os presentes".

# Figuras Marcantes do Seminário do Crato

Quando estamos em 1975 — Ano do Centenário do Seminário S. José, em Crato, justo que sejam lembradas e reverenciadas algumas figuras marcantes que têm seus nomes ligados à vida do secular educandário.

São homens das mais diversas procedências, que Deus, nos Seus desígnios insondáveis, reuniu num mesmo destino e num mesmo objetivo, para fortalecer a fé, espalhar a religião, derramar o exemplo, cultivar as virtudes e disseminar a luz da instrução.

Primeiramente justo é nos referirmos a DOM LUIZ o grande Bispo, primeiro Pastor da Igreja cearense, idealizador e fundador do Seminário da Prainha, na capital cearense, e depois também criador do Seminário do Crato.

Natural de Angra dos Reis, antiga Província fluminense, tendo nascido a 13 de Março de 1817, êle era filho de Salvador dos Santos Reis e Maria Antônia dos Santos Reis.

Fez seus primeiros estudos com a genitora, aos 15 anos ingressava no Colégio de Jacaréanga, tendo continuado, depois, com o Pe. Antônio Viçoso a sua formação intelectual.

Luiz Antônio dos Santos, revelara, desde cedo, pendores para a vida eclesiástica — e nomeado mestre, Pe. Lazaristas, em Caraça, seguiu com ele, ali se matriculou e terminou seus estudos teológicos. A 21 de Setembro de 1841 recebeu D. Luiz o Presbiterato das mãos de D. Manuel Rodrigues Monte de Araújo, Conde de Irajá e Bispo do Rio de Janeiro.

Seguiu como Professor no Caraça — elevado o Pe. Viçoso a Bispo de Mariana, acompanhou-o dirigindo-lhe o Seminário e sendo elevado a Cônego. Ainda foi estudar em Roma, onde

aperfeiçoou-se em cânones, alcançando-o a nomeação para Bispo do Ceará em 31 de Janeiro de 1859. Confirmado pelo Papa Pio XI no Consistório de 28 de Setembro de 1860, foi sagrado por D. Viçoso em 14 de abril de 1861.

D. Luiz aportou ao Ceará em 26 de Setembro de 1861, fez sua entrada solene na Catedral de Fortaleza a 29 do mesmo mês. Ficou 20 anos no Ceará e fundou os Seminários de Fortaleza e Crato. Em 13 de Maio de 1881, foi preconizado Arcebispo da Bahia, onde ficou até 19 de Novembro de 1891, quando faleceu,

Foi um grande e extraordinário Príncipe da Igreja, com o coração abrasado de amor pela terra cearense.

Relembramos também, o Pe. Vicente Lourenço ENRILE, primeiro Reitor do Seminário do Crato. Nasceu em Finalborgo, Diocese de Savoia, Itália, em 28 de Fevereiro de 28 de Fevereiro de 1833 e faleceu em Crato em 13 de Novembro de 1876. Se existiu uma alma santa e devotada nas tarefas do ensino, do amor e da caridade, foi o Pe. Enrile o exemplo mais característico.

O Seminário do Crato foi um celeiro de heróis anônimos e de figuras marcantes da vida cearense.

Jamais se poderia dissociá-lo de figuras como o Pe. Manuel Felix de Moura, Pe. Joaquim Sother de Alencar, Pe. Joviniano Barreto, Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, depois primeiro Bispo da Diocese do Crato, e outros.

Pelo Seminário do Crato passou o Pe. Joaquim Ferreira de Melo, cratense de nascimento, nascido no S. José, Professor depois Vigário de Tauá, onde teve o escritor Joaquim Pimenta, menino àquela época, como

sacristão de sua Matriz, Pe. Melo foi depois Bispo de Pelotas, Rio Grande do Sul, de larga atuação no episcopado nacional.

Raimundo Ulisses Penaforte, natural de Jardim, homem brilhantíssimo, escritor filólogo, polemista, ensaísta e versado em assuntos científicos e de economia, foi figura destacada do clero brasileiro. Também teve sua passagem pelo Seminário do Crato.

Hoje é nome de uma cidade do Cariri — com muita honra para a Região.

Outras figuras percorreram os vastos corredores e salas de aulas do nosso velho Seminário.

Entre elas, o Pe. Francisco Alexandrino de Alencar, irmão do Monsenhor Antônio Alexandrino — integrantes, ambos, da prestigiosa família Arraes de Alencar, do sul do Estado; Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno (Prefeito do Crato e Deputado Estadual); Dr. Ildefonso Correia Lima, Dr. Pio Alves Pequeno, médico em Barbacena, Dr. José Alboino Figueiredo, semente pioneira dos Figueiredo no Rio Grande do Sul, Dr. Joaquim Gomes de Matos, Dr. Irineu Pinheiro, Oliveira Paiva (o célebre escritor, autor de D. Guidinha do Poço), Major José Gonçalves, Pe. Jatahy, Monsenhor Rodrigues Mon-

teiro, Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva, Pe. Alencar Peixoto, Pe. Miguel Tavares Campos, Dr. Antônio Filgueiras Sampaio, etc.

O Seminário do Crato ao atingir, assim, sua centúria, é um ninho de recordações.

Fechado, hoje, em termos de Seminário, permanece aberto para as atividades da Paróquia que tem sua sede ali, e para as obras sociais da Igreja do Crato e da comunidade do bairro.

Já pensaram nele para Hotel de Turismo, Pousada, Motel, Fábrica, Reitoria da Universidade, Prefeitura, Quartel, Faculdade — guardião de lembranças que o tempo não apaga, assistindo a uma Igreja Nova, inteiramente reformulada nos seus objetivos — e resistindo a ação do tempo, como relicário das mais sadias tradições do nosso povo.

As figuras marcantes que passaram pelo Seminário do Crato encheram de vida e esplendor a comunidade cratense.

A memória dos pósteros não as esquecerá, e por elas terá sempre a marca do reconhecimento e o selo da gratidão justo prêmio a quem tanto bem fez a terra cratense e não merecerá, jamais ficar no olvido.

"A AÇÃO" — 10 - 5 - 1975.

---

## **I. C. C. AGRADECE A THOMAZ POMPEU GOMES DE MATOS**

O Instituto Cultural do Cariri agradece ao Dr. Thomaz Pompeu Gomes de Matos e a Otacilio Anselmo e Silva pelas gestões desenvolvidas no sentido de conseguir recursos no Conselho Federal de Cultura, para a presente Edição de ITAYTERA. Manifestamos o nosso reconhecimento, igualmente, ao Ministro Armando Falcão, pela inextinguível ajuda que propiciou a esta instituição. São exemplos como esses que nos estimulam a prosseguir a caminhada.

---

## **EZEQUIEL SIQUEIRA CAMPOS AJUDA O I. C. C.**

Atendendo a um pedido que lhe foi feito, em exposição de motivos do nosso Presidente, o industrial Ezequiel Siqueira Campos enviou substancial auxílio de 5 mil cruzeiros, para o Instituto Cultural do Cariri.

Trata-se de auxílio da mais alta valia, que muito nos estimula a dar continuidade ao nosso amplo programa de desenvolvimento cultural da região. Em ata dos nossos trabalhos foi registrado voto de louvor e de gratidão a essa benemerência.

# Seminário: 1 Século

Tiveram início, no dia 7 deste mês, as comemorações do aniversário do Seminário São José do Crato,, data em que aquela Casa de Cultura e Ensinos Religiosos completou 100 anos de sua fundação. Faz alguns anos que se encerraram as suas atividades como educandário e era um dos mais nobilitantes e eficientes, não só do Crato, mas também de toda a Região, pois foram centenas e centenas de estudantes que ali receberam seus conhecimentos, não só para vida no Sacerdócio, mas em muitos setores de atividades e os que completaram os seus estudos foram felizes, bem sucedidos.

Quantas e quantas figuras agraciadas naquela Casa, recebendo o título da mais alta e elevada posição sócio-cultural, religiosa e humana, que hoje, no exercício de várias funções, direta ou indiretamente, muitos vêm fazendo em benefício das comunidades, quer na vida comum cotidiana, quer no sentido mais profundo, espiritual, sendo mensageiros a serviço do bem de todos!

Decorrem, pois, os 100 anos que marcam agora a data do seu centenário e que o Seminário São José do Crato, vem cada vez mais se firmando no seu maior conceito. Já por duas etapas, teve a reforma dos seus estatutos com mudanças de suas funções, mas alcançando sempre grande êxito nos seus empreendimentos.

É hoje Sede Paroquial, Igreja Matriz de São José, não vindo terminar as suas atividades como Autêntico Centro de Preparação do mais útil, do mais eficiente ao ser humano, para que a pessoa, a exemplo dos seus bons ensinamentos, como Templo Católico, nas suas atividades mais

aceleradas da vida de hoje, venha alcançar a solução e conclusão, com as metas resolvidas dos seus verdadeiros empreendimentos.

São os nossos votos que o Seminário São José, com o decorrer dos anos, a exemplo de hoje, tenha o seu futuro de grandes realizações, que será para grandeza e satisfação de todos de nossa terra. Celebramos a data da sua criação e instalação no Crato, mas o mais importante que se apresenta nas comemorações do seu aniversário, é o histórico de sua criação e instalação, sendo agora objeto de estudo e observação como exemplo mais patente para a maior movimentação que deve ser mais acelerada em prol da instalação também em nossa Cidade, da Universidade Regional do Cariri.

Isso comprova, ainda mais, a ação daquela Casa, sendo hoje espelho de tão nobre causa em favor da nossa Região. Com a instalação da Universidade Regional do Cariri, só temos sobejos motivos para os nossos orgulhos, por ver que o Seminário S. José do Crato, foi a menina dos olhos na maior movimentação, na elaboração e conclusão do plano, sonhos dourados de todos do Cariri Cearense, a Universidade Regional do Cariri em nosso meio.

São os nossos votos de perenes felicidades para os que em tão boa hora dirigem aquela Casa, hoje Matriz da Paróquia de São José, e que sejam extensivos a todo o Clero, ao Senhor Bispo Diocesano Dom Vicente Paulo Araújo Matos, nosso Pastor Espiritual, forte batalhador, não só pela causa do Crato, mas também pela causa de toda a Diocese. Nossos parabéns!

# A Glória do Seminário e o Simpósio de Educação

O Deputado Federal Joaquim de Figueiredo Correia, representante de nossa região e do Ceará, no Congresso Nacional, prestou homenagem ao Centenário do Seminário S. José e do Simpósio Regional de Educação, realizado em Crato, dentro daquelas comemorações, pronunciando importante discurso.

A realização, em Crato, do I Simposium Regional de Educação, foi objeto de discurso proferido, na Câmara Federal, pelo deputado Joaquim de Figueiredo Correia. O parlamentar cearense destacou o sentido do certame, demorando-se igualmente, em apreciações sobre a formação cultural e histórica da "Princesa do Cariri".

## I N T E G R A

É a seguinte a íntegra do pronunciamento do deputado Figueiredo Correia:

VII — O Sr. Presidente (Urbano Barê) — Vai-se passar ao período destinado às Comunicações das Lideranças.

Tem a palavra o Sr. Figueiredo Correia.

O Sr. Figueiredo Correia (MDB Ce. Sem revisão do orador). Sr. Presidente, Srs. Deputados, esta sessão foi rica de pronunciamentos sobre assuntos nacionais da mais alta oportunidade.

O nobre Deputado Herbert Levy trouxe ao conhecimento da Câmara, com a facilidade de expressão e a inteligência que lhe são características, matérias que empolgam todo o povo brasileiro, notadamente os seus

representantes nesta Casa do Congresso Nacional. Referiu-se àquela infeliz declaração de um Senador americano a respeito dos convênios que o Governo brasileiro realiza com o Governo Alemão para a instalação de usinas nucleares no Brasil. Falou ainda sobre o que sentiu e o que disse na famosa reunião de Salzburgo.

Para nós, que desejávamos ouvi-lo, constitui motivo de satisfação sentir que ele não adotou comportamento dúbio, que poderia deixar em posição secundária a ação desta Casa, iniciada a requerimento do MDB, sobre as multinacionais.

Finalmente, Sr. Presidente, falou o nobre deputado Israel Dias Novaes também a respeito das multinacionais e do Congresso recentemente celebrado por elas no Hotel Nacional. Foi a exposição admirável que ouvimos ainda há pouco.

Em meio, porém, Sr. Presidente, a tantos assuntos de repercussão nacional, eu me permito vir à tribuna na qualidade de professor, de educador para abordar assunto regional. Quero referir-me a um relevante certame levado a termo em uma das importantes cidades de meu Estado.

É que, Sr. Presidente, encerra-se hoje — 11 de junho — O I Simpósio Regional de Educação, iniciado no pretérito dia 8, e promovido no Ceará, pela Diocese do Crato e pelas Faculdades de Filosofia, de Ciências Econômicas e de Direito, existentes naquela próspera cidade do Vale do Cariri.

Na História do Ceará, o Municí-

pio do Crato figura como tradicional pólo de desenvolvimento da Região Sul Cearense. Remonta ao Século XVII a chegada dos primeiros colonizadores ao ubérrimo vale que se alonga ao sopê da Serra do Araripe. E, ao século XVIII, o surgimento da sua vida urbana, intensificada na medida em que as terras irrigadas pelas nascentes olhos d'água que brotam nas escarpas da cordilheira eram conquistadas pelos colonos, procedentes de Pernambuco, Bahia, Sergipe e Alagoas, vindos pelo caminho natural do Rio São Francisco e seus afluentes.

Não tardou a constituir-se naquela gleba de fertilidade admirável, poderosa aristocracia rural, inspirada, sobretudo, na civilização da Zona da Mata.

A cultura da cana-de-açúcar aparece como atividade agrícola predominante, de início beneficiada através de engenhos rudimentares, construídos de Baraúna e Aroeira, mas, gradualmente substituídos pelos engenhos de ferro importados da Inglaterra.

As transações comerciais — de importação e exportação — operavam-se preferencialmente através das praças de Recife. Em face disso, a vida política e cultural inspirava-se nas mutações processadas na sociedade pernambucana.

De outra parte, as primitivas escolas dos Capuchinhos criaram, consoante ressalta Irineu Pinheiro, "as condições sociais indispensáveis para que o Aldeamento dos Cariús da Missão do Miranda conquistasse os foros de vila e fosse erigido em paróquia.

A autonomia política tornou-se o desejo de todos. A Carta Régia de 16 de dezembro de 1762 ensejou o ato de 21 de junho de 1764, pelo qual a Aldeia do Brejo, como também era conhecida a antiga Missão do Miranda, passou à sede de município, com o nome de Vila Real do

Crato. E a Freguesia de Nossa Senhora da Penha, criada em 1762, fora instalada a 4 de janeiro de 1768.

A autonomia municipal obtida pelo heróico povo cratense o erigiu em defensor do pensamento regional do Cariri. O Crato, no fluir do tempo tomou foros de metrópole do interior cearense, notadamente depois do Alvará de 27 de junho de 1816, pelo qual foi criada a 2a. Comarca do Ceará, sediada na Vila Real do Crato.

Não tardou também a transformar-se no patamar do ideário político de grande parte do povo cearense. Como tal, a 3 de maio de 1817, José Martiniano de Alencar lidera patriótico movimento revolucionário em prol da independência e da República, logo mais sufocado pelas forças armadas obedientes aos comandos do Capitão-Mor José Pereira Filgueiras e do Tenente-Coronel Leandro Bezerra Monteiro.

Em 1824, também não esteve ausente do pensamento republicano que deu lugar à Confederação do Equador.

Com a independência, o seu bravo e talentoso filho, que chefiara o Movimento Revolucionário de 1817, chega à Presidência da Província do Ceará. Dentre o que de pioneirismo e grandeza realizou — sinal permanente da ousadia e clarividência do povo caririense — ressalta a Lei N° 73, de 18 de setembro de 1837, que apresenta, para a época, este texto admirável.

"Todo o pai de família é obrigado a mandar aprender as primeiras letras, nas aulas públicas ou particulares, os filhos que tiverem de dez anos para cima.

Aos infratores imporá a pena de seiscentos réis por filho, a respeito do qual deixaram de cumprir, sem justificado motivo, o acima disposto".

De Martiniano de Alencar é também. Sr. Presidente o Regulamento N° 8 de 14 de junho de 1837, do

qual, entre outros dispositivos reveladores do seu elevado descortino, consta o seguinte:

"Nas escolas de primeiras letras, que não forem de ensino mútuo, observar-se-á, quando for possível, o método Lancaster na disposição dos utensílios, divisão de classe e nomeação de monitores, de sorte que seja fácil aos professores manter a melhor ordem e inspecionar as ações dos alunos, e a estes, o cumprir com os seus deveres, sem a necessidade de se levantarem e vagarem pelas aulas frequentemente".

É do Cariri, por igual, precisamente da cidade do Crato, o jornal O Araripe, que veio à lume no dia 7 de julho de 1855. Foi o primeiro jornal a circular no interior cearense, e há quem afirme ser o primeiro no interior do Nordeste brasileiro.

Como vemos, tem sido destacada, no curso da História do Ceará, a preocupação do povo caririense pelo primado da inteligência. E a educação foi a sua preocupação maior.

No aldeamento da Missão do Miranda — não é ocioso insistir — abrolhou, pela primeira vez, o ensino no Cariri, pelas mercês do frade Carlos Maria de Ferrara, nos idos de 1740. Segundo Renato Braga, coube a esse missionário "instituir escolas para os índios, destinadas a adaptá-los a fase intermediária que vai da barbárie aos albos da vida civilizada". Vinte anos depois, volta ao Cariri, "sobre regime civil". No Século XVII, quatro escolas funcionavam em Crato.

Mas, Sr. Presidente, na opinião de todos os historiadores, o Seminário S. José, aberto a 7 de março de 1875, por Dom Luiz Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará, foi o "estabelecimento cratense de maior tradição educacional".

Volto a Renato Braga para colher esta sentença sobre sua ação educativa:

"A sua luminosidade atraiu jovens

do Piauí, Pernambuco e Paraíba, que dele saíram armados para os prélios da religião e da vida pública".

E sobre o povo cratense, registro este outro conceito, que honra e testemunha sua grandeza de espírito:

Crato é a cidade que mais lê depois da Capital. Tem 7 livrarias e várias bibliotecas".

Com a criação da Diocese, ocorrida a 20 de outubro de 1914, mercê da bula *Catholica e Ecclesiae*, do Papa Bento XV, e com a nomeação do seu primeiro Bispo, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva (10.I.1916), deu-se estrutura nova e intensidade maior ao estudo primário e secundário. O Seminário São José foi reaberto em condições de atender aos vários graus do ensino, inclusive o superior. Colégios para ambos os sexos e instituições religiosas, assistenciais e hospitalares surgiram sob o pálio do fecundo bispado, nos governos de Dom Quintino, Dom Francisco de Assis Pires e Dom Vicente de Araújo Matos.

Sr. Presidente e Srs. Deputados, é nessa cidade secularmente preocupada com os assuntos políticos, educacionais e culturais que se realiza o I Simpósio Regional de Educação, que hoje se encerra sob a presidência de Dom Vicente de Araújo Matos.

Esse importante certame, no ensino em que a sociedade cratense comemora o centenário de fundação do Seminário São José, conta com o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, do Governo do Estado do Ceará, do Conselho Federal de Educação e do Conselho Estadual de Educação. Em seu temário, além de encontro de professores, de debates de assuntos ligados à legislação que dispõe sobre Diretrizes e Bases para o Ensino do 1º e 2º Graus, constam várias conferências que enfocam matérias de valia e oportunidade destacadas. A primeira dessas conferências, proferida pelo Magnífico Reitor da Universidade Católica de Per-

# Assembléia Homenageia Seminário São José

Em Sessão Solene realizada na noite de quarta feira, 1º de outubro, presidida pelo Deputado Alceu Coutinho, em Fortaleza, a Assembléia Legislativa do Estado homenageou o Seminário S. José, pelo transcurso do Centenário de sua fundação, por proposição do deputado Wilson Machado, ato que contou com o comparecimento de altas Autoridades Eclesiásticas, Cíveis e Militares e representações de várias Dioceses da Província Eclesiástica do Ceará.

## PROGRAMA

Ao abrir os trabalhos, o Presidente Alceu Coutinho designou uma comissão de Deputados para introduzir no recinto da Casa as Autoridades especialmente convidadas para a solenidade.

A convite do Presidente tomaram assento à mesa Cel. Humberto Bezerra, Secretário de Assuntos Municipais e representante do Governador do Estado; Desembargador Dr. Aurino Augusto de Araújo Lima, Presidente do Tribunal de Justiça; D. Aloisio Lorscheider, Arcebispo Metropolitano de Fortaleza; D. Vicente Matos, Bispo Diocesano do Crato, Tenente Adelelmo Bezerra, representante do Comandante da 10ª Região Militar e Prof. Paulo Tasso Teixeira Mendes, da Faculdade de Filosofia do Crato e conferencista da solenidade.

nambuco. Mons. Rubens Gondim Lóssio, abre as cortinas daquele Simpósio com uma justa homenagem ao velho Seminário. Esse pronunciamento recebeu o título de "O Papel do Seminário São José no Desenvolvimento Educacional da Região".

É a História recordada em canto, de louvação aos educadores do passado. É o exemplo que se invoca

## ORADORES

O primeiro orador da noite foi o deputado Wilson Machado, do MDB e autor da proposição da homenagem, que explicou o motivo da sua iniciativa como ex-aluno do Seminário, de homenageá-lo, através da Assembléia, no transcurso do seu Centenário. Reverenciou a memória do seu Fundador D. Luiz Antônio dos Santos e seus continuadores.

Em seguida, falou o deputado Hermanno Teles, da ARENA e nosso representante na Assembléia, reportando-se à significação do evento e à influência educacional do Seminário no interior do Nordeste.

Por fim, proferiu conferência o Prof. Paulo Tasso Teixeira Mendes, da Faculdade de Filosofia e Vice Diretor do Colégio Madre Ana Couto. Em seu pronunciamento, apresentou um histórico do Seminário, no seu importante papel desempenhado em plagas do Cariri, como escola pioneira do ensino médio e superior do interior do Nordeste. Reportou-se também ao movimento universitário do Crato fruto da semente lançada pelo Seminário, com a criação das Faculdades de Filosofia, Ciências Econômicas e Direito, que deram origem à Fundação Educacional Martins Filho, mantenedora da nossa futura Universidade.

Encerrando a sessão, o Presidente Alceu Coutinho congratulou-se com a

como estímulo aos educadores do presente. É grandeza de ação, de sacerdócio e de amor, oportunamente lembradas como incentivos aos que fazem o magistério. É a mostragem de um soladício que tem lições a oferecer aos educandários presentes. É honra que Cariri exalta, para gerar honrarias que o Cariri deseja.

(Junho — 1975).

própria Assembléia pelo êxito da sessão solene, ao mesmo tempo que agradeceu a presença das Autoridades que concorreram para o maior brilho da solenidade.

Além das citadas anteriormente, compareceram, à sessão solene da Assembléia, dentre outras, as seguintes autoridades: D. Edmilson Cruz, Bispo Auxiliar de Fortaleza; D. Gerardo Melivelle, Vigário Geral das Religiosas da Arquidiocese; D. Mauro Santiago, Bispo de Iguatu; D. Pompeu Bessa, Bispo de Limoeiro do Norte; D. Joaquim Rufino, Bispo de Quixadá; Cel. José Alvarez, Cmte. da Base Aérea de Fortaleza; Capitão Walter Sá, Comandante da Capitania dos Portos; Cel. Henrique Araújo Flares, Cmte do 23-BC; Monseñor André Camurça, Chanceler do Arcebispado e Conselheiro do CEE; Mons. Francisco Montenegro, Conselheiro do CEE e Diretor do Colégio Diocesano do Crato; Pe. Antônio Teodósio Nunes, Reitor do Seminário São José; Pe. Francisco Salatiel, Vigário da Paróquia Sagrada Família do Crato; Pe. Francisco Luna Tavares, Vigário de Missão Velha; Pe. Manfredo Araújo Oliveira, Reitor do Seminário Regional de Fortaleza; Prof. Antônio Colaço Martins, Coordenador da Unidade de Planejamento da UNIFOR e Diretor da Facul-

#### **EXEMPLO DIGNO DE IMITAÇÃO**

O nosso eminente coestaduano, sócio do Instituto Cultural do Cariri, Escritor José Arraes de Alencar, foi o primeiro a acorrer, com sua solicitude, para ajudar o ICC, nos dias difíceis que atravessávamos, quando desapareceram os recursos públicos, de si já minguados. De sua cota pessoal, passou a enviar-nos cem cruzeiros, mensalmente, pelo Banco do Brasil, e em correspondência que nos dirigiu, desejou que "todos também o imitassem". Um exemplo digno, de fato, de ser imitado pelos demais sócios e pessoas representativas de nossa região.

dade de Filosofia de Fortaleza; Dr. Jefferson Albuquerque, representante do Rotary Clube de Crato; Dr. José Vanderley Landim, representante da FEMARF; ex-deputado Iranildo Pereira, Vereador Amálio Esmeraldo, representante da Câmara Municipal do Crato; Madre Paula Saboia Alencar, Superiora Geral da Congregação das Filhas de Santa Teresa; Madre Esmeraldo, Secretária de Cáritas Diocesana do Crato; Irmã Oliveira; Seminaristas: Luciano, Hilário, Machado, Ponciano, da Diocese do Crato e Martins, de Sobral e outras personalidades.

#### **A S S E M B L É I A**

A Assembléia Legislativa representou-se através dos seguintes deputados: Alceu Coutinho, Presidente; Hermano Teles, Wilson Machado, Deusimar Maciel, Orlando Bezerra, Aírton Maia, Fausto Arruda, Alfredo Marques, Carlos Benevides, Aquiles Peres Mota, Julio Rego, Antônio Câmara, Adelino Alcântara, Leorne Belém, Antony Costa, José Vieira Filho, João Frederico, Manoel de Castro, Paulino Rocha, Libório Gomes, Paulo Benevides, Marconi Alencar, Osmar Diógenes, Zélia Mota e Eufrasino Neto.

#### **ITAYTERA Terá Índice Remissivo**

No próximo número de "Itaytera", referente a 1977, o número 21, apresentaremos um Índice Remissivo das matérias, assuntos e autores, dos últimos dez números, do 11º ao 20º. Será trabalho para consulta futura, e segura orientação para os leitores e pesquisadores dos próximos anos, que se queiram abeberar do que nossa revista publicou.

O trabalho é da escritora Maria Conceição Sousa, da Casa Juvenil Galeno, de Fortaleza, e nossa distinta colaboradora, que já fez o mesmo quando completámos dez números, e já se prontificou a fazer esse Índice Remissivo, no próximo número.

Desde já, o nosso reconhecimento.

# Centenário do Seminário do Crato

## INTRODUÇÃO

Fazer perceber o conteúdo da palavra articulada e o discurso destas mesmas palavras, ao longo destes instantes, foi a grande preocupação que me levou a temer — acrescida a esta, a surpresa da escolha — a responsabilidade que me foi confiada para este momento.

Se se me impõe o fato de que, nem a ciência, nem a arte jamais conseguiu ou possivelmente não conseguirá, talvez, a síntese total da realidade, relativiza-me o espírito, o fato de que andarei ainda longe, nas minhas análises, daquilo que, mesmo pensando, venha a se desvanecer no caminho difícil da comunicação.

Relativiza-me, isto, pois, as ânsias e impulsos do espírito, sempre aberto, indagante e querente de totalidade e faz-me dobrar sobre mim mesmo, voltando-me para minha condição humana, obrigando-me a uma escolha e decisão.

Permanece ainda um segundo motivo que me causa temor de estar aqui—: é que, forçosamente, tive de me resolver por algo a vos comunicar. E nesta escolha reside o risco de ter selecionado indevidamente, talvez, conjunturas não viáveis da própria história, da qual pretendo fazer referências. Em um e outro caso, percebe-se que, na ciência ou na arte, é o homem a figura central e que, não é a realidade que é relativa, mas é a sua escolha, é o seu se dispor e se voltar para ela, inevitável condição, para que algo se vislumbre no porvir, como algo se patenteie do passado, sempre como interrogação a si próprio. Condição esta, situada historicamente a que

não lhe dá o direito de apenas contemplar algo como se estivesse por fora dele e não nele implicado, ou equivalentemente, em outros termos, algo de sua realidade já estivesse terminado ou pronto. Se o homem chegasse a ver algo de pronto no seu mundo de criação ou produção, teria ele, ou já alcançado a plenitude e não mais haveria a história, ou ele próprio teria encerrado o ideal de sua vida e, para ele, nenhum acontecimento mais lhe faria sentido.

Tal é assim a união do homem com a realidade presente, passada e futura, que fugir dela seria fugir de si próprio, desvinculando-se e desintegrando-se como pessoa e como comum.

É grande a minha responsabilidade, quando nestes momentos a mim confiados, deverei tecer algumas reflexões sobre a nossa realidade histórica, por ocasião deste ano centenário do Seminário. Tão histórica e tão importante que é prova patente e explícita o vosso desejo, nesta Assembléia, dela se poder e se dever falar.

## ALGUNS TRAÇOS DA HISTORIOGRAFIA

Divina e humana, esforçada para atender os apelos da missão que lhe confiou o seu Chefe. "ide e ensinai", tem se esforçado a Igreja de Cristo, ao longo da história, por ensinar aos povos a boa nova da salvação e da libertação. Indiscutível e irrefutável, apresenta-se ela, como marco capital e precioso no desenvolvimento dos povos. E assim também, a nossa história foi marcada pelo suor, esforço e zelo dos seus missionários, seja

já pelo trabalho penoso e paciente das primeiras missões franciscanas, penetradas dificultosamente no interior destas terras caririenses, seja como pioneira, também aqui, na implantação de um ensino organizado, sistematizado ou médio, para empregar as várias terminologias usadas pelos que hoje historiografam.

Em sua recente conferência, intitulada "O Papel do Seminário S. José do Crato no Desenvolvimento Educacional da Região", no dia 8 de junho do ano em curso na cidade do Crato, refere-se a este argumento, Mons. Rubens Gondim Lóssio, atual Reitor da Universidade Católica de Recife-Pe.: "Quando a capital só possuía o Liceu do Ceará, como obra do Governo, e o Ateneu Cearense, como instituição particular, quando só ministravam educação por iniciativa da Igreja, o Seminário Episcopal e o Colégio Imaculada Conceição, precisamente neste contexto — vale ressaltar — o povo do Crato se empolga pela idéia de um colégio, motivado que foi nas missões de 1872. E, ao iniciar-se o primeiro ano letivo do Seminário do Crato, no dia 07 de março de 1875, fincava-se o marco do ensino organizado no interior do Ceará.

Unido esteve de início, conforme se observa, o entusiasmo que nada mede quando quer, ao esforço, sacrifício e abnegação de quem se dispõe, — cavalcando 600 quilômetros, ao longo de 30 dias, — plantar esperanças no interior ainda semi-civilizado dos cariris.

Substrato lógico, que fundasse alguma certeza a D. Luiz Antônio dos Santos, pela empresa a que dera início, não foi por certo o motivo de sua decisão. Para isso, veja-se o contexto da experiência ainda incipiente e desejável da educação na capital. Clarividência, ou arrebatamento louco das pessoas místicas, faz-me acreditar no dinamismo da fé, geradora de grandes acontecimentos. Aparece-me

aqui, de volta, o papel da decisão, como compromisso do homem consigo e com a realidade da qual tem responsabilidade.

Aparece-me, e isto sim, me explica, que aquele ato inaugurador foi o compromisso assumido de um homem, que na loucura da fé e confiança nos outros homens, decidiu-se pela aventura das palavras evangélicas, "pela tua palavra lançarei as redes".

Ai de nós do interior se não tivéssemos contado, desde então, com a outra face da realidade, explicitamente, da realidade religiosa, atuante no nosso meio. E ai de nós, muitas vezes, se não continuarmos seguindo, a exemplo desta primeira grande aventura, por caminhos, possivelmente, nunca totalmente claros.

Neste ponto é que referia-me ainda há pouco, da relatividade, e contudo, da necessidade das decisões. É preciso fé, mesmo contando-se com o vil precioso metal, por paradoxal que pareça.

Fundar uma empresa qualquer que seja é obviamente querer a sua continuidade e esta só é possível quando assistida por desinteresses que não contaminem a obra de seu desenvolvimento. Está aí o desafio dos homens destinados à imortalidade, quando no escuro de um momento de decisão, arrebatada e prolonga a eternidade profícua de suas ações, eternidade garantida e assumida pelos posteriores, porque também eles terão nascido do mesmo bem comunicado. Muito embora, pois, procurando razões para todas nossas decisões, um momento histórico, entretanto, é o "tempo oportuno" da decisão e da escolha, obra de fé e de vontade.

Foi D. Luiz Antônio dos Santos, pois, o inaugurador das batalhas e teimosias que haveriam de marcar sequeentemente, histórias a fora, o destino das conquistas da nossa civilização. Seria obra de contínuo esforço, vigilância e ação o desenrolar da vida nossa, estigmatizado pelo

trabalho, "Labore" conforme se encrava no braço do município.

Graças ao bom e bem intencionado início, assiste hoje, majestoso e imponente, do alto do morro, aquele casarão, o desenrolar de uma aventura, há 100 anos iniciada e hoje viva, mais que nunca, talvez.

Algo, muito pouco apenas, se vamos a um balanço dos benefícios prestados, podemos traduzir e quantificar. O bem está ainda se irradiando e não podemos detê-lo para análises, mas, melhor, podemos senti-lo. Para assim melhor perceber esta realidade, vale aqui uma das frases de um dos poemas do Prof. José Newton: "a beleza vale mais que a exatidão". O que é bom e belo se estende indefinidamente. E tal é a obra de educação.

Irradiação de educação e polo de cultura, serviu o Seminário nestes 100 anos — não só à formação específica, para qual estava destinado, mas também, pelos princípios cristãos ordenados e dispostos, em conformidade com os da reta razão, atingiu uma formação integral e abrangente de quantos lhe procuraram. Hoje, consideramos fruto desta história os 36.242 estudantes que para o seu berço se deslocam, o que, para uma cidade de 50.000 habitantes é já um número indicativo de uma missão que

---

## **PREFEITURA DO CRATO AJUDOU O INSTITUTO C. DO CARIRI**

Numa das vezes em que assumiu a Prefeitura de nossa cidade, o Vice Prefeito Francisco Walter Peixoto despachou pequeno auxílio de Cr\$ 2 mil para o Instituto Cultural do Cariri, em Agosto último. O Prefeito Pedro Felício, retornando de Fortaleza, procedeu, imediatamente, ao pagamento desse auxílio.

Manifestamos aos dois gestores dos negócios municipais os nossos agradecimentos.

lhe foi confiada. Poderá ela cumprir aquilo que nos faz perceber de sua missão histórica até o momento?

Parece que sim, quando isto já é um momento irreversível da consciência popular e estudantil, como consciência coletiva.

Se a filosofia crítica da História nos faz por dúvidas das ilações causa-efeito do processo histórico em análise que fazemos, será contudo ilógico, partir para esta análise, se não cremos na possibilidade de acerto dos juízos, que desta mesma análise possamos formular.

## **POR UMA VISÃO DA NOSSA HISTÓRIA**

Deva-se reverência e prestem-se homenagens ao passado, não pelo passado espaço-temporalmente físico, mas ao passado, aceito e desafiador no presente, de uma obra que é presente na nossa realidade e que, de nós ou por nós, deve ser passada adiante.

Não seremos julgados pelos pósteros naquilo que fomos capazes de apenas admirar e contemplar. Não é este o ideal cristão, nem tampouco da educação. "Para os acontecimentos humanos — referia-me na inauguração da Biblioteca Centenário — o passado não está no passado, está, ao invés, sempre presente, como resultado e experiência. Considerar o passado fora desta dependência, além de cometer injustiças, sem reconhecer méritos, arriscar-se-ia em mal planejar o futuro de nossas possibilidades".

Se isso acontecesse estaríamos desvinculando a atualidade de D. Luiz Antônio dos Santos e outros, do presente de nossa história.

Na linguagem do engajamento, do compromisso e da libertação o passado torna-se presente pela esperança dos antepassados e o futuro torna-se compromisso, pelo engajamento nosso no presente.

## TENTATIVA DE ANÁLISE DE DUAS IDEOLOGIAS

Estendem-se progressivamente os efeitos benéficos da interiorização do ensino, crescem e desenvolvem-se mais rapidamente os vários setores da vida social, moldando a Região e especialmente a cidade e seus habitantes, gerando e influenciando estilos de vida, orientando e atendendo as famílias.

Predominantemente agrícola, o nosso sistema econômico, dos inícios até a chegada do promissor plano ASIMOW (1962-1964) — pela esperança nele depositada pelo povo — marca-se uma segunda etapa de esforços por uma reforma no seu sistema de produção ao mesmo tempo, separando duas fases distintas vividas ideologicamente pelo povo.

Na primeira fase, a mais longa, vêm-se formando umas famílias e tomando lugar outras, na liderança política cidadina e regional, possivelmente podendo esta fase ser enquadrada e estudada no início, desenvolvimento e consequências no *coronelismo*, ciclo já conhecido de todos na história regional. É uma fase de domínio, seja econômico ou social, de umas famílias sobre outras menos desprovidas, vivendo assim estas últimas dos favores e proteção das primeiras.

A religiosidade predominava aí fortemente no seio destas famílias que viam, muitas vezes, no sacerdócio de então, mais um destaque e emancipação social, quando não política, interessando-se muitas delas por este crescimento do prestígio daí proveniente, ou pelo ambiente rígido e seguro de educação sólida que se ministrava. Acrescentados a todos estes aspectos anteriores, a privilegiada situação regional, pelos seus recursos humanos e naturais, equidistante de centros metropolitanos, a participação valorosa e corajosa de seus filhos nos acontecimentos nacio-

nais, sejam revolucionários ou não, — tudo isso veio desenvolvendo, no ambiente cratense das principais famílias de então, uma ideologia que não tardaria a alcançar e se desenvolver no espírito popular.

A esta ideologia nascida na primeira fase, poderíamos, por falta de um nome mais apropriado, talvez, denominá-la de *aristocratocrática*.

Redunda-se assim o termo "cratocrática" por força já do próprio nome da cidade e por mim acrescentado apenas ao nome de Crato, o substantivo aristocracia. Este último, junto ao nome da cidade, como se observa, forma o conceito encontrado — aristocracia, — para fazer comunicar esta ideologia de um Crato forte, construído pelo poder de uns, apenas. Mas esta aristocratocracia, vivida realmente pelos *melhores*, passou para a existência popular, consequenciando, de direito aos primeiros, e de fato, ao povo, a contemplação do Crato como a cidade ideal, numa similar contemplação platônica de todos.

O Plano ASIMOW, porém, parcial ou totalmente fracassado, sonho de possibilidades de uma era industrial promissora, multiplicadora de novas oportunidades e fonte de distribuição de emprego para o povo, teve pelo menos o mérito, de como possibilidade a ser encravada na Região, fazer despertar o povo para uma nova fase, a industrial, que lhe exigiria, entretanto, mão de obra especializada, novas aptidões, e enfim, o mínimo de alfabetização.

Justifico aqui, então, o motivo por que, no meu modo de perceber a realidade, decidi-me por colocar este plano como marco de duas épocas e duas ideologias diferentes. Em verdade, sendo a industrialização, hoje, fator e veículo de novas oportunidades e pois, de democratização, foi na região, um sinal de conscientização do povo, sinal através do qual, o Crato deixaria pouco a pouco de ser

contemplada forçosamente como ideal e contemplação, mas passaria, pelas novas exigências, a exigir educação de todos, na procura das novas oportunidades.

A ideologia aristocrática vem assim se redimensionando, se recuperando dos seus aspectos negativos, como consciência efetiva de um povo, numa, assim por dizer, *democratocracia*, graças ao trabalho, cada vez mais crescente da educação para todos.

Se o sonho da nova era da indústria no Cariri foi o primeiro sonho sonhado em comum pelo povo, a ele precedeu, contudo, sistematicamente, já no fim da década de 50 estendendo-se na de 60, num trabalho debelado e de acordo com as possibilidades do momento, um movimento de conscientização do nosso povo, desta feita, *marco verdadeiro, real, concreto*, que de agora em diante, será responsável, na grande maioria, pelos movimentos que de lá vêm se processando até à Fundação Educacional Martins Filho. "A Fundação Padre Ibiapina cabe a glória de pioneira na Educação de Base, através de um sistema radiofônico e de rádios cativos, não apenas no Cariri, mas, pioneira em todo o Estado do Ceará, tendo sido o segundo sistema deste tipo a ser instalado, em todo o Brasil (1959); no mesmo ano, inicia a sindicalização rural; é pioneira na introdução de treinamentos intensivos (1961), quando trouxe para o Crato,

---

## OUTROS QUE AJUDARAM O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Registramos a ajuda que o Instituto Cultural do Cariri recebeu, do industrial Aderson Tavares Bezerra, Cr\$ 500 cruzeiros, do empresário Antônio Almino de Lima, Cr\$ 500,00 e da filial - Fortaleza da Cia. Souza Cruz, 500 cruzeiros, aos quais manifestamos o nosso penhorado agradecimento por essas contribuições.

uma equipe de Monitores do Banco do Nordeste do Brasil que, pela primeira vez, no interior do Estado, ministrou um treinamento de TWI (Training Withing Industry); é pioneira na renovação de métodos de ensino do antigo curso primário, antepondo-se mesmo à instalação da Sétima Região da Secretaria da Educação e Cultura do Estado (1963); é pioneira no trabalho de organização das comunidades rurais, da região; pioneira na preparação de professores de Alfabetização de Adultos e na própria alfabetização direta de adultos, por métodos especiais, precedendo, inclusive, o M O B R A L (1964). (Visão Detalhada da F P I, 1958/1974, brochura divulgada por aquela entidade sócio-educacional).

Precisamente aqui, cabe a mim, relevar por dever o que é de verdade, em nome de todos aqueles que hoje contemporizam os 10 últimos anos de nossa história, a figura central, com ajuda de outros, preparado e destinado para o tempo preciso, D. Vicente de Paulo Araújo Matos, homem de sabedoria e ação, que tem, através desta entidade que é a FPI, trazido consciência ao povo de suas novas oportunidades.

Conjugados os esforços dos colégios particulares, Diocesano e Santa Teresa, nascidos da elite intelectual do antigo Seminário, por criação do primeiro Bispo, D. Quintino, do Colégio Madre Ana Couto, por criação do atual, aos esforços do Colégio Estadual, Municipal e outros hoje atuantes, consolida-se o ensino de primeiro e segundo graus e trabalha-se pela continuidade na Universidade. É já de fundamental importância, para tanto, os institutos e fundações, bem como as faculdades existentes.

Se o Crato cresceu, não foi ele a crescer só. A múltipla face da realidade regional diz da riqueza que ela consigo traz. Embora tomada e assumida a liderança cultural, não consti-

tui este aspecto o só suporte e fator de equilíbrio para unidade regional. Outros setores importantíssimos de atividades se subdividem e se deslocam regionalmente, renovando dia a dia uma nova ideologia, que orientada e prudentemente dirigida só reverterá em benefício de todos.

## CONCLUSÃO

Valho-me, para concluir estas reflexões, talvez ousadas, irrelevantes, do espírito com que se tem dado processo e desenvolvimento às comemorações deste Centenário.

Contrariamente ao modismo atual, de volta aos esquemas saudosistas, decidiu-se, como maturação nos grupos de trabalho, por uma comemoração prospectivista e de engajamento no momento de uma consciência coletiva, que por si já se impõe.

Precisamente no dia 07 de março de 1975, procedia Dom Vicente de Paulo Araújo Matos a inauguração da Biblioteca Centenário para os jovens do populoso e venerável Bairro. E na Capela, dedicado ao humilde Carpinteiro, distribuía diplomas à liderança jovem e idosa dos líderes do Bairro.

Estes atos, por si sós, parecem confirmar o ângulo em que se desenvolveram as nossas reflexões.

Ajunta-se a estes fatos, numa linha prospectiva ainda, dois maiores acontecimentos, demonstração de fé,

---

### SENADOR WILSON GONÇALVES : GRANDE AMIGO DO I. C. C.

O Senador Wilson Gonçalves voltou a prometer nova ajuda ao Instituto Cultural do Cariri, no Orçamento da União para 1976, a exemplo do que tem feito todos os anos. O eminente homem público compreende e valoriza o nosso trabalho, prestando-nos, sempre, ajuda inestimável em nossas iniciativas.

vontade e engajamento: o Simpósio Regional de Educação, realizado de 09 a 11 de Junho, com a instalação solene da Fundação Educacional Martins Filho (FEMARF).

E assim como foi o entusiasmo do povo, trazido pelas Missões de 1872, o caminho certo para a interiorização do ensino, sejam os frutos do Simpósio, a sensibilidade aos problemas regionais e a compreensão do valor do trabalho em grupo, como os esforços e trabalhos da FEMARF, portas abertas para a interiorização da Universidade.

---

(Pronunciado na Sessão Solene promovida pela Assembléia Legislativa do Estado, em comemoração ao Centenário do Seminário São José, do Crato, no dia 1º de Outubro de 1975).

---

### REVISTA DO ATENEU ANGRENSE DE LETRAS E ARTES

Temos recebido, com absoluta regularidade, a Revista do ATENEU ANGRENSE DE LETRAS E ARTES, modelar instituição cultural, fundada e mantida em ANGRA DOS REIS, Estado do Rio de Janeiro. É publicação bem feita, séria, objetiva e documental, que tem resguardado para a posteridade, inumeráveis documentos e depoimentos sobre aquela histórica cidade e as regiões próximas.

O ATENEU é dirigido superiormente pelo intelectual Alípio Mendes, e de sua Diretoria constam os nomes de Dr. Alberto Gomes Duarte Crespo, Luis Carlos de Carvalho e Antuan Abado Henne. Parabenizamos os distintos confrades e desejamos fecundas atividades pelo futuro afora. Agradecemos a remessa e queremos continuar mantendo o proveitoso intercâmbio.

# Banco do Brasil S. A.

— AGÊNCIA DO CRATO —



**40 ANOS DE BONS SERVIÇOS!**



— AO COMÉRCIO!

— À INDÚSTRIA!

— A AGROPECUÁRIA DA REGIÃO!



**PRAZOS ATÉ 12 ANOS**

**CARÊNCIA ATÉ 6 ANOS**

**JUROS ATÉ 7% AO ANO**



**AQUISIÇÃO DE INSUMOS MODERNOS, FINANCIADOS  
ABSOLUTAMENTE SEM JUROS**



CRATO

—x—

CEARA

# Centenário de Marcante Presença

Minhas Senhoras  
Meus Senhores  
Senhores Deputados:

Na vida de um homem há, graças a Deus, momentos de rara felicidade. E quando estes momentos acontecem na vida de um homem público, de um representante do povo, aí então eles se tornam mais importantes, têm significado muito maior. É o que acontece a este humilde orador que vos fala neste instante. No início deste ano, ao se anunciarem as solenidades com que a Diocese e o povo do Crato resolveram comemorar a passagem do Centenário de fundação do SEMINÁRIO DE SÃO JOSÉ, tive a grata satisfação e porque não dizer, a inspiração de, através de requerimento, solicitar a esta Casa do Povo a realização desta Sessão Solene para também aqui se comemorar a data para todos muito grata.

A idéia que tive, após aprovada neste plenário, teve também a maior receptividade no seio da Comissão que organizou os festejos do Centenário do Seminário de São José. E aqui estamos, justamente para com esta solenidade, encerrarmos as aludidas comemorações. Não pretendo fazer história porque para isto foi designado um conferencista a quem teremos o prazer de ouvir dentro de mais alguns minutos, o professor Paulo Tasso Teixeira Mendes.

Acontece, porém, meus amigos, que como autor do requerimento que deu origem a esta solenidade, regimentalmente, teria que ocupar esta tribuna. Em meu nome pessoal e também da ilustrada bancada do meu partido, quero me congratular com o povo do

Crato, com suas autoridades civis e eclesiásticas, com a mocidade, com o mundo intelectual da "Princesa do Cariri". Crato foi inegavelmente o berço da educação no interior do Estado. Ali, na Terra da Bárbara de Alencar, se disseminou, pela vez primeira, o gosto pelo estudo, pelas letras, pela educação.

Foi uma predestinação talvez. A antiga Vila Real do Crato, desde cedo, sonhou com um estabelecimento de ensino modelar. E há mais de cem anos atrás, quando tudo era difícil no interior, sua gente já alimentava o sonho embrião do vetusto Seminário de São José e também por extensão, das escolas de nível superior que hoje funcionam na "Princesa do Cariri". Vale recordar nesta ocasião, apenas superficialmente, que foi o Seminário de São José, o primeiro estabelecimento de ensino médio e superior do interior do nordeste brasileiro, fato que muito orgulha o povo cratense.

No dizer de Raquel de Queiroz — "foi o velho Seminário fundado por obstinada fé dos habitantes da Região. O Bispo D. Luiz Antônio dos Santos, que consentiu a idéia de um estabelecimento de ensino daquele porte para uma Região distante de tudo e de todos e que também o construiu, até sorriu quando uma comissão de cratenses lhe disse do seu sonho de possuírem um tal estabelecimento de ensino — no caso um Seminário — naquele coração do Cariri, a cem léguas de distância da capital. Provavelmente, S. Excia. D. Luiz Antônio dos Santos, filho de outra Província, não tinha bem noção do valor daquela terra e daquela gente. Mas, — é ainda Raquel de

Queiroz que continua — acabou se convencendo, fiou na generosidade e na fé do povo e com os primeiros três contos de réis ganhos de esmolas, iniciaram-se as obras. Em março de 1875, inaugurou-se a casa de ensino por onde passaram várias personalidades que vieram a ter importância fundamental na vida educacional, social, política e cultural do Estado e do País.

Profundamente emocionado, meus senhores, tendo o prazer de nesta tribuna abrir esta sessão de hoje, homenageando e tecendo lóas a um estabelecimento de ensino no qual durante alguns anos estudei. Além do lado intelectual, aprendi ali as mais sublimes lições de humildade, de fraternidade, a disciplina rígida que molda os verdadeiros homens e o seu caráter, e mais que isto, a Religião de Cristo com os seus ensinamentos maravilhosos.

Relembro agora a figura inolvidável do primeiro Bispo do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva e do meu tempo de Seminário, algumas figuras exponenciais de mestres e santos. Dom Francisco de Assis Pires, o anjo-prelado que a Bahia mandou para a Diocese do Crato, dando ali ao seu rebanho os mais acendrados exemplos de humildade, santidade e amor ao próximo. A figura veneranda de Mons. Miguel Tavares Campos, meu primeiro Reitor no velho Seminário, também formidável exemplo de santidade e humildade. Recordo também e para alegria minha, neste instante aqui presente, Mons. Francisco de Holanda Montenegro, meu primeiro mestre de disciplina. Revejo na memória a figura de grande mestre que foi Mons. Pedro Rocha de Oliveira, o Anjo da pobreza do velho Bairro do Seminário, assim como relembro tantos e tantos outros mestres que durante anos muito fizeram pela mocidade caririense ensinando-lhes as letras que tornam o homem culto e a fé e o

amor de Deus, que conduzem os homens para a feliz eternidade.

Não quero e nem devo mais me alongar meus senhores. A minha obrigação está cumprida. Nestas poucas palavras, em meu nome pessoal e da bancada do MDB a quem com muito orgulho pertença, a minha mais sincera saudação ao povo do Crato.

Homenagem também a esta figura de antistite trabalhador, dinâmico, que continua dando ao Crato o alento que precisa para ser indiscutivelmente a cidade cultura do interior do Ceará. Refiro-me a Dom Vicente de Araújo Matos. O velho Seminário do Crato está hoje representado por aquelas três faculdades em plena atividade na "Princesa do Cariri": Faculdades de Filosofia, Direito e Economia, que são sem dúvida, símbolo de constante elevação cultural não apenas para o Crato, mas para os municípios e estados vizinhos que deram origem à Fundação Educacional Martins Filho, futura mantenedora da sonhada Universidade Regional do Cariri, com sede em Crato.

Minhas congratulações e meus aplausos para a Comissão Central dos Festejos do Centenário do Seminário de São José e também aplausos a valorosa imprensa cratense, que divulgou todas as solenidades de maneira brilhante. Orgulhoso de ser filho do Cariri e de ter durante anos "alisado os bancos" do velho Seminário, deixo a tribuna para ouvir com muito prazer, logo mais, o orador oficial desta sessão solene da Assembléia Legislativa do Ceará, o emérito professor Paulo Tasso Teixeira Mendes.

Tenho dito".

(Discurso proferido pelo Deputado Wilson Machado, na Sessão Solene da Assembléia Legislativa, em 1º de Outubro de 1975, em homenagem ao Centenário do Seminário S. José do Crato).

# Homenagem Merecida

Já é tradição nesta casa homenagear datas. Neste momento, engalana-se ela com a veste solene dos grandes dias, para homenagear e honrar o clero cearense, comemorando o Centenário do Seminário São José da cidade do Crato.

Engalana-se esta casa, nesta noite memorável, para recebê-los e participando tragam o seu testemunho pessoal para a beleza cívica desta homenagem que a casa do povo cearense, e por que não dizer, que o povo cearense nesta oportunidade, presta ao seu clero no simbolismo histórico da comemoração do Centenário do Seminário São José.

No momento em que estão mobilizadas as forças vivas da cultura, da gratidão e do reconhecimento de uma grande parcela da população deste Estado, para prestar neste ano centenário, uma homenagem por demais significativa para todo o Ceará e mais especificamente para a região do Cariri e para a cidade do Crato, a Assembléia Legislativa do Ceará, associando-se a essas festividades através dos representantes constituídos de todo o povo cearense, presta nesta noite invulgar, nesta noite podemos dizer histórica para a sua vida e para o povo que a mesma representa, uma homenagem especial com esta sessão solene, que traduz com o comparecimento de tão ilustres convidados, a importância e a significação desta efeméride, dando-lhe no devido porte a consideração emprestada aos atos cívicos de real grandeza.

É com justo orgulho que, em nome da Aliança Renovadora Nacional, tenho a insigne honra de saudando os nossos ilustres convidados, associarme às homenagens que a Assembléia Legislativa do Estado do Ceará,

presta neste momento, a todo o clero cearense no ensejo das comemorações do Centenário do Seminário S. José.

No ano de 1874, vindo de encontro aos justos anseios do povo do Crato, que desejava fosse ali instalado um educandário para atender a juventude estudiosa daquela região, Dom Luís Antônio dos Santos, Bispo de Fortaleza, constatando pessoalmente as possibilidades privilegiadas da situação geográfica daquela região que, já naquela época, tinha na cidade do Crato, o centro polarizador dos movimentos sócio-políticos e econômicos de todo o sul do Estado, autorizou a instalação do segundo Seminário em terras cearenses, pois havia antes criado e instalado o Seminário de Fortaleza.

Foi assim que no ano de 1875, fruto da visão esclarecida do eminente Antístite, foi fundado o Seminário São José na cidade do Crato.

Durante anos foram atraídos àquela cidade, jovens dos mais longínquos sertões do Ceará, de Pernambuco, da Paraíba, do Piauí e do Rio Grande do Norte, transformando-a desde logo, num centro de influência intelectual com repercussão à toda região nordestina.

Com a abertura dessa Escola, promoveu-se o desenvolvimento educacional da região, formando personalidades e preparando politicamente uma verdadeira elite de intelectuais desta e de outras paragens.

A cidade do Crato, como centro polarizador, tornou-se desde cedo pioneira em todos os movimentos sócio-educacionais que mais tarde a transformariam em "Cidade Princesa", em "Capital da Cultura", em "Município Modelo do Ceará", e hoje, já consolidada a sua infra-estrutura educacio-

nal, se projeta para novos horizontes em busca do "Universal pelo Regional", aspirando atingir num futuro próximo, a realidade de sua Universidade Regional do Cariri.

O Seminário São José se plantou numa região e numa época que desconhecia a experiência educacional propriamente dita. Teve, em consequência, de desbravar e abrir caminhos em várias direções com o objetivo de iniciar uma tradição que somente a sequência contínua de muitos anos transformou em estrutura consistente.

Foi ele o responsável pela posição privilegiada que desfruta a região do Cariri no setor educacional. Hoje, essa Região, conta com uma estrutura cultural sólida e atuante, firmada em trinta Colégios e três Escolas Superiores atualmente em pleno funcionamento: a Faculdade de Filosofia do Crato com os ramos de Pedagogia, Letras, História, Ciências Biológicas e Geografia, a Faculdade de Ciências Econômicas e a Faculdade de Direito e dentro em breve acrescidas das Faculdades de Engenharia de Operação, Administração, Ciências Sociais, Enfermagem, Odontologia e Farmácia, oferecendo as condições suficientes para que seja implantada a sua Universidade.

Coube, assim, a todos nós filhos daquela gleba, ordenar e alimentar esse desenvolver, com vistas ao futuro da nossa região e da nossa pátria.

O Seminário São José da cidade do Crato, não comemora somente um passado e sim uma tradição cheia de

glórias. Revive os seus cem anos de existência atuante, para neste momento presenciar os frutos benjazejos do saber e da cultura, materializados hoje, no funcionamento de três Escolas de Ensino Superior e num amanhã que se aproxima a passos largos, presenciar a concretização do sonho maior que é a instalação da Universidade Regional do Cariri, que ensinará o desenvolvimento integral da região sul cearense.

A marcante atuação, que aquela casa de formação e cultura teve no passado, sob a égide de Dom Luis Antônio dos Santos, continua no presente, sob o beneplácito de Dom Vicente de Araújo Matos, DD. Bispo Diocesano, dentro de uma nova sistemática, que não permitiu solução de continuidade naquilo que a sua tradição tem de mais preciosa que é a difusão sócio-educacional à comunidade caririense dentro do contexto sócio-religioso.

A homenagem que o Poder Legislativo do Ceará está prestando, nesta noite, unindo-se as comemorações do Centenário do Seminário Diocesano São José da cidade do Crato, expressa a admiração e o reconhecimento do povo cearense, que através desta casa quer também trazer a sua palavra de exaltação e de agradecimento ao ilustre clero cearense.

(Discurso pronunciado na Assembleia Legislativa do Estado, quando da homenagem prestada por aquela Casa, ao Centenário do Seminário, em 01.10.75).

## **INSTITUTO DO CEARÁ HOMENAGEOU CENTENÁRIO DO SEMINÁRIO**

Por proposição do seu ilustre consócio, General Raimundo Teles Pinheiro, o INSTITUTO DO CEARÁ prestou significativa homenagem ao Centenário de criação do Seminário Diocesano São José, de Crato. A proposição do General Teles tem data de 20 de Março de 1975 e aquela entidade inseriu em data dos seus trabalhos um voto de regozijo e louvor, tendo oficiado à Diocese e à Direção do Seminário.

# Encerrando as Festividades do Centenário

Na sessão de encerramento das comemorações do 61º aniversário da Diocese e do Centenário do Seminário S. José, no dia 19 de outubro, D. Vicente Matos, Bispo Diocesano, proferiu o seguinte discurso:

“Crato vive, neste ano de 1975, uma intensa experiência comemorativa. O Centenário do Seminário São José, cujo ano festivo de comemorações hoje encerramos solenemente, propiciou à comunidade para sérias reflexões e análises profundas. E com um destaque. Ao contrário da moda vigente que procura nostalgicamente reviver um passado mais ou menos remoto, a comunidade cratense celebrou o Centenário em bases prospectivas, preparando o futuro e assumindo as responsabilidades históricas.

Estas, meus senhores e senhoras são também as preocupações básicas que orientam a Ação Pastoral nesta Diocese. A plena consciência de uma continuidade histórica na Ação Promocional da Diocese dá-nos as dimensões desta responsabilidade intransferível.

Os Serviços Gerais e A Ação Social Diocesana se irradiam através da pluriforme atuação da FUNDAÇÃO PADRE IBIAPINA. Assim, a presença da Igreja no processo de desenvolvimento desta Região é o Imperativo implícito de sua missão evangelizadora, além de decorrência lógica do papel desempenhado pela mesma Igreja na civilização e colonização das plagas caririenses.

Temos procurado orientar a missão evangelizadora desta nossa Diocese, segundo a dinâmica deste legado histórico: prosseguir a opção de desen-

volver pela educação que parece ter sido a grande decisão do fundador do Seminário e precursor do ensino sistemático na Região e atualizar a metodologia de evangelização humanizadora do Padre Ibiapina, pioneiro de ação social-comunitária em terras nordestinas.

O ensino superior, médio e alfabetização, bem como a ação promocional da Fundação Padre Ibiapina são os instrumentos pastorais de que nos servimos para alcançar nosso objetivo pastoral por excelência: anunciar a boa nova aos pobres, para que o mundo vendo que eles estão sendo evangelizados, acredite na eficácia da palavra do Senhor.

---

## EDIÇÃO N.º 19 DE "ITAYTERA"

A edição N.º 19, da revista ITAYTERA, não saiu, como as anteriores, no mês de Julho. Veio sair em fins de 1975, tendo sido impressa na Imprensa Universitária do Ceará, em Fortaleza. Nesta oportunidade, o ICC testemunha o seu reconhecimento ao Magnífico Reitor, Pedro Teixeira Barroso, ao Sr. Anselmo Frazão, Diretor da I. U. C. e aos estimados amigos, General Raimundo Teles Pinheiro, F. S. Nascimento e Paulo Cartaxo, que muito envidaram esforços para que a revista ITAYTERA fosse impressa na capital. Agradecemos, também, ao Rotary Club do Crato, pela sua palavra de apoio àquela nossa iniciativa.

Exmo. Sr. Representante do Exmo. Sr. Ministro do Trabalho, Dr. Luiz Gonzaga Ferreira. Na concretização destas suas metas pastorais, a Diocese do Crato tem encontrado apoio e compreensão dos Programas Sociais do Governo Federal. O Plano de Profissionalização, desenvolvido com proficiência do Ministério do Trabalho, tem sido um manancial de recursos para a promoção humana, através da qualificação profissional que ativa e dinamiza a nossa economia, através de melhores condições de produção.

Esta homenagem de reconhecimento com os beneficiários dos nossos Programas Sociais comuns distinguem a pessoa do Exmo. Sr. Ministro a quem V. Excia. representa diz muito bem do apreço e consideração e merece de todos o empenho de servir ao próximo e às missões de altruísmo.

Com espírito de independência e sem subserviência; com isenção de ânimo sem subordinação a quaisquer injunções políticas ou ideológicas, temos firmado e renovado sucessivos convênios, demonstrando na prática que a luta efetiva e corrente pelo bem-estar do povo pode sanar situações as mais delicadas. Define também uma metodologia de entendimento através da ação.

Com efeito, neste momento de dificuldade atravessada pelo País e nestas horas sofridas e angustiosas vividas pelo povo, não podemos cair no imobilismo porque divergências e ideais dificultem uma ação convergente. Um entendimento respeitoso e uma compreensão recíproca podem estabelecer um contato que fecunde uma ação social harmoniosa, capaz de proporcionar uma real melhoria nos níveis de vida do povo, elevando-os a padrões mais compatíveis com a concepção humanística e cristã de que cada homem é a imagem de Deus.

Este tem sido o esforço da Pastoral Social desta Diocese e a realidade dos fatos parece nos dar razão.

Exmo. Sr. Dr. Luiz Gonzaga Ferreira: a alegria que transborda do coração de todos os que aqui nos encontramos e de um modo especial esta presença calorosa de nossos Líderes Rurais querem significar o melhor reconhecimento pela atuação do Ministério do Trabalho e de seu dinâmico Titular, Deputado Arnaldo Prieto. Queira transmitir-lhe o gesto e a expressão do momento que vivemos nesta solenidade de encerramento das comemorações do Centenário do Seminário S. José, entidade que iniciou a obra promocional que a FUNDAÇÃO PADRE IBIAPINA alarga, expande, diversifica.

Queremos, neste mesmo gesto, prestar singular homenagem aos Exmos. Srs. Presidentes Médici e Geisel, em cujas personalidades encontramos apoio decisivo, no prosseguimento de trabalhos que se caracterizam — já o afirmamos — como responsabilidade histórica intransferível.

Por isso, Exmo. Sr. Luiz Gonzaga Ferreira, receba como pessoa do Governo, estas homenagens e saudações efusivas da Fundação Padre Ibiapina como incentivo ao elevado senso de altruísmo e espírito público que bem o percebemos distinguem a atual Administração Federal e de estímulo benzefejoso ao trabalho promocional do Ministério de que V. Excia. é representante qualificado.

Que Deus abençoe os nossos mútuos esforços e que o povo possa colher os melhores frutos dessa colaboração”.

---

**TIPOGRAFIA? só a do CARIRI**

de RAIMUNDO PIRES MAIA

A Melhor do Interior do Estado

RUA Dr. JOÃO PESSOA, 380 / 386

CRATO — CEARA

# Policlínica Odontológica do Crato

SERVIÇOS DENTÁRIOS COMPLETOS

CLÍNICA

CIRURGICA

PRÓTESE

RADIOLOGIA

*Dr. Anibal Viana de Figueiredo*

*Dr. Francisco Ailton Esmeraldo*

RUA BARBARA DE ALENCAR N.º 903

ESQUINA COM A Dr. JOAO PESSOA

CRATO

—

CEARA

# Industria de Massas Alimenticias Gessi

— I M A G —

ESMERADA FABRICAÇÃO DOS MAIS FAMOSOS  
BISCOITOS E MACARRÕES

**PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE**

A VENDA NAS PRINCIPAIS MERCEARIAS  
E SUPER-MERCADOS

**RUA SANTOS DUMONT, 20/22**

FONES: 647 e 386

**NOVA FÁBRICA: BAIRRO INDUSTRIAL DO MURITI**

CRATO

—

CEARA

# O ESCUDO DE BARBALHA

Como é do conhecimento de todos os barbalhenses, o governo municipal do Sr. Antonio Costa Sampaio se caracterizou por um agrupamento de realizações sob metas cuidadosamente premeditadas e realizadas segundo plano baseado em infra estrutura.

Conforme seu espírito cívico, pensou ele como poderiam ser representados BRASÃO e ARMAS do Município que simbolizassem o meio físico da Terra dos Verdes Canaviais, bem como a mentalidade de um povo que só sabe lutar com as armas da luz. É a sua diviza.

Escreveu então, o Sr. Prefeito, ao Diretor da Enciclopédia Heráldica Municipalista, em São Paulo, forneceu os dados sobre o que já dissemos, solicitando um sinal material representativo de tais predicados. Não tardou em receber o ESCUDO com a descrição simbólica seguinte:

Escudo Samítico encimado pela coroa mural de oito torres de argente. Em campo blau, um endentado de argente separando um terrado de sinapla carregado de um faixa ou dada do argente; formado em chefe o sol heráldico de jalde.

Bordadura de argente legeada de sable. Como suportes, à dextra e sinistra do Escudo, hastes de cana-de-açúcar ao natural, entre cruzadas em ponte e sobre pastas por um livro aberto de jalde contendo a inscrição de diviza em letras de sable: "LÜTEMOS COM AS ARMAS DA LUZ" enfeixando os ornamentos exteriores e sobrepondo o livro aberto e as hastes de cana-de-açúcar um litel de goles, contendo letras argen-

tinias o topônimo: "BARBALHA" ladeado pela data 17 - 8 - 1846.

O Escudo Samítico, usado para representar o BRASÃO de Armas de Barbalha, foi o primeiro estilo de escudo introduzido em Portugal por influência francesa, herdada pela Heráldica brasileira como evocativo da raça latina colonizadora e principal formadora da nossa nacionalidade.

A coroa mural que sobrepõe é o símbolo universal dos brasões de domínio que, sendo de argente (prata) de oito torres, das quais apenas cinco visíveis em perspectivas no desenho, classifica a cidade representada na Segunda Grandeza, ou seja sede de Comarca.

A cor blau (azul) do campo do estudo simboliza no brasão o firmamento onde fulguram cintilante o sol heráldico de jalde (ouro); a cor azul representa a justiça, nobreza, perseverança, zelo e lealdade; o sol heráldico é representado no brasão por um círculo com feições humana irradiando dezesseis raios sendo oito retilíneos e oito curvilíneos — símbolo de glória, eternidade, fama, unidade e verdade — e sempre — e sempre representado na cor de metal ouro lembrando a refulgência da luz; a cor do metal é hierógrifo de riqueza, nobreza, esplendor, grandeza e mando.

O endentado de argente (prata) representa no brasão o chapadão da serra do Araripe e o Tenado Sinapla verde carregado de uma faixa ou dada de argente (prata) simboliza o próprio vale do Salamanca e o rio que lhe empresta o nome.

A cor do metal argente é símbolo

de paz, progresso, ansiedade, religiosidade e pureza; a cor sinapla (verde) é emblema de civilidade, alegria, honra, cortezia e abundância — é a simbólica da "esperança" e a esperança é "verde" porque alude aos campos verdejantes na primavera, fazer "esperar" copiosa colheita.

A bordadura é símbolo heráldico de favor e proteção peça honrosa aplicada para destacar feito ou acontecimento de relevante importância, como, no caso do Brasão de Barbalha a configuração da dádiva da natureza, dotando o município de jazidas, calcário. E a bordadura ladeada de sable (preto) lembrando a forma de lajes irregulares tal como são extraídas das jazidas.

A existência de jazidas de calcário em Barbalha, dando origem a implantação de industrialização representada pela indústria Barbalhense de Cimento Portland S. A., vem a se constituir em uma das principais riquezas econômicas do município.

Nos ornamentos exteriores as hastes de cana-de-açúcar lembra o principal produto oriundo da terra dádiva e fértil.

O livro aberto, de ouro, contendo em letras de sable (preto) a divisa: "Lutemos com as Armas da Luz" perenisa a frase histórica de que é testemunha a tendência e o gosto do povo barbalhense pela instrução e pela cultura; a cor sable (preto) é símbolo heráldico da prudência, ciência, sabedoria, moderação e cultura.

No cistel de poles vermelhos em letras argentinas (prateados) inscreve-se o topônimo identificador "Barbalha" ladeado pela data 17-8-1846 de sua emancipação político-administrativa. A cor vermelho do listel é símbolo de auros-pátrio, dedicação, audácia, intrepidez, coragem, valentia.

ITAYTERA é o revérbero da mente caririense. Símbolo que representa o Instituto Cultural de uma Região que há mais de duzentos anos fulgura na geografia nordestina e

cultura pátria, embora pouco divulgado o Cariri na História do Brasil, razão porque tristemente comentava o historiador Dr. Irineu Pinheiro este descaso.

ITAYTERA não se assemelha à "Solitária" celeste, a "estrela vesper do pastor errante", que embeleza nossas noites nuas, mas pequenino sinal luminoso na constelação das letras nacionais, da Pátria, em cujo "céu formoso e límpido a imagem do cruzeiro resplandece".

Se o leitor desta revista — tão bem dirigida pelo jornalista Lindemberg de Aquino, símbolo da inteligência peregrina do Crato e pelo seu não menos reluzente corpo readicional — dignar-se verificar o Escudo de Barbalha, entenderá como os barbalhenses são um povo de sentimentos elevados, que também tem oferecido nomes a Deus e à Pátria comum de todos os Brasileiros.

---

### O Secretário de Cultura do Estado Cumprimenta o Presidente do ICC

O Secretário de Cultura do Ceará, Dr. Ernando Uchôa Lima, enviou o seguinte ofício a J. Lindemberg de Aquino, Presidente do Instituto Cultural do Cariri:

"Senhor Presidente:

Acusamos o recebimento de sua comunicação, de novembro corrente, relativamente á eleição e á posse da nova Diretoria do Instituto Cultural do Cariri.

Formulando votos para que a gloriosa entidade cultural caririense se desenvolva e se afirme, cada vez mais, sob a orientação da Diretoria ora empossada, agradecemos a atenção do seu comunicado e valemo-nos do ensejo para apresentar a V. Sia. protestos de estima e consideração.

Assinado: Ernando Uchoa Lima, Secretário de Cultura, Desporto e Promoção Social".

# Banco Industrial do Ceará S. A.

---

---

**A SÓLIDA ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA**

**QUE NASCEU PARA SERVIR A REGIÃO**

**MATRIZ :**

**JUAZEIRO DO NORTE — RUA SANTA LUZIA**

**FILIAIS :**

**CRATO — RUA BARBARA DE ALENCAR**

**FORTALEZA — RUA BARÃO DO RIO BRANCO**

# Thomaz Osterne de Alencar S. A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

PARA AVIAMENTOS E PEQUENAS INDÚSTRIAS:

**MOTORES YANMAR DIESEL**

UMA ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL NO CARIRI

MOTORES ELÉTRICOS **GENERAL ELECTRIC**

MOTO-BOMBAS **MONTGOMERY E YANMAR**

GELADEIRAS **GENERAL ELECTRIC E CONSUL**

LIQUIDIFICADORES **ARNO E WALITA**

RÁDIOS E RADIOFONES **PHILCO, ABC, PHILLIPS**

TELEVISORES EM GERAL — INCLUSIVE EM CORES

VARIADO MATERIAL ELÉTRICO

**MATRIZ:** RUA Dr. JOÃO PESSOA N.º 405 — FONE: 583

**FILIAL:** BARBARA DE ALENCAR N.º 796 — FONE: 584

Endereço Telegráfico: "OSTERN"

CRATO

—

CEARÁ

# CENTRO DE MELHORAMENTOS DE BARBALHA

(DISCURSO PRONUNCIADO QUANDO DE SUA FUNDAÇÃO,  
EM 15 DE AGOSTO DE 1944)

Aqui estamos congregados, nesta magna assembleia, composta dos elementos mais representativos de Barbalha, numa atitude espontânea e intransigente para trabalharmos pelo soerguimento da nossa Terra. Este movimento sadio que reúne sem distinção, todos os filhos de Barbalha, deve orientar também, num só sentido, todas as suas melhores energias. A expressão desse movimento, por si só traduz claramente a relevância do assunto e faz ressaltar de logo o entusiasmo de que estamos possuídos pelo encanto e pela beleza de tão nobre e patriótica iniciativa. Aqui, as energias se somam e o amor se desdobra em desprendimento no desejo único e na ansia incontida de antevermos um povo próspero e uma cidade feliz. Precisamos ter a característica de um povo progressista, cõscio do seu próprio valor pela vibração unisona dos nossos desejos e pelo mérito incontestado das nossas realizações. Precisamos fugir às nossas tradições de quietude, que nos têm privado do que mais necessitamos; abandonemos o repouso pelo movimento e deste modo veremos realizados os nossos mais justos anseios e as nossas mais lídimas aspirações.

Não vale recordar aqui a série incontável de vezes por que passamos; o passado já se foi e o presente é que nos interessa agora; raiou um novo sol para os nossos horizontes, e o eclodir de uma nova era, nos acena cheio de esperanças. Barbalha agora, num impulso referto de patriotismo, resolveu unir-se, num centro de realização benéfica, para pugnar pelo seu progresso e pelo seu engrandeci-

mento. Bendita idéia! Louvável empreendimento! Resolveu reunir-se hoje, nesta assembleia, por certo memorável um dia, para delinear o seu plano geral de ação, para traçar e definir o seu programa, fundando, então, uma Sociedade pró melhoramento da Terra. É realmente, um gesto digno dos maiores encômios, merecedor da nossa mais irrestrita solidariedade. Todo o barbalhense deve estar exultando de contentamento e animado dos melhores propósitos de emprestar todo o seu prestígio à novel organização nascente.

E o que vai fazer esta organização? O que vai realizar esta Sociedade? Será assunto desta assembleia. De um modo geral, a Sociedade constituir-se-á em centro de defesa de todos os interesses ligados diretamente ao progresso da Terra. Tudo o que possa interessar ao bem-estar da Terra, será objeto de exame da novel organização. E múltiplos são os magnos problemas que reclamam, simultaneamente, a prioridade nas soluções. Podemos enumerar, em primeira linha, dentre estes palpitan-tes assuntos, a criação de um colégio para educação da mocidade, as questões prementes de fornecimento de luz e abastecimento d'água, assistên-

---

**TIPOGRAFIA? só a do CARIRI**  
de RAIMUNDO PIRES MAIA

A Melhor do Interior do Estado  
RUA Dr. JOÃO PESSOA, 380 / 386  
CRATO — CEARÁ

cia hospitalar e o problema por excelência, a figura central das nossas necessidades — a Estrada de Ferro.

Ressente-se a nossa Terra da falta de tudo isto, e uma das grandes lacunas é a ausência de um estabelecimento de ensino secundário, onde eficientemente seja ministrado à nossa juventude, o curso de humanidades. Dezenas e dezenas de estudantes de ambos os sexos, frequentam cursos em várias cidades deste e de outros Estados, com dispêndio muitas vezes, oneroso para a economia dos pais. Pela falta de um estabelecimento de ensino, muitas famílias se vêm na contingência de transferir sua residência tão somente pela comodidade da educação dos filhos. Para conforto nosso, esta parte já se encaminha para uma solução satisfatória; os padres Salvatorianos já nos fizeram uma visita e se mostram inclinados a aceitar as nossas ofertas para criação de um colégio em nossa cidade. Inegavelmente, foi, descaso imperdoável dos filhos de Barbalha, haverem descurado condição tão essencial para a vida da Terra, qual tenha sido a da criação de um colégio. Barbalha que desfrutou de longa data, o conceito de amiga das letras, merecendo mesmo a título invejável de Atenas do Cariri, descurou os meios da garantia deste prestígio. E sabemos, que o cultivo apurado das ciências e das letras é, e sempre foi, um fator seguro de progresso e da superioridade de um povo, na multiplicidade dos seus aspectos. Exemplo claro e sedição, nos dá a história da antiguidade clássica, onde vemos a culta Atenas vencer o dominar a forte Esparta. Esta adestrava o físico para o prêmio das competições, Atenas cultivava o espírito para os torneios da inteligência. E vimos a culta Atenas dominar e vencer a adestrada Esparta. Miremo-nos, prezados patrícos, no espelho destas remotas verdades históricas e tiremos delas a máxima que nos cabe.

Dois outros assuntos importantes

reclamam solução urgente: luz e água. A Prefeitura Municipal preocupada com o problema da iluminação pública da cidade, fez os estudos preliminares no sentido de aproveitar uma queda d'água para montagem de uma turbina; enviou os dados a uma casa especializada no assunto em Recife e aguarda o orçamento da despesa. O caso está apenas em estudo e nada oferece de definitivo.

Outro assunto de há muito discutido entre nós é o da fundação de uma casa de Saúde; Barbalha, pela afluência de doentes que lhe procuram, reclama a existência de um serviço hospitalar organizado, para mais eficientemente ser prestada à clientela, assistência condigna.

Estes problemas de capital importância para a vida do Município e lembrados de maneira rápida, nesta minha desprezenciosa apreciação, serão objeto de minucioso e continuado estudo desta Sociedade, cujas bases de fundação estão sendo vigorosamente lançadas. Estes meus comentários sobre os motivos desta Assembléia e esta minha presença neste lugar, ocorreram tão somente, para não desatender à solicitações amigas. Poderia ter eu silenciado, mas assim seria revestir-se de um comodismo imperdoável e contrapôr-me à cota de sacrifício que me está reservada no desenrolar desta campanha. E, considero sacrifício, este do meu posto em que me vêdes agora, porque aqui me encontro atirado à apreciação inteligente dos que me ouvem e dos que me vêm, desenvolvendo tão rico assunto com tão minguidas expressões. Prezados compatrióticos: Inicialmente, deveria ter eu me congratulado como todos vós pela realização desta iniciativa que passará para a história de Barbalha, como um ponto de referência da sua nova fase de vida e de reorganização; o faço agora, em meu nome e em nome do Município que represento, felicitando os promotores da idéia que norteará com acerto, as diretrizes da nossa Terra.

## MINISTRO COSTA CAVALCANTI - Cidadão de Barbalha

Na oportunidade em que apresentei à consideração desta egrégia casa a Resolução N.º 8, auferindo ao ínclito General e Ministro José Costa Cavalcanti, o título de Cidadão Barbalhense, objetivei especialmente, tornar realidade um desejo do povo desta cidade, o qual, com permissão do insigne agraciado, foi de encontro às suas melhores simpatias, uma vez que, se esta cidade não lhe serviu de berço, mas por horas lhe embalou os sonhos infanto-juvenis, quando de férias aqui, ao lado dos seus parentes e companheiros, onde podia respirar melhor a brisa livre da natureza.

Senhor Presidente, senhores vereadores, ilustres agraciados:

Barbalha não é uma cidade como outra qualquer. Embora simples, pequena e de origem natural, tem marcando sua história, episódios que lhe emprestam características próprias, desde a sua localização no tempo e no espaço, às suas primeiras lutas, às suas primeiras vitórias.

A sua origem dista da segunda metade do século XVIII, quando Francisco Magalhães Barreto e Sá, pertencente à linhagem das tradicionais famílias baianas, ou mais propriamente da nobreza de Garcia D'Avila, emigrando a estas paragens, se demorou neste sítio, contemplou a beleza panorâmica que lhe oferecia a natureza, avaliou as possibilidades do vale. Subiu a colina e escutou o remorejar das águas límpidas da corrente, esprou as suas vistas através da vastidão do horizonte, encheu os pulmões do aroma virgem da floração que se disseminava suavemente, tãquida pela delicada brisa da Chapada do Araripe. Sentiu-se surpreendido e confuso, pois acabava de transpor os sertões adustos, de cactos e caatingas, para encontrar neste vale uma

região de condições ecológicas, completamente diversas das terras que vinha de perulstrar.

Aqui o pincel mágico da natureza se demorou e o belo se edificou, unindo-se ao útil.

Foi neste local que Barreto e Sá plantou as suas raízes, edificando sob a invocação de Santo Antonio de Pádua, a capelinha onde os fiéis rendiam graças a Deus e que hoje se transformou no suntuoso templo do Santo Padroeiro.

A formação política de Barbalha teve início no segundo quartel do século XIX, quando a lei 374, de 17 de agosto de 1846, criou o município com sede no núcleo dêste nome. Posteriormente, a lei N.º 1.740, de 30 de agosto de 1876, elevou a vila à categoria de cidade.

Durante o século XIX, Barbalha se caracterizava pela atividade agrícola, o que lhe emprestava ares de aglomerado rural. No entanto, ao transpor os umbrais do século, se tornou, logo no início do século XX, um dos maiores centros comerciais do Cariri, quer pela posição geográfica que ocupa, quer pela operosidade dos seus filhos. Progresso que se arrefeceu com os movimentos revolucionários e belicosos, dentro e fora do país, entre os anos de 1914 a 1918.

A involução sofrida por Barbalha na época citada, perdurou por várias décadas até o fim da Ditadura que se implantou no Brasil pela revolução mal orientada de 1930.

O estabelecimento da ordem democrática no país ensejou que nós voltássemos à luta em busca de dias mais alvissareiros e mais prósperos para o bem social da Comuna através de um trabalho insano, paulatino, mas sempre constante, no qual usamos as armas que estavam ao nosso alcance,

valendo salientar a ajuda valiosa do nosso representante junto à Câmara Baixa do País, na pessoa do Dr. Leão Sampaio, e o trabalho de uma plêiade de cidadãos da nossa terra, cujo objetivo é o desenvolvimento de Barbalha. Muitas energias foram gastas, mas os resultados foram compensadores, pois algo de positivo foi realizado em benefício da comunidade em todos os setores da atividade humana.

O Centro de Melhoramentos de Barbalha, entidade sui-gêneris em todo o país, dinamizado pelos seus fundadores e dirigentes, nas pessoas de Antônio Costa Sampaio, Dr. Pio Sampaio, Dr. Marchet Callou, além de muitos outros, muito tem feito em favor da instrução da nossa terra, valendo salientar o Colégio Santo Antônio e o Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora de Fátima. Aquêlê dirigido pelos padres da Sociedade do Divino Salvador e localizado em amplo e confortável edifício, e êste orientado pelas irmãs da Ordem de São Bento, sediado neste prédio. Vale ainda apresentar que dentro em breve esta cidade terá em funcionamento uma Faculdade de Assistência Social, já fundada, que marcará a era universitária entre nós, proporconando à mocidade estudiosa de Barbalha a oportunidade de ir além do curso secundário, galgando o curso superior e atingindo a vitória dos seus anseios, sem precisar sair de sua cidade.

Meus senhores: atualmente Barbalha já superou as maiores dificuldades e atinge um estágio de evolução bastante satisfatório. Novos horizontes se descortinam, mormente agora, quando a administração municipal está entregue à gestão do Sr. Antônio Costa Sampaio, ao lado do qual, Edmundo Sá Sampaio completa a máquina que tão bem gerencia os negócios públicos do município.

Barbalha marcha firme em nossos dias e, dentro em breve, estará concretizando uma série de realizações das mais significativas para a sua

grandeza. O dinamismo, a operosidade, a luta em que se tem empenhado o chefe do Executivo, no zelo pela coisa pública e no afã de trazer benefícios para a sua comuna, bem diz do interesse que lhe é peculiar e que sempre o caracterizou como benfeitor autêntico, acionador operoso e incansável propulsor da evolução de nossa terra.

Excelentíssimo Senhor Ministro e meus senhores: esta casa do povo tem primado até os nossos dias, pela honestidade, pelo alto espírito democrático, pela imparcialidade, desde os componentes que formaram a primeira representação municipal nos idos do século XIX, graças à consciência esclarecida de nossa gente que tem feito a escolha recair nos homens de bem de nossa comunidade.

A história da câmara dista de 1848 quando a mesma se instalou pela primeira vez, sob a presidência do Revdmo. Pe. José de Sá Barreto (nome que coincide com o do atual presidente), sendo José Modesto Ferreira de Brito, Capitão José Ribeiro da Costa, Severino José Filgueiras, Antônio de Magalhães Landim, Raimundo José Camelo, Antônio Monteiro da Mota e Vicente Pereira Grangeiro, os demais componentes do Poder Legislativo Municipal.

Daí para cá, uma sucessão de novos representantes tem ocupado êste poder, sendo nós, atuais vereadores, os responsáveis pela tarefa honrosa de representar o povo nesta casa.

Senhor Presidente, senhores vereadores, illustre agraciado: O Nordeste Brasileiro desde os tempos remotos da colonização, tem sido palco de episódios que dignificam e enobrecem os seus heróis, enriquecendo as suas tradições, tornando a história do Brasil mais épica, mais bela e mais digna de gerações pósteras. É dentro dêste Nordeste de homens fortes e heróicos, de literatos, de cientistas, de poetas, de escultores, de pintores, de técnicos e políticos, que vamos encontrar o General José Costa Ca-

valcanti, nosso ilustre homenageado. É mais prôpriamente neste Ceará, do Gal. Antônio de Sampaio, herói da guerra do Paraguai, de José de Alencar, maior romancista brasileiro, do notável Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, militar, herói da 2ª guerra mundial e incógnito homem público, artífice e comandante da Revolução redentora de março de 1964, que encontramos o Gal. José Costa Cavalcanti, glória do Exército Nacional e orgulho da Nacionalidade Brasileira.

Senhor Presidente, senhores vereadores:

O Sr. Ministro José Costa Cavalcanti é filho da cidade de Fortaleza, onde nasceu a 6 de janeiro de 1918. São seus progenitores o Sr. Francisco Boaventura Cavalcanti, natural de Jucás, antiga S. Mateus e a Sra. Maria Costa Cavalcanti, natural desta cidade.

Sua Excia. contraiu matrimônio com Da. Haydée Correia Cavalcanti em 1942, na cidade de Manaus, capital do Amazonas. Do consórcio têm três filhos: José Costa Cavalcanti Junior estudante universitário; Magda Maria Cavalcanti Rosa de Almeida, casada; Maria Tereza Corrêa Cavalcanti, a mais jovem, contando nove anos.

O ilustre homenageado fez os seus estudos primário e ginásial no Colégio Cearense de Fortaleza, obtendo sempre lugar de destaque durante os anos que ali estudou.

Posteriormente, no ano de 1935, S. Excia. ingressou na antiga Escola Militar de Realengo, tendo sido o aluno mais brilhante durante todo o currículo, dali saindo aspirante a oficial da arma da Infantaria, em novembro de 1937.

Continuando sua brilhante escalada, fez entre os anos de 1946 e 1948 o curso da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, alcançando o 1º lugar de sua turma.

Como homem de letras, pois domina com fluência a lingua dos Saxões,

fez em 1950 o Curso de Orientação de Lingua Inglesa, sob a orientação do Estado Maior do Exército.

O brilhantismo alcançado na sua carreira militar, mormente nos últimos cursos, lhe valeu um convite, ao lado de um companheiro brasileiro e mais 32 outros de 16 nações, cursar de 1950 a 1951, o Infantry Advanced Officers Course na Infantry School, em Fort Benning, nos Estados Unidos da America do Norte, arrastando de lá, para sua satisfação e orgulho do Brasil, os louros da brilhante vitória de um primeiro lugar.

A carreira militar do Senhor Ministro Costa Cavalcanti; não poderia deixar de ser vertiginosa, uma vez que sua inteligência, sua dedicação e seu espirito de luta, haveriam de guindá-lo em breve tempo ao generalato. Haja vista em 1938, foi promovido a 2º tenente; em 1941, a 1º tenente, em 1944, a capitão, em 1952, a major; em 1959, a tenente-coronel; em 1964, a coronel; para em 1966 se tornar General de Brigada, transferindo-se para a reserva de 1ª classe no Posto de General de Divisão.

Durante a carreira militar, o Sr. Ministro serviu em várias unidades do Exército, e em diversas cidades do território pátrio. Assim é que prestou relevantes trabalhos nas Guarnições de Fortaleza, Manaus, Cacuí, Belém, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Exerceu ainda várias Comissões. Foi Instrutor de Tática e Oficial de Operações da Academia Militar de Agulhas Negras; Instrutor de Tática de Infantaria e Tática Geral da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, pelo espaço de 5 anos.

No exterior serviu durante 2 anos, como Adjunto do Adido do Exército em Washington. Exercendo ainda o cargo de Secretário da Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos, em Washington, durante 2 anos e 6 meses, finalmente, ocupou o cargo de Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra.

Encerrava Sua Excia., de maneira auspiciosa, a sua pujante carreira militar para continuar a servir ao Brasil em outros setores nobilitantes e por demais carentes da presença de homens desta estirpe.

Ao encerrar as suas atividades no glorioso Exército de Caxias, já conquistara um lugar de honra na História do Brasil, mas a sua peregrinação não parou, a sua missão continuou, então, o ilustre Ministro passou a outros setores de atividades, mas sempre com um objetivo que é o de servir à pátria brasileira, elevando-a e tornando-a mais forte e mais digna das gerações porvindouras.

Durante o governo Cid Sampaio, pelo espaço de 4 anos, prestou relevantes trabalhos ao Estado de Pernambuco, à frente da Secretaria de Segurança Pública.

Saindo em 1962, guindado que foi, pelo voto popular, para ocupar uma cadeira de Deputado no Parlamento Nacional.

Em 1966 novamente se candidatou ao cargo de Deputado Federal, sendo agora o 2º mais votado do Estado, o que atesta o merecimento pelo papel que bem desempenhou como representante do povo de Pernambuco.

Com a eleição do Marechal Costa e Silva à suprema Magistratura do País, o General e Deputado Costa Cavalcanti, foi convidado a fazer porte do seu ministério, ocupando a pasta das Minas e Energias, desde março de 1967, deixando somente agora para dirigir o Ministério do Interior.

Em 1964, quando representante do povo no Congresso, o Sr. Ministro teve a missão mais dignificante, mais difícil, mas também a que mais o notabilizou. Com o advento da Revolução Redentora de 31 de março e com a implantação de uma nova filosofia de governo, sob a direção hábil, forte, serena, destemida e inteligente do Marechal Castelo Branco, sua Excia. se tornou na Câmara o porta-vóz da revolução, tornando-

se sem dúvida um verdadeiro arauto na defesa dos princípios que visavam afastar do País os perigos subversivos e iniciando o saneamento moral de que tanto necessitava a Nação. Os inimigos do Brasil haviam armado, através do C. G. T., do P. U. A., e de outros órgãos espúrios, um esquema de delapidação da nação, visando desmoralizá-la e levá-la a uma famigerada República Sino-Soviética.

Mas, graças a Deus, o povo e o Exército souberam dizer basta e arrebataram o Brasil das mãos dos seus inimigos, assegurando-lhe respeito, estruturando e executando as reformas necessárias para que o Brasil se torne mais tarde um País forte e próspero.

Sr. Ministro do Interior: não seria enfadonho enumerar nesta oportunidade o que Barbalha já recebeu de V. Excia. Como atestado evidente, aí está a extensão urbana da rede elétrica, vindo somar mais 137 postes de iluminação pública na cidade. A liberação de Cr\$ 86.000,00 para a construção da linha de transmissão, Juazeiro do Norte - Barbalha, a análise da água do Caldas, in loco, revelando magníficos resultados; o estudo para a implantação da energia rural através da CERNE, o que irá dentro em breve, proporcionar conforto e evolução aos campos do nosso município.

Finalmente, meus Srs., ainda quando Ministro das Minas e Energias sua Excia. autorizou a perfuração de 3 poços profundos, sendo dois na cidade e um na Estação do Campo de Sementes, autorizando ainda o equipamento dos dois que servirão a cidade, de bombas, motores e canos.

Barbalha estará dentro em breve recebendo o equipamento para os referidos poços e terá solucionado o seu crucial problema de falta d'água.

Sr. Ministro, aceite pois este título de cidadão Barbalhense que o povo, através desta Câmara de Vereadores ortorga a V. Excia. É um título que se somará a muitos que já os possuem, é a gratidão do povo pelo que

# ASSESSOR DE MINISTRO ASSEGURA APOIO DO GOVERNO A FUNDAÇÃO

Ao encerrar a sessão de encerramento das comemorações do 61.º Aniversário da Diocese e do Centenário do Seminário S. José, no dia 19 de outubro, o Dr. Luiz Gonzaga Ferreira, Assessor do Ministro do Trabalho, proferiu o seguinte discurso.

"Ao encerrarmos esta sessão solene e a nossa visita ao Crato, em nome do Sr. Ministro do Trabalho, regressamos vivamente impressionados com tudo aquilo que vimos e sentimos nesta encantadora Cidade.

Pensávamos e tentávamos descobrir algo que pudesse reproduzir pela nossa voz toda gratidão do Ministro do Trabalho, pelas citações, pelo carinho com que sua imagem nesta cidade foi rodeada e sobretudo por aquele calor humano que aqui encontramos.

Não é fácil, D. Vicente, traduzir em palavras, aquele sentimento que procuraremos traduzir para o Ministro do Trabalho, buscando identificar

---

já nos tem feito, e pelo muito que ainda nos fará.

O povo desta terra sente-se envaidecido e prezaroso por ver a sua galeria de homens ilustres maior e mais rica.

A Câmara Municipal de Barbalha congratula-se com o seu povo e abraça o Exmo. Ministro José Costa Cavalcanti, "NOVO CIDADÃO BARBALHENSE".

(Discurso proferido pelo Professor Francisco Adávio de Sá Barreto, em 16 de abril de 1969, no Auditório do Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora de Fátima, por ocasião da entrega do Título de "CIDADÃO BARBALHENSE" pela Câmara Municipal de Barbalha ao Ministro do Interior — General José Costa Cavalcanti).

o carinho a esta extraordinária capacidade humana que Crato tão bem demonstrou.

Tentaremos levar a S. Excia., o Ministro do Trabalho, com todas as nossas forças e eventual colorido com que possamos expressar, toda esta beleza das atitudes da gente do Crato, todo o nosso agradecimento, a nossa sensibilidade profunda pela extraordinária experiência que aqui vivemos: o contato com as Autoridades, com os Líderes Sindicais, com as pessoas nascidas no Crato e que dele tão bem se lembram e que tanto querem ao Crato retornar — (nós nos referimos especificamente a umas palavras do General Raimundo Teles que ouvimos hoje no almoço). O seu desejo de aqui voltar a viver identificou-se, perfeitamente com o nosso desejo também de um homem do interior de voltar a viver na nossa Cidade natal. Suas palavras, General, no almoço, nos sensibilizaram, profundamente.

Tentamos, portanto, rapidamente, mais do que outra qualquer citação que possamos vir a fazer e qualquer informação outra, além daquelas que tentamos dar ao povo do Crato nos diferentes contatos que hoje tivemos, reproduzir, pura e simplesmente, toda gratidão do Ministro do Trabalho, pela sinceridade, pelo carinho, pela gentileza que aqui recebemos.

Voltamos para Brasília profundamente sensibilizados e transferiremos, temos certeza, com a sensibilidade e intensidade da nossa emoção ao Ministro do Trabalho toda a beleza das atitudes do povo do Crato, assegurando, na pessoa de Dom Vicente a continuidade daqueles esforços conjuntos que possamos fazer para o desenvolvimento do homem desta extraordinária Região. Muito obrigado e felicidade a todos".

# Cantina do Oliveira

## SUPERMERCADO

●

OS MELHORES PRODUTOS  
AS MELHORES PROCEDÊNCIAS  
OS PREÇOS MAIS CONVIDATIVOS  
— E ENTREGA A DOMICILIO

●

RUA SANTOS DUMONT N.º 49

TELEFONE: 640

●

CRATO

—

CEARA

## LITERATURA POPULAR

João Faustino, natural do sítio Tabocas, município de Exú (Pe), conhecido por SERRADOR, era repentista, também analfabeto. Houve quem copiasse algumas de suas glosas. Espalhadas pelos sertões, hoje quase perdidas:

Negócio sério é perdido,  
Ocasão faz o ladrão,  
Honra demais é orgulho,  
Preguiça faz precisão,  
Quem for podre que se quebre,  
O dinheiro é meu patrão.

Eu só creio no que vejo,  
E acredito no que pego,  
Reza pra quem morreu,  
É como luz para cego  
Quando eu me vejo enrascado,  
Eu não garanto e nem nego.

Pai e mãe é muito bom,  
Barriga cheia é melhor,  
A doença é coisa ruim,  
Porém a morte é pior,  
O poder de Deus é grande,  
Porém o mato é maior.

*Referindo-se certa vez à cegueira da sorte, disse:*

Quando a desgraça quer vir,  
Não manda avizar a ninguém,  
Não quer saber se um vai mal,  
E nem se outro está bem  
E não procura saber,  
Que idade o fulano tem.

Triste sina a de quem nasce,  
Porque, depois de nascer,  
Não escapa de mamar,  
Depois de mamar — viver,  
Depois de viver — pecar,  
Depois de pecar — morrer,  
Depois do corpo pecar —  
A lama é quem vai sofrer.

Eu quero bem as mulheres,  
Porque delas sou nascido,  
Não quero que ninguém diga,  
Que eu sou mal agradecido.

Em mortalha de papel,  
Fumo verde não fumega,  
Onde tem moça bonita,  
Meu coração não sossega.

Morena diz a teu pai,  
Que se quer ser meu amigo,  
Ou me pague o que me deve,

Ou case você comigo.

Quem for para a minha terra,  
Me perdõe a confiança,  
Si vir por lá meu xodó,  
Não deixe de dar lembrança.

Eu fui aquele que disse,  
E como disse, não nego,  
Achando amor de meu gosto,  
Levo o diabo e não me entrego.

Com amores me amofino,  
Tenho um amor em cada mês,  
E esse triste destino,  
De um coração português.

De amor a gente não muda,  
De ano em ano, mês em mês,  
Amor é qui nem bexiga,  
Só dar a gente uma vêz.

Não especula se é branco,  
Se é preto, rico, ou se é pobre,  
Se é de origem de escravo,  
Ou se é de linhagem nobre,  
É como o sol quando nasce,  
O que achar na terra cobre.

De que me serve beber,  
Depois de beber — cuspir,  
Depois de cuspir — tombar,  
Depois de tombar — cair,  
Depois de cair — lançar,  
Depois de lançar — dormir.

Moça bonita é veneno,  
Mata tudo o que é vivente,  
Embedada as criaturas,  
Tira a vergonha da gente.

Esta noite eu tive um sonho,  
Sonho de muita alegria,  
Que me casava a força,  
Logo com quem eu queria.

Eu fui lá não sei aonde,  
Visitar não sei a quem,  
Sai assim não sei como,  
Morrendo não sei por quem.

Plantei amor no meu peito,  
Cuidando que não pegasse,  
Tanto pegou que nasceu,  
Tanto nasceu que ainda nasce.

## VERSOS DE LUIZ DANTAS QUEZADO

Dos mais conhecidos e apreciados poetas populares do Cariri cearense, Luiz Dantas Quezado tem seus versos difundidos pelo povo e quase a se perder, pela falta de uma ordenada publicação. Eis aqui alguns versos da lavra desse autêntico poeta sertanejo:

Onde não está Luis Dantas,  
Só se fazendo um de barro.  
Tomara achar quem garanta,  
A vinda da monarquia,  
E possa haver alegria,  
Onde não está Luiz Dantas...  
Ele diz que quando cantam,  
Sente na guela um pigarro,  
Deixou de fumar cigarro,  
Porque vivia doente,  
Pra não perder-se a semente,  
Só se fazendo um de barro.

Bebida de branco é vinho,  
Palitô de preto é peia.  
Juazeiro é pau de espinho,  
Todo muleque é canalha,  
Fichu de besta é cangalha,  
Bebida de branco é vinho,  
Páu que risca é graminho,  
O jantar à noite é ceia,  
Casa de preso é cadeia,  
Homem de força é Sansão,  
Banho de cabra é facão,  
Palitô de negro é peia.  
Não respeito a fidalguia,  
Homem nenhum me desfeita.

Nunca tive valentia,  
Sou manso e muito prudente,  
É certo, que estando quente,  
Não respeito fidalguia,  
De mim ninguém desconfia,  
Comigo, tudo se ajeita,  
Se a coisa não for direita,  
Nesta cidade do Crato,  
Brigo, dou, apanho e mato:  
Homem nenhum me desfeita.

*Ainda de Luis Dantas, a glosa.*

Nem todo páu dá esteio,  
Nem todo pássaro voa,  
Nem todo inseto é besouro,  
Nem todo judeu é moiro,  
Nem todo páu dá canôa,  
Nem toda notícia é boa,  
Nem tudo que vejo eu creio,

Nem todos zelam o alheio,  
Nem toda medida é reta,  
Nem todo homem é poeta,  
Nem todo páu dá esteio.  
Nem toda água é corrente,  
Nem todo adoçado é mel,  
Nem tudo que amarga é fel,  
Nem todo dia é sol quente,  
Nem todo cabra é valente,  
Nem toda roda tem veio  
Nem todo matuto é feio,  
Nem toda mata é floresta,  
Nem todo bonito presta,  
Nem todo páu dá esteio.

Nem todo páu dá resina,  
Nem toda quintura é fogo,  
Nem todo brinquedo é jogo,  
Nem toda vaca é leiteira,  
Nem toda moça é faceira,  
Nem todo golpe é em cheio,  
Nem todos livros eu leio,  
Nem todo trilho é estrada,  
Nem toda gente me agrada,  
Nem todo páu dá esteio.

Nem todo estrondo é trovão,  
Nem todo vivente fala,  
Nem tudo que fura é bala,  
Nem todo rico é barão,  
Nem todo azedo é limão,  
Nem todos pagam bloqueios,  
Nem todas as noites ceio,  
Nem todo vinho é de uva,  
Nem toda nuvem traz chuva,  
Nem todo páu dá esteio.

Nem todo preto é carvão,  
Nem todo azul é anil,  
Nem toda terra é Brasil,  
Nem toda gente é cristão,  
Nem todo índio é pagão,  
Nem toda agência é correio,  
Nem toda viagem é passeio,  
Nem todos prezam bom nome,  
Nem toda fruta se come,  
Nem todo páu dá esteio.

Nem todo lente é sabido,  
Nem tudo que é branco é leite,  
Nem todo óleo é azeite,  
Nem todo rôgo é ouvido,  
Nem todo pleito é vencido,  
Nem todos vão ao sorteio,  
Nem todo sítio é recreio,  
Nem toda massa é de trigo,  
Nem todo amigo é amigo,  
Nem todo páu dá esteio.

Do mesmo autor as seguintes quadras:

Um beijo em mulher medrosa,  
Dado escondido, as escuras,  
É a maior das venturas,  
Que a alma do homem gosa.

O beijo que é concedido,  
Com liberdade e franqueza,  
Parece uma sobremesa,  
Depois de um jantar sortido.

Convém que o beijo se tome,  
Depois de renhida luta,  
Como se fosse uma fruta,  
Comida por quem tem fome.

Mas, o beijo a qualquer hora,  
Que mais provoca o desejo,  
É quando a dona do beijo,  
Suspira, soluça e chora...

Porém o maior sabor,  
É quando a mulher nos nega,  
Porque então, a gente pega,  
E beija seja onde for...

## REPÚBLICA E MONARQUIA

*Luís Dantas*

Nesta lei republicana,  
Diversidade é o que há,  
Até mesmo o uso da roupa,  
Com excesso grande está...  
Eu, com ativa lembrança,  
Quero mostrar a mudança,  
De oitenta e nove para cá.

De oitenta e nove para cá,  
Temos o nosso Brasil,  
Regido pela República,  
Impostos, são mais de mil,  
A Monarquia, acabou-se,  
República foi quem trouxe,  
O casamento civil.

Até as educação,  
Tem excesso cometido,  
Filhos, não respeitam pai,  
O costume é pervertido,  
Vê-se velho malcreado,  
Meninos adiantados,  
Tudo está mal permitido.

Hoje, o pai faz cigarro,  
É o filho, acende primeiro,  
Vão para a mesa jogar,  
Ambos jogarem dinheiro,  
Com pilherias e façanhas,  
Se o pai perde, o filho ganha,  
Todos os dois são parceiros.

Se dois cidadãos estão,  
Conversando em uma sala,  
Passa um menino no meio,  
O pai vê, porém se cala,  
E se fala, o filho diz:  
Eu passei, foi porque quiz,  
O pai ouve, mas se cala.

Eu também alcancei tempo,  
Que menino não passava,  
Entre pessoas mais velhas,  
E onde seu pai estava,  
Lhe respeitava a presença,  
E havia de ser licença,  
Quando passar precisava.

Quase não se caçoava,  
Quando o demo se chamava,  
As mocinhas namorando,  
Vivem numa engolfação.  
Atrevimento é o que há.

Eu descrevo nestes versos,  
E não censuro, antes louvo,  
Estas altas novidades,  
Que são do gosto do povo,  
Por isso, canto e elogio,  
Por que eu mesmo aprecio,  
Andar no modelo novo.

### Três estrofes do velho vate.

Do açude a curimatã,  
Do campo a vaca maninha,  
Feito um frito de manhã  
Das aves a maracanã,  
Do homem a mulher bonita,  
Do enfeito o laço de fita,  
Da moça bonita, o beijo,  
Do alto sertão, o queijo,  
Do milho verde a cangica.

Da desmancha, a tapioca,  
Da festa a galinha cheia.  
Do gado miunça, a uveia,  
Das flores, o bugari,  
Do mel de abelha, o inchiú,  
Das noivas a que for rica,  
Das Marias, a Marica,  
Da cantoria, a ligeira,  
Do roçado a macaxeira,  
Do milho verde, a cangica.

Da macambira, a farinha,  
Do croatá, o beijú,  
Da massa de pão o côco,  
Da mucunã, o angru,  
A melhor de todas quatro,  
Croatá comido crú.



### AMANHECER

DANDINHA VILAR

De afluxos de clarões alvinítenes  
E matizes púrpureos de arrebol  
Cobre-se o céu de luz encandescente  
Para saudar o despontar do sol

Os pássaros deixando o ninho quente  
Em eclosões de amor modulam cantos  
E as águas murmurando em voz tangente  
Rezam do dia os místicos encantos

Flores em profusão se abrem sorrindo  
Que para o ar evoluem embalsamando  
No ciclone de odores a alvorada

A noite se escondeu. O sol vem vindo  
E pela imensidão vai desfilar  
Beijando a natureza despertada.

Poesia de autoria do Rotariano G. LOBO  
declamada em plenária festiva comemorativa ao  
dia da Bandeira, no Rotary Club do Crato.

### BANDEIRA BRASILEIRA

G. LOBO

Bandeira do Brasil, meu pavilhão querido,  
Meu pedaço de céu pontilhado de estrelas!  
Florestas colossais engastadas em ouro,  
Estandarte imortal, allaneiro fanal!

Quando a brisa serena te agita nos mastros,  
Lembra o sopro dos bravos que foram por ti.  
És o manto de estrelas que cobre os que tombam,  
Os que morrem lutando, cumprindo o dever.

És na paz, relicário de amor, de bonança!  
E na guerra, incentivo, comando, farol!  
Ó pendão auriverde da pátria querida  
És a força maior da nossa integração!  
Tens um belo condão para unir nossa gente:  
Do Oiapoque ao Chui, somos todos irmãos.

### O C A S O

DANDINHA VILAR

Rasgadas como franjas desfiadas  
As nuvens se dispersam no horizonte  
E se quedam a pasmar admiradas  
Vendo o sol mergulhar por traz de um monte

Rubros tons matizando a luz dourada  
Sobre a crista da serra a oscular a fronte;  
Ha olores sutis pela esplanada  
E ha soluços de dor na voz da fonte

O céu se inclina mudo e reverente  
E respeitoso reza a doce prece  
De uma canção de paz. Desmaia o dia.

Um sino tange ao longe um som dolente  
Saudando a natureza que adomece  
Ao suave planger da Ave-Maria.

### TIPOGRAFIA? só a do CARIRI

de RAIMUNDO PIRES MAIA

A Melhor do Interior do Estado  
RUA Dr. JOÃO PESSOA, 380 / 386  
CRATO — CEARÁ

## GRANDE CIDADÃO

Ao exímio prosador  
NAPOLEÃO PEREIRA

Redijo esta poesia,  
Mesmo sem ter simetria,  
E nem rica incitação;  
Para que, neste poema,  
Embora fraco de tema,  
Eu louve Napoleão.

O Napoleão Pereira  
Que mora na Pitombeira,  
Este grande agricultor;  
Que contempla no Universo  
A beleza que há no verso  
Louvando seu Criador.

Ele é também fazendeiro  
No pátio do seu terreiro  
Tem vaca para desleitar,  
Todo ano ele trabalha,  
Sempre o que sobra amealha  
Para nada lhe faltar.

Este senhor de que falo,  
Que seu nome, alto, propalo  
É um grande cidadão,  
Que espreita no arvoredor,  
O trinar do passaredo,  
Fazendo a Deus louvação.

Homem bom, inteligente  
Que até discute com a gente  
E dá sua opinião;  
Mostra ser bem traquejado,  
Se não for muito estudado  
Mas tem grande formação.

Noto que sua conversa  
Vale a pena ser dispersa,  
Neste mundo de meu Deus  
Porque nele a gente aprende.  
O que nunca se aprende;  
Os sábios conselhos seus.

Ele fita a natureza,  
Assistindo com certeza  
Da aurora o lindo romper,  
Vendo alegre a passarada  
Saudando na madrugada,  
Do dia o alvorecer.

Olhando por sobre o monte,  
O que avista no Horizonte  
A hora do sol se por,

## MISSÃO DE MULHER

*Fr. Agatângelo de Crato*

Missão sublime,  
Missão grandiosa,  
Divina é tua missão,  
Mulher.  
Quer sejas mãe,  
Ou sejas virgem,  
Não importa,  
É teu dever  
Levar os homens  
Para o Pai.  
Mães,  
Levareis vossos filhos.  
Jovens,  
Levareis vossos irmãos.  
Que beleza!  
Que grandeza!  
Nesta vossa missão.

## MISSÃO SUBLIME

*As moças*

Jovem, pensa, reflete  
Que bela é tua missão.  
A ti, o Senhor deu  
A incumbência sublime,  
A missão divina  
De povoaes o céu.  
Mas não te esqueças:  
Sem Ele em ti,  
Sem Ele em tua vida,  
Em vão procurarás  
Realizar tua missão.  
Ai de ti, se isto acontecer!  
Volta-te para Ele,  
Vive n'Ele.  
E com Ele em tua alma,  
Tudo alcançarás.

Feira-Ba., 21 de junho de 1968

É um manto de tristeza,  
Que circunda a Natureza,  
Retratando a nossa dor.

Porém ao romper do dia  
Tudo se torna alegria  
Pra nosa conolação;  
E a gente se reanima  
Com aquele novo clima  
Cheio de satisfação.

Crato, 4 de novembro de 1975

*José Esmeraldo da Silva*

CONTABILIDADE

**FRANCISCO HÉLIO DE SOUSA**

CONTABILISTA

●

**CONTABILIDADE EM GERAL**

●

ESCRITÓRIO:

RUA SENADOR POMPEU N.º 286

TELEFONE: 678

CRATO



CEARÁ

## "Cidadão Cratense"

"Desejo agradecer, de início, à Egrégia Câmara Municipal do Crato, a honra com que me distinguiu, outorgando-me o título de cidadão cratense. E, de modo especial, ao ilustre vereador e meu prezado amigo Cícero de Moura Rozendo, responsável pelo diploma legal submetido ao pronunciamento e à aprovação dos seus dignos pares.

Entendo que a justificação dos motivos determinantes da iniciativa, que tanto me desvanece, já na fase liminar de sua proposição, já agora, no ato solene da outorga, cabe ao seu autor, sem embargo, todavia, de a este ensejo, e em homenagem e apreço à seleta e culta assistência que se dignou, magnanimamente, de abrilhantar o ato, cumprir ao agraciado focalizar, em traços rápidos, os acontecimentos principais e, a seu juízo, marcantes, que têm assinalado a sua presença no meio que, a consenso dos seus legítimos representantes, no momento o integra não apenas de fato, mas também de direito, na comunidade amiga, ilustrada e fina da encantadora Princesa do Cariri.

Quando abri os olhos ao mundo, na vizinha cidade serrana de Caririçu, cujo município se desmembrara há pouco do de Crato, por conveniência da nova divisão administrativa do Estado, e comecei, ao desabrochar da consciência, a estender até mais longe a vista aguçada já pelo sentido eflorescente da observação, a silhueta que mais me inebriava a alma contemplativa, do alto daqueles alcantis, era descobrir à distância, no sopé verde do Araripe, o casário branco do Crato, e admirar, no negrume das noites estivais, o círculo de fogo que se estendia por todo o longo vale na queima diária do palhão dos extensos canaviais que ainda hoje emolduram a paisagem ini-

mitável destes virentes rincões.

Depois, concluído o curso primário na terra natal, o que me despertava a ansia de adolescente desejoso de saber mais, era a visão longínqua do Seminário Diocesano, cuja alvura se destacava nítida no alto da colina que dominava a urbs. Até que, numa manhã de Abril de 1923 ali ingressei, como aluno do Colégio Diocesano, então funcionando junto ao Seminário, lado norte da capela que o divide ao meio.

Cinquenta e dois anos decorridos nos encontraríamos na mesma cidade acolhedora à frente da Faculdade de Filosofia, como Diretor e Vice-Diretor, respectivamente.

Guardo dessa quadra uma lembrança imorredoura, sempre avivada pelas preciosas amizades que conservei de velhos companheiros de classe, hoje figuras exponenciais nos diversos setores de suas específicas atividades e dentre os quais destaco Mons. Francisco de Holanda Montenegro, Mons. Antônio Feitosa, Mons. Raimundo Augusto, Dr. Raimundo Siebra, Cel. Nelson de Alencar Neto, Pedro e Unias Gonçalves de Norões.

A necessidade de prosseguir nos estudos preparatórios para o ingresso no ensino superior, ao tempo privilégio das Capitais, me impeliu para Fortaleza e de lá para a Bahia. Perdi assim o Crato de vista até 1942, quando, a 1º de Setembro daquele ano, assumi aqui as funções de Promotor de Justiça, com a vaga aberta pelo então titular Dr. Ivan de Oliveira Ramos.

Retornava jubiloso no exercício de funções públicas à terra em que iniciara a minha formação intelectual.

Diz-me a consciência que prestei ao Crato, junto a essa figura impar de magistrado, de saudosa memória,

que foi o Dr. Hermes Paraíba, os serviços judiciais necessários a manter bem alto a tradição que esta terra sempre gozou de ser um fóro dos de maior realce e prestígio do Estado.

Dessas funções me afastei, por espontânea vontade, para abraçar e dedicar-me na sua plenitude à vocação irresistível da advocacia.

Não me arrependo do exercício daquele *munus* público, à época mal remunerado, porque durante ele fiz preciosas amizades, inclusive do próprio chefe do Ministério Público, Procurador Geral do Estado — Dr. Raul Barbosa, o qual, sem que pedisse, dentro de um ano promoveu-me de Tauá, início da minha carreira, para Missão Velha e Crato, onde, definitivamente, me fixei.

Ser gregário por excelência, o homem sente-se arrastado, mesmo sem o querer, às atividades políticas, que para muitos servem de impulso a conquistas mais altas e para outros de desgostos e decepções. Não fugi à regra.

Assim é que, além de passar a trabalhar como Secretário do Dr. Wilson Gonçalves, então Prefeito Municipal e hoje figura eminente no Senado da República, fui, com a queda da didatura Vargas e restauração do regime democrático, eleito por expressiva votação — o mais votado na legenda do meu partido — Vereador à Câmara Municipal do Crato em cujo exercício passei três anos e 29 dias, recebendo dos chefes cartões de elogio pela minha atuação no legislativo municipal, os quais guardo entre outros documentos em arquivo cuidadosamente conservado.

Passada a fase política, por conveniência de ordem particular, entreguei-me, ao lado das atividades forenses, aos misteres do magistério citadino, ajudando nesse novo *affaire*, o Prof. Pedro F. Cavalcanti a levar adiante a tarefa de educar a mocidade do comércio, na Escola Técnica de renomada tradição. Concomitan-

temente, integrei por algum tempo o corpo docente do Colégio Santa Teresa de Jesus, obra imortal do 1º Bispo desta Diocese.

Os problemas da comunidade não me passavam despercebidos, e não somente como professor, como homem de sociedade também desempenhei, por duas vezes, as funções de Presidente do Rotary Club do Crato, fase em que, alertado por uma entrevista memorável do Prof. Colombo de Souza, profiglei numa das reuniões da benemérita agremiação a exclusão do Cariri do Plano de Eletrificação de Paulo Afonso, grito que ecoou bem fundo no ânimo e no patriotismo dos caririenses e suscitou o movimento que logrou êxito integral com a extensão até aqui da rede energética da famosa cachoeira.

Para o total triunfo dessa campanha, que empolgou todo o Estado e sacudiu toda a população do Cariri como um só homem, viajei até o Rio, como emissário da Câmara e da Prefeitura do Crato, integrando a Comissão formada pelo Dr. Hildegardo Belem, representante de Juazeiro do Norte e Neroli Sampaio como representante de Barbalha, acrescida, na Capital da República, pelos Deputados Colombo de Souza e Wilson Roriz, destinada a levar u'a mensagem de reivindicação ao então Presidente Juscelino, para que, junto aos órgãos técnicos, autorizasse a inclusão da nossa região no plano salvador.

Efetivamente, a Comissão demorou-se cerca de uma hora em entrevista com o chefe da Nação no velho Palácio do Catete, e desse encontro feliz seguiram-se outros com figuras marcantes da CHESF, não mais se detendo a marcha do movimento até a implantação aqui do notável empreendimento.

Ocupei, enquanto existiu em Crato, a Presidência da Sub-Secção do Cariri da Ordem dos Advogados do Brasil.

Também desempenhei, por duas vezes, e com a atual é a terceira, o

cargo de Presidente da Exposição Agro-Pecuária do Crato e Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados, por confiança dos Prefeitos Pedro Felício Cavalcanti e Dr. Humberto Macário de Brito, e, a deste ano, na qualidade de Presidente da Associação dos Criadores do Crato, em convênio celebrado com a Prefeitura e a Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

Professor de Instituições de Direito Público na Faculdade de Ciências Econômicas de que também fui Diretor por dois anos.

Professor de História do Brasil da Faculdade de Filosofia, de que sou atual Diretor, antes de ser Vice-Diretor na gestão do Prof. José Newton Alves de Sousa.

Exerço também, presentemente, graças aos votos de maioria absoluta de meus consócios, o cargo de Diretor Gerente Geral do Serviço Telefônico do Crato (SERTESA), junto aos conceituados homens de negócios Antônio Alves de Moraes Junior e Alfredo de Alencar Filho.

Desde 1964 ocupo, em caráter efetivo, as funções de Advogado de Ofício da Comarca, subordinado à Secretaria de Justiça e à Assistência Judiciária aos Necessitados, em nosso Estado.

Membro do Instituto Cultural do Cariri, ocupo a cadeira N.º 2 de que é patrono o jornalista Bruno de Menezes, de saudosa Memória, exemplo de amor e dedicação à terra que lhe serviu de bêrço, fundador, se não me engano em 1916, da Gazeta do Cariri, que tanta influência teve nos fastos políticos e sociais da terra.

Ocupo também as funções de Vice-Presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri, de que é digno Presidente sua Excelência D. Vicente de Paulo Araújo Matos.

Perdão, meus senhores, por me estender tanto na enumeração destes fatos, de interesse vital da comunidade cratense, a que hoje estou também ligado por laços indestrutíveis

de família, de filhos aqui nascidos e de filhos casados aqui com naturais da terra.

Não trago ao vosso conhecimento essas passagens de minha vida, de certo páldias, descoloridas, para o brilho do meio culto em que vivo, por vaidade, ou ingênua presunção de importância, ou validade, que não têm, pois sou despido, graças a Deus, desses pruridos de arrogância pessoal, mas tão somente, como um espécie de *curriculum vitae*, ou figuradamente, como uma prestação de contas que todo cidadão, atuante em qualquer meio, deve àqueles que, sob qualquer aspecto, o distinguiram no convívio social e no trato dos problemas primárias da coletividade.

Esta noite comove-me, esta noite transfigura-me.

Obrigado a todos. E creiam-me — porque falo com sinceridade — se mais não sei, não tenho dado nem estou dando de mim em proveito do Crato, como ele merece, é porque as minhas limitações não permitiram nem permitem e já me aproximo daquela fase da vida em que o homem merece uma tréguia, sobretudo quando, como eu, tanto feriu os pés no áspero caminho da longa estrada.

De fato, afora a ajuda de um velho pai — cuja memória neste momento reverencio — parti só, como profissional, com a minha fé inabalável em Deus, a minha confiança nos amigos, que soube fazer apesar da profissão polêmica que abracei, o meu amor ao Crato, que depois da minha é a terra eleita do meu coração, com a minha dedicação e o meu afeto à família, a grande riqueza que a Providência me deu.

Muito obrigado, meus concidadãos!"

(Discurso proferido pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges, por ocasião da Sessão Solene da Câmara Municipal, que lhe outorgou o título de "Cidadão Cratense", na noite do dia 13-05-75, no auditório da Faculdade de Filosofia do Crato).

Panificadora e Confeitaria

PROGRESSO

— DE —

José Julio Pereira



SEMPRE UM BOM PRODUTO



PAES, BISCOITOS, BOLACHAS E DELICIOSOS BOLOS PARA  
SUAS FESTAS

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE E ESMERADA  
FABRICAÇÃO



RUA MONSENHOR ESMERALDO, N.º 856 — FONE: 653

C R A T O



C E A R A

# Cícero Pinheiro

Exmos. Srs.

Imensurável emoção me proporciona a participação desta carinhosa cerimônia, paradoxalmente simples e, concomitantemente, grandiosa.

SIMPLES, porque nela rememoro a característica imagem extremamente simples do meu querido e saudoso pai, quase constantemente eufórico quando dialogava com os seus amigos, com os seus pares na Câmara Municipal, quando Vereador em mais de uma Legislatura, ou com inferiores de qualquer categoria social, política ou econômica; simples quando interrogava viandante que transitava pela estrada vicinal que demandava Pernambuco a Juazeiro, passando em frente muito próximo à sua casa residencial no sítio "Currais" e se o passante demorava um pouco mais, convidava a sentar-se com ele na calçada e lhe oferecia café; extremamente simples no trato amigo, fraternal e permanente na faina diária, com os seus "moradores" ou "agregados", que suavam abundantemente, cooperando, quase familiarmente, para o êxito do seu árduo e honesto trabalho de vaqueiro criador de gado nas caatingas pernambucanas ou de agricultor plantador de cana neste ubertoso e querido vale dos Cariris Novos; simples pela fraterna maneira como educou os filhos, com arraigado espírito de humanidade sem subserviência e destacado humanismo que impregnou no espírito dos mesmos filhos, principalmente naquele que galgou todos os altos postos da hierarquia do glorioso Exército Brasileiro, com o esforço próprio, amparado no Divino apoio de Deus Onipotente e no terreno da sua mãe adotiva Clotilde Pinheiro, dos seus mestres cratenses, Vicência Garrido, Antonia Teixeira Mendes, Ida Bilhar, Maria Eugênia, Monsenhores Vicente Soter, Jovinião Barreto, Assis Feitosa, Padres Azarias Sobreira, Assis Pita, Emídio Lemos, Professor José Bezerra de Brito, todos de saudosíssimas memórias, e Juvêncio Barreto, hoje estimado amigo e parente afim, porque esposo da querida prima legítima Maria Pia Pinheiro Esmeraldo Barreto; e os demais mestres, pela graça de Deus extremamente rigorosos, dos saudosíssimos Colégio Militar do Ceará e Escola Militar do Realengo, tais como os então capitães Henrique Batista Dufles Teixeira Lott e Humberto de Alencar Castelo Branco, para citar apenas dois, e notadamente o último que, então coronel, foi novamente meu mestre três anos, na Escola de Comando e Estado Maior do Exército e glória, por fim, a Presidência da República, no mais crítico período da sua história, havendo antes sido meu chefe, meu grande e inolvidável chefe, em várias missões de Estado Maior.

GRANDIOSA, por representar ela, cerimônia, mais uma justa homenagem, indireta embora, aos nossos inolvidáveis ascendentes co-fundadores do Crato bem-amado e Juazeiro do Norte, como o seu bisavô — de Cícero Pinheiro — Leandro Bezerra Monteiro, político de grande influência política no cenário cariense imperial, coronel de Milícias e, posteriormente honorário, Cavaleiro do Hábito de Cristo e herdeiro do seu neto Padre Pedro Ribeiro Carvalho de Meneses, grande proprietário e fundador de Juazeiro, onde chegou o querido e saudoso amigo Padre Cícero Romão Batista aos 11 de abril de 1872, e proporcionou a sua inusitada explosão demográfica e seu posterior admirável e incontestável progresso; o seu avô paterno Ca-

pitão-Mor Joaquim Antônio Bezerra de Meneses, Coronel Comandante Superior da Legião da Guarda Nacional, Cavaleiro do Hábito de Cristo e Oficial da Ordem do Cruzeiro, Juiz de Órfãos, Chefe local do Partido Conservador, Deputado à Assembléia Legislativa Provincial nas legislaturas de 1838/39, 1842/43 e 1844/45; os seus primos Drs. Leandro Chaves de Melo Ratisbona, Professor emérito, Deputado Provincial e Geral ("talento de filigrana, com muitos dotes para a atração dos ânimos, espirituoso, insinuante e de uma palavra que enleava, *couser sublime*", no conceito do douto Barão de Studart), e Leandro Bezerra Monteiro, bacharel, magistrado, Deputado Geral pelo Ceará e por Sergipe, intemorato e ardoroso defensor dos Bispos Dom Vital e Dom Macedo Costa na célebre "questão religiosa" que abalou os alicerces do trono imperial; o seu primo Joaquim Secundo Chaves, irmão de Ratisbona e farmacêutico prático, que foi um dos grandes benfeitores do Crato na sua época, e tantos outros.

GRANDIOSA, pela generosidade do magnífico gesto espontâneo do Vereador José de Araújo Filho e dos seus nobres pares da Câmara Municipal do querido Crato, reconhecendo méritos do meu querido e saudoso genitor, os quais não posso julgar honestamente. Posso, entretanto, proclamar que os seus conselhos e de sua irmã Clotilde, que me criou desde os dois anos de idade, foram o fanal que guiou a minha trajetória de batalhador, honesta e ardentemente, em prol da coletividade e do amado Brasil, desde a idade de 14 anos, quando daqui fui conduzido a Fortaleza, em janeiro de 1922, pelo meu tio materno Antônio Fernandes Lopes, para tentar matrícula no Colégio Militar, orientado pelo então aluno concludente do Liceu, Joaquim Pinheiro Filho; depois cursando os saudosos Colégio Militar do Ceará e a Escola Militar do Realengo; instruindo soldados como Tenente e Capitão; ou, como oficial superior, chefiando Seções de Estado Maior nas 7<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> Região Militar e Estado Maior do Exército, chefiando o Estado Maior da 10<sup>a</sup> Região Militar, ou comandando, sucessivamente, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Fortaleza, a Escola Preparatória de Cadetes e o atual Colégio Militar de Fortaleza, do qual venturosamente fui fundador, ou exercendo funções civis; uma, a primeira, imposta pelo saudosíssimo e grande amigo Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, e outras atendendo a gentis convites de Governadores amigos, já então na Reserva de primeira classe, quando ambicionava prosseguir, de acordo com os meus fagueiros sonhos, nas minhas estimadas pesquisas históricas, que me guindaram a sócio efetivo do "Instituto do Ceará" e do "Instituto Cultural do Cariri".

Guiado por esses remotos e preciosos conselhos do meu inesquecível genitor e queridíssima tia — ambos desprovidos de letras, mas riquíssimos de caráter e energia — conquistei, sem incensar personalidades ou praticar subserviência de qualquer natureza, a amizade franca e desmedidos elogios de grandes Chefes da excepcional estirpe dos consagrados Marechais Mascarenhas de Moraes, Humberto de Alencar Castelo Branco, Francisco Damasceno Ferreira Portugal, Inimá de Siqueira e Décio Palmeira de Escobar, meu último Chefe no Augusto Estado Maior do Exército, que, perorando o elogio na "Ordem do Dia" da minha transferência para a Reserva, a pedido, registra: "Nessa despedida de sua vida militar na ativa e quando vai dispor de maior tempo para dedicar-se a outros afazeres, resta sintetizar tudo o que lhe foi dito no agradecimento que o Exército lhe deve pelo dever cumprido, sem esquecer da saudade que nos deixa do seu alegre convívio e pelas idéias puras e de são patriotismo que abriga (...). Ao General Teles a nossa despedida e os votos de muitas felicidades ao lado de sua digna família".

# Alvaro Bomílcar

O ano em curso é pródigo no registro do centenário de ocorrências de relevo na existência de vultos primaciais da família Alencar.

A 3 de fevereiro, comemorou-se o centenário da instalação, realizada sob a presidência do conselheiro Tristão de Alencar Araripe, do antigo Tribunal da Relação de S. Paulo, conforme noticiamos na resenha biográfica de tão notável conterrâneo, inserta na edição de O POVO de 18 de fevereiro último; a 14 de abril e a 3 de agosto, se não tivessem sucumbido nos anos de 1957 e 1912, respectivamente, cem anos de vida completariam Álvaro Bomílcar da Cunha e o genial Otto de Alencar e Silva; no decorrer do mês de outubro celebrar-se-ão, dia 13, o século do falecimento, em Fortaleza, aos 85 anos de idade, de Ana Triste de Alencar Araripe, outrora Ana Porcina de Lima, viúva de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, presidente do Ceará na Confederação do Equador; no dia 31, os 150 anos do trucidamento, em Santa Rosa, às margens do Jaguaribe, pelas tropas imperialistas, desse inclito patriota.

Constitui objeto dos presentes comentários a personalidade do poeta jornalista e sociólogo acima enunciado, nascido em Crato a 14 de abril de

---

Prezadas autoridades,

Queridas e queridos conterrâneos,

Como vêdes, Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes, em que pese a nossa separação aos meus 14 anos, foi para mim pai compreensivo e amoroso, porém enérgico e rigoroso, embora fosse eu filho único por muitos anos; foi o miraculoso farol que me conduziu por todos os caminhos que me permitiram alcançar o ramo descendente da parábola da vida com o ambicionado conceito que registraram os meus eminentes chefes e, muito embora os erros humanos cometidos, poder trombetear que eu jamais cometi uma deslealdade, que agi sempre com rude franqueza e persegui constantemente a justiça, que julgo ter alcançado, porque jamais reclamada pela minha consciência ou por qualquer comandado, sempre querido.

Irmãos Cratenses e Caririenses!

Julgo ser eu uma projeção integral de Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes, com a diferença única de haver estudado muito, com o desejo ardente de aprender, e de haver palmilhado, servindo da melhor maneira permissível, vários rincões do Território Nacional; e daí a razão de o eminente Marechal Castelo Branco apelidar-me, carinhosamente, de "Vaqueiro do Crato", o que me honrava e honra sobremodo.

Senhores Vereadores e Senhor Prefeito,

Por essa tocante homenagem, a nossa profunda e eviterna gratidão ao Legislativo que legislou e ao Executivo que sancionou a Lei.

Gratíssimos. Deus os recompense, se foram justos.

---

(Dircurso pronunciado na inauguração da Rua Cícero Pinheiro, em 18 de Outubro de 1975) — 22º aniversário do Instituto Cultural do Cariri.

1874, e que, embora não o indique o sobrenome, incontestavelmente pertence, por linha materna, ao clã alencarino. Em editorial sobre o almirante Alexandrino de Alencar, constante do Unitário de 26 - 4 - 1906, escreve João Brígido: "Nessa família nota-se a anomalia de ser pouco observada a lei sálica. Muitos preferem tomar o nome materno, deixando o paterno, o que até certo ponto dá a entender que procuram armar à consideração de Alencar". Em contrário a tal asserto, é de notar que avulta o número daqueles que, embora realmente pertençam à progênie do autor de Iracema, do Guarani e de tantas outras preciosidades literárias, preferem adotar os complementos nominais havidos por via paterna.

Nesse caso arrolam-se, entre vultos destacados no mundo das letras, o emérito professor José Soriano de Sousa Neto que, como acentua seu colega da cátedra, prof. Mário Batista, "pelo talento, pela erudição, pelo alto valor jurídico, coloca-se no primeiro plano dos grandes juristas nacionais de todas as épocas", José Carvalho, o escritor cratense, cujo livro "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", pela Universidade foi há pouco reeditado, Rachel de Queirós, a escritora de justo renome nacional, Pedro Nava, que ora segue a mesma rota de merecida consagração, e Hélio Jaguaribe, sociólogo de muita evidência — todos eles legítimos descendentes das irmãs Iria, Barbara Pereira de Alencar.

Alvaro Bomilcar é filho de Fenelon Bomilcar da Cunha e Ana (tratada por Naninha) Bomilcar de Alencar, neto, por linha materna, de Reinerio da Franca Alencar e Agostinha do Monte Alencar, e bisneto de Antonio Leão da Franca Alencar, Inácia Pereira de Alencar, José do Monte Furtado e Agostinha do Monte. Pertencendo a dita dona Inácia — ascendente do Almirante Alexandrino de Alencar e do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco — à irmandade, de que tanto se destacaram nos anais históricos, a heroína Barbara e seu irmão Leonel (aquela, avó paterna, e, esse, avô materno do escritor José de Alencar), segue-se um muito próximo os vínculos de sangue que prendem os respectivos rebentos.

Cabe-se registrar o fato de Reinéro ter sido assassinado, entre as fazendas Salinas e Mercador, do município de Pio Nono, no Piauí, pelo fascínora Manoel Raimundo, que posteriormente pagou com a própria vida, tirada pelos indivíduos Joaquim Graiada e Vicente Ramos, a serviço, segundo versão corrente, de pessoa da família da vítima, o delito cometido.

Igual sorte teve, por deliberação emanada da mesma fonte, Pedro Rodrigues de Melo Labatut, apontado, por uns, como filho de "pais pernambucanos", ou "de origem desconhecida", e, por outros, como descendente do general Pedro Labatut, o qual, se tendo casado com Arcanja, filha das primeiras núpcias da mencionada dona Inácia com seu primo João Pereira de Carvalho, incidiu na aversão da parentela de sua esposa, porque, enviuvando, abusou da confiança da cunhada Sinforosa e, afinal, se recusava a reparar, com o matrimônio, o atentado à honra cometido. Labatut é avô do almirante Alexandrino e foi morto por escravo vindo do Cariri para cumprir tal missão, em sua residência, sita na Capital cearense, na antiga praça dos Garrotes, ou dos Voluntários.

Fenelon, pai de Alvaro Bomilcar, descendia dos famosos Pereira da Cunha, fidalgos portugueses estabelecidos, no fim do século XVII, no Boqueirão-de-Baixo de Jaguaribe, nasceu em Crato, a 4 - 6 - 1836, e faleceu em Fortaleza a 9 - 2 - 1884, sendo filho de João da Cunha Pereira, por alcunha João Branco, o que indica não ter significação genealógica o cognome Bomilcar, adotado à moda do tempo.

Dele disse João Brigido, seu colega nas lides do foro e do jornalismo cariense, e da Assembléia Provincial, possuir uma inteligência privilegiada, ser advogado, publicista, orador, jornalista, poeta e grande cultor da língua latina. Exerceu os cargos de Promotor Público e presidente da Câmara de Crato, Deputado Provincial em vários biênios, e Secretário, tanto do governo José Julio, como da Estrada de Ferro de Baturité. Foi, portanto, figura de alta expressão política e intelectual no seio da comunidade cearense. O filho — seguiu-lhe as pégadas na revelação de vigorosa capacidade intelectual e no sentido altamente patriótico de suas atividades na vida pública. Inscrevendo-se na plêiade dos que tinham o pensamento voltado para o estudo e o debate dos problemas relacionados com a evolução do País, tornou-se afinal líder incontestado, nas fases de 1917-18 e 1930-31, do memorável movimento nacionalista, que agitou a Nação. O escritor Barbosa Lima Sobrinho, no livro "Presença de Alberto Torres", confessa ser dos que acreditam que a Figura Central, no movimento nacionalista, era o escritor Álvaro Bomilcar, que já em 1916 publicara um livro — "O Preconceito de Raça no Brasil", para a defesa da mestiçagem, que ele não admitia como fato de inferioridade do povo brasileiro, e mais tarde publicaria o livro "A Política no Brasil, ou O Nacionalismo Radical". (pgs. 476-477).

Por sua vez, J. Fernando Carneiro, na "Psicologia do Brasileiro", reconhece que o movimento nacionalista brasileiro "teve suas maiores expressões" eu, Álvaro Bomilcar e Antonio Torres (pg. 23). Álvaro Bomilcar foi a um tempo idealista e realizador, mente aberta, consoante as expressões do professor José Newton, aos mágicos problemas da Pátria, escritor ardoroso e intrépido, professor e poeta, espalhou pela imensidão do Brasil uma presença de luz, de luta e de fé" (Itaytera, v. 13, pg. 34). Autor de numerosos livros, folhetos e artigos escritos em colaboração para jornais e revistas, pertencia a vários e importantes sodalícios culturais do País, inclusive à Federação das Academias de Letras do Brasil, à Academia Brasileira de Ciências Econômicas e à Sociedade de Geografia, do Rio, e à Academia de Letras e Instituto do Ceará, e ao Instituto Cultural do Cariri, de cuja cadeira número 8 é digno patrono. O Conde Afonso Celso julgou os trabalhos do cratense ilustre, cujos traços biográficos estamos divulgando, reveladores de "incomum discernimento e patriotismo e de sua capacidade, nobreza de propósito e firmeza de caráter", e Mário Linhares teve oportunidade de assinalar que, com sua morte, "se desfalcou a cultura brasileira de um dos seus elementos mais preciosos". "O POVO" — 1.6.74.

---

## RECEBEMOS:

O Presidente da Academia Cearense de Letras convida V. Exa. para a solenidade de posse do escritor F. S. Nascimento, na cadeira 38 desta Casa, a realizar-se no dia 31 de julho de 1974, às 20 horas, em sua sede, no 12º andar do Palácio Progresso.

O escritor empossado será saudado pelo acadêmico professor Pedro Paulo Montenegro.

Fortaleza, 11 de julho de 1974.

MANUEL EDUARDO PINHEIRO CAMPOS — PRESIDENTE

OBS.: O ICC se fez representar na solenidade através de J. Lindemberg de Aquino e General Teles.

# Raça de Heróis

O FATO me foi narrado por um cearense da gema, que viveu muitos anos nas Alagoas. Professor, escritor, tem ele a bondade de uma pomba, a bravura de um herói e o caráter de um verdadeiro homem-de-bem.

Não deveria lhe revelar o nome para não ferir sua modestia, mas... o registro aqui, porque é um ato de natural justiça dizer quem me contou a história e não estória, porque trata-se de caso verídico.

Trata-se do filólogo Renato de Alencar, também historiador da maçonaria no Brasil... em 3 alentados tomos ricamente encadernados.

Contou-me ele numa de nossas tertúlias, que havia em sua terra, célebre facinora, conhecido por Mané Sabino.

Tinha ele um irmão, — coração de ouro — de vida pacífica e hábitos morigerados, trabalhador, muito estimado na vila em que vivia, o qual apareceu morto, um dia, assassinado não se sabia por quem, em toda a redondeza. Passaram-se os tempos. Não se falava mais no crime de tantos anos atrás, crime bárbaro, crime traiçoeiro.

É, como é sabido, o nordestino espera vinte anos, até chegar a oportunidade de vingar um homicídio, esperando que passe frente à cancela de sua casa, o criminoso. O "olho por olho" se faz tarde, mas não falha.

Mané Sabino, irmão da vítima, de tanto investigar acabou por saber quem matara misteriosamente seu irmão. Mas um dia, — há sempre um dia — numa taberna, divisou o trabaqueiro, que, tranquilamente sentado a um banco, tragava a sua cachaça.

Aproximou-se dêle com toda calma, encostou a seu pescôço, bem na altura da carótida um punhal e disse — Chico, eu sou Mané Sabino, irmão de Zé Sabino, que, faz muito tempo, V. matou friamente, sem culpa dêle.

— Por que matou V. a meu irmão? Agora quem vai morrer é V.

— Mané Sabino, responde o Cabral: não era a ele que eu queria matar. Não. Eu pretendia liquidar era a V., Mané Sabino...

— Olha cabra da peste, cachorro da moléstia. Eu ia liquidar V. com este punhal. Mas já que V. teve a coragem de assumir a responsabilidade do que fêz, vou guardar esta peixeira, porque é preciso que alguém fique para semente de uma geração, para não extinguir a raça dos homens valentes de minha terra, de uma raça de machos, de homens de coragem como V... e Mané Sabino... de uma região que já deu um Antonio Silvino, um Jesuino Brilhante, um Lampião, um Volta Sêca...

... Talvez seja por isso, que os nordestinos em seu folclore tão rico de manifestações, as mais pitorescas, em prosa e verso, mangando dos que não têm a valentia nunca dantes desmentida dos homens do Nordeste, alagoanos, pernambucanos, paraibanos, norte-riograndenses, cearenses, divulgam uma trova pitoresca que assim reza:

Não tenho medo de homem  
pelo ronco que ele tem:  
O besouro também ronca,  
vai se ver, não é ninguém...

E por essas e outras...

## A Sociedade Lírica do Belmonte

Indagava um magnata americano, instalado em luxuoso camarote do célebre teatro Scala, de Milão, qual o segredo do respeitoso silêncio e reverente atenção daquela grande platéia, que assistia comovida a um concerto da temporada lírica da época. Nem um breve sussurro interrompia o encanto que se notava no semblante de todos, com os espíritos enlevados, ante a arte e o gênio de um dos clássicos da ópera italiana. Estava o turista, respondia o interlocutor milanês, diante de séculos de cultura, de um povo que atingiu um avançado estágio de educação artística, o grau de sensibilidade e aprimoramento intelectual, incomum ainda nos países jovens da América.

Quem assistiu ao concerto da "Orquestra Sinfônica Pe. David Moreira", no Centro Social do SESI, em homenagem ao "Dia do Professor", teve, por certo, esse mesmo encantamento e o regalo com que brindou os cratenses a abnegação e o devotamento do maestro Pe. Ágio Moreira. O Crato não desmentiu sua tradição cultural, de tantos vultos que aqui se projetaram e atuaram no cenário das artes, como Soriano de Albuquerque, Branca Bilhar, Waldemar Garcia, o Grupo de Teatro Amador, o Coral da Faculdade de Filosofia, o Pequeno Coral, o Festival Regional da Canção. Sob o impulso da Sociedade Lírica Belmonte, da Sociedade de Cultura Artística do Crato, do Instituto Cultural do Cariri, que tem dado novo prestígio e preservado a pureza do folclore regional, e o Movimento da Juventude, o Crato tem se afirmado como o polo das artes de toda a região centro-nordestina. Tanto a música erudita como a popular, encontram ouvintes atentos e apaixonados seguidores, em todas as camadas de nossa população.

O Pe. Ágio soube muito bem aproveitar a vocação latente do nosso camponês. Foi no campo que implantou sua escola Heitor Vilalobos, justamente no Distrito do Lameiro, no meio da gente simples, que sempre aliou a lira poética à natureza exuberante daqueles pés de serra. Quem não se lembra das figuras tão populares de Luiz de Biana; os irmãos Otacílio e Vicente Avelino; de Luiz Barreto, o Canário; José Vermelho; José Brígido, e tantos outros, que com sua melodia, eram a alegria do povo, nos terreiros e estradas, nas noites enluaradas. Esses garotos, cantores e instrumentistas da orquestra do Pe. Ágio, herdaram a alma lírica dessa gente, são artistas natos, como sempre foram os camponeses do Lameiro.

Testemunhas desse surto musical e de harmonia, sentimos que o Crato ainda está bem vivo, e vibrando de criatividade. Bastaria essa força, para impulsionar o entusiasmo dos cratenses, pois, a despeito das decepções que tem sofrido, o povo que canta não perde nunca a esperança. Podemos perder no rateio das verbas oficiais. As reivindicações poderão deixar de merecer a atenção dos poderes públicos. Mas os desgastes sofridos, serão amanhã recuperados com vantagem. O empreguismo continua na Câmara Municipal, desafiando a ordem e a lei, mas, hoje, a luta pela moralidade administrativa adquiriu nova amplitude. Os protestos não partem apenas de uma minoria. A consciência cívica do Crato, está vitoriosa no Legislativo Municipal. Isto tudo é a força do povo, a opinião pública atuante e vigilante.

De parabéns, portanto, a Sociedade Lírica Belmonte, e todos aqueles que constroem o progresso e o futuro desta terra. Representam eles a resis-

# A MULHER

Especial para ITAYTERA

Não podemos deixar de prestar nossa homenagem à Mulher em seu Ano Internacional. E para isto, escrevemos esta reflexão, na esperança de que sirva para que a Mulher sinta onde se acha sua verdadeira grandeza.

Embora haja tantas opiniões contraditórias sobre a mulher, eu sou da opinião de que a mulher é, na realidade, algo de muito sublime no plano divino. Por isto acho que as mulheres deviam ter bem presente em sua mente o motivo de sua origem.

Deus criou o homem quase com a mesma naturalidade com que criou todos os outros seres. Não podemos dizer que houve uma certa expectativa, em relação à criação do homem.

Mas o que faltou na criação de Adão, de certo modo, abundou na criação de Eva. De fato, Deus criara tudo. Fizera tudo para que o homem se sentisse feliz. Mesmo depois de tudo, percebeu que o homem não se sentia feliz. Estava faltando alguma coisa, para que ele pudesse se sentir feliz, em meio às alegrias do Paraíso Terrestre.

E este algo que estava faltando, não foi encontrado pelo homem entre os milhões de belos seres que o Senhor havia criado. Foi preciso que Deus inventasse um SER todo especial para que o homem encontrasse a felicidade total no Paraíso de delícias onde o Senhor o havia colocado. E este SER todo especial foi a MULHER.

E quanto mistério em tudo isto. Primeiramente Deus deixa de criar a Mulher, de propósito para que o homem sentisse sua falta e a soubesse estimar muito mais ao encontrá-la. Mais. Deus ao criar a Mulher, não a faz de barro como o homem. Não. Deus a tirou do corpo de Adão, para que o homem considerasse como algo de si próprio.

Como tudo isto é maravilhoso! Infelizmente, porém, nem sempre as mulheres pensam nisto. E por esta razão, não sentem toda a grandeza de sua vocação de MULHER.

A realidade é esta, a Mulher foi criada com o fim específico de ser útil. E é maravilhoso se saber que se é útil. Procurem, pois as mulheres refletir frequentemente sobre isto, e tenho a certeza absoluta de que se sentirão sempre muito ditosas e felizes pela sublime vocação que lhes foi dada por Deus desde sua origem: fazer a felicidade do homem nesta vida. Ser motivo de alegria para o mundo.

Saiba cada mulher ser MULHER. Saiba ver em sua condição de MULHER algo de muito alto, divino, e haverá de sentir-se muito feliz em ter nascido MULHER.

Seja a MULHER fiel à sua vocação divina e tudo se modificará para a HUMANIDADE na face da Terra.

Feira de Santana - Ba., 30 de Abril de 1975.

---

tência, a vontade inquebrantável dos que não se acomodam, e fazem da adversidade ponto de apoio para a reação, em favor da retomada do nosso desenvolvimento.

# Alguns documentos constantes de sua fé de ofício

1. — Telegrama do Diretor Pedro Luiz Corrêa e Castro, da Carteira Cambial: 20.8.1925: "Referencia seu telegrama 10, compras, estamos muito satisfeitos sua ação. Contamos seus esforços mesmo sentido".

2. — Idem, idem 2.9.1925: "Referindo-nos ao seu telegrama de 1º, câmbio, contínuo. Apreciamos seus esforços".

3. — Idem, idem 6.11.1925: "Estamos apreciando seus esforços. Pode continuar a comprar sem limite a 7.19/32 e 6\$520, se impossível melhor".

4. — Idem, idem 6.1.1926: — "Parabens pela gratificação especial de 10.000\$000, que lhe foi hoje concedida pelos bons serviços câmbio, semestre passado. —"

5. — Parecer do Diretor Dr. Francisco Leonardo Truda, em 18.11.1932: "... Como Diretor da Carteira de Agências do Norte, antes, e como diretor da Carteira de Liquidações, depois, tive ocasião de verificar a dedicação e eficiência com que o Sr. Dr. José Arraes de Alencar, então na gerência da Agência de Recife, serviu ao Banco. Seus esforços na liquidação de difícil caso foram de muita eficiência. Junto ao meu gabinete vem este funcionário, agora, trabalhando sempre com o mesmo infatigável zelo, assiduidade e competência. Assim, a sua promoção não será apenas uma justa recompensa e um estímulo merecido, mas demonstração de que o Banco sabe selecionar valores e aproveitar, da melhor maneira, os elementos que tem a seu serviço".

6. — Do mesmo Diretor, em 7.5.1934: "... Voltando (da Gerência do Instituto do Açúcar e do Alcool) ao serviço propriamente do Banco, seria para aquele funcionário, justo prêmio a sua dedicação, uma comissão para a qual o considero perfeitamente apto, isto é, a de inspetor. O Dr. José Arraes de Alencar tem uma fé de ofício altamente honrosa e os serviços que prestou ao Banco, à frente da Agência de Recife, em período difficilimo, justificam, de sobra, uma designação que seria, para ele, uma recompensa merecida e um exemplo e um estímulo para os demais funcionários".

*Cartas dirigidas pelo Banco:*

Em 7.6.1937:

7. — Estudo de Praças — Cajazeiras — Acusamos recebimento do relatório

rio elaborado por V. S., em consequência de estudo da praça de Cajazeiras. Examinando o seu trabalho, que nos causou boa impressão — mercê da clareza e segurança que o conduziram às suas conclusões — vimos comunicar-lhe que a Diretoria resolveu determinar a instalação de uma Agência de 5ª classe, naquela praça”.

8. — Em 22.6.1937: “Depósitos — Agência de Fortaleza: — Ficamos cientes das informações que nos presta, em carta nº 10, de 4 de maio último, tendo-nos impressionado muito bem o seu estudo sobre a capacidade da praça de Fortaleza, encarado atentamente o problema dos depósitos”.

9. — Em 28.7.1937 — “Inspeção — Acusamos recebimento do relatório referente à vistoria, a que procedeu V. S. na Agência de Natal, no período compreendido entre 21.1.37 e 3.3.37. Consignando a boa impressão que, sob todos os aspectos, nos causou o seu trabalho, anexamos, para seu conhecimento, cópia da carta que endereçamos à referida Agência”.

10. — Em 7.6.1938 — Examinamos seu relatório concernente à vistoria realizada na Agência de Fortaleza, no período de 8.7 a 8 de novembro do ano passado, a respeito do qual vimos transmitir-lhe a magnífica impressão que tivemos de seu trabalho, que, abordando os assuntos de maior relevância, demonstram fartamente a nítida compreensão das importantes finalidades das funções a seu cargo, aliada a uma exposição clara e sucinta”.

11. — Em 29.4.1939 — Inspeção — Referindo-nos ao seu relatório relativo à inspeção por V. S. feita em nossa Agência de Campina-Grande, no período de 5.9 a 15.9.38, cabe-nos dizer-lhe que o seu trabalho está muito bem elaborado e nos causou ótima impressão”.

12. — Em 26.8.42 — “Comunicamos-lhe que o Sr. Presidente, por despacho de 21 do corrente, mandou transmitir a V. S. os agradecimentos e congratulações — aos quais S. Excia. se associa — do Presidente da Comissão Especial para Regulamentação dos Acordos de Washington (Missão Souza Costa), pelos relevantes serviços, devidamente apreciados e enaltecidos na reunião da dita Comissão, que V. S. teve ocasião de prestar à mesma, durante a elaboração dos Estatutos do Banco de Crédito da Borracha”.

13. — Em 23.1.1945 — “Comunicamos-lhe que o Sr. Presidente, por despacho de 11.1.45, mandou anotar em sua fé-de-ofício, o elogio que lhe foi feito pelo Exmo. Sr. Ministro da Fazenda, em Aviso nº 45, de 9.1.45, pela dedicação, operosidade e competência com que conduziu o encargo que lhe foi confiado — liquidação do Banco Francês e Italiano para a América do Sul”.

14. — Em 30.11.1939: — “Informações do Departamento de Inspeção e Fiscalização de Agências: “Elemento de primeira ordem. Atuação ótima e assinaladamente eficiente. Preparo geral incomum. Conhecedor perfeito de todos os assuntos e problemas relacionados ao seu cargo, dentro das elevadas exigências da organização atual”.

15. — Em 22.10.1943: — Despacho coletivo da unanimidade da Diretoria “... A manifestação do digno funcionário Arraes vem confirmar o alto conceito, em que é tido. Sua elegante atitude revela, mais uma vez, sua bela formação moral”.

# Explosão Artística

O Crato é terra de artistas. Já possuiu uma das melhores Bandas de Músicas do interior. Mas o desinteresse das autoridades, as rivalidades políticas e emigração forçada pelas secas, fizeram com que aqueles instrumentos fôssem atirados ao canto.

Em 1950, um grupo de idealistas, sob o comando do violonista polaco Arnaldo Salpeter, fundou a "Sociedade de Cultura Artística do Crato"

SCAC. Foram pioneiros dêsse arrojo: Décio Teles Cartaxo, Eurico Rocha, George Lucetti, Antônio José Gesteira, Maria Aldenora Alencar Benevides, Mozar Gomes Rolim, Antonio Machado e outros.

O grupo, evidentemente, teve de vencer inúmeras dificuldades. Conseguiu, entretanto fundar escolas de música, facilitar, aqui e ali, o desenvolvimento artístico e surgiram talentos que enriqueceram a comunidade.

16. — Despacho de 5.1.1946 — (Do Exmo. Sr. Presidente Manoel Guilherme da Silveira Filho) — "Considerando que, além desses predicados de ordem moral, revelou esse funcionário dotes intelectuais e culturais pouco comuns, com a publicação de um Vocabulário Latino, unanimemente elogiado pela crítica; Considerando que, num gesto que evidencia a sua nobreza de caráter, tomou espontaneamente a defesa de colegas seus, em carta ao Banco dirigida..." "Resolvo também que nos assentamentos do digno funcionário se inscreva que durante a minha 1ª Presidência do Banco do Brasil lhe confiei missões da mais alta relevância, das quais se desempenhou com honradez, proficiência e dedicação".

\* \* \*

17. — Exmo. Sr. Dr. Manoel Guilherme da Silveira Filho, em carta de 21 de novembro de 1967, isto é, 21 anos depois:

"...Creia, meu caro Arraes, que nunca me esqueci da preciosa colaboração que me prestou, quando juntos trabalhamos no Banco do Brasil, e nem das suas altas virtudes, tantas vezes patenteadas. "(O Dr. Guilherme foi presidente do Banco do Brasil, duas vezes, e Ministro da Fazenda).

18. — Herculano Cavalcante de Albuquerque Filho, em 12 de Fevereiro de 1926 (Foi gerente do Banco do Brasil - Recife, Inspetor e depois, diretor do Banco do Brasil (Carteira de Câmbio) — "Eu já o sabia, de muito, um caráter bem formado, desde quando, tendo trabalhado juntos, alguns dias, em Therezina, o indiquei como podendo ocupar o lugar de Gerente. Não lembro isto para atribuir-me valor eficiente, de qualquer modo, na sua carreira ascendente nos cargos e na confiança do Banco. Não. Eu apenas quero acentuar que já o distinguia desde aquele tempo e não costume distinguir os nulos ou os mal formados de caráter. Distinguia-o, portanto, e não pouco, mas o seu gesto de agora ... .. fez-me querer-lhe bem como a um amigo sincero, do coração, que é como de então para cá lhe sou e desejo e peço que me considere".

de cratense, tanto em música como instrumental. Surgiu, então, a "Escola de Música Branca Bilhar", com os cursos de piano, violão, teoria musical, canto coral, teatro-escola, escola de dança e até de pintura.

I. — Quando o Professor José Newton de Sousa, primeiro Diretor da Faculdade de Filosofia, fundou o Colégio São João Bosco (1967), a professora Maria Divani Esmeraldo Cabral começou a dar aulas de música às crianças e foi dessas aulas que nasceu o PEQUENO CORAL DO CRATO. A estréia foi a 14 de maio de 1967, Dia das Mães. Animada com êste sucesso, o Pequeno Coral partiu para outras vitórias, excursionando por Campina Grande (Pb), Fortaleza e Recife (Pe), de 1968 a 69. Além de apresentações públicas, homenageou pessoas ilustres como o Dr. Husseler, Consul alemão em Recife (1968); o Dr. Konrad Eckermann, Diretor do Centro de Cultura Germânica na Universidade Federal do Ceará e o Magnífico Reitor da mesma Universidade o Dr. Antonio Martins Filho (1969). Prestou significativa homenagem ao Ministro de Educação e Cultura, Prof. Tarso Dutra, além de outras apresentações locais.

As flôres da esperança murcharam, quando o Colégio S. João Bosco se fechou (1971). Foi então que a zelosa diretora do Coral, profa. Maria Divani se apoiou à Sociedade de Cultura Artística do Crato, no seu 20º ano de existência e obteve sua maciça cobertura até hoje.

A vida do Pequeno Coral está nos ensaios diários, de 18,30 às 19,30, de sorte que seu repertório consta de umas 144 canções, não só em português, como em inglês, francês, alemão, italiano e espanhol e pode garantir mais de 140 apresentações no passado e nada custa uma apresentação de surpresa. O Coral conta atualmente com 69 figuras e mais não tem por uma questão de técnica

educacional. Um dos fatores importantes do Coral é o interesse e colaboração dos pais das crianças. O Pequeno Coral honra a cultura artística do Crato e já tem seu nome firmado, não só na região, como em todo o Nordeste.

2. — Outro Coral é o da Faculdade de Filosofia do Crato. Consta de 40 figuras selecionadas entre acadêmicos, professores universitários e voluntários da cidade. Sua história é curta, mas seu conceito já se firmou perante o nosso público de cultura superior, porquanto sempre se apresentou com brilhantismo invulgar.

3. — O Coral da Sociedade Lírica de Belmonte vem alinhar-se entre os melhores da região. Legalmente é o caçula, pois tem menos de um ano de existência, embora seus primórdios datem de 1969. Sobre êste coral saiu uma notícia no jornal "Tribuna do Ceará (18.10.1975), quando da apresentação feita no SESI, no dia do Professor.

Este coral tem uma singularidade: nasceu de filhos de agricultores do pé da Serra do Araripe, enquanto os outros são formados de estudantes e universitários.

O padre Agio Augusto Moreira iniciou, junto aos humildes, êste belo apostolado, descobrindo verdadeiros artistas.

Êsse Coral, tem, além de uns 16 cantores, uma coisa que os outros corais não têm: uma orquestra de 16 figuras: contrabaixo, violoncelo, viola, clarinete, trombone, saxofone, concertina, 6 violinos e 2 violões.

Executam músicas populares e religiosas. Tangos, baiões, valsas e músicas clássicas com uma perfeição extraordinária.

Funciona tanto em festas sociais, como em festas religiosas.

Crato está mostrando que é terra de artistas. Estamos descobrindo, na alma de seus filhos, o etéreo sabor dos sons.

# Organização Técnica Contábil e Comercial Ltda

AUDITORIAS E PLANEJAMENTOS DE EMPRESAS  
EM GERAL



ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA E CONTABIL A  
PREFEITURAS MUNICIPAIS



PLANOS DE APLICAÇÃO E PRESTAÇÃO DE CONTAS



ASSISTÊNCIA TÉCNICA CONTABIL



EXECUÇÃO DE SERVIÇOS CONTABEIS  
MECANIZADOS MANUAIS



CONSTITUIÇÕES DE EMPRESAS



DEFESAS FISCAIS TRABALHISTAS PREVIDENCIARIAS



RUA SENADOR POMPEU N.º 274

TELEFONE : 513 — TELEGRAMA : "ORTEC"

# Aliança de Ouro S. A. Comércio e Indústria



**MATRIZ:** RUA SÃO PEDRO, 379 — FONES: 2340, 2539 e 2549  
TELEGRAMA: "ALIANÇA" — CAIXA POSTAL, 17  
JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ



Distribuidora da:

CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL  
**chapas pretas e galvanizadas**

CIA. GOODYEAR DO BRASIL  
**Correias industriais e mangueiras**



E mais:

CASA ROSADA

FEIJÓ CONFECÇÕES

SAMPAIO TECIDOS

AGÊNCIA OLIVETTI

AOSA CONFECÇÕES

AOSA CONSTRUÇÕES

AOSA CONFECÇÕES — TERESINA — PIAUÍ

# ALGUMAS FIGURAS ESPANHOLAS NA PROSA BRASILEIRA DE FICÇÃO

Meado o século XIX, a estabilidade, em que vivia o Império sob a direção do regime parlamentar, possibilitara a criação do curso superior e a imprensa livre, enquanto se iam alicerçando as bases do comércio, da agricultura, da pecuária, os primeiros passos da indústria e um razoável delineamento bancário.

Constituiu-se em decorrência, uma pequena elite capaz de apreciar e cultivar as boas letras e artes, fruto do que nos ensinara o contato europeu, na fase colonial.

A prosa de ficção, após a caminhada inicial sob os cânones clássicos, cedeu lugar ao ciclo romântico, fase de grande e justificada nomeada em nosso evolver literário.

Aos poucos, igualmente, surgiram e se firmaram os prógonos de nossa literatura. E como a produção aumentasse, os escritores, atentos às normas, estilos ou escolas que se sucederam, foram se valendo mais acentuadamente da paisagem, usos e costumes e também do homem que, necessariamente, completaria a urdidura da ficção.

Nessa altura, é óbvio, o elemento nacional concorreria com a representação maior e primeira; a emigração, entretanto, paulatinamente, traria o seu contingente já hoje significativo, não sendo de desdenhar a êsse respeito um estudo específico ou pesquisa mais atenta e demorada.

Como sabido, a contribuição espanhola sobreveio com a própria descoberta da terra. Embora com períodos de maior ou menor animação, em verdade, jamais se interrompeu por gosto próprio. De outra parte, o espanhol, não nos chegou sob o espírito de aventura e sim como um colaborador, que veio para ingressar na família brasileira e nela permanecer como se estivesse em sua própria terra. Em outros tempos, chamaram-no de galego, alcunha que se generaliza à península; hoje, quase mais não se ouve tal qualificativo.

Na prosa de ficção, o seu comparecimento, com mais ou menos ênfase, não tem sido omisso. Desde longa data, tanto em personagens reais ou imaginárias, figuras centrais, vultos diluídos no entrecho ou acidentalmente invocadas para completar uma cena, tem o espanhol sido chamado a colaborar, às vezes, por forma significativa.

A transmigração da família real para o Brasil e a sua permanência forçada na antiga colônia americana (1808 - 1820), poria à disposição dos autores uma personagem cuja atuação percorreu do anedótico ao patético — a rainha Carlota Joaquina (1775 - 1830). Do reino a infanta espanhola tra-

zia fama pouco favorável; aqui, teve-a aumentada e dela se aproveitaram os cochichos de rua, sueltos e comentários de jornais e, finalmente, a prosa de ficção.

Desde que, entre nós, veio residir, a conduta de D. Carlota passou a sofrer severos reparos. Como à Coroa se guardava certo respeito, foram os pecados reais, em parte, relevados. Não importaria, entretanto, ficassem eles sepultados para sempre. À pouco e pouco, os escritores se interessaram pelas constantes alusões aos desregramentos da rainha até que se clamou pela prestação de contas à história.

Cronologicamente, é muito provável tenha sido José de Alencar (1829-1877) o primeiro romancista a incluir, entre as muitas figuras que criou, naturais de Espanha. Quando, em 1862, iniciou a publicação, em folhetim, de *As Minas de Prata*, já havia dado à estampa as suas três primeiras obras; de pessoas de tôdas categorias que fêz movimentar em quase duas dezenas principiara a oferecer ao seu grande público, coevo e pósteros, a vasta galeria de trabalhos. (1)

O romance, que se prolonga por dois alentados volumes, termina num epílogo feliz. Mas, até que se chegue a tal momento, não são poucos os entraves que se há de deparar.

As antigas tradicionais diferenças de berço emergem para tornar mais fundo o fosso social que separaria Inesita do seu cobiçado Estácio. Chocaram-se amargamente as pobres raízes do infeliz enamorado com as origens venturosas do sogro soberbo.

Era este, D. Francisco de Aguiar, nobre castelhano, senhor do Engenho *Paripe*, homem principal, como se dizia naquele tempo.

Alto, robusto, ainda verde e bem conservado, D. Francisco era o verdadeiro tipo do *hidalgo* andaluz. Orgulhoso de seu sangue, de sua pátria e de seus cabedais, altivo no trato dos que julgava inferiores, seco de maneiras, tinha, contudo, a verdadeira nobreza, que a educação e o hábito podem apurar, mas não é o privilégio dos brasões, pois a dá o coração; sabia ser grande e generoso, quando os prejuízos da fidalguia não se opunham aos impulsos de sua alma. (2)

Conformado, Estácio percorreria o seu longo calvário. Ciente da sorte soma de renúncia que lhe cobraria o destino, não desanimou. Corajosa e diligentemente, solidificou-a para poder reivindicar do orgulhoso sogro a mão de sua destinada Inês. Tempestivamente, arrojou-se à consciência já infeliz de D. Francisco e êle, cedeu, capitulou à força de uma generosidade imensurável, quase só possível às condescendências do romance.

Na complexa urdidura do livro, o Autor faz correr entre espanhóis e a *latere*, um outro romance, talvez de maior veemência dramática.

Depois de sucessivas alusões a coisas castelhanas e como a mostrar que elas o fascinavam, põe-nos em fins do século XVI, em Burgos e frente a duas personagens marcantes na trama que inspira a narração: Dulce e Vilarzito.

Ela, filha de Roman de Salas, de Andaluzia, cresceu sem problemas. Êle, de descendência anônima, foi aguador em menino, pagem e escudeiro já adolescente, terminando aprendiz de pintor quando, em companhia do amo,

## NOTAS

(1) O Guarani (1857), Cinco Minutos (1857) e A Viuvinha (1860).

(2) As Minas de Prata. Edições de Ouro, 1967, v. 19, pág. 53

travou conhecimento com Francisco Pacheco, criador da escola sevilhana, predessor de Velasquez, Murilo e Zurbarán. Como a pintura não fosse a sua verdadeira intenção, as rugas com o protetor transformaram-no em caricaturista de muro. Neste ofício, que se aproveitou para vinganças e doestos, retornou ao atelier do mestre por enérgica imposição do famosíssimo D. Miguel de Cervante e Saavedra, igualmente aviltado pelo carvão galho-feiro de Vilarzito. Novamente fora do ofício, andejou às tontas, casou às pressas com Dulce, espanhola de 15 anos e como êle de menor juízo. À conta de uma promessa que a esposa fizera, deixou-a sem núpcias e seguiu para Sevilha. Então, fascinado pela pregação sacra, ingressou na Companhia de Jesus com o nome de Gusmão de Molina.

Dulce, que emigrara com o pai atrás do marido fugitivo, no Brasil, se transformara na rica e desditosa Maria da Penha. Por ironia do destino, indo a um convento deparou com o esposo, sob vestes religiosas. A perseguição que lhe moveu para que cumprisse êle as obrigações de marido foi verdadeiramente diabólica. A consunção do desejo custou-lhe a vida e ao monge a ruína moral. O patético encontra no desfecho uma prova de que José de Alencar sabia bem alcançá-lo, quando isso se impunha para maior efeito.

Quatro anos após, Joaquim Felício dos Santos (1828 - 1895), através de *Acaíaca — Romance Indígena — 1729*, teria oportunidade de nos dar a conhecer a curiosa figura, quase lendária mesma, do Dr. Medina.

Vasado em moldes antigos o autor demonstra ser bem dotado de poder descritivo e comunica facilmente ao leitor seu desejo. O livro veio a lume em 1886. *Acaíaca* significa o nome de belo e majestoso cedro, cuja tradição lhe dava idade fabulosa.

A estória evoca o antigo Tejuco (Minas Gerais) na fase colonial, época de próspera exploração aurífera e, ainda quando, acidentalmente, foram descobertos os primeiros diamantes.

Os garimpeiros desconfiaram logo de que aquelas pedras valiam muito; no entanto, tornava-se necessário ouvir-se alguém que pudesse confirmar o preço do achado.

O Dr. Medina, era um sábio e distinto naturalista, que nesse tempo residia no Tejuco, natural da cidade de Madrid, pertencente a uma família nobre e rica, cujos ascendentes muito se haviam ilustrado nas guerras com a mourama, ganhando com isso honrosos títulos de nobreza e fidalguia. Formado em diversas faculdades na Universidade de Salamanca, aí fôra professor de história natural por muitos anos.

O solo da pátria oferecia teatro um pouco estreito às suas observações científicas; empreendeu viajar pelo mundo.

O Dr. Medina viajava pela capitania do Rio de Janeiro, quando ocorreu a noticia de descobrimento das lavas auríferas do Tejuco. O amor da ciência o pôs logo em marcha para um novo descoberto, onde pretendia dedicar-se a exames mineralógicos e metalúrgicos, como já tinha feito em outros lugares no Brasil. (3)

---

## NOTA

- (3) *Acaíca*. Romance Indígena (1729). Rio de Janeiro. Tip. Renascença. 1866, ps. 87-88. Informa Brito Broca que, do livro, saiu segunda edição em 1894; ainda, que o trabalho é a romantização do cap. III das *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*, do mesmo autor (Horas de Leitura. Inst. Nacional do Livro, 1957 p. 173). Existe terceira edição das *Memórias*, de 1956, edições O Cruzeiro.

Estava em seu laboratório quando os garimpeiros lhe trouxeram a exame novas pedras. Emocionou-se o pesquisador — eram diamantes; conteve-se, todavia. Sabia o que representaria em desassossego a nova fonte de riqueza. Tencionando evitar outras e penosas dissensões, conseguiu disfarçar e convencer os garimpeiros de que o mineral não era valioso, que eles deveriam continuar minerando o ouro, pelo que já pagavam pesado onus. Tinha ciência de quanto ambicionava a Metrópole se soubesse acêrca das lavas do Tejuco. Assim pensava, tendo em vista não aumentar as penas daquela população. Infelizmente e como outros não possuissem a sua mesma formação, foi impossível evitar-se as consequências da descoberta.

O romance, de entrecho bem trabalhado e algo rocambulesco, revela um narrador capaz de insinuar situações dramáticas ao lado de figuras bem marcadas. O Dr. Medina, na sua singular placidez e desambição, não deixa de sobressair.

O patriarca de nossa literatura, na tarefa de aumentar o número de personagens que pôs em circulação em nosso mundo de letras, para deleite, estudo e interrogações de seus infindáveis leitores e pesquisadores, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, acrescentaria a famosa e formosa Marcela à sua desconcertante falange feminina. (4)

Posta no caminho do irrequeto Brás Cubas — “durante quinze meses e onze contos de reis” — tanto foi o seu amor, tudo aconteceu para que, com mais prestesa, fosse êle despachado a Coimbra, onde deveria a se formar.

Era filha de um asturiano, a bela e cativante espanhola — “A linda Marcela, como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes”. Como fizera a outros, enlaçou firme o jovem Cubas que, nos ardores de sua mocidade esfuziante e sôfrega, referia: “Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso”.

E, realizada a conquista, não fôra menor o seu deslumbramento. “Primeira comoção da minha juventude, que doce me foste! Tal devia ser na criação bíblica, o efeito do primeiro sol. Imagina tu êsse efeito do primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor. Pois foi a mesma coisa, leitor amigo, e se alguma vez contaste dezoito anos deves lembrar-te que foi assim mesmo”.

Não é pequeno e menos lembrado o grupo feminino idealizado por Machado de Assis (1839 - 1908). A sua variada coleção de Evas, na maioria, é nacional. Na época de elaboração do livro a aventura havia trazido aos refinamentos da Corte damas internacionais o que, de resto, acontecia nas demais capitais de outros países da América do Sul.

O romancista, que era excelente observador, quando escolheu os encantos de uma espanhola e os seus reflexos para alvo das primeiras atribuições do inigualável Cubas, é de crer, não o fêz por acaso. Mais do que o simples imprevisito, acudiu-lhe uma acertada seleção nesse galante episódio que toma cinco capítulos do livro.

“Cosas da España” — título com que salienta o que vai relatar, ingressaram na obra à guisa de condimento necessário às peculiaridades de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A escolha de uma asturiana rematou

## N O T A

(4) O trabalho saiu inicialmente na Revista Brasileira, em 1880. A primeira edição em livro é de 1881.

o quadro que o escritor queria vivo, humano, próprio às inclinações e ímpetos iniciais do biografado.

Tempos depois, em *Quincas Borba*, voltaria à raça. Um criado espanhol trazido a Rubião por Cristiano, ocasionalmente, aparece, por duas vezes. Em uma delas, chamando a Quincas — "Perro del Inferno"! mostra-se pouco simpático às exigências de um animal que desfrutava regalias excepcionais. (5)

O gênero folhetim, à época, atraía os escritores. Aluizio de Azevedo que se ensaiava para ser dos maiores do nosso naturalismo, não o desdenhou. Em 1882, em a "Folha Nova" (Rio de Janeiro), publicava o romance — *Mistério da Tijuca*, posteriormente, mudado de nome para *Girândola de Amores*.

Um caso passional da trama romanesca solicitou a ajuda de personagens capazes de atuarem num tipo de vingança compatível com o crime. A princípio, não se esclarece bem a nacionalidade do colaborador convocado, embora tenha falado num "acento muito espanhol". Em discussão bastante crua, um dos interlocutores se expressa em castelhano. Tais diálogos, ocorrem entre embarcações regulares e aliados irregulares. Finalmente, lamentam que o espanhol escolhido para agir em determinado momento, não tenha atuado com o necessário destemor. (6)

Tornara-se célebre, nos fastos passionais da Corte, entre a segunda e a terceira década do século XIX, famoso marginal. Vivendo do crime e para o crime, ficou conhecido pela alcunha de — o homem da capa preta. Em sua existência real extravasou os limites humanos. Surgiu para se fazer conhecer, discutir e odiar, à força de suas iniquidades. Com o passar dos anos imergiu no domínio da lenda. A ficção, como em outros casos, encontraria nele, em suas façanhas macabras, material romaneável. E assim surgiu *Pedro Espanhol*, para figurar numa galeria onde outros já se haviam instalado sob o abrigo dos que se deleitavam e ainda apreciam o gênero.

Temido e temível, não media consequências, quando perseguia os seus desígnios. Aumentada a fama à custa de suas vítimas, o sicário deu margem a copioso noticiário, fêz ecoar e mesmo ampliar o temor de suas investidas além das fronteiras do Rio de Janeiro. Passados os anos, quando a lembrança de suas loucuras ainda perdurava, José do Patrocínio (1853 - 1905), então jornalista vibrante e tribuno aclamado, escreveu para "Gazeta de Notícias", jornal onde trabalhava, sob a forma de folhetim, como era voga, o romance — *Pedro Espanhol*, posteriormente saído em livro. (7)

O enredo, aparentemente simples, desenvolve-se sob um realismo onde ressaltam as qualidades do escritor. Os biógrafos do eminente abolicionista não o incluem entre os nossos ficcionistas; entendem que o tribuno e o jornalista sobrepujam as demais atividades que êle exercitou. Artur Mota, que lhe estudou a vida e a obra, escreveu: "Se Patrocínio não merece a classificação de romancista, é forçoso convir que deixou algumas páginas vividas, de forte intensidade dramática ... (8) O romance narra a infância,

## NOTAS

(5) *Quincas Borba*, Clube do Livro, São Paulo, 1944, p. 42

(6) Brigueit & Cia., 5a edição, 1957, ps. 141 e 105-6.

(7) Patrocínio, José do — *Pedro Espanhol*. Romance Original. Rio de Janeiro, Tlp. da Gazeta de Notícias. 1884. Entendem alguns autores que a nacionalidade de Pedro não está suficientemente esclarecida.

(8) *Rev. Academia Bras. de Letras*, vol. XXXVII, Rio, 1931, p. 329

adolescência, amores e crimes do facinora. A história de sua adoção, ainda criança, por um casal de malfeitores que fugira do Rio para Lisboa, Madrid e novamente para o Rio, agora, trazendo Pedro que, vivendo na orfanidade, miséria e maus tratos, prosseguiu entre o assalto, o roubo e o crime de morte.

A intensidade dramática a que aludira Artur Mota encontrou em *Pedro Espanhol* campo propício a que o romancista desse largas à sua imaginação. Concomitantemente, desenvolve-se acontecimento histórico igualmente bem delimitado e ajustado ao tema. O livro, hoje raridade bibliográfica, não decepcionará, se encontrar quem faça circular nova edição, após mais de 90 de sua primeira tiragem.

Iniciada a centúria fluente, o gênero romance de costumes brasileiros ganharia trabalho que, pela sua singularidade, marcaria época — *Dois metros e cinco*, de autoria de J. M. Cardoso de Oliveira.

Os vários compêndios e estudos inventariando nossa fortuna intelectual ainda não o incluíram no competente ról de bens pôsto a disposição do público; nem por isso, sobrevive menos prestigiada a narrativa algo picaresca na qual se destaca o famoso e irrequieto Marcos Parreira, traquinas que deu muito que falar e até passou ao mundo anedótico de certa época.

No desenrolar de quanto acontece e num cenário que se dilata de Pernambuco a Bahia, dezenas de personagens atonam focalizados sob intenso colorido. D. Celestina, ex-corista de zarzuelas, agora beata fanática, casada com o seu antigo empresário, não se acomoda facilmente e, por duas vêzes, ergue a voz para dizer o que pensa e sente. Malgrado a escassa exibição, deixa marcadas suas esquisitices e preferências. (9)

Incomparável em recordar coisas do passado e fazê-las reviver, ora fotografadas sem maiores retoques e ora sob o calor dos refletores, o escritor e acadêmico Luis Edmundo, em o seu *O Rio de Janeiro do meu tempo*, ao consignar tipos da nossa antiga Capital Federal, relembrou Ximenes, cartomante famosa, procurada por clientela de importância e numerosa (10) e Fortunato, dono do café que lhe tomou o nome e ficava na Rua da Carioca. Referindo ao antigo Café Paris, alude ao fato de que o garção principal do estabelecimento era Salvador Gonçalves, depois proprietário do Café Vitória. Falava ele à moda de Vigo e era com proverbial paciência que aturava as desavenças surgidas entre os frequentadores da casa. (11) No citado livro, Luis Edmundo com indisfarçável entusiasmo, recordou:

Da Guerrerito dizia-se que era a mais linda espanhola que já tinha desembarcado no Brasil. Lembrava a *maja* de Goya. Como era bonita, a Gerrerito!

Dançava uma "jota aragonesa" que nos levara para o céu, ao som das mais cascadeantes castanholas. Com a sua figurinha de sexo ou de *biscuit*, fina, leve, flexível, lembrando um junco, passava por ter inspirado ao *Radical*, que nós todos tínhamos como um grande técnico em assuntos femininos, esta frase sutil:

— Isto é que é mulher para o nosso clima!

Guerrerito enlouqueceu uma legião de moços, arruinou uma porção de velhotes. Mulher de verão! Acabou casando. Dizem que bem, na Itália.

## NOTAS

(9) Cardoso de Oliveira, J. M. — *Dois Metros e Cinco*. Aventuras de Marcos Parreira (Costumes Brasileiros), 3a ed. F. Brigulet, 1936.

(10) 19 vol. 2a ed. Ed. Conquista, 1957, ps. 186 e 126

(11) op. cit. vol. III, ps. 560-61.

Outra espanhola notável foi a Carmencita, uma de linha sinuosa e ofídica, que até parecia descender, diretamente, da famosa serpente do Paraíso. (12)

Ainda no gênero reminiscências, informa o escritor Eugênio Gomes (1897 - 1972) que, juntamente com os outros rapazes de então, tomaram contato com a arte cênica por incentivo do artista espanhol itinerante Molina. Para ganhar a vida, ia ele de cidade em cidade, juntamente com a mulher e a filha, representando farsas de capa e espada. De uma feita, o escritor fez o papel de cavaleiro nobre que sempre aparece para salvar a situação, numa cena que ocorreria em Serra Morena e onde Sancho Pança derrama lágrimas por lhe haverem roubado o burro de sua montaria. (13)

Não tendo sido autor dos mais férteis, Anibal Machado (1894-1964), apesar disso, deixou nome literário razoavelmente lembrado. Espírito caroável, aberto às manifestações das letras e artes, era procurado com interesse pelas gerações que despontavam e diligentemente lhes animava os ansiosos e pretensões. Sem pressa e nem vaidade escreveu contos e novelas hoje reunidos em um só volume (14). Uma delas — *Um acontecimento em Vila Feliz* — tem curso em pequena e ordeira aglomeração sob o nome Vila Feliz. Afora simples menções de passagem, o Autor compõe o lado humano de sua novela com oito personagens e, em cada uma, acentua traços do perfil.

Paquita, parteira de profissão e no primeiro plano dos acontecimentos, é espanhola. O ofício de assistente, em quase todas as pequenas cidades (e até em maiores), não raro emprestava, a quem o exercia, prestígio que se espalhava com alguma forma. Á conta da maledicência popular, que, em tais ocasiões aflora impiedosa, era ela tida e reconhecida como megera guardada por cães ferozes, culpada da morte de um fazendeiro, dançarina que bailou nua para enfeitiçar um amante e desencaminhadora de maridos. De outras ocasiões, quando menores eram as prevenções e bem sucedidos os seus préstimos, reconheciam-na bonita, simpática e mesmo gentil.

Helena, figura central da novela, por força de maus fados, necessitou que alguém firme e decididamente a orientasse e lhe guardasse segredo bastante íntimo. Nesse transe, Paquita, revelando extraordinária compreensão humana, não teme arrostar graves consequências, ajuda e põe a salvo sua protegida.

Oferecendo mais um romance — *Os Rodriguez* — já em sexta edição, a Sra. Leandro Dupré trouxe excelente contribuição a particularidade a que estamos referindo nesta minúscula pesquisa. Na sua contextura singela, o livro encerra a história de uma família de costumes tradicionais, sólidas raízes ibéricas, alguma nobreza e parentesco com a aristocracia espanhola. Em busca de campo maior para aumentar os seus cabedais, fixa-se em São Paulo, a fim de conseguir o seu desiderato.

O trabalho, a pertinácia e a economia orientaram as gerações anteriores. A que crescerá entre nós, a despeito dos bons exemplos avoengos e paternos, não terá a mesma consistência moral. Eram tres os Rodriguez:

## NOTAS

(12) op. cit. col. III, p. 474.

(13) *O mundo da minha infância*. Memória. Gráfica Olímpica Ed. Rio de Janeiro, 1969, ps. 95-96.

(14) *Vila Feliz*. 1944. Liv. José Olímpio Ed. Rio de Janeiro

Dom Fernando, alto, magro, feio, pálido, covarde, casado por interesse e frascário; Dom Isidro, também alto e feio, jogador, econômico e orgulhoso, e Dom Paulo, menos alto, igualmente magro e feio, o mais rico e casado por amor com Elisa, moça pobre. Finalmente, existia dona Justina da Conceição Rodriguez. Alta, gorda, casou-se bem, enviuvou e nunca conseguiu aprender o português.

Tais tipos, apresentados sob pinceladas vigorosas e marcantes não circulam durante toda a narrativa, mas, mesmo brevemente, foram salientados para não ser esquecidos. O enredo prossegue com Dom Paulo e a sua descendência, que já sofreria as injunções de uma sociedade que passara da rural para o industrial. É de sua grei, já bem brasileira, o enfoque do tema.

A sequência dos fatos evolui numa proporção emocional, onde não fica totalmente ausente o sentimento de compreensão e ternura que desperta a desorientação com que se governam as gerações, que se vão sucedendo na paisagem familiar com os seus toques urbanos. No seu desenrolar há fortes desajustes; a romancista, entretanto, não encontrou motivos para qualquer deformação mórbida, o que é louvável. O livro revela a bem formada estrutura que possui a Autora na área e limites a que se propôs. (15)

Autor de quase duas dezenas de volumes, entre reportagens, memórias, contos, novelas e romances, neste último gênero Érico Veríssimo realiza, talvez, a sua tarefa de maior projeção. Em *O Tempo e o Vento*. O Arquipélago (16), engastou com inegável felicidade a presença de Dom Pepe Garcia, pintor castelhano que se radicara no Rio Grande do Sul e de todos se tornara estimado.

A densa narrativa que informa o livro, em dois volumes, memorando fatos políticos nos âmbitos municipal, estadual e federal, e que terminaram por modificar a estrutura do País, leva Veríssimo a citar dezenas de nomes, familiares e políticos, alguns de real destaque na culminância dos acontecimentos. A excêntrica figura de Dom Pepe Garcia não se apaga, posta ao lado de homens e fatos tão compridamente lembrados.

Chamado à cena em virtude de haver pintado o retrato de Rodrigo Cambará, grava ele sua permanência no entrecho por força do seu temperamento carinhoso e comunicativo, fruto da alma de artista que possuía, arrebatada e telúrica.

Aos setenta e um anos Pepe Garcia parece um quixote de capítulo final. Tem um rosto longo e emaciado, um par de olhos escuros e ardentes, no fundo de orbitas ossudas; os bigodes de guisa largas caem-lhe pelos cantos da boca e a agudez do queixo acentua-se uma pera grisalha e mal cuidada. Veste uma velha roupa de sarja cor de chumbo, de gola ensebada; manchas de sopa e molhos de almoços e jantares imemoriais deixaram-lhe nas lapelas desenhos indecifráveis. Seus pés longos e magros estão metidos em alpargatas de pano pardo. (17)

Dom Pepe considerava o retrato, que executara, de Rodrigo Cambará, das suas melhores produções, talvez a máxima. Assim, era todo embevecimento quando, visitando o Sobrado (residência dos Cambarás), admirava por largos momentos, a figura de corpo inteiro do amigo, ainda em pleno vigor físico e agora em vésperas de morrer.

## NOTAS

(15) Sra Leandro Dupré. *Os Rodriguez*. 6a ed. Editora Saraiva. São Paulo. 1958.

(16) Veríssimo, Érico. *O Tempo e o Vento*. O Arquipélago. 1º t. Editora Globo, 1961.

(17) Veríssimo, op. cit. p. 36.

Com 35 anos de Brasil, falando português ainda com certo acento capaz de lhe identificar a identidade, Dom Pepe integrara-se na querência dos pampas e conseguira atenções que se distribuíam entre o artista e o amável cavalheiro sempre cortês. Uma figura digna de ingressar e permanecer na corte que o Autor rememorou com precisão histórica. Uma década depois, em *Incidente em Antares*, nas luminosas e numerosas "cenas curtas" a que se referiu Tristão de Ataíde em elogiosa apreciação que fez do livro (18), por mais de uma vez, Veríssimo completou-as, insinuando e provocando-as com alusões espanholas. (19)

Em o *Chapadão do Bugre*, romance que retrata cenas e casos do nosso vasto interior, o acadêmico e escritor Mário Palmério acrescenta às muitas personagens que enumera, seu Cabrera, espanhol apreciador de galos de briga e o irmão, Diego, donos da Padaria Isabel, ambos solidamente informados de tudo quanto se verificava em Santana do Boqueirão. (20)

Em São Paulo como na Bahia, desde muito a colônia espanhola tem sido mais numerosa do que nas demais unidades da Federação. Neste último o imigrante castelhano por tal forma se tem adaptado ao meio que abraça as mais diversas profissões, fato que o torna bem recebido e aceito por todos.

Não admira, assim, tenha Jorge Amado, baiano de nascimento, escritor dos mais fecundos, fazendo de sua terra, sua gente e costumes o *leit motiv* de sua imensa e apreciada obra literária, incluído várias personalidades espanholas em seus livros, ao lado das muitas que criou, atribuindo-lhes papéis de maior e menor relevo.

Observa Wilson Martins, competente e exigente crítico literário, que em Jorge Amado — as personagens anônimas concorrem talvez mais do que as nominadas para introduzir na história a dimensão humana e o ingrediente de verosimilhança ... "e, que, ele, "viveu grande parte de sua carreira diluindo as fortes personalidades nas tintas mais fortes dos grandes quadros de conjunto; assim, personagens aparentemente "secundárias" e, como vimos, até anônimas, podem adquirir uma significação profunda nas perspectivas globais do romance. Ao mesmo tempo, como o seu instinto do pitoresco é extremamente agudo, êle imediatamente confere uma identidade inconfundível mesmo àqueles tipos que apenas perpassam incidentalmente pelas páginas dos livros. (21)

Sem necessidade de citar todos os oriundos de Espanha que o escritor nos traz ao conhecimento, lembraremos que, a vôo de pássaro, em *Suor*, vez por outra faz entrar em cena — um espanhol ou uma espanhola, para completá-la. (22)

Após minuciar, em *Jubiabá*, a famosa figura do pai de santo que dá nome ao livro, aponta entre os que procuravam o curandeiro para alívio de seus males — dois espanhóis: um dêles, curado de dor de dentes, segundo a ciência do velho mágico; e o outro, dono de uma barraca que, entre outras coisas, vendia bilhetes com sorte. (23)

## NOTAS

(18) *Jornal do Brasil* (Rio), 10.2.1972.

(19) Editora Globo, 1971, ps. 22, 193 e 304. Não deixa de ser significativo o apelido de "Barcelona" com que êle crismou uma das figuras do livro.

(20) Palmério, Mário — *Chapadão do Bugre*, 2a ed. 1965, ps. 179-80.

(21) Martins, Wilson. *Era dos Dicionários*. "O Estado de São Paulo" sup. lit. 14.2.1970.

(22) *O País do Carnaval*. Cacao. Suor, 4a ed. Liv. Martins Ed. 1955.

(23) *Jubiabá*, 7a ed. Liv. Martins Ed. 1955. São Paulo, ps. 11-2 e 116.

Discorrendo sobre o porto de Ilheus e a exportação do cacau e aludindo a um local em que falavam de amor e de mulheres, diz-nos, em *Terra do Sem Fim*, que o dono da venda era um castelhano. — "O espanhol se encostou no balcão para ouvir as aventuras do de anelão falso ..." (24)

Novamente em Ilheus inspirou-se para arquitetar o seu *Gabriela, Cravo e Canela*. Num cenário intensamente alimentado por figuras de todos os naipes e algumas nacionalidades, um espanhol é quem surge para ensinar Gabriela a por uma rosa na orelha e com essa faceirice, aprimorar os dengues com que conquistava os seus admiradores.

Fôra o sapateiro Felipe — Boca suja de anarquista a praguejar contra os padres, tão educado quanto um nobre espanhol ao falar com uma dama — quem lhe ensinara aquela moda. A mais formosa das modas, dissera-lhe.

Todas as muchachas em Sevilha usam uma flor roxa nos cabelos ...

Tantos anos em Ilheus, batendo sola e ainda misturava palavras castelhanas ao seu português. Antes aparecia no bar apenas de raro em raro. Trabalhava muito, remendava selas, arreios, fabricava chicotes de montaria, botando solas em sapatos e botas, no tempo livre lia folhetos de capa encarnada, discutia na Papelaria Modelo. Quase só aos domingos vinha ao bar para jogar gamão e dama, adversário temido. Atualmente era todos os dias antes da hora do aperitivo. Quando Gabriela chegava, o espanhol suspendia a cabeça de rebeldes cabelos brancos, ria com os dentes perfeitos, de jovem:

— Salve la gracia, olé.

E fazia com os dedos um ruído de castanholas. (25)

Inusitado ritual constitui a tradicional lavagem da Igreja do Bomfim. A êsse respeito, anota em *Bahia de Todos os Santos*, entre centenas de pessoas que acorrem àquela piedade típica: "Essa Baiana tão branca nasceu em Espanha e veste roupas populares da Bahia, fugiu talvez de um poema de Garcia Lorca". (26)

Narra, em *Os pastores da noite*, como aumentaram as desditas de Maria da Graça quando, às vésperas do casamento, abandonou "espanhol bem empregado na mercearia de um seu patricio, com promessa de interesse no negócio para muito breve, galega fino". No mesmo romance, aproveita uma outra personalidade: Pepe Oitocentas, apelido que resultou das oitocentas gramas que ele usava em seus armazens e padarias, benemérito da Igreja, influente nos diversos setores da vida baiana, conspícuo cidadão. (27)

Já salientamos. avultada é a colônia na Bahia e os membros estão largamente entrelaçados na vida baiana. Destarte, o renomado escritor tem lá as suas razões em aproveitar, quando teceu *Os velhos marinheiros*: Lopez, simpático dono de uma venda situada na parte externa do mercado e Rafael Menendez, que o velho Moscoso, quando transformou a firma, fê-lo entrar como sócio forte e, por disposição testamentária, deixou-lhe a completa direção do negócio. (28)

Igualmente, não esqueceu de animar com o pitoresco e o picaresco

## NOTAS

(24) *Terra do Sem Fim*. 8a ed. Liv. Martins Ed. São Paulo, 1957, p. 182

(25) *Gabriela, Cravo e Canela*. 2a ed. Liv. Martins Ed. São Paulo, 1958, p. 199

(26) *Bahia de Todos os Santos*. 8a ed. Liv. Martins Ed. São Paulo, 1961, p. 37.

(27) *Os Pastores da Noite*. 12a ed. Liv. Martins Ed. ps. 50,201,215 e 220.

(28) *Os velhos marinheiros*. 3a ed. Liv. Martins Ed. São Paulo, 1961, ps. 43 e 155.

que transborda em *Dona Flor e seus dois maridos*, com as figuras de Ramiro; Andres Gutierrez, o fotógrafo moreno de bigodinho recortado e Pedro Ortega, rico comerciante. (29)

Na sua publicação — *Tenda dos Milagres* (1969), encontram-se prestigiados um par de figuras anônimas nas atividades; nem por isso o escritor dá menor importância a uma do que a outra: o dono de um bar e um livreiro.

O Bar Bizarria, um dos últimos a oferecer mesas e cadeiras aos clientes, a lhes possibilitar o prazer da conversa, fôra antes localizado no melhor ponto da Praça da Sé, propriedade do afável galego de Pontevedra há mais de meio século.

O galego inicial, amigo de sua freguesia e de um bom gole de vinho (não desdenhava a cachaça, se de boa qualidade)... (30)

O progresso, derrotando a maneira como o dono da casa persistia em lidar com o negócio, obrigara-o a entregar a empreitada aos filhos, já senhores de uma nova técnica na arte de comerciar; êle, porém, afeito à inicial e não se julgando vencido, retirou-se para outro ponto, outro bar.

Ao passar na Praça da Sé, em frente das vitrinas da Livraria Espanhola, de Dom Leon Esteban, livreiro experimentado, amigo de toda uma elite intelectual e que com certa paciência aturava os autores de livros novos que tinham ânsia de vê-los publicados. Entre tais impacientes, Dom Leon preferia os poetas.

Informado, lido, de trato discreto e agradável, Dom Leon recomendava autores a literatos e estudantes. Pusera em moda Blasco Ibañez, Vargas Vila, o argentino Ingenieros, o uruguaio José Enrique oRdó. Ingenieros e Rodó, para professores, Vargas Vila popularíssimo entre os estudantes. Blasco Ibañez para as ilustríssimas famílias; variada era a freguesia de Dom Leon, eclético o gosto do livreiro. (31)

Criou raízes na cultura baiana a época em que Dom Esteban e o seu estabelecimento lidavam com avultada freguesia. A importação de livros estrangeiros deu-lhe, também, a condição de consultor de grupo seletivo de intelectuais; a sua livraria funcionava como uma fonte de letras procurada e prestigiada pelos que se interessavam pelas novidades, que o livreiro punha à disposição de sua diligente clientela.

Ao tempo em que a livraria desempenhava parte mais ativa na vida cultural da cidade e era local de encontros para bons momentos do espírito, na Rua 13 de Maio, no Rio de Janeiro (GB), a Livraria Espanhola, de Samuel Nuñez Lopes, constituiu-se, igualmente, em apreciável e recordado veículo aos que se interessavam pelas letras castelhanas. O prestimoso Samuel, embora não faltem motivos, ainda não ingressou em o nosso mundo da ficção; entretanto, foi objeto de repetidas reportagens e entrevistas nas quais foram louvadas a sua benemerência cultural, atuação, que lhe valeu ser galardoado com a Ordem do Cruzeiro do Sul.

Inicialmente, anunciamos ser esta uma pesquisa limitada. Alguém que a queira aumentar e comentar o assunto com mais propriedade, mostrará não ser pobre e realmente significativa a quantidade de personagens espanholas embutidas em nossa copiosa galeria literária.

## NOTAS

(29) *Dona Flor e os seus dois maridos*. História moral e de amor. romance, 1ª ed. 1966, p. 216

(30) *Tenda dos milagres*. Romance, Liv. Martins Ed. São Paulo, ps. 146-7

(31) op. cit. ps. 252-3.

# C O D E M A

## Comércio de Madeiras Ltda.

**MATERIAL DE CONSTRUÇÃO :**

**F E R R O**

**C I M E N T O**

**A Z U L E J O S**

**P R E Ç O S S E M C O M P E T I Ç Ã O ! ! !**

**MATRIZ EM CRATO:**

**RUA BARBARA DE ALENCAR Ns. 661/683**

**FILIAIS:**

**JUAZEIRO DO NORTE E IGUATU**

# Ofício Fúnebre

No Sítio Monte-Alegre, no município do Crato, Estado de Ceará, até os idos de 1919, morava um preto, já de idade avançada, na orla da estrada real. Apesar da sua cor ser escura, tinha os cabelos finos e lisos. Vivía na companhia de uma velhusca, mais ou menos de sua idade e tinha dois filhos: um rapaz e u'a moça. Tratava-se de gente boa e afeita ao trabalho.

Todos os anos, de comum acordo com a companheira, festejava o dia de São Gonçalo. Depois do lauto jantar, acompanhado da boa "pinga" da região, iniciavam-se as danças, que se compunha de uma roda, uns atrás dos outros e de um entrelaçamento de homens e mulheres, à guisa de quadrilha. O rufar de tambores, entremeado do som de violas, de rabecas e das cantigas piedosas e mal-arranjadas, em louvor a São Gonçalo, entrava noite a dentro até o romper da manhã seguinte. Muitos dos convidados, mais distantes, ficavam para o almoço, e somente à tarde regressavam às suas casas.

Pedro Lopes era um homem do povo, humilde, respeitoso, honesto e de educação. Estas suas qualidades, supriam-lhe a falta de instrução. Dada a maneira de como exercia sua bondade, era querido e estimado por todos os que o conheciam. Vivía para o trabalho e para ser útil aos seus semelhantes, quando era solicitado. Para este sagrado mister, como ele o considerava, não se fazia rogado. Para a prática do bem, estava sempre desocupado. Quase não ocupava a ninguém e não fazia queixas de suas necessidades a quem quer que fosse.

Muito embora sua manutenção dependesse de serviços braçais, a sua profissão-de-fé prendia-se a um ofício que usava por predestinação ou por simples amor ao próximo, pois o exercia sem nenhum estipêndio. Este seu ofício favorito, consistia em exortar moribundos, rezando as orações *in extremis*. Bastante versado em ajudar alguém a morrer (no dizer do vulgo), nada deixava a desejar. Sabia uma infinidade de orações exortativas e conhecia a sutil aproximação da morte. Quando um doente estava em perigo de morte, diziam: "é bom chamar seu Pedro Lopes". Ele, ao receber o recado, ia a passos largos, fosse onde fosse e a qualquer hora do dia ou da noite. Compreendia que, naquela região, somente ele entendia daquele ofício macabro, e, por isso mesmo, fazia questão de atender ao chamado com a maior solicitude. Não se podia medir-lhe o tamanho do prazer que experimentava ao receber um chamado para assistir a um moribundo. Sua alegria parecia encher-lhe a alma e transbordar.

Ao chegar a casa onde se esperava um desenlace, tirava o chapéu de palhas de carnaúba e, com ares de mestre, mas sem exibição, ia ver a pessoa cuja vida, aos poucos, se extinguia do convívio comum. As pessoas que estavam no quarto do doente, respeitosa e afastavam, a fim de o mestre levar a efeito os exames que lhe exigia a pericia. E, um tanto circunspecto, dava início: pegava no pulso esquerdo do moribundo, nos pés,

# Mestre da Xilogravura

Walderedo Gonçalves é um artista completo e acabado. Um homem simples, de origem humilde e poucos recursos. Quase nada tem de seu, mas sabe fazer de tudo. Trabalhador e criativo, curioso e inteligente, já exerceu várias profissões, tentando tudo para sobreviver. Nascido a 19 de abril de 1920, faz trabalhos em gravura, pintura, escultura, mosaico, painéis publicitários e placas de bronze. Já foi marceneiro e entalhador, fez móveis de estilo e até aqueles quadros de formatura com balanças e cornucópias tão característicos da arte "deco" que predominava na década de quarenta.

Frequentou a escola apenas até o segundo ano primário. Gostava muito de desenhar e um dia a professora surpreendeu-o fazendo um esboço de um nu. A mestra não soube apreciar os dotes artísticos do menino Walderedo e ele até hoje lamenta por que era uma representação inocente de

---

punha-lhe a mão espalmada na testa, suspendia-lhe um pouco as pálpebras e depois chamava-o três vezes seguidas. Logo após, falava baixinho com uma das pessoas da família que, às vezes, estava chorando e dizia o diagnóstico, consciente da habilidade adquirida através da longa prática no desempenho da missão que abraçara, com amor de dedicação.

Se o estado do moribundo permitia a viver ainda algumas horas, dizia: "vô lá im casa e volto daqui há pouco. No caso da ansa omentar, mande novamente lá im casa". E se ele conhecia que o agonizante já estava próximo a "bater, gelado e rígido, à porta de bronze da morte!" como disse Werter, comunicava em linguagem grave e cautelosa, convidando a todos os presentes para rezarem um terço e, logo depois, o ofício de Nossa Senhora. No momento das agonias finais, punha uma vela na mão do agonizante e continuava rezando até verificar que se lhe havia escapado o derradeiro sopro de vida ou até expirar. Em seguida, entrava nos preparativos do cadáver: vesti-lo e pô-lo na sala numa cama, numa mesa ou numa esteira de folhas de palmeira, de conformidade com as condições da família.

Terminado esse trabalho fúnebre, voltava a casa. À noite, estava na sentinela comandando e puxando as rezas. Às doze horas em ponto, cantavam o ofício de Nossa Senhora. Ao romper do dia, repetiam a mesma cantiga e cantavam mais, como despedida da pessoa que desaparecia do seio da família. A essa altura, o cordão de São Francisco já estava pronto, feito por Pedro Lopes e amarrado na cintura do cadáver, em harmonia com o ritual por ele adotado.

O mestre macabro só abandonava aquela casa, quando o féretro já havia saído para o cemitério, depois de despedir-se de todas as pessoas da família e aconselhar-lhes conformação, invocando o santo nome de Deus.

Pode-se dizer que Pedro Lopes era necessário naqueles arredores, e seu nome, certamente, ainda é lembrado com admiração e respeito, em face do desprendimento e da bondade que lhe eram característica.

uma figura de mulher. Porém isso não o impede de ter uma formação bastante satisfatória. Lê muito sobretudo a Bíblia. Entende um pouco de tudo e aborda com interesse qualquer assunto. É um apaixonado da natureza, tendo um carinho todo especial pelas plantas.

Walderedo já teve suas gravuras expostas em Sala Especial, na Unifor Plástica / 74. Também expôs na Galeria Informal, no Canadá, e em Los Angeles, tendo alguns trabalhos no acervo do Mini-Museu Firmeza, em Mondubim. O pintor Sérvulo Esmeraldo editou um album com seus trabalhos em Paris. Suas obras figuram, ainda no Solar do Unhão, em Salvador-Ba. Suas criações correm mundo, sua fama ganha fronteiras e o mestre Walderedo continua o mesmo, sem dinheiro e sem "banca", na maior simplicidade, mostrando tudo o que sabe, dando tudo o que tem, natural e espontâneo, na arte e na vida. É de uma mentalidade aberta e franca, sem rebuscamentos, mas de uma grande sabedoria. Cita Rui Barbosa e os profetas bíblicos. Não tem o menor apego às coisas materiais, pois é de opinião que "o verdadeiro artista só aparece quando desaparece". Tudo isso lhe confere uma aura de bondade e desprendimento, porém chega a criar problemas para a família, composta da mulher e seis filhos, sendo cinco meninas. Sua esposa o ajuda muito. Nos fundos da casa armaram um toldo com quatro mesinhas, onde funciona um restaurante de excelente comida sertaneja. É o Cantinho da Castanhola, onde faz ponto a nata da intelectualidade do Crato. Se não fora por D. Ione, as coisas não iriam bem na casa de Walderedo. Naturalmente desligado e boêmio, não cuida do dia de amanhã. Imagina as pranchas e com um canivete comum vai entalhando as figuras em blocos de cedro ou imburana, preocupado tão somente em criar e reproduzir beleza. Algumas galerias do sul do país adquiriram matrizes de seus trabalhos e vendem as gravuras por um preço jamais imaginado por ele. Os que vieram depois e que se inspiram no seu trabalho vendem muito mais caro. No entanto isso não o aborrece e até fica envaidecido quando vê suas obras reproduzidas por algum dos novos "Só se copia o que é bom".

Atualmente exerce a profissão de gráfico, mas já foi enfermeiro, tendo realizado doze partos. Está sempre pronto a servir e a sua maior frustração é deixar de atender a um amigo. Tem um amor entranhado pelo Brasil, suas lendas e costumes. Não tem planos para o futuro. Acredita na vida e no momento que passa. Está trabalhando numa série de pranchas sobre o apocalipse. É uma visão original, uma criação de raro valor, naquele livro da Bíblia, preservando, entretanto, o enfoque rústico do homem simples do campo. Delas flui uma força enorme que atesta a sua criatividade e o tratamento personalíssimo que dispensa às suas obras. Trabalha também numa série documental sobre tipos regionais populares do Nordeste. Já fez mais de trezentas xilogravuras para capas de livros de cordel tantos que é difícil guardar seus nomes.

Pela sua casa, no bairro da Caixa D'Água, em Crato, já desfilaram poetas, pintores, músicos e cineastas do Brasil e do exterior. Recentemente, Geraldo Sarno esteve fazendo um documentário sobre Walderedo e sua arte. Participou satisfeito de todas as tomadas. Agora, pode dizer que é também ator de cinema.

Assim vive uma das maiores glórias artísticas de nossa terra. Brincando com o destino, fugindo das armadilhas da sociedade de consumo, querendo e conseguindo ser gente, numa terra de tanta gente boa como é o Crato. O POVO, Sábado, 9.8.1975.

## J. DE FIGUEIREDO FILHO AINDA EXISTE

As crônicas a respeito do escritor J. de Figueiredo Filho estão continuando, em face do muito que ele escreveu, nas folhas caririenses.

Por toda a parte se encontram os seus artigos, quer falando sobre o Cariri, quer sobre os Estados do Nordeste, reivindicando direitos e melhorias.

Remexendo em meu arquivo, á cata de um velho livro, encontrei uns recortes de jornais, e, em vários deles, os artigos de J. de Figueiredo Filho.

Em "A AÇÃO" de 12.06.60, pág. 5, vi a seguinte notícia de que ainda não tinha conhecimento: "J. DE FIGUEIREDO FILHO ESCREVERÁ EM LIVRO SUIÇO", e se dizia no texto que o jornalista cratense assinara contrato com o escritor suíço Jean Pierre Chablos, para publicação de um capítulo dedicado ao Cariri, no livro a ser publicado naquele mesmo ano, na Suíça, que teria o título "Ceará, Terre de Lumière" (Terra da Luz). Dizia-se que aquele ato seria histórico, pois, pela primeira vez, um Escritor Cearense teria algo publicado na Suíça, o País que tem o Parque gráfico mais moderno de todo o mundo.

Sairiam no capítulo fotografias de cenas caririenses.

Referido Escritor assistira em Crato as festividades de instalação da Faculdade de Filosofia.

Noutro recorte, do mesmo jornal, de 28.08.60, depara-se artigo de J. de Figueiredo Filho intitulado "Dura Cortina Fiscal que envolve o Piauí", onde o articulista defendia aquele Estado das exigências exageradas do fisco.

Mais logo encontrei outro belo suelto do nosso Escritor, num número exclusivo daquele mesmo jornal, de Novembro de 1963, editado em comemoração ao Centenário do nascimento do 1º Bispo do Crato, o Exmo. Sr. D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, que teria ocorrido no dia 31 de Outubro daquele ano.

Homenagem de gratidão ao Jornal e dos jornalistas ao Bemfeitor do Cariri, com suas iniciativas de progresso e cultura e desenvolvimento econômico e social da região.

Com o artigo de J. de Figueiredo Filho estavam o de Mons. Raimundo Augusto, Vigário Geral, P. G. Norões, Redator-Chefe do Jornal, Monsenhor Silvano de Sousa e de Francisco de Assis Candêia, além de inúmeras notícias a respeito da homenagem, como uma saudação do Presidente da Câmara Municipal, J. Kleber Calou.

Ainda vi outros recortes, alguns com artigos de J. de Figueiredo Filho, pelo que se deduz que ele sempre estava presente na imprensa do Cariri.

Como, em geral, até os dias de hoje, não obstante ter ocorrido a 29 de Agosto último o 2º aniversário do seu falecimento.

# Histórico do Ensino de Engenharia no Ceará

Exmo. Sr. Presidente do Centro Cariense  
Meus Senhores,

Logo de início, desejo congratular-me, com todos os que aqui se encontram, pela existência, na Capital do Estado, do Centro Cariense entidade que vem prestando relevantes serviços, tratando, principalmente, dos interesses imediatos de toda a importante região sul-cearense, não obstante a mais fértil, a mais densamente povoada do Estado, a que permaneceu, por dilatado período como todos somos testemunhas, quase no completo abandono dos homens da administração pública.

E, como filho do Cariri, imbuído dos mesmos firmes princípios que vos norteiam, comungando das mesmas sadias idéias que vos congregam, aqui, em torno do mais puro, acrisolado idealismo e, de outra parte, animado pelo espírito de solidariedade, de confraternização, venho trazer, neste instante, ao vosso conhecimento os lineamentos, as diretrizes do Curso na Escola de Engenharia da Universidade do Ceará.

E que este meu desataviado relato, no âmbito dessa ilustre Corporação, lídima representante, na Capital do Estado, das aspirações do povo do Cariri, seja uma primeira prestação de contas, de modo geral ao povo do Ceará, e de modo particular a meus coestadanos do Cariri e, dentre estes, aos de minha cidade — berço — àqueles que me encorajaram, com suas manifestações, no sentido de que aceitasse o honroso convite do Magnífico Reitor, Professor Martins Filho para dirigir, na fase inicial, a Escola de Engenharia da Universidade do Ceará.

Antes, porém, de entrar no tema principal desta minha despretençiosa palestra, seja-me permitido abordar, embora perfunctoriamente, alguns pontos essenciais para melhor compreensão, da estruturação, que julgo mais aconselhável, para o ensino da engenharia no Ceará.

## CONSIDERAÇÃO SOBRE A LEGISLAÇÃO DO ENSINO

A *Lei Básica* ou fundamental de organização das universidades brasileiras ainda é o Decreto n.º 19.851, de 11 de abril de 1931, elaborado em *Regime Ditatorial*.

A prática dessa lei veio evidenciar suas falhas e defeitos, principalmente, consubstanciados em duas tendências que vêm sendo consideradas muito prejudiciais ao ensino universitário: *centralização* e *uniformização*, excessivas.

Essas duas tendências só poderiam criar e alimentar, como de fato aconteceu, um regime, de tódo, aleatório para a organização universitária no país.

Com efeito, a tendência centralizadora, fortalecida a seguir por inúmeros decretos executivos, carradas de portarias ministeriais, além de burocratizar o ensino em suas várias modalidades, deixa-o na dependência direta de indivíduos que lhe são estranhos, ou melhor, quase nada entendem a respeito de suas necessidades. E a outra tendência, tão prejudicial quanto a

primeira, não permite a diferenciação que seria de se desejar para que o ensino viesse a ser orientado e ministrado no sentido de atender melhor, e preferencialmente, às peculiaridades regionais, sem prejuízo, é claro, das exigências mínimas em face dos problemas nacionais.

Semelhante estado de coisas só poderia originar um sistema universitário falho, porquanto seu arcabouço, sua armadura veio a ser constituída pelo emaranhar de dispositivos, os daquela *Lei Básica* de 1931, e os dos decretos e portarias subsequentes, e muitos deles, longe da harmonia que se faz mistér, em permanentes choques contra os outros.

É que, prezados ouvintes, ousou afirmar, sem medo de contestação: Toda a legislação do ensino, oriunda da *Ditadura* e acrescida, avolumada, posteriormente, pela do *Estado Novo* é, sem dúvida, qualquer coisa semelhante a um saco de gatos, a maior confusão, a maior balbúrdia que já se estabeleceu no país!

Dir-se-ia, com efeito, que os homens de então, os homens do *Estado Forte*, encarregados dessa legislação, tiveram apenas em mente uma idéia fixa — a de baixar o nível do ensino no país, até que viesse a ser afastada qualquer possibilidade de aspirações de retorno às *Instituições Democráticas*!

Uma vez reconhecidas as lacunas e deficiências de toda a legislação do ensino, a que nasceu no regime ditatorial, surge na 3.<sup>a</sup> *Convenção Nacional de Engenheiros*, reunida em Belo Horizonte na última semana de julho de 1942, o primeiro brado de alarma e com êle, os lineamentos de uma estruturação mais racional para o ensino da engenharia no país.

Essas idéias dominantes no seio daquele *Conclave*, altamente credenciado, porquanto constituído de mestres e técnicos, muitos dêles profissionais de renome, vultos eminentes da Engenharia Nacional, inda devem ser consideradas, no momento, de atualidade, porque realmente emanam do verdadeiro senso nacional.

Todavia, na ocasião, sem ambiente propício na Administração, as sugestões ocorridas na *Convenção* em apreço, e logo a seguir corporificadas em conclusões no plenário, não puderam vingar. Mas, se por força das circunstâncias, tiveram elas de permanecer estacionárias, foi para ressurgirem ampliadas, com força e vigor de reivindicações de classe, cêrca de 13 anos depois, isto é, entre 2 e 6 de fevereiro do ano passado na concentração de professores de escolas de engenharia — concentração que se realizou, na capital pernambucana, iniciativa da Escola de Engenharia da Universidade do Recife.

Nessa concentração, a Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais esteve representada pelos Professores Mário Werneck de Alencar Lima, Diretor, Cândido Holanda de Lima, Edmundo Menezes Dantas, Eduardo Schimidt Monteiro de Castro, e Alvaro de Campos Andrade.

Na ocasião, a delegação mineira sugeriu a adoção de medidas pertinentes ao *equacionamento do problema do ensino universitário no Brasil*, tendo sido aprovada proposta do Prof. Mário Werneck no sentido de ser o assunto submetido à consideração do Governo Federal. Desses fatos originou-se um bem fundamentado memorial dirigido ao Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, então Prof. Cândido Mota Filho, pelos representantes das Escolas de Engenharia do país, e sob o título: *Equacionamento do Problema do Ensino Universitário no Brasil*.

É um trabalho datado de 6 de Maio do ano passado, em que se apontam as falhas e deficiências do atual sistema universitário, em vigor; sugerem-se outras bases visando a corrigi-los; e que termina sintetizando

o modo de pensar dos professores das Escolas de Engenharia, com as seguintes palavras:

"Com estas sugestões, desejam os representantes das Escolas de Engenharia apresentar a sua colaboração para o correto equacionamento do problema do ensino universitário no Brasil, acentuando, de um lado, as responsabilidades e a dignidade da função docente; de outro, a urgente necessidade de descentralizar o ensino e aliviar a administração de tarefas que lhe têm sido difícil desempenhar".

\* \* \*

O atual Ministro da Educação e Cultura, Prof. Clovis Salgado — espírito esclarecido e brilhante, sem dúvida entre os mais capazes do país, designou uma Comissão destinada a proceder a estudos visando à reforma do ensino da engenharia em nosso país.

No desempenho da honrosa incumbência que lhe fôra confiada, essa Comissão dirige, com data de 13 de julho do ano em curso, ao Exmo. Sr. Ministro um longo memorial — trabalho importantíssimo pelas acertadas sugestões para a solução nacional do problema "que o alto espírito público do Ministro vem de equacionar, no propósito de outorgar à nossa mocidade acadêmica meios pedagógicos mais modernos e eficientes, que lhe proporcionem melhor desenvolvimento de sua cultura e que venham a corresponder, de maneira mais adequada, às necessidades do ambiente em que vive!"

Para não me alongar excessivamente saturando a paciência dos ouvintes, deixo de entrar na análise detalhada do bem elaborado trabalho da Comissão. Assim, limito-me aqui, apenas, a dizer que suas premissas, bem como as conclusões correlatas, encontram-se estabelecidas com a objetividade característica do verdadeiro espírito nacional.

Todavia, passo a lêr o ofício que encaminha o trabalho da Comissão ao Exmo. Sr. Ministro:

"Sr. Ministro:"

"Uma reforma no domínio do ensino da engenharia, entretanto, melhor se faria em função de modificações que se tornam necessárias em relação ao ensino superior ou geral. Daí a razão pela qual a Comissão tomou a si o encargo, correlato e paralelo, de propôr a promulgação de uma lei, de caráter geral, contendo a estruturação desse ensino, a qual dispõe sobre a regulamentação de órgãos que julga de vital importância à vida universitária, prevê os seus objetivos e fixa normas sobre o regime dos diversos estabelecimentos onde êle se desenvolve".

"Pede vênha para sugerir a Vossa Excelência o estudo do projeto, que submete à alta apreciação do govêrno, para que afinal possa ser convertido em lei".

"Agradecendo a distinção que lhe foi conferida, a Comissão, com o presente memorial, contribuindo para a reforma do ensino de engenharia no país, espera que seus líderes, daqui a 20 ou 25 anos, venham a ser engenheiros que nada deixem passar despercebidos na interpretação e na utilização dos campos da ciência, concorrendo de maneira proveitosa para a sua expansão".

"Respeitosas Saudações"

as) *Prof. Paulo Acioly de Sá*  
*Prof. Otônio Reis Cantanhede e Almeida*  
*Prof. Ernesto Luiz de Oliveira Júnior*  
*Prof. Mário Werneck de Almeida Lima*

O projeto de lei, a que se referem os eminentes professores da Comissão, trata do estabelecimento de novas diretrizes para reorganização das universidades brasileiras, de modo a que o ensino superior, ministrado em prosseguimento ao ensino médio, e destinado aos que possuem nível intelectual, e aptidões adequadas, tenham por objetivos principais:

- 1º) — O desenvolvimento da alta cultura, e de pesquisa científica e tecnológica.
- 2º) — A especialização filosófica, literária, científica, técnica ou artística.
- 3º) — A habilitação para o exercício das profissões técnico-científicas e liberais.
- 4º) — A preparação de professores para o ensino de grau médio.

\* \* \*

Também, não cabe, aqui, tratar *dêsse projeto de lei*, e nem mesmo fazer dêle uma exposição sumária.

Isto posto, desejo chamar a atenção dos prezados ouvintes para os dois pontos seguintes:

a) Tudo indica que, dentro em breve, far-se-á a reforma do ensino superior para que êle se ajuste melhor às necessidades do país, para que as universidades, em síntese, tenham mais eficiência.

b) A Universidade do Ceará, como todos sabemos, já há muito, deixou de ser uma justa esperança, para se transformar em tangível realidade, em vigorosa organização que marcha, altaneira, ombro a ombro, ao lado de suas irmãs.

E, uma vez criadas as bases de uma nova organização universitária, já em perspectiva ou melhor em estudo, força é convir que ela — a Universidade do Ceará com a nova ordem de coisas, e tendo à sua frente o Reitor Prof. Martins Filho, ilustre filho do Cariri, um dos mais dinâmicos, empreendedores e inteligentes da atual geração cearense, só poderá prosseguir com maior acerto em demanda de seus altos ideais.

\* \* \*

Após as considerações feitas, com singeleza porém com fidelidade, visando exclusivamente a mostrar, em traços gerais, as tendências e aspirações dominantes entre os líderes na vida universitária brasileira, passo ao objetivo principal desta minha palestra:

## A ESCOLA DE ENGENHARIA DO CEARÁ E A ESTRUTURA DO SEU CURSO

A Escola de Engenharia do Ceará foi criada em virtude da Lei n.º 2.383, de 3 de janeiro de 1955, lei de autoria do ilustre representante do Ceará, na Câmara Federal, Dep. Walter Bezerra de Sá.

O artigo 2º da citada lei determina, categoricamente, que a Escola "manterá cursos de engenharia civil e industrial".

Convém esclarecer, aqui, o que se deve entender por *cursos de engenharia industrial*:

É o setor mais novo da engenharia, tendo como finalidade precípua preparar homens que planejem e tracem normas para a operação de fábricas e usinas.

Ao engenheiro industrial se reserva a função de cooperar com profissionais altamente especializados, trabalhando ao lado dos encarregados da confecção de produtos, ou na direção de estabelecimentos fabris.

A engenharia industrial deve, pois, abranger uma área de desenvolvimento capaz de estabelecer a transição, sem solução de continuidade, entre o campo da engenharia altamente técnica e a direta administração das empresas.

Por isso, o engenheiro industrial precisa conhecer bem a técnica das operações a que tem de recorrer, e cujo aperfeiçoamento é, sem dúvida, dever imperioso, para que tudo se faça do melhor modo possível. Para tanto, deve ele possuir sólidos conhecimentos de mecânica, de física, de química, de calor, de electricidade e de economia. Precisa, mais que os engenheiros de outras categorias, uma prática avançada dos principais métodos de medida para não se expôr à emergência de vir a submeter a chefes de laboratórios problemas de solução difícil, senão impossível. Enfim, o engenheiro industrial requer conhecimentos que o habilitem a sugerir modificações na indústria, vindo, em última palavra, a ser o melhor aliado e o mais útil conselheiro do industrial.

De outro lado, há no Congresso Nacional, arrastando-se morosamente, ou no fundo de alguma gaveta esquecida, talvez, um projeto com a significativa denominação: "*Diretrizes e bases para o Ensino*", segundo dizem, abrangendo todos os setores — *Primário, Secundário, Superior*.

Na falta dessa "*Lei básica do ensino*", que vem sendo esperada por alguns, e que julgam outros jamais será concretizada, em linhas gerais o Regimento Interno da Escola, ou melhor seu projeto, foi concebido e esboçado em perfeita consonância com as idéias preconizadas pela 3ª Convenção Nacional de Engenheiros, reunida na capital de Minas Gerais, ampliadas depois na reunião de professores de Escolas de Engenharia no Recife, e recentemente apresentadas ao Ministro Clovis Salgado, sob a forma de sugestões que faz a Comissão por ele encarregada para proceder a estudos visando a reforma do ensino da engenharia em nosso país e obedecendo àquele dispositivo da Lei n.º 2.383 quanto à obrigatoriedade de manter a Escola cursos de engenharia civil e industrial.

Assim, o projeto do Regimento Interno da Escola de Engenharia da Universidade do Ceará pode ser esquematizado como segue:

- 1º) *Curso Pre-universitário*, com duração de um ano escolar. Este seria o mesmo Curso que a 3ª Convenção Nacional de Engenheiros denomina *Curso preliminar*.
- 2º) *Curso Fundamental*, com duração de três anos escolares.
- 3º) Dois *Cursos permanentes* a saber:
  - a) Engenheiros civis.
  - b) Engenheiros industriais.

Os cursos permanentes terão, cada um, duração de dois anos escolares.

Para melhor atender às necessidades regionais — problemas técnicos, industriais, e econômicos de toda a região, mais diretamente sob a influência da Escola, poderão ser professados na mesma, além daqueles cursos permanentes, mais os seguintes:

- a) *Cursos de aperfeiçoamento*, destinados a ampliar conhecimentos de qualquer matéria ou de determinados domínios da mesma.
- b) *Cursos de especialização*, destinados a aprofundar conhecimentos necessários a finalidades preferenciais de ordem técnica.
- c) *Cursos de extensão*, destinados a prolongar, em caráter de vulgarização de assuntos novos, as atividades didáticas da Escola.

Os cursos de aperfeiçoamento, bem como os de especialização (a e b) poderiam ter caráter permanente, de preferência, ou temporário, realizando-se neste segundo caso a requerimento de interessados, ou por deliberação da Congregação da Escola.

As duas primeiras partes — *Curso Pre-universitário* e *Curso Fundamental* seriam comuns àqueles dois cursos permanentes: *De Engenharia civil*, *de Engenharia industrial*, sendo que na terceira parte haveria a separação de cursos para atender às duas categorias de engenheiros, julgadas suficientes para satisfazer às atuais necessidades do Estado, sob o quádriplo aspecto: técnico, industrial, social e econômico.

Para encarar a questão, com verdadeiro espírito prático, com mais objetividade, o projeto de Regimento Interno admite a possibilidade de terem os Cursos de aperfeiçoamento, de especialização, e de extensão, pelo menos na primeira fase de desenvolvimento, caráter temporário, afim de que a Escola os possa manter em maior número compatível com os recursos disponíveis, para atender, plenamente, às multiplas e peculiares necessidades do Nordeste — barragem e irrigação, hidrologia, eletricidade, etc. Ainda com mais objetividade com mais senso prático, o Regimento prevê que, logo de início, as necessidades regionais sejam atendidas com programas mais desenvolvidos de certas e determinadas disciplinas de currículo normal da Escola, pois a Escola terá nos seus primeiros anos apenas o curso de *Engenharia Civil*. Assim, por exemplo:

O de Hidráulica, com um certo desenvolvimento sôbre águas subterrneas, hidrologia, etc.

Sr. Presidente, meus senhores, creio que já é tempo de terminar, e se não consegui corresponder a expectativa geral, pois prevejo que havei de sair daqui com a convicção de que houve um tremendo abalo na montanha para dela sair apenas um miserável camondongo, devo também dizer a bem da verdade: comigo fica a convicção, a certeza de haver dentro de minhas fracas possibilidades, procurado apresentar, bem ou mal, uma primeira prestação de contas de minha incipiente atuação como Diretor da Escola que se encontra sob minha guarda — a mais jovem escola de Engenharia, criada no Brasil.

È que, realmente, distintos ouvintes, procurei apresentar, de público, uma fiel prestação de contas, principalmente, aos que na minha humilde pessoa depositaram alguma confiança, quando foi do convite feito pelo Reitor Martins Filho, para que viesse eu prestar cooperação a meu sempre querido e nunca esquecido Estado natal, na Diretoria da Escola de Engenharia da Universidade do Ceará.

A todos os presentes, meus cordiais e sinceros agradecimentos.

---

(Discurso pronunciado no CENTRO CARIRIENSE, em Fortaleza, em 20 de Setembro de 1956).

# Padre Antônio Gomes de Araújo

"Padre Antônio Gomes de Araújo é homem visceralmente ligado ao Crato. Aqui estudou, no antigo e tradicional Seminário São José, entre o ano de 1922 até 17 de abril de 1927, quando se ordenou. Adotou Crato, definitivamente, como sua segunda terra natal. A esta Cidade deu os frutos melhores de sua inteligência de escol, de seu apostolado religioso, do eficiente magistério e dos frutos de seus trabalhos de inextinguível pesquisador da história regional.

Nasceu êle na cidade cariense de Brejo Santo, a 6 de janeiro de 1900, filho legítimo do casal José Nicodemos da Silva Basílio e Maria Gomes de Araújo. Seu genitor era neto paterno do Cel. Basílio Gomes da Silva, intendente e chefe político daquele município, de 1883 a 1909. Fêz os primeiros estudos na própria terra natal, nas escolas das professoras Balbina Viana Arraes e Líbia Lustosa Cabral. Passou depois a fazer o curso secundário no Seminário da Prainha, em Fortaleza, até 1921, quando se transferiu para Crato. No Seminário de São José, cursou Filosofia, Ciências Naturais, Ciências Eclesiásticas e fêz o curso Teológico, tudo com eficiência marcante.

Após a ordenação, foi logo aproveitado no magistério, sendo um professor que atuou, com segurança, no meio de seus alunos. Suas aulas foram sempre vivas, cheias, deixaram impressão imorredoura a todos. Em cada discípulo, constituiu um amigo que nunca o esquece, mesmo que resida em terras longínquas ou ocupe posição social de relêvo. Sua cadeira predileta foi história e é dos mais competentes pesquisadores de nosso passado, em terras nordestinas. Seu nome atravessou fronteiras. Exerceu o cargo de Inspetor de Ensino do Colégio Santa Teresa de Jesus, foi Prefeito de Disciplina do Ginásio do Crato e tomou parte do Conselho Presbiterial Diocesano.

Como historiador, elucidou fatos importantes do passado, a exemplo da inocência de Bárbara Pereira de Alencar, no caso da filiação espúria de José Martiniano de Alencar, da verdadeira naturalidade do Padre Crebillon Verdeixa e do povoamento do Cariri por elementos baianos e eergipanos.

Homem de trato social esmerado, sempre que um lar é atingido pela dor, é o primeiro a levar a levar-lhe o bálsamo de uma palavra amiga.

Jornalista veemente, sempre em defesa de causas justas, tem se constituído em intrépido batalhador em prol do patrimônio histórico do Crato.

Sobressai-se no trato pessoal, pela conversa franca e fluente, com a máxima tolerância em assuntos de natureza política ou religiosa, de sua íntegra formação eclesiástica.

Em 1932, por ocasião da calamidade da sêca, no Campo de Concentração de Flagelados do Buriti, transformou-se em capelão dedicado daquela infeliz gente imigrada em massa de suas terras. Por muitos anos, foi o Capelão Auxiliar do Cemitério local, celebrando cotidianamente, quer o tempo fosse ruim ou bom, às cinco horas da manhã.

Hoje, dá o melhor do seu zêlo apostólico á parte de indigência do Hospital São Francisco, contribuindo, com seu esforço, para a boa marcha

daquela obra gigantesca, em boa hora dirigida pelo Provedor Mons. Pedro Rocha de Oliveira.

No ponto de vista cultural, sua contribuição para o Cariri, é imensa.

Sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri, tendo sido seu vice-diretor de "ITAYTERA", revista de circulação nacional e teve o mérito de dar-lhe o nome, lembrando o antigo riacho Batateira. Sua colaboração tem sido valiosíssima. Sócio-Correspondente do Instituto do Ceará, colabora em sua revista, como também na Revista Eclesiástica Brasileira, editada em Petrópolis. É Correspondente também do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e da Academia Cearense de Letras.

Publicou as seguintes plaquetas que constituem elementos básicos para a História da zona:

"NATURALIDADE DE BARBARA DE ALENCAR (A HEROINA DO CRATO); "UM CIVILIZADOR DO CARIRI (BASÍLIO GOMES DA SILVA); "CONCURSO DA BAHIA NA FORMAÇÃO DA GENS CARIRIENSE", tese apresentada ao Primeiro Congresso de História da Bahia, em março de 1949. "APOSTOLADO DO EMBUSTE", "PADRE PEDRO RIBEIRO DA SILVA, FUNDADOR E PRIMEIRO CAPELAO DO JUAZEIRO"; "1817 NO CARIRI"; "ALDEAMENTO DA MISSÃO DO MIRANDA E REVELAÇÃO DE SUA ARQUEOLOGIA"; "A CIDADE DE FREI CARLOS"; "POVOAMENTO DO CARIRI".

Pe. Gomes é dos maiores pesquisadores de arquivos, para elucidar os fatos históricos do Cariri. Ajudou o emérito historiador Irineu Pinheiro em "Efemérides" e ao divulgador da história regional.

É dos cratenses adotivos mais amantes de nossa terra. Crato deve-lhe bastante, em todos os campos da inteligência, na história, no jornalismo e no magistério. É ele cratense por direito natural de conquista, merecendo a gratidão unânime das gerações presentes e futuras".

## PADRE ANTONIO GOMES DE ARAÚJO

### CURRICULUM VITAE

#### BIOGRAFIA

6.1.1900 — Nasceu na vila hoje cidade de Brejo Santo; filho legítimo de José Nicodemos da Silva e Maria Gomes de Araújo Lima.

1909 - 1918 — Naquele município fez o curso primário, e estudou o primeiro ano do ciclo secundário de seminário com seu tio Joaquim Gomes da Silva Basílio, ex-seminarista, ocorrendo a colaboração parcial de outro tio, irmão daquele, o menorista Antonio Gomes da Silva, falecido em fevereiro de 1916, um ano antes da ordenação sacerdotal.

1919 - 1921 — Cursou o Seminário Menor do Seminário Arquiepiscopal do Ceará, tendo se matriculado no segundo ano, depois de prévio exame de habilitação.

1922 - 1926 — Fez o Curso Superior do Seminário Maior no Seminário Episcopal do Crato.

5.2.1926 — Designado professor deste Seminário.

17.4.1927 — Presbiterato, conferido na Capela de Santa Teresa de Jesus pelo bispo diocesano, d. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva.

19.4.1927 — Primeira missa, na Sé Catedral do Crato, com a presença deste bispo.

22.4.1927 — Segunda missa, na igreja matriz de Brejo Santo, na qual o néo-sacerdote se batizara.

1927 - 1932 — (Seis anos completos). Professor do Curso Secundário e do Curso Superior respectivamente do Seminário Menor e do Seminário Maior do Seminário Episcopal do Crato, neste curso: História Eclesiástica e Filosofia, os dois últimos anos, interinamente, esta última disciplina.

1929 - 1930 — Professor de História na Escola da Associação dos Empregados no Comércio do Crato.

1930 - 1960 — Professor do Ginásio do Crato, depois Colégio Diocesano. Lecionou História, Latim, Português, sendo História Geral, bem como História do Brasil, em tôdas as séries dos ciclos Ginasial e Colegial, aposentando-se, neste último ano, pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, com o benefício atual de Cr\$ 38,94.

11 - 1931 — Parainfo da primeira turma de concluintes do citado Ginásio, onde reside, há 34 anos.

1932 — (De maio a novembro). Capelão da "Concentração de Flagelados de Buriti" (município do Crato), sem remuneração.

1933 - 1934 — Prefeito do Internato e Externato do citado Ginásio na administração do Monsenhor Joviniano Barreto. Exerceu o magistério neste estabelecimento de ensino nas administrações de seus quatro diretores: Padre Francisco Pita; o referido monsenhor; Padre David Moreira e monsenhor Francisco Holanda Montenegro, sucessivamente.

20.9.1935 — Nomeado inspetor do Ensino Normal do Estado junto à Escola Normal Santa Teresa de Jesus do Colégio Santa Teresa de Jesus do Crato, cargo que exerce até hoje.

1941 - 1962 — Exerceu a capelania do Cemitério do Crato.

20.3.1941 — Escolhido sócio correspondente do Instituto Histórico do Ceará, em sessão ordinária da instituição, e atribuição do respectivo diploma, assinado por Tomaz Pompeu Sobrinho, Raimundo Girão e M. A. Andrade Furtado, respectivamente presidente, secretário geral e tesoureiro.

14.4.1952 — Escolhido sócio correspondente da Academia Cearense de Letras, trazendo a comunicação a data de 5 de maio dêste ano, assinada por Manuel Albano Amora, Secretário Geral da entidade.

4.10.1953 — Eleito Vice-Presidente do Instituto Cultural do Cariri com Irineu Pinheiro e historiôgrafo J. de Figueiredo Filho respectivamente para presidente e secretário geral, data da fundação da instituição.

18.10.1953 — Posse do citado cargo com os demais diretores, no qual se manteve.

21.5.1954 — 11.12.1954 — Ocupou interinamente a presidência dêste Instituto na vaga deixada pelo falecimento do citado presidente, sucedido pelo escritor J. de Figueiredo Filho.

1955 — Cofundador da revista "ITAYTERA", adiante nomeada.

1960 - 1961 — Professor da Cadeira de História Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia do Crato agregada à Universidade Federal do Ceará, a convite pessoal e especial de Antônio Martins Filho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, e do Diretor da mesma Faculdade. Reverteu os honorários em benefício da Biblioteca da Faculdade.

31.8.1962 — Conferida a MEDALHA COMEMORATIVA da inauguração do MONUMENTO GUSTAVO BARROSO em Fortaleza, pela respectiva Comissão.

20.8.1966 — Indicado sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano por votação unânime em sessão ordinária da instituição realizada nesta data. A comunicação, assinada pelo secretário, Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, traz a data de 24 dêste mês e ano.

1966... "O serviço religioso do conjunto hospitalar é feito pelo Provedor

Capelão generosamente auxiliado pela dedicação do Revdmo. Pe. Antônio Gomes de Araújo, que, diariamente visita os enfermos para efeito de administração dos sacramentos. (Relatório de 1966 do Hospital São Francisco de Assis, do Crato, apresentado pelo citado Provedor Capelão, Mons. Pedro Rocha de Oliveira. Pp. 10/11. Crato - Ceará. 31.12.1966).

## BIBLIOGRAFIA

DISCURSO DE PARANINFO, pronunciado por ocasião da solenidade da entrega de certificados de exames da turma pioneira ou primeira turma de concluintes do Ginásio do Crato, em novembro de 1931. Publicada uma síntese in REVISTA DO BI-CENTENÁRIO DO CRATO, pp. 75/80. Tipografia de "A Ação". Crato — 1964.

O FUNDADOR-MOR DA METRÓPOLE MISSAOVELHENSE, trabalho erudito, histórico-genealógico, publicado por partes em edições sucessivas de "O Município", Crato, 1949 - 1950, jornal dirigido pelo Dr. Francisco Esmeraldo de Melo, atualmente promotor público na cidade paulista de Taubaté. A parte documental, toda haurida em fontes primárias ou originais, manuscritas, indicadas em números arábicos no corpo do trabalho, não foi entretanto, publicada, porque, antes que o autor o pudesse fazer, o jornal se fechou. Encontra-se, inédita, em mãos do autor, que pretende publicá-la oportunamente.

PRIMEIRO VIGÁRIO DO CRATO. Artigo, (baseado em fontes primordiais), in "Ecos da Semana", 21.6.1950. Crato - Ce. Semanário dirigido pelo jornalista Osvaldo Alves de Sousa. Transcrição na Revista do BI-CENTENÁRIO DO CRATO, citada. pp. 188, 189, 190 e 192. Crato. 1964.

CONCURSO DA BAHIA NA FORMAÇÃO DA GENS CARI-RIENSE. Tese apresentada ao Primeiro Congresso de História da Bahia, comemorativo do quarto centenário da fundação da primeira capital do Brasil e instalação do primeiro Governo Geral, reunido em Salvador de 9 a 19 de março de 1949. Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia. III Volume. Tipografia Beneditina Ltda. Cidade do Salvador. Bahia. 1950.

CONCURSO DA BAHIA NA FORMAÇÃO DA GENS CARI-RIENSE. Separata do citado volume. Crato. 1950.

NATURALIDADE DE BÁRBARA DE ALENCAR (A heroína do Crato). Liv. e Pap. Ramiro. Crato. 1951.

NATURALIDADE DE BÁRBARA DE ALENCAR. Monografia erudita de 12 páginas. Liv. e Pap. Ramiro. Crato - Ce. 1953. 2a. edição.

OS ARNAUD NO CARIRI. Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXVII Ano LXVII, pp. 68 - 80. Fortaleza - Ceará. 1953.

O CARIRI: SESMEIROS E POVOADORES. Especial para "O POVO", diário, edição comemorativa da passagem do primeiro centenário da elevação da vila do Crato a categoria de cidade. Fortaleza - Ceará. 15.10.1953. Primeiro Caderno. Página 2.

7.1953 — Autor da legenda — LABORE — heráldica e histórico (estas duas últimas dimensões pela adaptação de elementos da natureza regional e brasileira, de fatos da história local, da adoção da bandeira da revolução de 1817 em Pernambuco com deslocamento da cruz, etc.) do projeto inicial das Armas do município do Crato, figurando como desenhista o técnico João Ranulfo Pequeno. No que se refere à heráldica e ao histórico, o autor ignora se antes outro se ocupou do assunto ou se foi original. Quanto à legenda, o foi, é certo. Em torno do assunto, os autores firmaram depoimento para a história intitulado "As Armas do Município", publicado no

semanário "Fôlha do Cariri". Ano I. N.º 49. 9.12.1966. Crato - Ceará. A Câmara Municipal legalizou o projeto inicial pela Lei N.º 349, de 15 de setembro de 1955. O citado depoimento para a história observa: "No Art. 3.º onde se lê — "azul claro" — devia estar escrito — verde cana — (símbolo regional), e onde se lê — "verde vivo" — devia ter sido escrito — "verde brasil" — (símbolo nacional). Enfim, não há azul no campo do escudo propriamente dito".

DO CURRAL AO CICLO AGRÍCOLA. Revista "A Província". N.º 1. Ano 1. 47 - 49. Crato - Ceará. Tip. "Imperial".

A CIDADE DE FREI CARLOS. (Missão do Miranda). Rev. cit. N.º 2. Pp. 35 - 44. Crato - Ce. Tip. e Pa. do "Cariri".

UM CIVILIZADOR DO CARIRI. Separata da rev. cit. N.º 3. Ano 3. Pp. 127 - 146. Crato - Ceará. 7.7.1955. Top. "Imperial".

CERTIDÕES DE BATISMO DE BÁRBARA DE ALENCAR. Rev. cit. N.º 3. Ano 3. Pp. 115 - 117. Rev. dirigida por Francisco S. Nascimento e Florival Matos.

A BAHIA NAS RAÍZES DO CARIRI. (Século XVIII). Rev. "ITAYTERA". Ano I. N.º I. Pp. 3 - 47. Crato - Ceará. 1955. (Orgão do Instituto Cultural do Cariri). Tip. "Imperial".

APOSTOLADO DO EMBUSTÊ. Edições "ITAYTERA". Crato Ceará. 1956. Separata da rev. cit. N.º 2. Pp. 4 - 63. Crato - Ceará, 1956. Tip. cit.

RAÍZES SERGIPANAS... (Século XVIII). Rev. cit. Ano III. N.º III. Pp. 3 - 41. (Por erro de paginação a página 41 conclui na página 7). Tip. cit. Crato - Ceará. 1957. (1).

PADRE PEDRO RIBEIRO DA SILVA, O FUNDADOR E PRIMEIRO CAPELÃO DE JUAZEIRO DO NORTE (Leia-se: O FUNDADOR HISTÓRICO... e DA CIDADE..., para a evidência do pensamento do autor), Separata da revista citada. Ano IV. N.º IV. Pp. 3 - 37. Tip. cit. Crato - Ceará. 1958.

O MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ. ASCENDENTES E COLATERAIS. Rev. cit. Ano V. N.º V. Pp. 9 18. Tip. de "A Ação". Crato - Ceará. 1959.

MITOS E REALIDADES. O MITO DE FREI FIDELIS... Rev. cit. Ano VI. N.º VI. Pp. 7 - 16. Crato - Ceará. 1961.

EM DEFESA DA MEMÓRIA DE BÁRBARA DE ALENCAR. Rev. cit. Ano VII. N.º VII. Pp. 9 - 12. Crato - Ceará. 1961. Tip e Pap do "Cariri".

A MARGEM DE "A MARGEM DA HISTÓRIA DO CEARÁ", de Gustavo Barroso. (Crítica documentada a ângulos falsos deste livro do grande escritor cearense). Ano VIII. N.º VIII. Pp. 5 - 19. Ifprensa Universitária do Ceará. 1962.

1817 NO CARIRI. (História Polêmica). Cadernos de Cultura. — 1 Faculdade de Filosofia do Crato. 1962. Tip e Pap do Cariri. Crato - Ce 1962.

A HEROÍNA BÁRBARA DE ALENCAR (História polêmica) Rev. cit. N.º 9. Anos 1963 - 1964. Pp. 7 - 12. Tip. e Pap. cit Crato - Ceará

A COMUNIDADE ORIGINÁRIA. O FUNDADOR HISTÓRICO (Referência à Missão do Miranda) REVISTA DO BI-CENTENÁRIO DO CRATO. Direção de Osvaldo Alves de Sousa. Pp. 9 - 15. Crato - Ceará. 1964. Tip. de "A Ação".

A REVOLUÇÃO DOS ALENCAR (1817). Livro inédito, talvez perdido. (História polêmica) Crato - Ceará. 1964.

ALENCAR NOS IDOS DE 17 E 24 e OUTRAS NOTAS. (His-

tória polêmica). Rev. Itaytera, cit. N.º 10. Anos 1965 - 1966. Pp. 7 - 27. Crato - Ceará.

**O AUTOR DE IRACEMA: CARIRIENSE DE ORIGEM.** Rev. CLA, N.º 21, a. XVII. 12 - 1965. Pp. 85 - 88. Fortaleza - Ceará. 1965. Edição comemorativa da passagem do primeiro centenário da publicação de IRACEMA, de José de Alencar.

**ALDEAMENTO DA MISSÃO DO MIRANDA E REVELAÇÃO DE SUA ARQUEOLOGIA.** Separata de "HYHYTÉ", Revista da Faculdade de Filosofia do Crato. Ano II. Vol. II. N.º 2. Pp. 271 - 290. Crato - Ceará - Brasil. 1965.

— CIDADE DE FREI CARLOS. Imprensa Univers do Ceará, 1973

— POVOAMENTO DO CARIRI, idem, 1974.

(Na bibliografia anexa a este trabalho, acompanhada de notas, algumas apreciam retificáveis, liás secundariamente, agora que o autor recebeu informações inéditas de Portugal. A seu tempo, fará as retificações nesta mesma revista).

Ainda aluno, e devidamente autorizado, colaborou com assiduidade no seminário cratense "Gazeta do Cariri" (1923 - 1926), de propriedade e direção de Loiola de Alencar, e na revista POLIANTHÉA, edição única, comemorativa do cinquentenário do Seminário do Crato (1952). Aí escreveu o trabalho — D. QUINTINO — encarando sob ângulos positivos a figura marcante do modesto bispo que morreu às expensas de amigos. Colaborou também na "A Região", órgão da diocese do Crato, fundado pelo referido bispo; na revista "Tradição", editada sucessivamente em Recife e na cidade de Petrópolis sob a direção de Guilherme Auler. Escreveu para outros órgãos de imprensa do Crato, por exemplo, "Folha da Semana" e "Ecos da Semana", semanários de responsabilidade de Oswaldo Alves de Sousa; "Revista Comemorativa", edição única em comemoração das bodas de brata do Colégio Diocesano do Crato (1952). Perfilou aí em traços rápidos e autênticos — SEGUNDO DIRETOR — a relevante figura de educador, Monsenhor Joviniano Barreto, reitor do Seminário do Crato (1922 - 1932), quando se revelou autêntico formador de caracteres à luz da fé e da razão, sem pressões estereis para vergar cabeças e inclinar orações.

**CONSELHO DE ORDENAÇÃO DECIDIRA CONTRA ACESSO DO PADRE CÍCERO AS SAGRADAS ORDENS E SUA PERMANÊNCIA NO SEMINÁRIO.** Crato - Ceará. 1965. Trabalho inédito, elaborado com o mais rigoroso escrupulo erudito, com documentação manuscrita, inéditas, segurança dos testemunhos e bibliográfica de fidedignidade pacífica. Sem condição de publicação no meio por motivo de pressão de *statu quo* sócio-mental-cultural, primário, mas vivo e atuante.

Em 15 de julho de 1956, D. Francisco de Assis Pires, bispo diocesano, proibiu o autor de continuar a polêmica que sustentava pela imprensa com o padre Azarias Sobreira em tórno da vinculação do antigo professor José Joaquim Marrocos Teles à crônica das origens e desenvolvimento da célebre questão religiosa de Juazeiro. O documento proibitivo, dirigido ao autor, redigido do próprio punho daquela autoridade e por ela assinado, foi publicado na imprensa local e de Fortaleza, conjuntamente com o documento portador da declaração do autor de submeter-se prontamente à determinação de D. Francisco de Assis Pires. ("A Ação", órgão da Diocese. Ano XVII. N.º 763. Crato. 22.7.56. "O Povo", diário. Fortaleza. Sábado. 4.8.56). Esta divulgação teve o sentido de uma explicação ao público que no tempo acompanhava a polêmica com interesse, esclarecendo-o quanto ao motivo do retraimento brusco do campo da liça por parte do autor.

A certa altura do texto de seu ato, D. Francisco escreveu: "Até hoje V. Rvma. não tem em sua carreira sacerdotal um só ato de insubordinação e cremos que, embora amargurado, saberá mais uma vez cumprir seu dever de bom sacerdote obedecendo".

Agora: pretender identificar o assunto específico, objeto da proibição referido, aliás superada, com o assunto do citado trabalho sobre o Padre Cicero, de publicação dificultada no meio, para justificar este entravo — não teria sentido. O entravo é mesmo o dito *statu quo*.

(1) Os trabalhos O FUNDADOR-MOR DA METRÓPOLE MIS-  
SÃOVELHENSE; PRIMEIRO VIGARIO DO CRATO; CONCURSO  
DA BAHIA NA FORMAÇÃO DA GENS CARIRIENSE; O CARIRI:  
SESMEIROS E POVOADORES; DO CURRAL AO CICLO AGRÍCO-  
LA; A CIDADE DE FREI CARLOS; UM CIVILIZADOR DO CARIRI;  
A BAHIA NAS RAÍZES DO CARIRI (Século XVIII); RAÍZES SER-  
GIPANAS... (século XVIII); e o projeto inicial da herádica e o histórico  
das Armas do Município foram produzidos em vida de Irineu Pinheiro, den-  
tro do ciclo, pioneiro neste século, de pesquisa obstinada em função da histo-  
riografia do Cariri, ciclo por ele inaugurado e explorado na elaboração das  
obras que escreveu. Neste pioneirismo, conseguiu, para ajudá-lo, uma equi-  
pe, espontânea e irregular, formada ao acaso por fornecedores de informa-  
ções, escritas ou orais, espalhados pela região, ou além, interpelados ao ritmo  
de encontros pessoais fortuitos e de correspondência epistolar (Comodista,  
nunca saiu do Crato para consulta às fontes nos centros urbanos do Cariri,  
com exceção do mirrado arquivo do Padre Cicero Romão em Juazeiro do  
Norte). Um de seus auxiliares, amigo e compadre, foi o advogado José Ber-  
nardino, residente em Barbalha, o qual contribuiu com alguns preciosos ele-  
mentos da história local, à igual dos tabeliães de Missão Velha e Milagres,  
respectivamente, Jácome de Carvalho e Antonio Bezerra de Menezes. Mas  
foi o autor dos trabalhos citados (A BAHIA NAS RAÍZES DO CARIRI,  
E RAÍZES SERGIPANAS... já estavam elaborados quando Irineu Pinhei-  
ro faleceu), o único que entrou com decisão e entusiasmo na órbita deste  
pioneirismo (que sobreviveu ao fundador para continuar, agora organizado  
e em dimensões amplas com o Instituto Cultural do Cariri superiormente di-  
rigido por J. de Figueiredo Filho), estabelecendo-se entre ele e o fundador  
e dinamizador, comunhão de ideal, estímulo, sugestões, e de colaboração na  
qual — é um exemplo — o primeiro forneceu ao segundo para mais de cem  
cópias de documentos pessoalmente descobertos em fontes manuscritas, iné-  
ditas; e ambos, mutuamente estimulados, concorreram, cada um com a tese,  
aliás vitoriosas, ao Primeiro Congresso de História da Bahia, comemorativo  
da passagem do quarto centenário da fundação da cidade do Salvador e ins-  
talação do primeiro Governo Geral, reunido naquela cidade de 9 a 19 de  
março de 1949. Morto, Irineu Pinheiro fizera indiretamente e deixou um  
discípulo na pessoa do modesto colaborador em aprêço, a quem, como tal,  
se refere, embora com avareza, em seus clássicos O CARIRI, EFEMÉRI-  
DES DO CARIRI e JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS (a maior figura mi-  
litar das lutas da Independência). O ciclo de pesquisas históricas, e histo-  
riografia, que poderíamos chamar "ireneista", criou a condição principal, de-  
cisiva, entre as que concorreram para a fundação do Instituto Cultural do  
Cariri, do qual Irineu foi o primeiro presidente, nato e lógico; patriarca es-  
piritual da entidade. O autor continua seu discípulo no campo da pesquisa  
e da historiografia do Cariri, em cujo curso o mestre ergueu marco nôvo e  
singular, que a dividiu pela primeira vez em duas fases distintas — antes  
do construtor e depois dêle — marco, consubstanciado em pouquíssimas pro-

duções (obras clássicas no conceito do pensador e sociólogo Djacir Menezes), três livros completados por duas monografias; elaborados em vinte e cinco anos de labor intelectual, capaz, obstinado, paciente, cuidado; amadurecidos no estudo e pela idade e experiência do autor. Humanista, comunicou-lhe a centelha do espírito clássico, garantia da permanência da obra e a imortalidade do historiador crítico, ou erudito, que ele é, fronteira do do historiador intérprete, o historiador, que não chegou a ser; (x)

(x) Um autor é crítico em história quando é capaz do uso adequado e correto das fontes históricas, examinadas sob o ponto de vista da autenticidade, integridade e credibilidade. Se, porém, ao construir sua narração, ele se limita a reunir estes dados autênticos, íntegros e fidedignos, sem interpretação, então ele é um historiador crítico, mas não intérprete, porque incapaz de teorizar. O historiador deve compreender a significação de todo aquele material colhido e criticado, para elaborar a síntese e escrever a narração do acontecimento.

Interpretar é determinar o sentido da ação humana, superando a instância documental; é extrair do texto histórico a plenitude da vida, que foi e que permanece nas formas presentes; é recompor o conjunto orgânico, pensando e sentindo, a fonte ou as fontes que a crítica julgou limpas e certas; é sentir e pensar a grandeza e humildade dos personagens, penetrando no seu íntimo, fixando as decisões, os impulsos, os atos de vontade libertados pelos sucessos. De modo que o historiador não se pode aprisionar ao sentido gramatical dos textos, mas repelir a velha concepção de que estes nada deixam ao arbitrio do historiador. O historiador tem o dever de interpretar o sentido e o pensamento, a ação e o sentimento que existem nos textos. De outro modo, os motivos psicológicos, todos os fins, tôdas as razões, tôda a compreensão seriam excluídos da história. Sem compreensão os textos não informam o conteúdo espiritual do ato que se tornou histórico. Do contrário, bastaria alguém alinhar textos e documentos para se tornar historiador. A verdadeira doutrina: fidelidade documental, acrescida da interpretação. (José Honório Rodrigues, líder dos estudos histórico-sociais renovados no Brasil; um de seus líderes no Continente; escreve obras, já numerosas e em plena produção, igualmente nas linguas espanhola e inglesa, além de ser um dos convidados especiais para os congressos de história, que se reúnem nos principais países do Ocidente. Teoria de História do Brasil. Brasileira. São Paulo 1957. História e Historiadores do Brasil. Fulgor. S. Paulo 1965. Vida e História. Civilização Brasileira. Rio 1966). Para o ato decisivo da compreensão o historiador não poderá fugir à cooperação das disciplinas sociais parentas da história, indispensáveis à interpretação final do ato humano: geografia, jurídica, política, sociologia, antropologia, etnologia, psicologia, literatura e arte.

Irineu Pinheiro não tinha preparo para teorizar. Por isso não passou de brilhante narrador erudito ou historiador crítico.

OBSERVAÇÃO FINAL — Juntando na bibliografia aos títulos das publicações as datas em que foram escritas o autor teve em vista habilitar o leitor para julgar com espírito de justiça. Por exemplo, no estudo a que, faz 14 anos, o leitor se entrega, em torno das raízes histórico-sociais de nossa cidade que mergulham orgânicamente no Aldeamento indígena da antiga Missão do Miranda — segue lenta mas progressivamente, do imperfeito para o menos imperfeito em perseguição sob o ângulo da verdade histórica. Neste esforço, paciente e obstinado, à cata de material, escasso sempre, vem colhendo elementos em fontes primordiais, inéditas, e secundárias, em fontes nacionais e, por último, européias. D leitor esclarecido fica, apto,

## **-PARLAMENTARES AJUDAM O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI**

O Instituto Cultural do Cariri cumpre com o dever de externar o seu agradecimento á ação patriótica de alguns parlamentares cearenses, que consignaram recursos, no Orçamento da União, para 1976, em benefício da instituição.

Foram eles, o Senador Wilson Gonçalves, o Senador Mauro Benevides, o Senador Virgílio Távora, os deputados federais Ossian de Alencar Araripe, Joaquim de Figueiredo Correia, Mauro Sampaio, Hildo Furtado Leite.

Esses parlamentares, demonstrando a alta visão e espírito patriótico, compreendem a atuação do ICC e as suas lutas em favor do crescimento cultural da nossa região.

A todos eles, os agradecimentos do ICC.

---

## **INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI PATROCINA II SEMINÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO SUL DO CEARÁ**

Será realizado de 11 a 15 de Maio próximo, na cidade do Crato, o II SEMINÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO SUL DO CEARÁ. É iniciativa promoção e patrocínio do Instituto Cultural do Cariri, ao lado do Rotary Club do Crato. É certame da mais alta relevância, destinado a oferecer uma análise perfeita e conjuntural da região, nos dias atuais e suas perspectivas futuras. Todos os órgãos de desenvolvimento, além de órgãos oficiais e Prefeituras da região já se acham engajados na iniciativa, cujas reuniões preparatórias já se sucedem com êxito.

---

dêste modo, para dar o devido desconto às imperfeições inevitáveis em trabalho desta natureza.

Outro propósito foi o de oferecer ao leitor possível oportunidade de confronto eventual com autor fácil em "omitir a verdade ou fazer esta verdade coisa sua. Convém lembrar que depois da descoberta documentária, cada documento tem de ser citado cob o nome do pesquisador. Negá-lo, além de se cometer injustiça, pratica-se um dos piores crimes. Omiti-lo, além de traição, é desonestidade". (R. Haddock Lobo).

Ao longo de seus anos de pesquisador, o autor tem sido vítima dêsse tipo de amigo do alheio autoral.

Crato, 25 de Maio de 1967.

---

N. R. — Este trabalho foi escrito em 25 de Maio de 1967. O Pe. Gomes permaneceu na Diretoria do Instituto Cultural do Cariri, na qualidade de Vice-Presidente, até 18 de Outubro de 74, quando foi empossada a nova Diretoria, sendo seu substituto, Joaquim Lôbo de Macêdo, eleito na Assembléia Geral de 05 de Outubro do mesmo ano. Ainda circularam 2 livros, da Coleção "Obras Completas de Pe. Gomes, Estudos e Pesquisas. Foram "A CIDADE DE FREI CARLOS, Imprensa Universitária do Ceará, 1971, com 108 páginas, e "POVOAMENTO DO CARIRI", Imprensa Universitária do Ceará, 1973, com 141 páginas, lançados, ambos, em sessão solene do Instituto Cultural do Cariri, na Faculdade de Filosofia do Crato, em 17 de Maio de 1974.

# ASCENSO ESQUECIDO

Recebendo, há dias, a visita dos escritores Antônio Houaiss e Francisco Barbosa Lima, que vieram lançar na Bahia essa obra notável de erudição e pesquisa que é a "Enciclopédia Mirador", tive a oportunidade, infelizmente aligeirada, de discutir com eles, em tom informal, alguns aspectos ligados à literatura brasileira. E não me recordo exatamente bem porque, mas veio à tona, de súbito, o nome de um dos maiores poetas que o Nordeste já produziu, Ascenso Ferreira, que este ano completou, em maio último, exatamente uma década de morto, sem que o fato tivesse a menor repercussão nos meios literários e muito menos na área editorial. Esgotados há longo tempo, os livros de Ascenso — "Catimbó", "Cana Caiana" e "Xenhenhém" — que tiveram importância fundamental para a fixação de determinados aspectos do Modernismo — são inteiramente desconhecidos das novas gerações e estão jogados a um injusto esquecimento, pois, afinal, compõem um alto momento da poesia regional nordestina, talvez mesmo sem paralelos do contexto geral do movimento de 22.

Este fato vem comprovar em nossa literatura um estranho fenômeno a que aludi num ensaio anterior: é a sua debilidade orgânica, a dificuldade de nela formar-se uma real e autêntica tradição, cada nova corrente que surge se julgando dona absoluta da verdade e assumindo os ares do dia primeiro da criação... É bem um sintoma da imaturidade da nossa vida intelectual, dispersa, fragmentária, tecida mais de gloriolas de explosão efêmera, tristemente debilitada e descontínua, do que do comportamento crítico atuante e consequente, através do qual se preservam os valores autênticos. Não foi sem razão que Alceu Amoroso Lima frisou, com propriedade, que, entre nós, os livros existem — mas não vivem.

Na época das construções poéticas recheadas de teorizações linguísticas, que erigiram a nova retórica dos estruturalismos, no Brasil mal assimilados pelo nosso habitual servilismo intelectual e que têm sido responsáveis por algumas aberrantes teses de mestrado e doutorado, explica-se o esquecimento de Ascenso Ferreira, poeta das coisas simples da vida e do homem do Nordeste. Explica-se, mas não se justifica absolutamente. Porque, na verdade, estamos diante de uma obra profundamente consciente, elaborada com extremo apuro formal, que se dissimula na cativante espontaneidade. Da obra, em suma, de um poeta com "p" maiúsculo, cuja reavaliação está a impor-se urgentemente, sobretudo num momento em que a poesia regionalista — certamente por algum descuido editorial... — voltou à cena com a edição de "Cobra Norato", de Raul Bopp. Por que não reeditar Ascenso?

Sobre ele escrevi, certa feita, algumas palavras que julgo oportuno rememorar agora. Durante muito tempo — disse então — a obra do autor de "Catimbó" correu o perigo da valorização excessiva do que nela existia de circunstancial, puramente anedótico, em detrimento dos elementos poéticos fundamentais, que lhe asseguram permanência nos quadros da nossa literatura. Ou, se não na literatura, pelo menos — fato mais relevante —

na memória e no coração do povo nordestino, pois a verdade é que muitos dos poemas de Ascenso Ferreira já se transformaram em folclore, sendo comumente recitados nas feiras pernambucanas. Sairam, assim, das páginas dos livros, para integrar-se num patrimônio comum, coletivo, no patrimônio do povo — o que, sem dúvida é a forma mais definitiva de glorificação, para além da simples condição livresca.

Lembrei, e não vacilo em afirmá-lo, que o anedótico — tão bem representado por poemas como "O Gênio da Roça" ou "Filosofia" — era precisamente o aspecto menos válido na obra de Ascenso e, conseqüentemente, o menos perdurável. Nela, o fundamental, em primeiro lugar, é a capacidade de captar o essencial de uma realidade que se situa, por força dos próprios elementos que a integram, numa dimensão de mito e legenda, conservando-lhe a autenticidade e a pureza originais; depois, é a manipulação dos recursos expressivos adequados à transposição, já em termos literários, dessa realidade, dando-lhe validade artística.

Ascenso Ferreira recriou um material — o folclore — cujas origens se perdem no anonimato e, conscientemente, com a habilidade de um perfeito artesão, soube imprimir-lhe a feição do seu talento pessoal, da sua capacidade criadora, o que não é tarefa para muitos. Veja-se, por exemplo, a escassa ressonância nacional da obra de outro regionalista que, como Ascenso, trabalhou sobre o folclore — no caso, o gaúcho Vargas Neto.

Há poetas que possuem a capacidade singular de despoetizar até mesmo temas que, intrinsecamente, já estão inflados de carga poética. Outros procedem justamente ao inverso e dão uma dimensão de alta poesia aos temas mais banais, o que vem corroborar a afirmação mallarmaica de que poesia se faz com palavras, conceito que os concretistas, em alguns casos com lucidez mas em outros com inflexibilidade sectária, levaram às últimas conseqüências na tentativa de desintegração do verso e visualização dos elementos do poema. Ainda dentro dessas perspectivas, porém, não se justifica o esquecimento a que foi relegado Ascenso Ferreira, que, também a seu modo, foi um "fabbro" habilidoso, consciente, dono de uma arsenal de soluções muito próprias e originais. Trabalhando em alguns casos com material já naturalmente cheio de potencialidades poéticas — mitos, lendas, assombrações, estorinhas do povaréu nordestino contadas ao pé do ouvido na boca da noite com cheiro de mato e de terra — imprimiu a esses elementos um toque muito pessoal de dizer as coisas, construindo um discurso poético rico em seus elementos internos, estruturais.

Um discurso, aliás, como ressaltou com toda a propriedade Antônio Houaiss — lamentando que estejam praticamente perdidas as gravações em disco da poesia de Ascenso — que ganhava um impacto especial quando recitado em voz alta. A oralidade, com efeito, é uma das características máximas dessa poesia plena de elementos sonoros, alterações, onomatopéias, refrões, cantigas extraídas do rico manancial popular e que foram por ele incorporadas à expressão literária como ninguém soube fazer neste país.

Recitados pelo próprio Ascenso, a voz grossa saindo aos borbotões, inconfundível, única, no compasso ritmado da mímica exata, seus poemas ganhavam vitalidade extraordinária. Foi Mário de Andrade quem primeiro observou que se trata de uma poesia em que a voz participa como elemento intrínseco de valorização, o que não é habitual na expressão lírica, que requer o diálogo silencioso com o texto para a sua mais aguda fruição.

Fui um dos privilegiados que puderam ouvir o próprio Ascenso a recitar seus poemas. Fixei essas impressões em outro artigo, evocando uma viagem que fiz ao Nordeste, em companhia de Glauber Rocha, que começava, em 1958, a captar elementos para a sua obra cinematográfica tão impregnada da violência do agreste. Deixáramos Maceió, pela ferrovia, com destino a Recife. Era uma viagem abafada, monótona, sem atrativos, que nos dava uma sensação de entorpecimento. Dentro do trem fazia um calor dos diabos e, lá fora, era a paisagem invariável, batida pela canícula das duas horas — sucessão enfadonha de canaviais a se estender monocordicamente por morros e vales. Foi quando demos com as vistas num homenzarrão de mais de dois metros de altura, aparentando sessenta anos, esparrramado pela cadeira do trem, a ressonar como um trovão. Era o próprio Ascenso, em carne e osso, a alvoroçar os dois adolescentes deslumbrados, que o encontravam no próprio "Trem de Alagoas", justamente o título de um dos seus mais belos poemas. Travamos contacto imediato, pois Ascenso, figura humana excepcional, era o oposto do figurão inabalável, inacessível!. Convidou-nos a visitá-lo em sua casa, num subúrbio de Recife. E depois de uma longa conversa tomou ele próprio a iniciativa de recitar seus poemas, o que gostava de fazer sob o embalo da cadeira de balanço, lenta, pausadamente, os gestos largos acompanhando a voz de baixo profundo, a extrair do poema toda a sua exuberante oralidade. Uma experiência realmente inesquecível. Passados são tantos anos desde que mantivemos esse contacto com o poeta e, no entanto, para mim é como se houvesse acontecido ontem. Ainda agora posso vê-lo caminhando junto a nós pelas ruas de Recife, o incrível chapéu de abas largas enterrado até as sobrançelas espessas, o corpo imenso cinquendo com aquele jeitão de "cabra" pernambucano exilado no asfalto. Evoluindo dos sonetos parnasianos rigorosamente metrificados para a liberdade criadora do modernismo. Ascenso inventou um autêntico compromisso entre fala e música. E trouxe para a área da literatura dos eruditos e doutores a graça ingênua dos cantadores e violeiros, envoltos com os casos de Virgulino "Lampião", a mula sem cabeça, as assombrações típicas da mitologia nordestina, os usos e costumes dessa região, o bumba-meu-boi, o reisado, a cavallhada, o carnaval, o maracatu. É todo um mundo primitivo que subsiste, recriado, autônomo, engrandecido pela realidade verbal que o exprime. Não é uma simples cópia ou um registo documental de uma realidade pré-existente. É poesia do melhor quilate, que recorreu inclusive a recursos expressivos absolutamente novos para a época, atuais ainda hoje, mesmo sob o crivo da análise formal da crítica moderna.

A alta importância da obra de Ascenso está a exigir a reedição dos seus livros. Ela assinala um dos momentos esteticamente mais expressivos da primeira hora modernista, mas sua qualidade intrínseca projetou-a além do momento histórico em que foi produzida, dando-lhe cunho de perenidade. É necessário que a literatura se renove permanentemente e receba a contribuição múltipla de todos os experimentalismos. Mas que esse procedimento não mascare a intransigência, o radicalismo cultural que procura massacrar o passado em nome da renovação, como se uma coisa necessariamente excluísse outra. Desse infantilismo precisamos livrar-nos de uma vez por todas, a fim de produzir uma literatura madura, coerente no seu processo evolutivo, capaz de assegurar a glória tranquila e justa àqueles escritores que realmente a mereçam. A glória que, enfim, como dizia Balzac, é o sol dos mortos, e a cuja luz tem todo direito o nosso grande e bom Ascenso, o próprio Nordeste transfigurado em poesia.

# Homenagem aos três maiores vultos Intelectuais de Jardim

“Quando o Gênio irrompe altivo  
Dos mundos fitando os céus;  
A terra lhe estende os braços  
E os homens o chamam — Deus!...  
O mar se cala um momento...  
No fundo do firmamento  
O astro-rei está de pé  
Humilhado ante a presença  
Dess'outra grandeza imensa,  
Como out'ora a Josué”.

*B. Freitas*

Nunca é demasiado tarde, para render-se um preito de merecida e justa homenagem à memória de grandes homens, como o foram: Raimundo Ulisses Pennafort, Antônio Barbosa de Freitas e Joaquim Alves Oliveira que, pela inteligência ou sólida cultura, se constituíram orgulho da literatura cearense.

Jardim, por longo tempo, como que adormecida, quedou-se indiferente ante o esplendor de sua gente. Hoje, porém, cônica de sua projeção no cenário histórico e intelectual da “Terra da Luz”, vem através de seus administradores reivindicando a memória de seus ilustres filhos, com a restauração do túmulo do poeta Barbosa de Freitas, no cemitério São João Batista, em Fortaleza e o projeto e erecção de um pedestal com o busto do celebrado vate na praça que, em sua terra natal, lhe tem o nome. Por sua vez, expressiva homenagem foi prestada ao Cônego Raimundo Ulisses Pennafort, com a escolha de seu ilustrado nome para as ESCOLAS REUNIDAS DE JARDIM.

Assim é com maior satisfação e honra que nos valem das páginas de “Itaytera” para render o mais justo preito de admiração e apreço à memória dos três maiores vultos intelectuais de nossa estremecida terra jardinese.

\* \* \*

Aos 25 de novembro de 1855, veio à vida Raimundo, filho do casal: Capitão Manoel Cavalcante de Albuquerque Melo e d. Generosa Cândida Brasil de Albuquerque Pennafort (1).

Raimundo Ulisses Pennafort fez o curso preparatório no Seminário do Crato, quando ainda na primeira fase (2). Em 1877 matriculou-se no curso teológico do Seminário de Fortaleza, transferindo-se no ano de 1878 para o Seminário do Carmo, em Belém do Pará, onde recebeu, a dois de maio de 1880, as Ordens Sacras das mãos do Bispo D. Antônio de Macedo Costa (3).

Homem de grande valor, considerado um dos maiores etnólogos brasileiros, dedicado jornalista, orador, sacerdote de cultura sólida, profunda e variada, legando ao Brasil literato notáveis obras sobre assuntos religiosos, filosóficos, históricos, etnológicos, que o fizeram ilustre entre os publicistas mais operosos.

Foi cônego em 1892(4), parouquiu Vigia do Pará no período de 30 de março de 1902 a 23 de janeiro de 1909(5), sendo Belém o cenário de suas atividades apostólicas e intelectuais.

Pennafort foi de uma extraordinária capacidade de trabalho mental, tornando-se o incansável colaborador de inúmeros institutos e associações não só do País como do estrangeiro. Assim, os raios de sua esplendente inteligência e cultura difundiram-se em:—

**ASSOCIAÇÕES** — foi membro correspondente da "Academia Cearense de Letras", eleito em data de 15 de dezembro de 1896 (6), de "L'Union des Associations de La Presse Hero-Americaine"; membro co-operador de "La Union Católica del Peru", membro cooperador-salesiano do "Instituto D. Bosco" de Turim e Niteroi; sócio correspondente da "Arcádia Fluminense", da Arcádia Romana", do "Instituto Histórico Paraense", da "Mina Literária" do Pará, da "Iracema Literária" do Ceará, da "Academia Poliglota" da Itália e da "Société Asiatique des Langues Orientales Vivantes de Paris" e ainda Socius et Confrater Ordinis Praedicatorum vel SS. Rosarii (Decretum datum Romae die 13 Mensis Februarii Anni 1892 — à Magistro Generali Fr. A. Fruhwirt — Ord. Praed) (7). É patrono da cadeira n.º 32 da Academia Cearense de Letras, da qual é ocupante Dr. José Waldo Ribeiro Ramos.

**JORNAIS** — redigiu o "Zuavo", jornal abolicionista e religioso, publicado em Caeté (1882-1884); o "Caeteense" que substituiu ao "Zuavo" (1885-1889); o "A TUBA" (896), jornal nativista da cidade de Maracanã, antiga Cintra e órgão da importante associação "Arcádia Americana", de que êle foi Reitor; o "Século XX" e o "Guajará" publicados em Vigia (8). Vale realçar também sua grande colaboração em outros jornais de Minas Gerais, Pará, Ceará, etc.

**TRABALHOS** — "Ecos d'Alma (Pará-1881); "Monsenhor Pinto de Campos, estudos biográfico-literários, publicados no Caeteense (1884-1885), sobre Monsenhor Joaquim Pinto de Campos — distinto escritor, orador e político pernambucano; "A Igreja Católica e a Abolição (1884); "Os Retirantes, poemeto (Pará, 1889). "Os Esplendores do Culto Mariano" (Caeté, 1890); "O Novo Morto Imortal" ou Memória Monógrafa dos Grandes Méritos e Atos Ilustres do Arcebispo D. Antônio de Macedo Costa, o Apóstolo da Amazônia; "Discurso Ontológico (1892); "Cenontologia ou Ensaio de Ciência e Religião, conferência que o fluente orador pronunciou em 1894, em Marapanim, por ocasião da inauguração do paço municipal dessa cidade paraense, e à qual faz preceder de uma longa introdução em que discute várias questões filosóficas. Acompanha ainda êsse trabalho um prospecto do Colégio Cristóforo ou Instituto Pennafort; "Memorial Sinóptico sô-

## HORARIO ESCOLAR DE AULAS

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO
Agricultura	Fisica	Biologia	Agricultura	Agricultura	Portugues
Zootenia	Quimica	E. M. C	E. Artistica	I. rurais	Matematica
I. Rurais	Fisica	Zootecnia	Agricultura	Zootecnia	Portugues
E. Rural	Quimica	E. M. C.	E artistica	E. Rural	Matematica
E. Fisica	Vaga	E. fisica	E. Fisica	Portugues	Biologia

bre a Glorificação do Padre Antônio Vieira, no segundo centenário de sua morte: "Orações Patrióticas"; "Quadro Sinóptico dos nomes Indo-brasilenos" (Pará 1899); "Monocromo" — pequeno conto parauara em prol dos mendigos da sêca do Ceará e dos que vão em demanda da nova Canaã (Ceará, 1900); "Brasil Pre-histórico", memorial enciclógrafo a propósito do 4.º centenário do descobrimento do Brasil (Ceará, 1900); "Mandu", romance indo-brasileño (Ceará - 1901) "Filologia Comparada", estudo sobre a palíngenesia da Língua Tupi, publicado na Revista da Academia Cearense (1903) (9).

O retrato do ilustre e virtuoso Sacerdote jardinense bem o pinta em côres vivas e seguras o Rvdmo. Cônego Faustino Brito, 14º Vigário da Vigia, segundo sucessor de Pennafort, na hierarquia paroquial dessa cidade paraense: — "o Cônego Raimundo Ulisses Pennafort, foi 12º Pároco de Vigia a contar de 1821, no período compreendido entre 30 de março de 1902 e 23 de janeiro de 1909. Neste relativo curto espaço de paroquiato, Cônego Ulisses foi um mártir aqui em Vigia, incompreendido principalmente, pelos politicoides da época, que lhe moveram tremenda perseguição a ponto de o banirem da Vigia, em uma piroga com três remadores, dos quais o único sobrevivente, já velho, anda tateando em meio a escuridão de uma cegueira. Sacerdote esbelto de porte, amigo das crianças e da pobreza, muito fez pelos seus paroquianos. Homem de Deus — foi também das letras e principalmente homem das "Dôres tal qual um outro Cristo. Melhor retrato não há do que êste: foi a imagem do seu Senhor" (10).

Assim foi a vida do virtuoso ministro do Senhor e grande intelectual brasileiro, que Jardim naquele feliz vinte e cinco de novembro de mil oitocentos e cinquenta e cinco, entregou ao destino das letras nacionais e à arena da causa nobilíssima de Cristo — "salvar almas". E, somente depois de encher de luz a história da literatura da pátria terrena e de preparar com exemplo dignificante, povoado de martírios, a pátria celestial, o Cônego Raimundo Ulisses Pennafort falece no Leprosário Paraense de Tucunduba, a 25 de abril de 1921 (11).

Bem próximo ao talhado da serra onde está implantada a "Pedra da Janela Encantada" (a), à distância aproximada de 6 quilômetros da cidade, para o lado leste, está localizado o sítio "Lamerão", recanto feliz da terra jardinense, onde a natureza é sempre pródiga. Um olho da água brota límpido e silencioso, no meio do terreno, rodeado ainda de algumas árvores seculares, que a mão do nosso homem do campo quis deixar isentas do golpe impiedoso do machado. A pequenina fonte fertiliza uma plantação de café — o tradicional café do pé da serra. Foi entre a fragrância desse rico panorama, foi no Lamerão onde ainda hoje se fala em carneiro de ouro encantado, "Pedra do Galo" (b) e "Gruta do João Bento" (c), que veio à vida Antônio, em casa de seus avós maternos: José Barbosa de Freitas e Joana Barbosa de Freitas (1). Filho de d. Maria Barbosa da Silva. Seu pai, Antônio Nogueira de Carvalho (d) advogado, rábula, que foi assassinado por Liberato José Maria e Silva, no mercado público de Jardim (2).

Bem criança ainda e com o consentimento de d. Maria Barbosa, Antônio Barbosa de Freitas deixou Jardim rumo à capital do Estado, em companhia do Desembargador Américo Militão de Freitas Guimarães, que fôra nomeado Juiz de Direito de Jardim em data de 25 de setembro de 1859 (3). Antônio passou alguns anos interno no Seminário de Fortaleza, deixando-o por falta de vocação eclesiástica. E, enlevado ainda pela visão majestosa da paisagem de sua terra — Jardim, que jamais se apagara na memória, e com o subconsciente impregnado das curiosas crendices da terra que o viu

nascer, Barbosa de Freitas povoou a mente de fantasias, sonhos, que se transformaram em versos...

Mas o poeta jardinese detestava as presunções e a sua modéstia o levou a não publicar mais cedo suas belas produções literárias. Só mais tarde, por insistentes rogos de seu amigo Antônio Olímpio da Rocha, é que estreou com a poesia "HIPÓCRATES ou O MÉDICO", trabalho publicado em 1879 em o "Cearense", conceituado órgão político de Fortaleza (4). Foi coroada de êxito sua estréia. "Toda a imprensa da Capital foi unânime em declarar ter aparecido mais um meteoro intelectualmente grande, no horizonte da literatura nacional, na gloriosa Pátria de Iracema" (5).

As produções literárias de Barbosa de Freitas têm algo de Castro Alves, como se pode observar, confrontando-se "O Livro e a América" do poeta baiano com a notável poesia "Lenda do Sol":

Sou eu quem espanca as trevas  
Desde o Globo aos pés de Deus,  
Empresto luz as estrelas,  
As lâmpadas do mar, dos céus!  
Ilumino fossos, grutas,  
Da revôlta criação:  
Já ouvi blasfêmias, uivos,  
Dos viventes que o dilúvio  
Varreu nas fauces do Chão.

Um dia falou-me em face  
O grande sábio Moisés...  
Suas vestes gotejavam  
E eu perguntei-lhe: — Quem és?!  
O varão estende um braço  
E diz-me mostrando o espaço:—  
"Sou o enviado de Deus!"  
Estendi-lhe os meus abertos,  
Segui-o pelos desertos  
Alumiando os hebreus.

Nas azuis vagas do Nilo  
Em pobre berço nasci;  
Eu sou de Deus escolhido,  
Decretos santos eu li!  
Seja escura a madrugada  
Vinde hebreus, para a alvorada,  
Pois o Deus ventura dá...  
Cada um de vós, heróis,  
Vencerá os Faraois,  
Vossa sentença aqui está!...

Um dia em que Babilônia  
Ébria de gozo caiu.  
Quis erguê-la nos meus braços  
Porém Deus não consentiu!  
Chorei-lhe as bordas do leito  
Preguei-lhe um beijo no peito.

Surpirou... mas não se ergueu!  
E a bacante semi-morta  
Do meu carro abriu a porta  
E Deus disse: — já morreu!...

Deus des'parece... meu peito  
Arquejou de horror profundo,  
Lancei faiscas nos ares,  
Quis abrasar todo mundo!...  
Alfim subiu ao infinito,  
Quebrei o portão maldito  
Da tenda de Jeovah...  
Tôda a cela era vazia,  
Nenhum vento ali zunia,  
Tudo quieto estava lá!

Desci, descí, vi um vulto  
Sôbre a cidade em montão:  
Nos olhos da messalina  
Vagueava a maldição!  
Do vulto os lábios tremiam  
E os ventos a mim diziam:  
— "Quem passeia é Deus, Senhor!"  
Me veio à mente uma idéia,  
Deus compunha uma epopéia  
Da Babilônia, que horror!

A ti, ó Grécia gigante,  
Quis compor-te uma epopéia,  
Porém cedi aos poetas  
De Salamina e Platéia;  
Quis coroar tua fronte,  
Ao surgir no horizonte  
Quis beijar-te os seios nús!  
Quis cantar teus feitos glórios,  
Gravá-los sôbre os zimbórios  
De um firmamento de luz.

.....

Não é tudo, eu vi mais cenas,  
Eu vi mais dramas de dôr!  
Eu vi nos braços da cruz  
Tombar Cristo — o sonhador.  
Eu vi tredos terremotos,  
Vi fantasmas ignotos,  
A cujo quadro tremi!  
Se moverem mil ossadas  
Rangindo desesperadas  
Nas campas que entevi!

Era um dia, um dia imenso,  
Roma inteira era de pé,  
Os cantores que passavam  
A sós diziam: — O que é?!...  
Já se move a estulta Roma,  
Eriçando a extensa coma  
Como as lavas de um vulcão;  
A liberdade é chegada,  
Ai! lá vejo-a debruçada  
Nos braços de Scipião!

.....

Vi nas plagas arenosas  
Perpassar Napoleão,  
Cortando móveis desertos  
N'um corsel de furação.  
Eu lhe disse: — rei dos bravos  
Vais salvar nações de escravos,  
Onde ides conquistador?!  
"Vou ao serro do granito  
Para saltar sôbre o infinito  
E batalhar com o Criador"!

Depois o vi na peleja  
Gotejando de suor.  
Eu disse: — Silêncio mares!  
Peleja... conquistador!...  
Pedi-me um raio — emprestei-o,  
Êle o partiu meio a meio,  
Sôbre o inimigo voou!  
Quebrou-se o raio maldito!  
Nos ares tressoa um grito,  
— Waterloo! Waterloo!

Olhei e vi!... a seu lado  
Tudo era horror, êle só!...  
Os vencidos se arrojavam  
N'um oceano de pó!  
Em punho a espada, rugia,  
À sua voz o chão tremia,

Como um louco gargalhou:  
— França, França, enxuga o pranto,  
Me envia de glória um canto  
Que vencerei Waterloo!...

.....

Findou-se a luta, no campo  
Feio quadro apareceu!  
Parece que a humanidade  
N'aquela instante morreu!  
Aqui, ali, balbucia  
Uma voz rouca, sombria:  
— "Napoleão, aqui estou!"  
E Napoleão prisioneiro  
Inda repete altaneiro,  
Gruchi! Gruchi! Waterloo!

.....

Depois eu vi n'outra plagas  
Dois gigantes pelejar;  
O céu de crepe vestiu-se  
Quis deitar-se sôbre o mar.  
Olhei, infame! tremi!  
De medo empalideci,  
Ouvi ecos de — marchai!...  
Era Osório que c'o a espada  
Levava de derribada  
Hostes mil do Paraguai!

A sua voz, Santa Cruz  
Ergueu-se como um titão;  
Cospe as hostes do inimigo  
Com a saliva do canhão!  
O reino das liberdades  
Plantando leis d'iguadades  
Deita o crime pelo chão!  
Sim! Que o povo americano  
No grande solo indiano  
Tem por fanal a razão!

Tenho visto horríveis cenas,  
Cem mil anos já vivi!  
Vi morrer milhões de impérios,  
Eu de círios lhes servi.  
Inda sonho em colher glórias,  
Alcançar grandes vitórias  
Com meu eterno luzir!  
Indo rasgo os neveeiros  
P'ra acender os candinheiros  
Que me surgem no porvir! (6)

.....

Um dia Barbosa de Freitas deixa o Ceará rumo à terras estranhas e então, seu coração de poeta, filho da "terra mártir e adorável, pobre e sublime, infeliz e sacrossanta", prorroga num pranto de saudade, traduzido no poema. Adeus ao Ceará —

Adeus! Eu vou partir, amigos caros.  
Já do navio se resvala a proa  
O vento da Bandeira açoita as fimbrias  
E a jangada atrivida à águas voa  
Lá do Oriente a majestosa estrela  
Banha de luz do oceano as vagas.  
Será a estrela que guiava os Magos —  
Pelo deserto às promissoras plagas ?...

Adeus, o' minha pátria, ó mãe de bravos,  
— Fortes na pugna e depois dela heróis —  
Adeus Atenas d'esta Grécia Nova,  
Que tens na frente por grinaldo os sóis.  
Adeus, ó brisas, que correis nas selvas;  
Relvosas tendas da tapuia grei;  
Metas sombrias, onde em tempos idos  
Bramia em guerras êsse povo rei.

Manda o destino que me aparte, e cedo  
Dêstes primores que te dera Deus  
É tarde, é tarde! meus amigos, parto,  
Adeus morenas; azulados céus!  
Adeus, ó fontes, meus floridos prados,  
Ai, borboletas do meu Cariri!  
Ai, mãe querida, — minha doce estrela!  
Modesta tenda, berço onde nasci !...

E, quando o barco se imergir, ligeiro,  
Entre os abismos, entre o mar e o céu,  
Se um canto triste vos ferir as ouças  
Não o maldigam, — êsse canto é meu!  
É que talvez do viajor perdido,  
A frente ardente para o mar pendeu!  
É que o proscrito no horizonte escuro  
Sua sentença mortuária leu.

Oh! como brame êste convulso oceano!  
S'empina, frente n'um feroz rugir!  
Recua, investe, cobre a praia a espuma,  
Respira e s'ergue p'ra outra vez cair!...  
É sôbre o dorso dêste mar bravio  
Que eu peregrino, sem futuro e norte,  
Talvez me abrace a êsse anjo pálido,  
Fantasma ou sonho que se chama morte.

Quando alta noite, sob um céu profundo,  
Sentar-me triste da luzerna à luz,  
Ao som da vaga bipartida ao meio,

Sustendo ao ombro da saudade a cruz,  
Eu jurarei perante aos astros claros:  
— “Minha pátria, ó Jardim onde nasci,  
Em terra estranha seja eu rico ou pobre,  
Meu viver tão símente é para ti”.

Adeus, ó serros gigantescos, onde  
Nas tardes rubras o cantor respira!  
Mangueira altiva onde no tronco anoso  
Lindas cantigas descantei na lira!  
Filhos do Norte que a cerviz não curvam,  
Que anais as glórias dos passados seus,  
Nas asas brancas das cherosas brisas  
Ouvi-me, ouvi-me o derradeiro — adeus!... (7)

Barbosa de Freitas também foi poeta abolicionista que, como Castro Alves, Rui Barbosa, José do Patrocínio e Joaquim Nabuco, levantou a voz, e bradou pela imprensa seu protesto contra a escravatura:

Maldito o que sustenta e o que proteje  
A causa infame e vil dos tais senhores,  
Que dardejам seu látego infamante  
Fazendo ao pobre irmão sofrer mil dôres!...  
A vossa causa é santa, oh! lideradores!  
Filhos do Sec'lo, atletas da igualdade,  
Não trepideis um passo! que a conquista,  
É p'ra honra salvar da humanidade!  
P'ra sempre é detestado e assás maldito,  
Quem proclama as vitórias da opressão!  
Que a voz de Deus levanta... oh! maldição!... (8)

Mas, o cantor da bela “Lenda do Sol”, “Gonzaga” (o desterrado), “D. Juan Cacique”, “O Médico Desfalecido”, “O Infeliz” (“O Poeta”), “Uma Lembrança de Byron”, “O Gênio” e muitas outras belas produções literárias, arrastado no turbilhão da vida, impulsionado talvez pelas leis atávicas, não resistiu à tentação do álcool, que lhe roubou cedo a saúde e cedo também a vida... E, sem saúde e sem conforto, no verdor dos anos, Antônio Barbosa de Freitas perambula na estrada da vida sofrendo resignadamente. O pranto da sua dôr se derrama nas linhas dêste verso:

Tinha no peito esperanças,  
D'amôres tinha uma lira;  
Como em lagos de safira  
Boiava meu ideal.  
Cantei do mundo os encantos  
A brisa, o lírio, a bonina,  
A loira virgem divina,  
Julguei-me até imortal!...  
Tudo perdido!... de balde  
Volvo os olhos ao passado,  
Como a pátria o desterrado  
Volve em pranto os olhos seus.

Como ao naufrago escapado  
Da tormenta d'altos mares,  
Me restam cruéis pesares,  
Lembranças dos tempos meus...

Eu bato a tôdas as portas,  
Tôdas se fecham cruéis!...  
No peito d'essas babéis,  
Nem um suspiro de dô!...  
Sem crime, votam-me ódio,  
A maldição, o desprêzo,  
Me atacam mesmo indefeso  
Desejam tornar-me em pó!...

Morrerei!... Não terei campa,  
Funeral ou mausoleu,  
Por loisa já tenho o céu,  
Por tumba o frio torrão...

Não terei prantos d'amigos,  
Que chorem meu passamento,  
Mas para sentir meu tormento  
Basta só meu coração! (9)

Ou soluçava às Vezes :—

Como é triste meus Deus! inda tão moço  
Sangrar os pés nas urzes do deserto!...

Já enfermo na Santa Casa de Misericórdia, eleva o espírito ao Soberano Senhor e entregando-se submisso à meditação, seus estro soluça essa queixa resignada:

É meia noite! A lua esconde o rosto  
Da nuvem no sudário; a terra dorme.  
O mar soluça e a medo as praias beija  
Com o lábio frio, mórbido, disforme.  
Tímida aragem sacudindo as asas  
Poisa furtiva a frança do pinheiro,  
A coruja fatal, fatal duende,  
Um pio solta tétrico agoureiro...

Tudo repousa; calmaria enorme!  
Não fala a brisa, o céu e triste e mudo,  
A lua já não brilha, o mar se cala,  
Silêncio universal, silêncio é tudo!  
Eu apenas, oh Deus, sim, eu apenas  
No deserto areial velo sôzinho!...  
Sinto que avanço a última passada  
Ao termo funeral do meu caminho!

Qual de Judá o filho, longe, longe,  
Minha tenda deixei, deixei amôres.  
Quero voltar, mas me vacila o passo,  
Meu horizonte é tinto de negroses!  
Se choro o pranto me incendeia as faces;  
Se brado, o grito fere-me a garganta;  
Se avanço o passo, cambaleio e tombo;  
Já não posso volver à terra santa!

Sim, eu sei que pequei; mas eu bem vejo  
Que o meu perdão repousa no sacrário.  
Transviado levita, é lei, se cumpra:  
Quero subir também ao meu Calvário.  
Cumpra-se a lei; o açoite do infortúnio  
Não me faz renegar o meu destino!  
Amo a sandália que a distância afronta,  
Ha nos transes da dôr um — que — divino.

Como a espuma que boia e a brisa impele  
Da vaga enorme sôbre o manto azul;  
Como a nota furtiva melindrosa,

Da harpa santa do imortal Saul:  
Sinto minh'alma se abismar nos sonhos  
Que povoam os mundos de esperanças.  
Sinto voltar sôbre a campa agreste  
Onde em tardes de abril, brinquei criança.

Fatalidade! oh Deus! tudo se abisma!  
A verdade se estampa, eu bem a vejo  
No lábio da sombria tumba...  
Ouço da morte o estúpido bocejo!...  
Conta a lenda que tu, oh Deus supremo,  
Ao fazer-nos volver ao pó, ao nada  
Fazes raiar nos pãramos em que habitas  
Uma divina e eterna madrugada.

Sei que a tumba não fala, a terra apenas  
Cobra usurária um pouco de matéria.  
Um pouso me reserva! faz raiar  
A aurora eterna da mansão sidéria!  
Que importa ao caminheiro, se parado  
Contempla o céu, contempla a criatura,  
Se vê sumir-se a criação inteira  
Na vala sepulcral da morte impura?... (10)

Isolado em seu quarto de enfermo, sentindo a morte aproximar-se a passos largos, o corpo a arder-se em febre e a alma, em ânsias de viver, Antônio Barbosa de Freitas, estendido no leito derradeiro, escreve nos alvos lençóis que envolviam o corpo definhado, sua última poesia:

## AOS MEUS VINTE E DOIS ANOS

Sombras da noite eterna, horríveis sombras!  
O que buscais em tórno do meu leito?!  
Vireis trazer-me o bálsamo da vida,  
Ou alentar a esperança no peito?  
Sombras da noite eterna, horríveis sombras!

Deixai, deixai-me em plácido sossêgo  
Inda lobrigó, à ténue luz dos sonhos  
Dos meus vergéis as gramas viridentes,  
Meus perfumosos lírios tão risonhos!  
Deixai, deixai-me em plácido sossêgo.

Sinto saudades das manhãs de moço,  
De ti Maria inocentinha hebréia!  
Mas... qual da noite a luz do fôgo errante,  
De minha vida a lampa bruxulêia;  
Sinto saudades das manhãs de moço!

Oh! noites de luar, divinas noites,  
Quando no parque a sós brincava atoa!...  
Onde te ocultas tu, loiro passado,  
Quando eu colhia os juncos da lagoa?!...  
Oh, noites de luar, divinas noites!

E tu, oh minha turba de amiguinhos  
D'esse labor insano da inocência,  
Onde vos lança a fúria do destino,  
Onde os detém a mão da Providência?!  
E tu, oh minha turba de amiguinhos!

Sombras da noite eterna, horríveis sombras!  
Não me oculteis da vida a claridade...  
Não me lanceis tão cedo, oh, impiedosas!  
Na enxovia fatal da eternidade!  
Sombras da noite eterna, horríveis sombras!

Não disse acaso, Deus: — aí tens o mundo?  
"Vivei, gozaí — aí tens o paraíso?"  
Tudo lhe deu e a própria semelhança,  
Não lhe deu a mulher — a flôr do riso?...  
Não disse acaso, Deus: aí tens o mundo?...

.....

É cedo ainda, oh pálidos coveiros!  
Ainda quero beber ventura, enganos...  
Quero cantar a minha doce aurora,  
Que me sorri aos meus vinte e dois anos!  
É cedo ainda, oh pálidos coveiros!

Não vos receio a lúbrica risada,  
Mensageiros celestes ou do Averno!  
Hoje morre aos cantos da Dalila,  
Ou mergulhado em ondas de falerno!  
Não vos receio a lúbrica risada.

Não se agacha o granito; afronta o raio,  
Não se esmorece atoa — é covardia  
Seja ante o fundo tétrico do abismo,  
Seja no transe amargo da agonia,  
Não se agacha o granito, afronta o raio!

Sim, eu quero viver! amo os prazeres.  
Nos banquetes da vida eu sou feliz...  
Sinto-me forte quando fito os olhos  
Das morenas febris do meu País!  
Sim, eu quero viver! amo os prazeres!

.....

Ai como é belo ter ventura, amôres,  
Dormir, sonhar — n'um colo de serrana,  
Ao canto matinal das avosinhas —  
— Na palmeira gentil, americana!  
Ai, como é belo ter ventura, amôres!...

Entre amôres, a vida é sempre bela!  
A tempestade — oasis de bonança,  
Na escuridão o pálido relâmpago  
Só nos parece o riso de criança.  
Entre amôres, a vida é sempre bela!

Tenho nojo do esquife, odeio as nêneas  
Causa-me tédio o sino que retumba,  
Maldigo o sêco crepitar dos círios,  
Prosta-me a idéia da sombria tumba.  
Tenho nojo do esquife, odeio as nêneas!

Sabei agora, oh! lívidos fantasmas!  
Quando o meu ser cair na dura estrada,  
Como a luz que se apaga à ventania,  
Voltarei sem temor ao grande nada!  
Sabei agora, oh! lívidos fantasmas! (11)

Como Joaquim de Sousa, Rocha Lima, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela e outros tantos, Antônio Barbosa de Freitas foi ferido pela seta cruel da adversidade e no verdor dos anos, quando a glória lhe sorria e o porvir lhe acenava promissor, no sentido literário, a morte o leva, não obstante o desejo ardente de sua alma de viver para cantar e amar...

Sua morte abalou o meio literário do Estado, que através da imprensa, chorou a perda do desditoso e brilhante poeta:

"Na manhã do dia 24 do corrente mês de janeiro faleceu no hospital da Santa Casa de Misericórdia, o infeliz poeta cearense Antônio Barbosa de Freitas, contando apenas 23 anos e 2 dias de idade. Barbosa de Freitas cujos últimos dias foram lances de desventuras e tristezas, era um dos talentos mais robustos da moderna geração cearense"... (Do "Pedro Segundo" n.º 11 de 27.1.1883).

"Fechou-se hoje o livro da vida para o jovem poeta cearense Antônio Barbosa de Freitas. Bem curtos foram os seus dias mas longa e dolorosa a sua peregrinação pelo infortúnio. Seus versos que correm impressos em diversos jornais da Província, são dignos de figurar ao lado das melhores poesias de Castro Alves e Casimiro de Abreu. O Ceará perdeu em Barbosa de Freitas, um gênio, e a fria lousa que hoje recolhe seus restos mortais, bem merece ser orvalhada pelo pranto público" (Do "Libertador" de 24.1.1883).

"No ocaso do sepúlcro mais uma estrela esconde sua fronte luminosa para em outros céus ir derramar seus raios alvinitentes aos doces acordes da eternidade. Morreu Antônio Barbosa de Freitas! (Do "Cearense" n.º 18 de 25.1.1883).

"Ante-ontem faleceu nesta capital o jovem poeta Barbosa de Freitas. O moço poeta em tôdas as suas produções revelava um gênio verdadeiramente admirável". (Da Constituição de 27.1.1883).

"Um dos mais tristes traços que apresenta a história do ano que principiou é a morte do poeta Antônio Barbosa de Freitas". (Do Combate de 1.2.1883 — Baturité).

E finalizando a emocionante história do grande poeta, jardinense, faço minhas, as palavras de Gonçalves Dias:—

"Dorme, ó lutador, teu sono eterno  
Mas sôbre a lousa do sepúlcro, humilde,  
Como na vida foi, surja o teu busto  
Austero e glorioso".

\* \* \*

sendo seus pais: Manoel Alves Tinim Oliveira e d. Maria Joaquina da Conceição. Foi batizado pelo Vigário Vicente Sother de Alencar, aos 27 de maio do mesmo ano, tendo por padrinhos: Napoleão Franco da Cruz Neves e Nossa Senhora (1).

Joaquim Alves exerceu, no meio literário de Fortaleza, grande influência. Entre os escritores da Capital do Estado, diz alguém: "Joaquim realmente ocupava um lugar, que nenhum outro pode ocupar".

Das caixas de uma tipografia, onde começou a ganhar a vida, elevou-se, pelo seu esforço e pela sua inteligência, à posição de destaque, tornando-se o professor com acentuada vocação de educador; era amigo dos alunos interessando-se vivamente pelos problemas de cada um; dava conselhos, orientava-os na estrada da vida. A sua grande modéstia escondia na figura do homem simples que foi, o sociólogo aureolado, o escritor de obras raras, o jornalista apreciado. Sua ação larga e profícua no cenário estadual: foi Delegado de Ensino, Inspetor do Ensino Estadual, Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, Sócio Efetivo da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, etc.

Um traço característico na personalidade de Joaquim Alves era o de não se deixar vencer pelo tempo. De espírito sempre jovem e idéias sempre renovadoras e progressistas, êle "apesar de 20 anos mais velho que seus companheiros da CLÃ e da ABDE, era tão moço quanto o mais jovem dos poetas do grupo, tão idealista como aqueles que vêem na poesia a salvação do mundo".

Suas obras versaram sobre assuntos ligados à Sociologia, à Economia, à Pedagogia, à Geografia, à História, à Estatística, à Ética e à Política e em tôdas, o escritor jardinese deixa transparecer que sentiu e viveu tôda a realidade crua do Nordeste Brasileiro. Sempre trouxe para as páginas de seus livros idéias, que falam de perto sôbre os interesses da região. Tôda a razão do seu trabalho, de seu árduo trabalho de pensador e de escritor, enfim, seu único desejo foi servir o Brasil com a sincera contribuição de sua inteligência.

Era sobretudo o Ceará que lhe interessava de mais perto, como bem diz o título de suas obras: "Nas fronteiras do Nordeste" (1929), "Estudos da Pedagogia Regional" (1939). "O Vale do Cariri" (1948), "Juazeiro Cidade Mística" (1949), "Autores Cearenses" (1949), "O Ceará e Suas Regiões Naturais" e "História das Sêcas".

Falemos através da opinião de autores de renome, a respeito da obra do ilustre jardinese:—

"Nas Fronteiras do Nordeste — trabalho lúcido, cheio de virtudes; material de primeira ordem para o estudo sôbre a transmutação sociológica do Nordeste sêco sob a influência do tráfego de caminhões através das planícies interiores". — Braga Montenegro (2).

"Estudos da Pedagogia Regional — traduzem as experiências de Joaquim Alves como técnico de ensino. É um livro que por muitos anos continuará vivo, como um roteiro seguro para o mestre do sertão. Para o homem que ama a terra natal e que vê na ruralização do ensino o caminho salvador por excelência. Pois Joaquim Alves foi um desses homens. Daí a sinceridade, a honestidade, a profunda e sábia lição de seu livro que os argentinos traduziram numa contribuição da inteligência brasileira à formação dos professores de seu país". — João Clímaco Bezerra (3).

"O Vale do Cariri e Juazeiro Cidade Mística" — são duas excelentes monografias onde as qualidades de analista de Joaquim Alves se apresen-

tam mais aguçadas. São dois pequenos e primorosos ensaios de interpretação sociológica dos problemas e dos fatos sociais, econômicos e humanos que ocorrem numa das regiões mais típicas do Ceará" — J. Stênio Lopes (4).

"Juazeiro Cidade Mística — Se nada mais tivesse escrito Joaquim Alves, bastaria este pequeno estudo de 29 páginas, onde se situa Juazeiro do Norte na história mística do Nordeste, para dar uma posição de destaque ao velho lutador nas letras cearenses" — Eduardo Campos (5).

"Autores Cearenses" — série de artigos críticos que escreveu sobre o dessa compreensão, desse acatamento às diversas correntes do pensamento e panorama das letras, das artes e da ciência na Província, é um documento às diversas atividades intelectuais de nossa terra". — Braga Montenegro (6).

Finalmente, Stênio Lopes afirma com sinceridade: — "As obras de Joaquim Alves são livros que ficarão com certeza. Já são citadas e ainda mais o serão por todos quantos versarem de futuro os assuntos de que ele tratou. Joaquim Alves se prende à corrente brilhante dos estudiosos da estirpe dos Barão de Studart, dos Leonardo Mota, dos Pompeu Sobrinho, dos Carlos Studart, e a sua prosápia é a dos verdadeiros intelectuais ligados ao seu povo e à sua terra, um dos mais legítimos padrões de escritor que nos podemos orgulhar" (7).

Eis o que foi Joaquim Alves Oliveira, o homem também da gargalhada, o homem que ao rir, fazia-nos também rir sem saber por que. Sua gargalhada mexia com os nervos da gente, enchendo o ambiente em que Joaquim se achasse, de alegria, de felicidade. Rindo assim com tamanha espontaneidade e prazer, Joaquim Alves afastava dos outros o tédio e dentro de si, abafava, quem sabe? os dissabores!

Faleceu o grande escritor jardinense na Capital do Estado a 8 de junho de 1952 (8), deixando firmado o nome entre as mais belas expressões mentais de nossa terra.

Este despretençioso trabalho é a sincera homenagem, que Jardim, nas páginas de "Itaytera", vem prestar aos três ilustres jardinenses, que pela inteligência e cultura enobreceram a história das letras pátrias.

---

## NOTAS

- a) — No alto do talhado da serra do Araripe, na parte norte, defronte ao sítio Lamerão, está encravada uma pedra, que à distância toma a forma de uma janela fechada. Em tórno dessa pedra há a lenda de que em tempos remotos um carneiro de ouro correria dêsse pontal de serra até a outra extremidade do talhado, iluminando por alguns minutos as noites escuras de janeiro, até que se recolhesse a Pedra da Janela Encantada. No ano que o carneiro deixaria o esconderijo expedindo luz, haveria bom inverno.
- b) — A Pedra do Galo ou Pedra Branca — Nas vizinhanças do sítio Lamerão, isto é, no sítio Pedra Branca quasi nas extremas de Jardim com Porteiras, há uma enorme pedra a que o povo chama Pedra Branca ou Pedra do Galo. Ao pé da pedra, à sua sombra, os vaqueiros fazem a sesta. A lenda diz que ao meio dia sairia uma jovem bem trajada e de beleza rara, a pedir cigarros aos vaqueiros ou nas noites enlustradas, ouviam-se canto de galos e rumor de conversas vindos do interior da pedra.

c) — Do lado oeste do sítio Lamerão, já nas proximidades do "Engenho d'Água" há umas pequenas grutas formadas no leito do rio Jardim. O povo criou a lenda de que uma delas, em uma noite enluarada um tal de João Bento desapareceu, indo dar com um reino encantado, onde até hoje vive feliz.

d) — Antônio Nogueira de Carvalho era irmão de Humbelina Nogueira, que nasceu em Barbalha no ano de 1817 e faleceu em 1918, com 101 anos. Foi casada com Cláudio Alvares Couto (Dadai), que nasceu em 1739 e faleceu em 1815 (12) avós paternos de Madre Ana Couto, Cofundadora da Congregação das Filhas de Santa Teresa.

O citado Antônio Nogueira de Carvalho foi casado com Cordolina Gonçalves Dantas, filha do Capitão Manoel Gonçalves Dantas. Viúvo, contraiu núpcias com Maria Gonçalves Dantas, filha do Capitão Mor Domingos João Dantas Gonçalves Rothea e d. Mariana Gonçalves Dantas. Irmão portanto dos padres José e André Gonçalves Dantas. O primeiro foi Capelão da antiga povoação de S. João do Rio do Peixe, onde exerceu considerável influência política. O segundo nascido a 30.11.1815 e ordenado em 1837, residiu em Milagres.

Do segundo matrimônio de Antônio Nogueira houve os filhos: Joaquina Nogueira e José Nogueira. Este nascido em maio de 1876. É proprietário do sítio "Descida" e alto criador em Jardim. Viúvo de Francisca Filomena Barros e casado (segundas núpcias) com Anita Galvão. É pai de 35 filhos, sendo 25 do primeiro casamento e 10 do segundo. Dentre êstes 22 são vivos, quase todos criadores e agricultores em Jardim. José Nogueira de Carvalho tem 68 netos e 7 bisnetos. Éirmão paterno do ilustre poeta Barbosa de Freitas. José Nogueira de Carvalho com 79 anos administra com perfeito senso a sua fazenda — Descida, extrema leste do Lamerão.

---

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — Fragmentos de um volume da Revista da Academia Cearense de Letras — pág. 23.
- 2 — Album do Crato, pág. 61.
- 3 — Fragmentos de um volume — supracitado.
- 4 — Raimundo Girão e Antônio Martins Filho em O Ceará, pág. 304.
- 5 — Carta do Revdmo. Cônego Faustino Brito, atual Vigário da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré da Vigia - Pará.
- 6 — Revista da Academia Cearense, Tomo XII, 1907.
- 7 — Fragmento citado.
- 8 — idem
- 9 — idem
- 10 — Carta datada de 15.9.55.
- 11 — Livro de Tombo da Matriz de Jardim — 1894 aos dias atuais.

- 
- 1 — Informações do atual proprietário do sítio Lamerão: José Barbosa, primo legítimo de Antônio Barbosa de Freitas.
  - 2 — José Waldo Ribeiro Ramos em Ignorante Sublime, pág. 18.

## DIRIGENTES DO CRATO, AMIGOS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Os dirigentes do Município do Crato, Prefeito Pedro Felício Cavalcanti, e Vice Prefeito Francisco Walter Peixoto, sempre se mostraram cordiais amigos do ICC e compreensivos da obra que realizamos nesta Casa. A Prefeitura do Crato nos concedeu, em 1975, uma ajuda de dois mil cruzeiros.

---

### Dr. JÉZER DE OLIVEIRA e Dr. ELYSIO GOMES DE FIGUEIREDO

Faleceram os dois mais antigos médicos do Crato, intelectuais e excelentes criaturas humanas. O Dr. Elysio Gomes de Figueiredo foi em 15 de Outubro de 75 e o Dr. Jézer de Oliveira em 9 de Fevereiro de 1976. Grandes amigos e colaboradores de ITAYTERA e do ICC. Nosso pesar às famílias.

---

### NAC PRESTIGIA O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

O Náutico Atlético Cearense sempre prestigiou o ICC em todas as iniciativas que ali tem lugar. Recebemos, constantemente, convites, boletins e informações, que atestam o vigor da administração alivi-verde da capital. Os nossos agradecimentos.

- 
- 3 — idem
  - 4 — "Poesias" — Coleção das produções literárias de Barbosa de Freitas, publicada em 1892, pág. 180.
  - 5 — idem
  - 6 — idem
  - 7 — idem
  - 8 — idem
  - 9 — idem
  - 10 — idem
  - 11 — idem
  - 12 — Notas inéditas em mãos da Senhora Antônia Couto, residente em Jardim.

---

Fontes consultadas: O Ceará — Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, Revista Clã, 1952, dezembro, Revista da Academia Cearense de Letras, ano LVII, n.º 25, 1953.

- 1 — Livro do Registro de Batizados da Matriz de Jardim, 1894-1895, fls. 18
- 2 — Clã, pág. 14
- 3 — idem, pág. 22
- 4 — idem, pág. 26
- 5 — idem, pág. 9
- 6 — idem, pág. 18
- 7 — idem, pág. 27
- 8 — Revista da Academia Cearense de Letras, pág. 190, ano — 1953.

# B. BEZERRA & CIA.

---

OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA!

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO!

FERRAGENS EM GERAL!

---

RUA BARBARA DE ALENCAR N.º 850

CRATO



CEARA



## INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI EM NOVA SEDE

Coroando os esforços da atual Diretoria, o Instituto Cultural do Cariri passou para a sua nova sede, localizada à Praça Juarez Távora, 950, no centro do Crato. Para que se chegasse a esse ponto, grande foi a luta, mas, plenamente vitoriosa, cumpre que agradeçamos, em primeiro lugar ao Dr. Antônio de Alencar Araripe, proprietário do prédio, que o cedeu ao ICC, mediante convênio, por dez anos, sem ônus, convênio renovável a todo tempo, e ao CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, que nos proporcionou recursos da ordem de 15 mil cruzeiros, mediante Convênio, recursos religiosamente aplicados, com a máxima lisura, dos quais já prestámos contas. Depois de 22 anos funcionando na antiga casa de residência do Prof. Figueiredo Filho, o ICC ganha, assim, casa nova e entra decididamente em nova fase de existência e realizações. Ainda faltam os equipamentos e mobiliários condizentes com a nova sede. As ajudas que esperamos vão nos propiciar completar a tarefa pela qual a atual Diretoria tanto se se tem empenhado.



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

**SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E PROMOÇÃO SOCIAL**

FORTALEZA, 20 de novembro de 1975

Exmo. Sr. Prof. ERNANDO UCHOA LIMA

DD. Presidente do Conselho Estadual de Cultura

De acordo com designação do Exmo. Sr. Presidente do Conselho Estadual de Cultura, Prof. Ernando Uchoa Lima, em sessão desse Colegiado, efetuada em 13 do corrente, a Comissão abaixo assinada estudou todos os itens da exposição de motivos firmada pelo Sr. J. Lindemberg de Aquino, Presidente do Instituto Cultural do Cariri e exara prazerosamente, o seu parecer.

- a) Reconhece que o Instituto Cultural do Cariri tem tido, desde sua fundação, em 18 de outubro de 1953, vigorosa e reconhecida atuação no campo da pesquisa histórica e da dinamização da Cultura em geral, na região do Cariri.
- b) Comprova a existência da revista Itaytera que, como órgão da entidade, tem circulado sempre em obediência a uma expressiva linha de orientação.
- c) Aterta, com referência à tradicional agremiação, o intenso intercâmbio cultural que vem desenvolvendo, já com entidades congêneres do Ceará já com as mais representativas entidades do país.
- d) Isto posto, sente-se feliz em atestar, junto ao egrégio Conselho Federal de Cultura, os relevantes serviços prestados pela entidade ao desenvolvimento intelectual da terra cearense.

OTACILIO COLARES (relator)  
MANOEL ALBANO AMORA  
BRAGA MONTENEGRO

APROVADO. Em 27.11.75

ERNANDO UCHOA LIMA - Presidente do C. E. C.

# UM POUCO DE HISTORIA

**Ata comemorativa da inauguração do campo de aterrissagem do Crato, da linha aérea militar postal São Paulo - Fortaleza**

Aos dezesesseis dias do mês de Fevereiro do ano de mil novecentos e trinta e três, às dezoito horas e quinze minutos, inaugurou-se o campo de aterrissagem desta cidade do Crato, do Estado do Ceará, estação intermediária da linha aérea militar postal — S. Paulo — Fortaleza.

Partindo do Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, no dia quinze deste mês, pernitoou na cidade de Lapa, na Bahia, o avião "Waco 21", do exército nacional, tripulado pelos tenentes aviadores — José Sampaio de Macêdo, cratense que o pilotou e Nelson Vanderlei, encarregado do serviço aéreo-postal militar.

Perfazendo o trajeto de Lapa a esta cidade, visitou a bela aeronave diversas cidades do hinterland brasileiro, vindo, afinal aterrissar no Campo do Crato, aberto à margem dos canaviais, no sítio Bueno Aires, a dois e meio quilômetros desta localidade.

Às quatorze e meia horas desse memorável dia dezesesseis, foi esta cidade abalada pela alviçareira notícia do avião militar que, àquela hora, fazia evoluções sobre a cidade de Petrolina, no vizinho Estado de Pernambuco e partiria dali para o Crato devendo aqui chegar às (18) dezoito horas do mesmo dia.

A população cratense exultou alvorçada por esta nova e, quasi em pêso, afluíu para o campo de aterrissagem onde aguardou, ansiosa, a realisação desse espetáculo, inédito nos anais sertanejos.

Precisamente às dezoito horas, despontou por sobre a Serra Araripe, lado sul, a cerca de dez quilômetros do campo, o vulto, então minúsculo, do "Waco 21", que foi estrepitosamente saudado por toda a população cratense dissiminada pelos pontos mais elevados deste vale, da cidade ao Campo, onde a multidão popular, compacta, era incalculável.

Singrando garosamente os ares do Cariri, as festejadas azas brasileiras evoluíram, serena e majestosamente, por espaço de quinze minutos, sobre esta cidade, ao éco de ruidosas aclamações, de vivas ao Brasil, ao glorioso Exército Nacional e aos destemidos aviadores—, rumando, em seguida, ao campo de concentração dos flagelados do Cariri, retornando logo ao de aterrissagem, onde finalmente pousou no meio de delirantes ovações.

Logo após a aterrissagem, se viram os nossos nobres hóspedes cercados pelo que mais seletos possui a sociedade cratense que lhes foi levar, de par com os votos de boa vinda, o testemunho de sua justa, entusiástica admiração.

O Crato, por dever e por gratidão, preparára, em homenagem aos jovens aviadores, além da manifestação popular, festas íntimas de real esplendor, festas que, por justo motivo, foram adiadas para lhes serem oferecidas no seu próximo regresso de Fortaleza, ponto terminal da linha aérea.

Diante de tão momentoso acontecimento para os fatos de nossa história, a Associação Comercial do Crato tomou a si a iniciativa de registrá-la nesta ata para memória de nossos posterios e glória de nossa nacionalidade.

Eu José Leite Álvares Cabral, secretário ad hoc, o escrevi e assino com a Diretoria desta Associação, os intrépidos aviadores e demais conterrâneos presentes. José Sampaio Macêdo, 1º ten. aviador; Nelson F. Lavaniéri Wanderley, 1º ten. aviador; Plínio Cavalcante, Presidente; Luis Teixeira

# O ano social do Instituto Cultural do Cariri

## RELATÓRIO AO MEC SOBRE ATIVIDADES DE 1975

Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação e Cultura

Foi bastante expressivo o movimento do Instituto Cultural do Cariri no decorrer do ano que passou. Tivemos como ponto alto do nosso ano social a mudança para a nova sede, agora localizada à Praça Juarez Távora, 950, no centro citado do Crato, vitória de alto mérito, da atual Diretoria.

Com efeito, desde a sua fundação, em 18 de Outubro de 1953, o Instituto Cultural funcionou em dependências da casa de residência do Escriitor J. de Figueiredo Filho, que, de 1955 a 1973 foi o seu Presidente. Ali funcionaram a sede, a Biblioteca e o Museu do Crato, instituição fundada pelo Instituto. O Museu já saiu para prédio próprio da Prefeitura, mediante Convênio com a edilidade do Crato. Agora, depois de 22 anos na mesma sede, acanhada e sem perspectivas, a Diretoria de 1975 formulou Convênio com o Dr. Antônio de Alencar Araripe, ex-deputado federal e grande amigo e colaborador do ICC, passando a ocupar prédio de sua propriedade, no endereço acima citado, por dez anos (1975-1985) sem ônus, correndo as despesas de manutenção, água e luz por conta do ICC, bem como os impostos porventura existentes.

Como se tratava de casa antiga, visivelmente danificada e abandonada há anos, foi necessária substancial reforma, o que foi feito, com ajuda conseguida junto ao CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, rigorosa e honestamente empregada, de 15 mil cruzeiros, e mais recursos próprios do ICC. Dessa ajuda já enviámos a criteriosa prestação de contas.

Ficou, todavia, a sede do ICC dependendo, ainda, de complementar as reformas, notadamente no piso, teto e instalações hidráulicas, e carente, ainda, dos equipamentos básicos, como móveis, e arquivos, que esperamos, este ano e nos subsequentes, completar, com a ajuda desse Ministério.

O Instituto Cultural do Cariri manteve inalterado o seu programa de ação. Sua sede foi motivo constante de visitas de intelectuais de fora, estudiosos e pessoas da cidade, à busca de dados e pesquisas. Temos um plano de catalogar e renumerar todos os nossos livros e publicações, serviço a ser feito por técnico em Biblioteconomia, a ser contratado pelo ICC, tão logo os recursos financeiros nos possibilitem.

---

de Alcântara, Vice-presidente; José Eurico R. Silva, 1º Secretário; Manoel Marques, 2º Secretário; Levy Beserra, Tesoureiro; Balduino Bezerra, Adij. Tesoureiro; Pergentino Maia, Director; Vicente Tavares Beserra, Director; Francisco Luna Machado, Director; José Luis de Favares, Director; José Horácio Pequeno, Director; José Theunas Soares, Director; Antônio Fernandes Teles, Gerente do Banco Caixaerial do Crato; Tomé Cabral Santos, Gerente do Banco do Cariri; José Telles, Escrivão da Coletoria Federal do Crato; Virgílio Firmeza, Promotor de Justiça; Maurillo Burlamaqui, Agente dos Correios e Telégrafos; Dr. Irineu Pinheiro, Presidente do Banco do Cariri; Dr. Miguel Lima Verde; Theophilo Arthur de Siqueira Cavalcanti; Dr. Raimundo de Norões Milfont.

Crato, 31 de Outubro de 1957

Plínio Cavalcanti

A Biblioteca está em salão espaçoso, na nova sede, mas ainda lhe faltam móveis adequados, mais estantes e o serviço de catalogação.

Mesmo assim tem sido franqueada aos intelectuais da terra.

O Instituto Cultural do Cariri teve papel saliente, no ano que passou nos entendimentos e gestões que resultaram na criação da FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MARTINS FILHO, com sede em Crato, destinada a amparar o nosso Ensino Universitário e manter a futura Universidade Regional.

Participou o Instituto das comemorações do Centenário do nosso Seminário S. José e seu Presidente presidiu a uma das Mesas do SIMPÓSIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO, realizado em Crato, de 8 a 11 de Maio, como corolário daquelas comemorações.

Deu o Instituto apoio integral a eventos culturais e artísticos da cidade, como o FESTIVAL REGIONAL DA CANÇÃO, O SALÃO DE MAIO e o SALÃO DE OUTUBRO, os dois últimos, de artes plásticas e artistas jovens, que neles apresentaram trabalhos de escultura, gravura, pintura, artesanato, etc.

Promoveu o Instituto o lançamento do livro POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO CRATO, número 7 de sua coleção ITAYTERA, livro formulado pelos economistas de 1975, da Faculdade de Ciências Econômicas do Crato e que se constituiu vigoroso auxílio ao estudo do nosso turismo interno. A edição do livro foi custeada pelo I. C. C.

O Presidente do Instituto compareceu a diversos eventos culturais e solenidade, na cidade do Crato e na região, e foi eleito, em 15.02.75, para a Academia de Letras de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, e em 19.09.75 para o Instituto Histórico e Geográfico daquela mesma cidade gaucha.

Outro sinal de deferência às atividades desenvolvidas pelo ICC foi a eleição do seu Presidente, em 22 de Dezembro de 1975, para Sócio Correspondente do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) o que faz realçar o prestígio de que a nossa instituição vem desfrutando.

Nossa revista anual, ITAYTERA, órgão oficial do ICC, foi impressa na Imprensa Universitária do Ceará, referente ao ano de 1975, graças a convênio firmado com a Reitoria daquela Universidade, no seu programa de extensão cultural. Devido ao natural atraso gráfico, dado o acúmulo de serviços naquela Imprensa Universitária, somente agora, em começo de Fevereiro, está a circular.

O número de ITAYTERA referente a 1976 teve auxílio do CONSELHO FEDERAL DE CULTURA e está sendo impresso em Crato, edição especial dedicada ao Centenário do Seminário S. José, um documento para a posteridade.

Mantendo a sua linha de apoio ao folclore, o Instituto deu toda a cobertura às manifestações folclóricas regionais durante o ano, e instalou o CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE em espaçoso salão de sua nova sede, ainda esperando alguns melhoramentos para funcionar a contento.

Em vista de todo esse rol de atividades, que o credencia com organismo atuante, sério e eficiente, o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI se julga merecedor de maiores recursos, para ampliar sua capacidade de ação, e pede, neste momento, respeitosamente, a Vossa Excelência, a liberação e pagamento das consignações orçamentárias de 1976, que lhe foram destinadas pelos parlamentares amigos da instituição.

Crato, 06 de Fevereiro de 1976

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO - Presidente

# Ultimo discurso no C. P. O. R.

Ten. Cel. Adriano, Comandante do C. P. O. R.

Ex-Comandante Hugo Maia Paulo Studart

Oficiais instrutores atuais e autoridades

Alunos atuais e ex-alunos

Prezados companheiros:

Reencontro feliz, como êste estimula a essência de todos os exemplos e valores que fundamentam a constância da arraigada amizade que prende comandantes e comandados. E alivia saudades...

Fatores decisivos concorreram para que aceitássemos o honroso convite para comandar este nobre Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, humosa sementeira humana, adequada à produção de opimos e saborosos frutos. E, fortalecido pela cooperação honesta, leal e eficiente dos prezadíssimos auxiliares, tentámos empregar ingentes esforços para continuar construindo este precioso patrimônio, iniciado pelos nossos dignos antecessores, com o suor de nossas frentes, a energia dos nossos braços e o vigor de nossas inteligências. Tudo para fortalecer o enriquecimento moral e cívico deste belo e amado País. Para tanto, moldando homens apaixonados pela disciplina e pela ordem, pela acendrado amor consagrado ao cumprimento do dever e ao Brasil. Ou seja, porfiando elaborar elementos com excelentes qualidades inerentes ao cidadão-padrão.

Curtimos fortes e frequentes preocupações, meditando sobre a desmedida responsabilidade imposta pela nobre missão de instruir e guiar universitários, em que pezasse a permanente admiração e carinho dedicados à juventude, fator preponderante da futura administração pública, capaz de ousar com pertinácia e sonhar com realismo.

E o mourejar constante, diuturno, dos anos letivos de 1958/59, autorizam-nos a supor que tenha sido colimados todos os objetivos planejados. E cremos que a suposição é verídica. Pois, é o que manifestaram e manifestam todos os caríssimos ex-comandos e nossos eminentes superiores hierárquicos. A todos eles, a nossa calorosa homenagem, a nossa leal e sincera amizade, e a nossa permanente saudade.

Continuamos vivendo ventuosos, graças à embriaguês desse carinho, dessa manifesta amizade e dessa invejável consideração.

Muito obrigado.

---

(Discurso pronunciado no C. P. O. R. de Fortaleza, em 10 de Agosto de 1974. A Portaria n.º 053, reservada, de 27.10.75 do Ministro do Exército, extinguiria o C. P. O. R. de Fortaleza, criando 2 Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva: no 23 BC (Batalhão de Caçadores) e no Grupo de Artilharia de Campanha (ex-Grupo de Obuses, respectivamente).

# Como Nertan Macedo se tornou escritor dos Cangaceiros

A voz é eloquente e firme, os gestos são de um maestro regendo a orquestra. Nertan Macedo, 42 anos, diz que é apenas um escritor, um contador de história; verdadeiras, desde que assistiu, em 1956, ao filme "O Cangaceiro", de Lima Barreto. O linguajar e o mundo são do Nordeste. No apartamento da Rua das Laranjeiras, as gravuras de Enrico Bianco e Ape nas paredes, mostram cangaceiros. Outro quadro é de um beato sertanejo, de Brandão. Nos móveis há estatuetas de barro de mestre Vitalino, uma escultura grande, em madeira, de mestre Noza, de Juazeiro do Norte, reproduz o padre Cícero.

Como escritor, Nertan Macêdo está tendo agora alguma alegria. Seu livro de bôlsa "Cinco Histórias Sangrentas de Lampeão", editado pela Monterrey, vendeu mais 100 mil exemplares, em 45 dias.

Nertan Macêdo nasceu no Crato, na mesma Rua da Matriz, do mesmo lado da rua principal em que nasceu o padre Cícero Romão Batista. Veio de uma família de comerciantes e senhores de engenho. Durante toda a juventude, voltou as costas para o mundo do sertão. Esse foi o destino que Nertan Macêdo teve de cumprir, antes que o acaso o levasse a escrever sobre suas raízes. A educação foi atribuída ("aquela velha formação sem métodos, com a obrigatória passagem pelo seminário dos jesuítas, um castelo de pedra, medieval, encravado na Serra do Baturité). Começou no fundo do interior, prolongou-se em Fortaleza, Recife e Rio, mas Nertan acabou não se formando em nada:

— O importante foi dedicar-se de corpo e alma ao jornal. Fiz o que considero a melhor Universidade: aquele jornalismo aventureiro e forte. O jornal foi tudo em minha vida. Sou jornalista e escrevo como repórter. Conheci o mundo através do jornal. Desde o criminoso de morte até o senador Benedito Valadares.

Nesta peregrinação pelas capitais, até o Rio, trabalhando em jornal, o sertanejo não se preocupava com o sertão. Com 13 anos, no colégio, em Fortaleza, escreveu seus primeiros poemas: "Poemas de um Ginasiano" e "Poemas Esquecidos".

— Uma mistura de intimismo e patriotadas violentíssimas. Namoradas e patriotadas, bobagens que me davam um tremendo cartaz entre as me-

ninas do colégio. Em toda festa cívica, eu era figura obrigatória.

Mas a criação literária começou mais cedo. Aos oito anos de idade, escrevia "Tiradentes", um artigo publicado na página infantil do jornal oficial ("O Estado"), do governo cearense. Continuou colaborando com os artigos. Aos 14 anos, era revisor na "Gazeta de Notícias", trabalhando das sete da noite às quatro da manhã, para ganhar 150 cruzeiros por mês:

— Aí, eu desandei, e fui frequentador assíduo da página infantil. Escrevia as maiores bobagens. Com 13, 14 anos, tinha uma preocupação com os problemas de ordem ideológicas da época. Falava desde as coisas da História do Brasil até a entrada de José Mojica no convento, passando pelos problemas do nacionalismo integral.

Mais tarde, em Recife, trabalhou como secretário do jesuíta hindu Antônio Fernandes, no Colégio Nóbrega, onde morava. Dentro da biblioteca, tinha sua cama de armar. Escreveu o primeiro conto, publicado no "Jornal do Comércio". O jesuíta era um direitista extremado, chegou a escrever um livro, "Maritain e a Sombra de suas Obras" malhando as idéias tímidas do pensador francês. Nertan conta que se envolveu profundamente com as idéias do jesuíta:

— Ele tinha muita influência sobre os jovens agrupamentos direitistas da época, católicos, monarquistas e integralistas. Seu grupo editava duas revistas, "Fronteira", de Manuel Lubambo, e "Tradição", de Guilherme Auler, em Recife. Eu vinha desses subterrâneos. Na época, era uma coisa tenebrosa. Aos 17 anos, tive a honra de ser violentamente atacado no livro "Poesia e Vida", de um reverendo mineiro, padre Orlando Vilela, por causa de minhas críticas a Maritain. Na minha formação de direita, eu considerava Maritain um subversivo. Hoje me arrependo das bobagens que escrevi sobre ele, que era divulgado por Gustavo Corção e Tristão de Athayde.

No Rio, sempre esquecido do sertão e com as preocupações apenas para a política, Nertan chegou sem dinheiro, mas empregado. Veio trabalhar no jornal "Vanguarda", trazido pelo atual governador do Estado do Rio. Raimundo Padilha, grande amigo seu. E largou totalmente a escola, no primeiro ano científico do Colégio Jurema, pensando assim: "entre ser um bacharel incapaz e um mau repórter, prefiro ser apenas um repórter eficiente".

Conseguiu editar o seu primeiro livro de poemas, "Caderno de Poesias", com a ajuda de Adonias Filho, então diretor da Editora A Noite, com orelha de Lêdo Ivo. Dois anos depois, de volta a Recife, como funcionário do Instituto do Açúcar e do Alcool, teve atividade intensa nos suplementos literários pernambucanos, "mas sempre envolvido com a política". Por causa dela, chegou até a fundar o jornal "O Dia" ("com polêmicas políticas e literárias, algumas agressões e promessas de surras"). Seu sócio era o poeta Edon Régis, morto no atentado a bomba contra o marechal Costa e Silva, no Aeroporto de Guararapes. Foi uma fase de brigas. Rompeu relações até com o poeta Carlos Pena Filho, autor da música "Rosa Ama-  
136

rela". Antes eram tão amigos que tinham escrito um poema a quatro mãos, em homenagem ao marechal Pétain, chefe do governo de Vichy, colaboracionista com os alemães.

— Minha vida foi violenta no sentido da polêmica. Não me arrependo disso, mas sinto um certo calafrio, tenho um certo pudor. A idade vai mostrando o quanto tudo é vaidade e aflição de espírito.

De volta ao Rio, com 21 anos de idade, era cronista político dos "Diários Associados".

— Não queria saber de mais nada. Decidi que não queria mais nada com a literatura, mas acabei publicando o livro "Aspectos do Congresso Brasileiro", baseado em reportagens e comentários de jornalistas. Só me interessava em política, tinha-me esquecido completamente da minha condição de sertanejo. Minha preocupação era o Rio e o além-mar. Sentia-me tão importante, que não tinha tempo de dar uma olhada para o interior.

Mas um dia, por acaso, saiu do Senado e viu o filme "O Cangaceiro", na Cinelândia.

— Entrei no cinema, entre desconfiado e atônito. Quando começou a música da mulher rendeira, foi como se eu tivesse levado um bofetão na cara. Quase chorei. Aí descobri que eu era um sujeito inteiramente farsante e inautêntico. Eu tinha sido ninado no sertão do Ceará, com essa música. Havia nascido na mesma rua do padre Cícero, que cheguei a ver uma vez, já bem velhinho. Cheguei em casa e escrevi os primeiros versos do "Cangaceiro de Lampião". Eram assim: "Cavalgando nas auroras / Em remotos incendidos / No viver dos perseguidos / Nos calcanhares do dia".

"Cancioneiro de Lampião", a primeira obra nordestina de Nertan Macedo, converteu-se num poema de cerca de 900 versos, sobre a vida do cangaceiro, editado em luxo, com ilustrações de Enrico Bianco, em 1959, por Barbosa Mello. Nertan Macedo, empolgado, voltou-se totalmente para o sertão. Viajava todo ano para o Nordeste, pesquisando, observando e ouvindo. Numa dessas viagens teve um encontro muito importante: foi com o sertanejo Vilanova, bem velho, ex-combatente de Canudos, um dos raros sobreviventes do grande massacre e destruição da cidade. Daí surgiu um livro-depoimento, "Memorial de Vilanova", editado em 1964. De 1959 até agora, Nertan Macedo escreveu 13 livros sobre o Nordeste, todos sobre Lampião, Padre Cícero, Floro Bartolomeu, Canudos, Conselheiro e biografias de quatro famílias de coronéis importantes na história do sertão cearense.

— Foi um trabalho de jornalista. Eu não sou romancista, sou cronista, um contador de histórias verdadeiras.

E o pesquisador Nertan Macedo tem a sua maneira de ver e interpretar o sertão e seus personagens. Ele não vê o sertão como Rui Facó, também pesquisador que o analisa em "Cangaceiros e Fanáticos". Acha que Facó dá peso muito grande aos fatos econômicos na explicação de surgimento dos grandes personagens e conflitos sertanejos:

— Discordo de Facó que vê o sertão como um vasto campo de opressores e oprimidos. E não é tanto assim. Os grandes personagens sertanejos encontram os seus fundamentos ou a sua moldura no próprio tipo de formação sertaneja. Eu não vejo, como quer Facó semelhança alguma nas reações de um Conselheiro confrontadas com a de um Lampião. Apesar de ambos serem "sertão velho", nascem das mesmas fontes — uma sociedade errática, violenta e dominada por um catolicismo de assombrações, medieval e peninsular.

Ao defender que "a motivação econômica somente é insuficiente para analisar os fenomenos sertanejos, e que é necessário somar todos os fatores psíquicos, morais, religiosos dos personagens", Nertan diz que muitos d'êles adotaram uma atitude perante a vida "como por exemplo o sujeito que tem gôsto pelo teatro". Considera Lampião um "simples bandoleiro que tanto combatia a polícia como aliava-se a alguns comandantes de volante, mas não se detém nas causas que o levaram à luta".

— É preciso não confundir Lampião com Napoleão. Lampião tinha gôsto pela vida aventureira, era um bandoleiro nato. Um parente meu que o entrevistou uma vez para um jornal de Fortaleza perguntou se êle não queria largar aquela vida. Êle respondeu: "doutor, o senhor estando bem numa vida, o senhor sai dela?" Dentro desta mesma linha de pensamento, Nertan coloca o caudilho sertanejo Floro Bartolomeu, chefe de jagunços responsável pelo famoso Pacto dos Coronéis, um compromisso de união entre todos os poderosos do Cariri para defender seus interesses.

Nertan Macedo também aborda o lado econômico, mas o restringe ao plano pessoal e individual de cada personagem, ao contrário de Facó, que enfoca o problema na âmbito geral da sociedade sertaneja:

— O Conselheiro nasceu bem situado economicamente. Mas não tinha capacidade de digerir o dinheiro. Em matéria de dinheiro foi de queda em queda e afundando no misticismo. Acabou traído pela mulher, que o abandonou por um cabo de polícia. E veja Lampião: nasceu pobre mas tinha muito carinho pelo dinheiro. Êle engomava cuidadosamente as notas e as guardava no "papo de ema" (embornal). De moeda, que tinha menor valor, êle não gostava, distribuía para o povo. A caridade do Lampião era de moéda. Já Floro que era doutor, deputado federal, quando morreu não tinha dinheiro nem para pagar o caixão. E o padre Cícero que era religioso, caridoso, muito querido, deixou uma fortuna imensa.

Nertan Macedo diz que não consegue manter-se com o que escreve. Tem de trabalhar como relações públicas da Confederação Nacional da Indústria.

— Todo êsse trabalho sôbre o Nordeste foi feito tirando horas da noite, do sábado e do domingo. Os nossos grandes escritores tiveram uma infelicidade horrível: escrever na língua portuguesa. Quem fala português no mundo? Temos livros tão fortes como os de Garcia Marquez. Mas

faltou aos nossos escritores propaganda e mercado. Os nossos escritores, são advogados, médicos, funcionários.

Nertan está entusiasmado agora com a edição pela Monterrey, em livros de bolso, de suas Cinco Histórias Sangrentas de Lampião. Diz que pela primeira vez sentiu o gosto do dinheiro como escritor.

E é uma satisfação ser interceptado na rua por um cabinero de elevador: "como é doutor, quando vem a continuação do Lampião?" Não vejo nenhum demérito no sujeito chegar até o povo.

Para escrever a edição popular, Nertan seguiu o conselho de seus editores José Alberto Gueiros e Juan Fernandez: "não sacrifique o gosto popular à linha de informação histórica. Pinte o monstro (Lampião) de acordo com a imaginação popular e não se preocupe com nomes e datas". E foi o que ele fez, trocando nomes e locais e carregando no estilo redacional. A filosofia da Monterrey em relação ao público é bastante simples e não busca maiores indagações. José Alberto explica:

— Temos editado muitos autores nacionais de sucesso. Mesmo as histórias policiais e de espionagem com nomes estrangeiros são fabricadas aqui, por escritores brasileiros. Nessas histórias se botar nome brasileiro não se vende. Nosso carro chefe é o FBI, as histórias da espia Brigitte Montroft, palavras cruzadas, folhetins, histórias de guerra ("HORA H"). De vez em quando lançamos os chamados livros sérios que nos dão muito prestígio e considerável prejuízo. O público para tais livros é reduzido e não adianta insistir. Quando ele se interessar nós os publicaremos com a maior alegria. Mas assim como na tevê a maior audiência é do Chacrinha, não vemos por que bancarmos os malucos e quereremos forçar a platéia. A turma quer mesmo é literatura fácil.

Nertan Macêdo acha que o principal problema do Brasil de agora é a educação. Acha que temos bacharéis demais e concorda com Mário Simosen, que diz que "o grande drama do nosso tempo é que a informação chega antes de educação". Para ele não basta só alfabetizar, a solução seria campanhas como essas: "lave o bico da mamadeira de seu filho, dê banho nos seus porcos, plante um pé de caju no seu quintal". Não entende de futebol mas considera "um grande pólo de integração e compreensão entre as variedades nacionais. Um formidável instrumento da nossa vontade. E sobre a literatura, seu ponto de vista é também nacionalista:

— O Brasil é um País jovem e eu não creio que nós possamos sofrer os impactos espirituais dos escritores das velhas civilizações. Acho válido que existam intimistas. Eu escolhi o meu caminho, onde a simples narrativa por si só já dá a dimensão dos dramas de carne e ama desta comunidade. Não sou antintrospectivo, mas acho que as civilizações sofisticadas já forneceram ao mundo em demasia escritores alta e profundamente preocupados com os dramas interiores das pessoas.

(O POVO — Suplemento Literário)

# F. Justo & Filho

**MATERIAL DE CONSTRUÇÃO E ELÉTRICO**

**MATRIZ:**

**RUA TRISTAO GONÇALVES N.º 366**

**FONE: 361**

**CAIXA POSTAL: 110**

**End. Teleg.: FIJUSTO**

**CRATO — CEARÁ**

**FILIAL:**

**RUA SÃO PEDRO N.º 716**

**FONE: 2959**

**JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ**

# Jovíta Alves Feitosa

## A Heroína Brasileira do Ceará

Cita-nos a história vários nomes de mulheres heróicas que ficaram participando dessa galeria brilhante que enobrece o sexo de denominação superada, cobrindo de louros essas extraordinárias mulheres.

Relembrando-se os nomes gloriosos de JOANA D'ARC — a *Donzela de Doremy*; MARIA QUITÉRIA DE JESUS — a *brava heroína da Guerra da Independência da Bahia*; BÁRBARA DE ALENCAR — a *grande mulher cearense que viveu nas terras heróicas do CRATO*; CARLOTA CORDAY — da Revolução Francesa; MADAME ROLANDE e THEROIGNE DE MIRECOURT; e, aquela, figura majestosa da mineira que, na *Revolução de 1842*, sagrava com seu beijo de mãe a frente de seus filhos rebeldes, e com eles marchava para os campos de batalha!

Todos esses nomes benditos estremecem nossos sentimentos de patriotismo e fazem-nos exaltar, bem alto, o valor da mulher!...

Mas, vamos falar, embora ligeiramente, de uma autêntica heroína filha do Ceará nascida ao valor fecundo das *terras sempre heróicas dos Inhamuns* (1), no Povoado longínquo do BREJO SÊCO (2): JOVITA ALVES FEITOSA (3).

Veio ao mundo no dia 8 de Março de 1848, n'uma casinha pobre e modesta!...

Era filha de Maria Rodrigues de Oliveira e de Semeão Bispo de Oliveira, sendo este filho de Simões Dias, natural da Bahia.

Bem cedo, Jovita Feitosa perdeu sua mãe, isto em 1860, vitimada pela *Cólera mórbus* (4), privando-se, assim, das carícias maternas.

Corriam por todo o Brasil as notícias das pejejas desiguais entre brasileiros e paraguaios nos campos do sul! Notícias sobretudo de perversidades inomináveis das aguerridas tropas do tirano SOLANO LÓPEZ! (5).

E, nessa atmosfêra de lutas e guerras, deixa Jovita Feitosa o lar paterno e procura a companhia de um tio de nome ROGÉRIO, residente em JAICÓS, no interior do Piauí (6), onde era mestre de música, sendo que isso muito concorreu para a viagem de Jovita, que desejava aprender música.

Nem as alegrias da beleza dos sertões do Ceará, nem as flôres silvestres que enfeitam os chãos da terra nativa e os bonitos albores das madrugada cearenses, o trinado dos pássaros mimosos, nada disso prendeu a

*cabocla morena* (7) e bonita, em cuja mente pairava a idéia fixa de lutar contra os perversos paraguaios e defender a honra da Pátria estremecida.

Foram 70 léguas, de Inhamuns a Jaicós (8), 420 longos quilômetros de estradas silenciosas, de ermos e florestas quase virgens, trajeto que ela empreendeu a pé, a fim de chegar e alcançar um local propício a apresentar-se às autoridades a fim de seguir, fardada, para os campos da ingrata luta.

Conseguiu que seus cabelos — “negros, como a asa da graúna”, de que nos fala o gentil criador do indianismo no Brasil, o grande José de Alencar — fôsem cortados a faca, e ajeitou os seios palpitantes com uma pequena faixa de pano, mas acabou, enfim, sendo descoberto o seu sexo, e daí os ingratos problemas que lhe toldaram a vocação inata de “*matar paraguaios*” !

De Jaicós, seguiu para Teresina, a nova Capital do Piauí (9), onde o então Presidente da Província, Dr. Franklin Dória que, aceitando seu voluntário oferecimento, a envia à consideração do Dr. Chefe de Polícia da Província (10), José Manoel de Freitas, e depois foi aquartelada, recebendo, de logo, as insígnias ou as fitas de 2º Sargento do Exército (11).

As leis do País, a êsse tempo, não permitiam que mulheres fôsem servir, como soldados infantés, nos campos de guerra ! E lei é lei (12).

Todavia, a *cabocla morena* (7) e resoluta embarcara para a Côrte a bordo do vapor “Tocantins”, depois de ter alcançado a Capital do Maranhão, para onde viajara no vapor “Gurupi”.

Em São Luís do Maranhão foi homenageada solenemente pelas mais altas autoridades do Estado, havendo, até, disputas entre os que desejavam hospedá-la, mas a heroína cearense foi acolhida em casa do distinto oficial do Exército — o Tenente CAMPOS — e houve, ainda, espetáculo de gala no teatro local em honra da grande heroína do Ceará (11).

Em todos os portos onde tocou o “Tocantins”, Jovita foi devidamente homenageada, sendo que, na Paraíba, o grande povo paraibano lhe ofertou bonito anel de brilhante e, em Pernambuco, as homenagens foram extraordinárias !... (12).

Mas, lei é lei, e os ideais de Jovita foram frustrados, pois ela só desejava servir com armas na mão, em que já era bem adestrada, e não pôde, assim, realizar os seus patrióticos intentos !...

Mas, ficou na história do Ceará, brilhando como brilham os nomes de ANTÔNIO SAMPAIO (13), TIBÚRCIO e DELMIRO PORFÍRIO DE FARIAS, êste pai do eminentíssimo e saudoso DELMIRO GOUVEIA, verdadeiro gênio nacional, enriquecendo, todos êsses, a grandiosa história militar do nosso Brasil, muito amado !...

Antônio Sampaio é o Patrono de nossa Infantaria, nascido em Tamboril. Tibúrcio, filho de Viçosa do Ceará. Delmiro Porfírio, filho da Ibiapaba, em Campo Grande, hoje Guaraciaba do Norte, e que, na *batalha do TUIUTI*, fazendo um reconhecimento, foi emboscado por paraguaios que

tentavam tomar o pavilhão brasileiro de outro soldado, avançou-o e seu corpo foi encontrado todo crivado de arma branca, com uns trapos do pavilhão auriverde do Brasil ligados ao seu peito, mas, ao lado desse bravo e desse autêntico herói, estendidos estavam, cortados a facão, oito inimigos paraguaios aniquilados por Delmiro Porfírio de Farias, primo legítimo de minha genitora e conhecido na família pelo nome de *Tio Belo!*...

E aqui, pois, um apêlo patriótico ao Exmo. Senhor General ERNESTO GEISEL, DD. Presidente da República do Brasil, no sentido e na certeza de que S. Excia., também como honrado soldado do Brasil, desta grande e generosa Nação, determine, quanto antes, a ereção em Praça Pública, na *Avenida Jovita Feitosa*, em Fortaleza, com a cooperação do Govêrno do Estado e a participação do povo cearense, uma estátua condigna dessa destemida *patricia cabocla* (7) que, já àqueles recuados tempos, dava a seu povo e à gente de sua pátria, o exemplo admirável e magnifico de desprendimento e abnegação à terra estremecida de seu berço, em holocausto à sua própria vida, nos albores de uma mocidade palpitante, e que essa estátua da heroína cearense JOVITA ALVES FEITOSA sirva, sempre, de estímulo à gente do Brasil, para que, cada dia e cada hora, todos nós glorifiquemos esta Nação do futuro, sempre abençoada pela Constelação do Cruzeiro do Sul, que defenderá eternamente as terras livres e generosas de nosso querido Brasil!...

---

NOTAS: (+) O Dr. Carlos Lôbo, de ilustre estirpe de Santa Quitéria, é médico veterinário, tendo começado sua vida como morsista, ao lado do ex-Presidente da República Dr. JUSCELINO KUBISCHECK que, ao assumir a Suprema Magistratura do País, nomeou o velho companheiro para o cargo de Diretor Regional dos Correios e Telégrafos do Ceará.

(1) Para libertação do Piauí e Maranhão do regime português, por ocasião das *Guerras da Independência*, o BATALHÃO DOS INHAMUNS, ao Comando do Coronel JOÃO DE ARAÚJO CHAVES, do Estreito, e Subcomando do Major JOSÉ DO VALE FEITOSA, enfrentou as forças lusas do Major FIDIÉ, na célebre *Batalha do Jenipapo*, lugar à margem do rio do mesmo nome, que banha Campo Maior, com uma tropa de 300 homens, ao fim da qual só ficou contando com 50 elementos, tendo perdido, inclusive, o intrépido Capitão MANUEL MARTINS CHAVES, cujo embate feriu-se a 13 de Março de 1832, e, embora os sucessos tenham sido a favor das forças reinóis, foi uma vitória de Pirro, pois que estas se viram forçadas a evacuar a Província, jogando-se FIDIÉ para o outro lado do Parnaíba, na Cidade de Caxias — "*a chave dos sertões*" — onde os puças foram sitiados, de cujo cêrco participaram as tropas dos Inhamuns novamente. Enquanto tudo isto ocorreu, só a 15 de Junho de 1823, mais de 3 meses depois da *Batalha do Jenipapo*, o *Exército Auxiliar do Ceará*, ao mando do Capitão-mor do Crato JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS, Governador das Armas do Ceará, e TRISTÃO GONÇALVES PEREIRA DE

ALENCAR, Vogal do Govêno da Província, entrou em Oeiras, então Capital da Província do Piauí (CRONOLOGIA HISTÓRICA DO ESTADO DO PIAUÍ, F. A. Pereira da Costa, 1909, págs. ns. 172, 180 e 193; A GUERRA DO FIDIÉ, de Abdias Neves, 1974, *passim*; e INDEPENDÊNCIA DO NORDESTE, de Hermínio de Brito Conde, 1961, edição dos *Cadernos do Cariri*).

(2) Quando a 3 de Maio de 1802, o Ouvidor Dr. Gregório José da Silva Coutinho, em nome da Coroa Portuguesa, declarou criada a Vila de São João do Príncipe de Tauá, "A novel comuna tinha uma superfície nunca inferior à dos Estados da Guanabara e Sergipe, juntos, pois que faziam parte de sua área os territórios dos atuais municípios de Assaré, Campos Sales (Várzea da Vaca), ARARIPE (Brêjo Sêco), Farias Brito (Quixará), Altaneira (Santa Teresa), Potengi (Xique-Xique), Iguatu (Telha), Cariús (Poço dos Paus), Jucás (São Mateus), Saboeiro (Cruz), Aiuaaba (Bebedouro), Antonina do Norte (Mucambo), Arneirós (Aldeia do Jucá), Cococi... (INHAMUNS — Terra e Homens, de Antônio Gomes de Freitas, 1972, págs. 66 e 67).

(3) Seu nome verdadeiro é ANTONIA ALVES FEITOSA, sendo *Jovita* apelido familiar, conforme depoimento prestado ao Chefe de Polícia de Teresina, Capital do Piauí, Dr. José Manuel de Freitas (*Traços Biográficos da Heroína Nacional JOVITA ALVES FEITOSA, por FLUMINENSE*, 1865, Rio de Janeiro, págs. 16 a 20).

(4) Segundo o abalisado ÁLVARO DE ALENCAR, "Em Abril de 8162, entrou o cólera na província do Ceará" (*O Cólera-morbus no Ceará*, REVISTA do Instituto do Ceará, vol. LVII, ano de 1943, pág. 35).

(5) O sanguinário Ditador Paraguaio FRANCISCO SOLANO LÓPEZ, tomou o nome de um Santo Missionário do mesmo apelido, e, depois da guerra, da qual participou o Tenente LOURENÇO ALVES FEITOSA E CASTRO, que, no seu regresso, foi Coronel da Guarda Nacional e Deputado Provincial em muitas legislaturas, um ramo da família adotou o nome SOLANO, pelo qual é conhecido.

(6) Nesse Município piauiense ainda hoje existe um *Grupo da Família Feitosa*. ROGERIO, em Jaicós, tio de Jovita, tinha outro irmão que foi pai de ANTONIO ALVES FEITOSA e, este, pai do Marechal ANTONIO ALVES FILHO, casado com Dulcinéia Alves Filho, irmã do ex-Governador de Pernambuco NILO COELHO, tendo o Marechal tido um irmão de nome AUGUSTO ALVES FEITOSA.

(7) Em razão dessa expressão, e da descrição que dela dá o *Fluminense*, declarando que a viu como "um typo Indio. Tem uma estatura mediana, maneiras simples, e sem afetação, despida d'aquela gravidade de que impõe um respeito profundo, bem proporcionada, rosto redondo, uma cutis amarelada, cabelos curtos, crespos, e de um negro acaboclado, mãos de homens e secas, pés grandes" (*idem*, pág. 23) e, ainda, por haver dito ao

Chefe de Polícia de Teresina serem seus pais Simeão Bispo de Oliveira e Maria Rodrigues de Oliveira, tendo um irmão na guerra de nome Jesuino Rodrigues da Silva, (idem, págs. 17 e 20) e, também, por haver informado ao *Fluminense* que seu pai é MAXIMIANO Bispo de Oliveira e sua mãe Maria ALVES FEITOSA, certamente para satisfazer à curiosidade dos repórteres que ficavam intrigados por não conter os nomes dos pais o apelido FEITOSA, por tudo isto, sempre desconfiei que *Jovita* tenha sido, efetivamente, uma Feitosa. O tipo descrito não o é de uma Feitosa, e, por isto, mais uma vez peço a ajuda dos notáveis pesquisadores do Cariri, Pe. Antônio Gomes de Araújo, Joarivar Macedo e Pe. Teodósio Nunes, e outros, no sentido de detetarem o batismo de *Antônia*, carinhosamente *Jovita*.

(8) A distância de 70 léguas não é dos Inhamuns a Jaicós, mas desta cidade à Capital Teresina, consoante o *Fluminense* ao esclarecer que nobres designios trouxeram a heroína "*da vila de Jaicós a 70 léguas distantes desta Cidade*" (idem, pág. 21), reportando-se a *Cidade*, como sendo Teresina.

(9) A velha Capital era OEIRAS, nome adotado em 13 de Novembro de 1761, em homenagem ao Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal, sendo a vila instalada em 26 de Dezembro de 1717, com o nome de MOCHA, nome tirado do riacho que a banha (GUERRA DO FIDIÉ, de Abdias Neves, 1974, 2.<sup>a</sup> edição, pág. 52).

(10) Corresponde ao atual Secretário de Polícia do Estado.

(11) O pôsto não era de 2º Sargento do Exército, mas de 1º Sargento, cujas 5 fitas são vistas no braço esquerdo de *Jovita* no retrato que acompanha a obra de *Fluminense*, comprovação que afasta qualquer dúvida a respeito, e o próprio publicista o confessa, nestes termos: "*Hoje a vimos de saiate e farda com as insígnias de 1º sargento*" (idem, pág. 14).

(12) A visão do Presidente da Província do Piauí, Dr. Franklin Dória, foi mais ampla do que a do Ministro da Guerra, e atingiu plenamente os seus objetivos, pois que êle a usou como porta bandeira de uma campanha patriótica, visando a acender, nas massas, o fôgo sagrado do amor à Pátria injustamente ferida e, para tanto, êle a fêz exhibir-se nas Capitais das Províncias do Norte, como Maranhão, Paraíba, Pernambuco, etc.

(13) ANTÔNIO DE SAMPAIO, consoante os seus ilustres biógrafos, como Mauro Lopes Lima, "O INFANTE IMORTAL"; Eusébio de Sousa, "SAMPAIO — PATRONO DA INFANTARIA"; General Carlos Studart Filho, "ANTÔNIO DE SAMPAIO". Aliás, vale salientar que o historiador Antônio Gomes de Freitas esclarece que "O colonizador Francisco Alves Feitosa, Coronel da Cavalaria do Regimento Montado dos Inhamuns e Cabo da Ribeira do Quixelô, casado com D. Catarina Cardoso da Rocha Rezende Macrina, são pais de Josefa Alves Feitosa espôsa do Sargento-mor Francisco Ferreira Pedrosa, potentado natural da Paraíba que, por sua vez, eram pais de D. Ana Alves Feitosa, consorte do Capitão Luís Vieira de

Sousa, da Fazenda "Tamboril", e pais de ISABEL FERREIRA DE SOUSA, consorte do Capitão Francisco Xavier de Araújo Chaves, Comandante da 5.<sup>a</sup> Cia. do Regimento da Vila Nova Del Rei, a sua vez, genitores de ANTÔNIA, que se casou com ANTONIO FERREIRA DE SOUSA, Alferes da 2.<sup>a</sup> Cia. do Regimento em que servia seu sogro, que são os pais do indômito General ANTÔNIO DE SAMPAIO, nascido na Fazenda Vitor, em Tamboril. Vale salientar que, por mais uma linha, o General ANTÔNIO DE SAMPAIO é *Feitosa*, pois que seu avô materno, o Capitão Francisco Xavier de Araújo Chaves, filho de José de Araújo Chaves, do "Convento" (êste, filho do Capitão-mor José de Araújo Chaves, da Ipueira da Serra dos Cocos, fundador da atual Cidade de Ipueiras, em 1750, sendo êste José de Araújo Chaves, do "Convento", casado com D. LEONARDA BEZERRA DO VALE, que era filha do Sargento-mor João Bezerra do Vale, da Fazenda "Cabaços", nos Inhamuns, e casado com D. Ana Gonçalves Vieira, filha do primitivo Coronel Francisco Alves Feitosa, o colonizador" ("*A Prosápia Ilustre do Gen. Antônio de Sampaio*, CORREIO DO CEARÁ de 24 de Maio de 1974). Ficam, assim, justificados os transportes mavórticos de Jovita.

CARLOS FEITOSA

## S O L I D Ã O

DJANIRA FILGUEIRAS

A noite só, a noite fria

A balada dos ventos, que murmura

Uma prece, um lamento

Tudo é tristeza: é a esperança que se esvai

O perfume das flores que murcham de saudade

Ao redor, a chuva cai

O pranto, a amargura da vida,

A intranquilidade, o medo

Envolvendo a alma de tédio e nostalgia

E o desejo imenso de gritar

Gritar para esquecer a dor

Para abafar a magua

Da lembrança que morreu

Para não mais voltar...

O passado distante, a agonia infinita

Sabor de mel e desventura

E sob a luz mortiça do abajur

Sombras que passam

E no céu, estrelas que brilham,

E se apagam,

Na eterna grandeza do Criador.

Recife, Outubro de 1973

## Contingências da Vida e Poder da Influência Mental

Amar, sofrer e morrer, são atributos inseparáveis de nós, enquanto jornadeamos pelas estradas tergiversadoras que o tempo mutatório nos dispensa.

Porventura teria passado alguém pela vida que renunciasse o amor? Até mesmo nas cousas inanimadas observa-se afeição profunda dispensadas a grupos de outros gêneros dessemelhantes, acolhendo-os ao redor de si e proporcionando-lhes ambiente de vida e cordialidade.

Os homens, com desvio da regra geral, não enxergam isso, não procuram entender da Natureza o exemplo caracterizante que emprega em tudo, fingindo egoísmo e empregando o altruísmo.

Quem não se dedica à dedicação humana, é justamente os que vivem para o amor ardente ou paixão, que os impele ao abismal e ao aniquilamento da matéria antes de tempo, por causa da realização dos atos execráveis de tendência inerente aos endríacos.

Os prazeres lúbricos e sexuais dão ensejo ao ocupante do primeiro lugar na escala zoológica, adquirir intensidade ou número de acontecimentos funestos e desastrosos.

O desempenho da função sexual une-se harmonicamente entre os exercícios que a Providência nos permite, se renunciássemos aquele cargo o gênero humano desapareceria, torna-se necessário que haja moderação na prática e fidelidade conjugal.

O homem como racional, deve contentar-se com sua companheira que a ela se uniu pelos vínculos do matrimônio, não seguir a vida que muitos irracionais desfrutam, porque são animalizados demais.

Encontram-se espécies entre os irracionais que não são totalmente inevidentes, são os monogamistas. Outras adotam a poligamia, não são cuidadosas em evitar, igualam-se aos princípios maometanos e tártaros, possuidores de várias concubinas.

A perturbação na vida dos casais sempre parte do adultério, comprometedor da moral, e os filhos se tornam incapazes para o progresso social, enveredando nos caminhos da delinquência, mostrando desprezo ou desdém ao uso do bem.

*Sofrer* — Ninguém durante a existência jamais conseguiu eliminar o padecimento físico ou moral, que atuam de modo alternante, servindo de purificatórios ao corpo e alma, a fim desta adquirir liberação e aquele emendar-se dos defeitos que se vai exercitando.

*Morrer* — Para uns o fim da existência causa-lhes sobrosso, não desejam ouvir falar sobre a morte nem por brincadeira, trazendo à idéia que tudo desaparece com extinção corporal. Para outros, se fôsse possível, pre-

parariam um banquete para oferecer a entidade imaginária ceifeira das vidas, por ocasião de sua visita. Experimentariam o coração transbordar de contentamento, pela remoção desta vida para a outra legitimista.

Quem se entristecer porque vai morrer, não possui convicção da existência de Deus, iguala-se às folhas secas caídas das árvores conduzidas pelo vento.

Nossa alma conserva para sempre quanto a matéria instruiu-se, obtem novos valores científicos e quantiosos, porque no campo de ação da espiritualidade a aprendizagem é desmensurável, os espíritos transformam-se em laboriosos e pesquisadores.

Como estamos tratando de eventualidades da vida, acho que devo abordar o dever que os pais devem consagrar aos filhos. Deveras, necessário se torna, que haja cultivo de harmonia entre marido e mulher, a fim de proporcionar aos filhos educação sadia.

O casal que vive arengando, não pode educar seus filhos na senda do bem, por causa do mau exemplo oferecido durante as altercações, próprias dos inéptos que vivem desprovidos de luz espiritual.

Uma família que não procura amansar o amor e quinhoar com os filhos em doses à homeopática para fundamentar o caráter deles, sua habitação de pouco a pouco vai transformando-se em arena romana e eles causando intranquilidade à sociedade.

As crianças de hoje serão os homens do amanhã, cumpre-nos zelar delas para a magnificência da Pátria que aguarda de tôdas: afeição do íntimo, zelo e vigilância.

Tonificando-as com o espiritualismo que é propício ao desenvolvimento físico e espiritual, produz temperamento libente e inédua à pátria do mal.

Uma nação com debilidade espiritual, sua opulência torna-se fraca e terá glória efêmera.

Vamos discorrer sobre a mente, seu poder imensurável e lucrativo, quando se emprega para o bem. Ao contrário, é condenável a prática, devemos produzir rosas e não espinhos, o bem nos proporciona aromaticidade e o mal oferece dias espinescentes a quem o cria.

Nossos pensamentos devem ser comidos e sadios, a fim de termos sempre ao redor de nossa cabeça coroa luminosa, própria aos que não se desviam do caminho do bem.

A preparação moral, intelectual e espiritual do ser humano, deveria ter seu princípio desde a constituição do feto, há possibilidade da gestante para isso. A começar da concepção até o nascimento, a gestante porta-se como molde para talhar a índole, o físico e demais particularidades do filho, com o poder positivo ou negativo da higiene mental.

Quando se desenvolve sob influência negativa, torna-se verdadeira nulidade. Constantemente vemos exemplos em lares de famílias conceituadas, adquirem filhos que são verdadeiras pérolas e outros opostos.

O ser vivo enquanto não sai do ventre materno é semelhante a um

acumulador elétrico, armazena partículas positiva e negativa da mente da gestante. As mulheres quase de modo geral desconhecem o poder da mente, os homens também ignoram.

Que bom seria, se essa força que vive latente, fôsse utilizada para a perfeição na humanidade! Todo pensamento cria forma para vir à luz e atingir maturidade, dependente do nosso cultivo em querer que o desejo faça-se vivente ou concretize-se, auxiliado pela sublime ação mental.

As idéias que as pejudas formarem na mente, poderão se concretizar em realismo, dando ao fruto do ventre materno: retidão de caráter e outras virtudes reais, assim como a paterna serve para cobrir o cálice e receber a hóstia.

Aproveito esta oportunidade para discorrer sôbre as qualidades meritórias das mulheres. Nasceram predestinadas para operar prodígios, são protegidas das deidades e desconhecem o valor dos méritos possuídos, há regra de exceção entre elas.

Se coubessem cultivar e empregar as suas faculdades psicofísicas, dominariam em tudo que tencionassem, fariam aos homens qual a Dalila fez a Sansão.

Na antiguidade tiveram grande evidência na arte de adivinhar, muitas ficaram célebres na história. Os prodígios do passado feitos por elas não desapareceram, continuam surgindo sem deixar dúvida, porém, com menor intensidade por não encontrar campo adequado para suas manifestações.

Quem predisse ao rei Saul por intermédio do espírito de Samuel, o que lhe estava reservado para o dia seguinte, foi uma pítia que ficou célebre na história bíblica.

Saul foi muito cruel para as pitonisas, entretanto, quando viu-se encurralado pelos filisteus e atônito sem saber o que deveria fazer para livrar-se deles, lembrou-se de procurar uma mulher que praticava a adivinhação às escondidas, por causa da perseguição que movia contra as pitonisas.

Ela com seu poder sobrenatural reconheceu o rei, negou-se ao consultante dizendo-lhe que não fazia uso da prática de adivinhação, não lhe armasse cilada.

Saul jurou que não lhe faria nenhum mal, desejaria que ela invocasse o espírito do profeta Samuel para dialogar com êle. Assentiu ao pedido do rei. O espírito de Samuel atendeu a invocação, porém, não gostou da invocatória e de chôfre disse a Saul que, seu fim seria no dia seguinte juntamente com seus filhos.

O predito pelo espírito de Samuel aconteceu, o rei Saul recebeu o galardão de quem não reconhece o bem ou deixa de praticá-lo.

Humilhou-se porque humilhava, tiraram-lhe a vida porque mandou tirar a de muitos, nunca pensou de precisar a quem tratava com regeza, as adivinhadeiras. Mulheres que praticavam a telepatia e levitação, astrologia e psicomancia. São tão úteis a nós, assim como o exigênio é indispensável à vida.

Constatamos sempre que as visões e os sonhos proféticos, são mais frequentes nas mulheres de que nos homens. Acontecimentos felizes que a Providência propicia aquelas que subjugam as paixões, sabem manter asseio espiritual com agudeza de espírito e cumprem o dever acima de tudo, como autênticas donas de casa.

As opostas, poderiam ser classificadas como boicininhas, são dotadas de maus bofes e venenosas até no hálito, proprietárias de mäs-línguas estimulantes de inimizade. Provocam a discórdia no campo de ação da excel-situde da concordia, mantêm desdouro aos bons princípios dos hábitos de vida, distribuem incendimento da perfídia em tôda área da vizinhança.

Descuidam-se por completo da obrigatoriedade para cuidar da vida alheia, divulgam infâmias contra alguém, onde às vezes a difamação é in-verídica.

Mesmo havendo veracidade, não se deve cogitar da vida dos outros e esquecer da sua, casos dessa natureza só ocorrem a quem não tem o que fazer.

A vida é breve, mal nos permite tempo para empregá-lo no exercício do nosso desenvolvimento espiritual, material e intelectual, de maneira que, cada qual trate de se aperfeiçoar e ajudar ao semelhante levantar-se, em vez de derribá-lo ou mantê-lo tombado.

A mulher desde a sua infância, começa a sofrer, por não poder dispor da liberdade de brincar com as crianças do sexo oposto, imposição que se torna necessária para precaver-se de qualquer ato abusivo prejudicial a sua inocência.

Porque a malícia no homem nasce com êle, separando-se dêle após a morte.

A mulher quando se casa expõe sua vida para dar aos seus filhos. Êstes, comumente, não procuram reconhecer que devem a existência ao Supremo e à genitora, que se martirizou para salvá-los, deixam cair no esquecimento o tributo que estão obrigados ceder aos pais.

As mães, por causa dos filhos, sofrem dor física e moral, com sujeição paciente à sorte. Às vezes, além do padecimento causado pelos filhos, chegam-lhes as incompreensões do marido, por não estar talhado ao cumprimento dos deveres sociais e ao que diz respeito à família.

Alguns homens menosprezam a mulher, por trazer à idéia que ela existe para servir de "Lica de Reisado". A incumbência da mulher em todos setores da vida é sublime, desempenha missão mais elevada do que a do homem.

No entanto, quem serve de sepulcro ao mundo, não evidencia essa notável distinção que a individualiza, admitir como certo ou compreender que a mulher nasceu com o objetivo de ser deusa universal, portanto, em virtude de seus méritos merece um tratamento especial.

Se elas soubessem empregar a força que tudo cria, não produziriam tanta gente desajustada.

Assim como a perfeição das obras de arte depende do desenvolvimento da capacidade do artífice, o mesmo caso sucede na função humana procriadora que a mulher nesse acontecimento, afigura-se como artista.

Apesar de haver casos desfavoráveis à perfeição humana, nos frutos das geratrizes oriundos dos sífilíticos e alcoólatras, que produzem filhos de péssimas condições, cheios de desajustes orgânicos e inclinados ao mal.

Esses exemplos, não escapam dos estatutos guiados pela Natureza, quem plantar feijão não colherá milho, há de colher semente correlacionada ao que plantou.

A influência mental e sugestão, colaboram para haver vida ou existência, saúde e enfermidade, confluindo e concretizando-se para o que a mente formar e o coração apetecer. Vejamos que, a psicoterapia tem apresentado resultado positivo na medicina.

A preponderância psicológica durante a gravidez, produz no embrião efeitos internos e externos, dando-lhe sinais particulares e caracterização em desacôrdo com as dos genitores.

Atribuindo-se às vezes a esses fatos como originários dos ascendentes da família, que nem sempre são, porque a força do pensamento promove nos seres vivos desde o óvulo até o nascimento causas que nos causam estarrecimentos, deixando as pessoas de escassa experiência tomarem os fatos como castigo divino.

Ninguém jamais pode negar a influência posta em ação pelos genes, porém, acresce uma circunstância especial que nem todas características originam-se deles, algumas qualidades individualizantes são formadas pela mente da gestante.

Conheci em Ladário — Mato Grosso, certa senhora que deu à luz a um filho, com os membros superiores semelhantes aos da tartaruga. Criava uns jabotis em seu quintal, quando a referida senhora engravidou, não se cansava de fitar para aquêles quelônios, pois, os braços da criança adquiriram formas idênticas aos membros dos referidos répteis.

Assim como a sugestão atua no ser humano, também emprega o exercício da sua atividade nos animais.

Alguém mais esclarecido do que eu, poderá pensar que é absurdez, pois, o poder sugestivo neles, é de tamanha agudeza que, concede-lhes crias com côres completamente diferentes das qualidades dos pais.

Noventa por cento da natureza humana, estranha essa causa grandiosa, não a considera de grande valor, passa a vida sem perceber que está vivendo.

A pigmentação do pêlo é produzida através da subsistência intrínseco do poder sugestivo na fêmea prenhe. Esta vai adquirindo diversicolor de seu rebanho ou objetos nos quais fitar os olhos, transmitindo a impressão colhida a supradita cria.

Jacó foi o primeiro homem que provocou ou experimentou produzir

sugestão nas fêmeas do seu rebanho, obteve resultado satisfatório, segundo reza o Livro de Gênesis capítulo 30 versículo 27/41.

Aí está uma prova evidente para não deixar nenhuma incerteza em quem ler este trabalho não resumido, que se torna rabugento e fastidioso para alguém, seu cunho é profundo e profícuo.

Chamo a atenção das mulheres para o que vou apresentar, a fim de conceberem filhos dóceis e primorosos, inteligentes e lisura no procedimento.

1º — Desde o início da gestação, diariamente, durante cinco minutos, fixar o olhar para uma estampa de santo bem bonito, gravar na mente o perfil da imagem, desejando que a formosura e dotes do santo sejam transferidos para o fruto que se desenvolve no ventre.

2º — Ao nascer do Sol e por ocasião do ocaso, procurar contemplar os quadros panorâmicos que a Natureza apresenta em seu esplendor. Demonstrar gratidão aquela força imane conservadora da existência e imanizante dos corpos que se preparam para receber a imanização, dando-lhes ensejo para uma vida nova.

3º — Evitar arenga para não ter cólera, a alteração é indício de pouca ou nenhuma espiritualidade, portanto, é prejudicial ao feto.

4º — Evitar de olhar e gravar na mente as deformidades humanas e dos animais, a fim de impedir que o ser embrionário quando nascer, não faça parte do grupo pertencente a teratogenia. Sabemos que, as monstruosidades não se limitam tão somente ao Reino Animal, estendem-se também ao Reino Vegetal. Diversas causas dão-lhes origens, existe na Natureza forças completamente desconhecidas dos homens.

5º — Abster-se do acasalamento, respeitar o fruto sagrado guardado na madre, a fim de evitar aborto e outras consequências desagradáveis, não só à gestante como também ao ser em desenvolvimento.

Vejamos que, nesse ponto, os irracionais refream-se e respeitam o estado de gestação das companheiras, desligando-as do amor relativo ao sexo, em acatamento ao que a Natureza preconiza a êles e aos homens. Êstes, ficam inobedientes, sem incendimento para acompanhá-los nesse procedimento, digno de servir de lição aos que fazem uso da razão.

Consideram tolice a abstinência ao coito na quadra em que a fêmea está de madre em plenitude.

Não é por asneira que se submetem aquela norma, são guiados ou orientados pela Natureza que é mestra em tudo, não sendo reconhecida por alguns homens.

Sêres humanos que levam a vida à toque de caixa, não procuram saber ou conhecer o que a Natureza põe em prática rotineira, por intermédio de seus agentes caprichosos na execução dos atos, mostrando aos homens que a força ativa estabelecadora e conservadora da ordem natural de quanto existe, é livro aberto à dependência de que se dedicar a estudar.

Favorece a preensibilidade dos devotados e ensina a desviar dos caminhos opostos à verdade e à justiça.

# Academia Piracicabana de Letras

A "Academia Piracicabana de Letras" não funcionará como um acontecimento do século passado.

Atuará, também, no sentido de atrair a geração mais jovem, nas cadeiras e nas plátéias. É lógico, que os expoentes, já de idade mais provecta aí estarão. Isto não poderá ser condenado.

As formalidades acadêmicas (beca, colar, discurso precioso, etc.) não conseguem estabelecer qualquer diálogo com a juventude, que se mantém em estado de alienação, no tocante à terrível realidade contemporânea.

Os moços, assim, não poderão fazer pouco dos coroaos.

É verdade que a A. P. L. já se revelou revolucionária: admitiu o ingresso do sexo feminino; os patronos ou patronessas podem ser vivos ou mortos; necessariamente não precisarão ser escritores, poetas brasileiros, mas também do exterior; os membros podem ser patronos de cadeiras.

O seu funcionamento será algo de vanguarda, empolgante e imperioso no instante atual: um Seminário, um Círculo, um Centro, ou coisa que o valha, na qual, em ciclos maduramente programados, em certos períodos do ano (e não obrigatoriamente em determinada noite de cada mês), comparecerão as máximas autoridades, respectivamente, em seus assuntos; os membros titulares do aludido cenáculo.

Neles debater-se-ão os grandes problemas da cultura brasileira, sem becas, sem colares, à maneira de grupos de trabalho, incumbidos de debater os temas, já previamente resumidos em textos impressos fornecidos com antecedência, tal como se fêz no "I Simpósio de Estudos Piracicabanos", novembro de 1967; ou nos congressos científicos mais idôneos da atualidade.

Com um sucesso imenso e sensacional haverá diálogos entre velhos e moços, de modo informal, vivíssimo, exuberante, existencial. Os debates extender-se-ão entre convidados e todo o público.

Em mesa de qualquer forma, o expositor relatará o contexto às autoridades oficiais, escritores, críticos, jornalistas, jovens atores, empresários, etc.

Far-se-á uma carga promocional pela imprensa e pelo rádio regionais. Os discursos, os elogios, as aulas magistrais, entre os moços, estão distantes do auditório e da realidade contemporânea.

Ninguém se interessa por tais explicações. Tudo será narrado em grupos, ao sabor dos temas, que afluem em associações ideativas, às vezes, quem falando menos, sendo o monitor.

Introduzir-se-á os métodos audio-visuais, pois, a leitura, pura e simples, em nossa era tecnológica, parece estar cada vez mais à liquidação geral.

Para abranger um âmbito nacional, por conseguinte mais amplo, foi possível estabelecer, que os membros, em sua maioria, são elementos residentes longe de Piracicaba.

Na estrutura da Academia não permaneceu o número inicial de cadeiras. Cada uma tem um patrono ou patronessa, ocupada por determinado membro fundador, para que o núcleo, através dos anos vindouros, mantenha a indispensável unidade.

O ingresso de novos membros, com o falecimento dos fundadores, será feito mediante inscrições, com certo colorido acadêmico disfarçado.

A A. P. L. está despojadíssima dos cerimoniais das academias da velha tradição européia.

Assim será feito, por causa da relutância oferecida pela maioria dos seus convidados, que em recebendo os anteprojetos dos Estatutos e Regulamento, enviaram-lh'a maciças sugestões, tendo-se em mente as gerações mais jovens.

A A. P. L. praticará comemorações como Taubaté (Monteiro Lobato), São Pedro (Gustavo Teixeira), Tatuí (Paulo Setúbal), Santos (Vicente de Carvalho), São José do Rio Pardo (Euclides da Cunha), Tietê (Cornélio Pires), citando-se, apenas, as urbes paulistas.

Ela fará cultos periódicos aos patronos ou não, através de reuniões, ciclo de conferências no correr de cada ano.

Assim, não permanecerá uma coisa morta, desligada das exigências atuais, mas capaz de atrair o Brasil todo.

Será sempre alvo de debates, cujos têmes, serão vitais, atuantes, imperiosos, participantes, comunicantes, a cargo de gente de verdade autorizada.

Piracicaba, S. P., em 05 de Abril de 1971

CIRCULAR 01/71

Senhores Membros:

1. Acompanhando estas instruções os Senhores (as) encontrarão a Relação de Acadêmicos, com os respectivos números das Cadeiras e os seus respeitáveis Patronos ou Patronessas.
2. Junto também acharão a Cédula Eleitoral, para o qual lhe pedimos todo o carinho, no preenchimento dos nomes de seus candidatos.
3. O Senhor (a) terá total liberdade em votar, preenchendo assim, os claros, assinando, em seguida, a Cédula.
4. O prazo para a votação compreende trinta (30) dias, ou seja, de 10 de abril de 1971 a 09 de maio de 1971.
5. As Cédulas dos Senhores Membros residentes e domiciliados fora de Piracicaba, deverão ser enviadas pelo Correio, ao seguinte endereço:  
À  
"Academia Piracicabana de Letras"  
41, Caixa Postal, 41  
Piracicaba, SP.  
(CP)
6. Os Senhores Membros que residem e têm o domínio em Piracicaba, assim o poderão fazer, ou se o desejarem, entregarão pessoalmente o Voto à Comissão Apuradora, composta dos seguintes Membros: Helly Campos Melges, João Chiarini e Mário Giannotti.
7. Tal Grupo se encarregará da Apuração, lavrando-se a competente e necessária Ata.
8. Todos os Senhores Membros, após a Apuração, poderão examinar, dentro do prazo de trinta (30) dias, isto é, 11 de maio de 1971 a 09 de junho de 1971, o seu resultado, todos os Votos e a respectiva Ata.
9. Para tanto, receberão a Circular, contendo todos os seus elementos.
10. Decorrido o prazo acima (item 8) os votos se-lo-ão incinerados.
11. Contando com a compreensão e o carinho do Ilustre Membro, esperamos que possa enviar-nos ou entregar-nos o seu precioso Voto.

Atenciosamente, pela Comissão

JOÃO CHIARINI

## "ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS"

Relação dos nomes dos Senhores Membros; dos Números das respectivas Cadeiras; dos Patronos; das Cidades:

" A "

1. Abelardo Moreira da Silva (Plínio Salgado) S. João da Boa Vista - SP
2. Adelino Brandão (Euclides da Cunha) Jundiá - SP
3. Alceu Maynard Araújo (Cornélio Pires) São Paulo - SP
4. Alci Soares Tubino (Lygia Fagundes Teles) Uruguaiana - RS
5. Antônio d'Avila (José Veríssimo) São Paulo - SP
6. Antônio Lázaro de Almeida Prado (Gonçalves Dias) Assis - SP
7. Antônio Oswaldo Ferraz (Mário de Andrade) São Paulo - SP
8. Arnaldo d'Avila Florence (Hercules Florence) Pinhal - SP
9. Arthur de Azevedo (Arthur de Azevedo) Mogi Mirim - SP

" B "

10. Benedito Pires de Almeida (Luiz Correia de Melo) Tietê - SP

" C "

11. Cecílio Elias Neto (Jorge Amado) Piracicaba - SP
12. Chiquinha Domingues (Agripa de Vasconcellos) São Paulo - SP

" D "

13. Da Rosa Ferreira (Paulo Gonçalves) Santos - SP
14. Divaldo Freitas (Hélio Gaspar de Freitas) São Paulo - SP
15. Douglas Michalany (Alfredo D'Escagnolle de Taunay) São Paulo - SP

" E "

16. Eusébio Rocha (Alberto Tórres) São Paulo - SP

" F "

17. Fábio Rodrigues Mendes (Benedito Almeida Júnior) Jundiá - SP
18. Fernando Pereira Sodero (Carlos Martins Sodero) São Paulo - SP
19. Flávio de Toledo Piza (Amadeu Amaral) Piracicaba - SP
20. Fortunato Losso Netto (Lima Barreto) Piracicaba - SP
21. Francisco Maria de Uberaba (Dom Vital) Patos de Minas - MG
22. Francisco Roberto de Almeida Júnior (Alphonso de Guimarães) São João da Boa Vista - SP
23. Francisco Vasconcellos (Luiz da Câmara Cascudo) Rio de Janeiro - GB

" G "

24. Guilherme Vitti (Júlio Diniz) Piracicaba - SP
25. Gustavo Carrano (Gustavo Teixeira) São Paulo - SP

" H "

26. Hélio Serejo (José de Mesquita) Presidente Venceslau - SP
27. Helly Campos Malges (Paulo Setúbal) Tatuí - SP
28. Hermes de Paula (João Chaves) Montes Claros - MG
29. Homéro Anéfalos (Basileu Garcia) Piracicaba - SP
30. Hugo Pedro Carradore (Guilherme de Almeida) Piracicaba - SP

" I "

31. Irene Aloisi (Machado de Assis) Piracicaba - SP

" J "

32. Jais Toledo Veiga (Martha Watts) Piracicaba - SP
33. Jane Blumberg (Ida Scholen back Blumenschein) São Paulo - SP
34. João Chiarini (Oswaldo de Andrade) Piracicaba - SP
35. José Alves de Figueiredo Filho (Alceu Maynard Araújo) Crato - CE

36. José Rodrigues de Arruda (Anísio Ferraz Godinho) Piracicaba - SP  
 37. Júlio Seabra Inglês de Souza (Inglês de Souza) Piracicaba - SP  
 38. Júlio Soares Diehl (Jacob Diehl Netto) Piracicaba - SP  
 " L "
39. Landa Lopes (Afonso Schimidt) São Paulo - SP  
 40. Lannoy Dorin (Lourêncço Filho) Araçatuba - SP  
 41. Laudelina Cotrin de Castro (José Rodrigues de Arruda) Piracicaba - SP  
 42. Leandro Guerrini (Jaçanã Altair) Piracicaba - SP  
 43. Lino Vitti (Mennotti Del Picchia) Piracicaba - SP  
 44. Lycurgo dos Santos Filho (Francisco de Assis Iglésias) Campinas - SP  
 45. Lygia Cotrim do Nascimento Dias (Júlia Lopes de Almeida) Pirac. - SP  
 46. Maria de Lourdes Leme de Souza (Sylvio Aguiar de Souza) Pirac. - SP  
 47. Luiz Gonzaga Diniz (Ronald de Carvalho) Campinas - SP  
 " M "
48. Manoel Rodrigues Lourêncço (Sud Mennucci) Piracicaba - SP  
 49. Maria Celestina Teixeira Mendes (Octávio Teixeira Mendes) Cap. - SP  
 50. Maria Geralda do Amaral Mello (Luiz Jardim) São Paulo - SP  
 51. Maria Helena Aguiar Corazza (Michel Qudist) Piracicaba - SP  
 52. Mariazinha Congilio (Vicente de Carvalho) Jundiá - SP  
 53. Mário Giannotti (Erothides de Campos) Piracicaba - SP  
 54. Mário Pires (Flávio de Carvalho) Campinas - SP  
 55. Marina Tricanico (Maria Inês Bianco Tricanico) São Paulo - SP  
 56. Mercedes Cruñes Rinaldi (José Mauro de Vasconcelos) Jundiá - SP  
 57. Milton Segurado (Murilo Mendes) Campinas - SP  
 58. Myria Machado Botelho (David Anthunes) Piracicaba - SP  
 " N "
59. Nair Barbosa (Cláudio Mendes Barbosa) Piracicaba - SP  
 60. Nélio Ferraz de Arruda (Antônio Pinto de Almeida Ferraz) Pirac. - SP  
 61. Nelson Barreiros (Olavo Bilac) Piracicaba - SP  
 62. Nice Aldrovandi (Paulo Bonfim) São Paulo - SP  
 63. Norlândio Meirelles de Almeida (Castro Alves) Guarulhos - SP  
 " O "
64. Octávio Pereira Leite (Humberto de Campos) S. João da Boa Vista - SP  
 65. Odette Coppos (Princesa Isabel) Itapira - SP  
 66. Oliveira Mello (Afonso Arinos) Patos de Minas - MG  
 " P "
67. Paulo Fraletti (Lindolfo Esteves) São Paulo - SP  
 68. Paulo Nogueira de Camargo (José de Alcântara Machado de Oliveira) Piracicaba - SP  
 69. Paulo Ribeiro (Ruy Barbosa) Tatuí - SP  
 " R "
70. Rubem Costa (Hildebrando Siqueira) Campinas - SP  
 71. Ruy Antônio Silva Costa (Rafael Pinto Bandeira) Jaquaraõ - RS  
 " S "
72. Salvador de Toledo Piza Júnior (Renato Kehl) Piracicaba - SP  
 73. Sylvio Ferraz de Arruda (Thales Caetano de Andrade) São Paulo - SP  
 " W "
74. Waldemar Iglésias Fernandes (Sylvio Romero) Sorocaba - SP  
 75. Waldírio Bulgarelli (Graciliano Ramos) São Paulo - SP  
 76. Walter Ramos Jardim (Guimarães Rosa) Piracicaba - SP  
 77. Wanda Carneiro (Raul Pompéia) Piracicaba - SP

# Conselho Federal de Cultura ajudou o Instituto Cultural do Cariri

Mediante dois convênios, que nos propiciaram a ajuda global de 30 mil cruzeiros, sendo 15 para reforma e instalação da séde e funcionamento da Biblioteca, e 15 para a presente edição de ITAYTERA, dedicada ao Centenário do Seminário S. José, ocorrido no ano p. passado, o CONSELHO FEDERAL DE CULTURA ajudou, de maneira categórica, a nossa instituição.

Os recursos foram integralmente aplicados, em obediência às normas legais vigentes, e deles já o ICC prestou contas.

Ao sair a lume a nossa revista oficial, queremos testemunhar ao C. F. C. o nosso profundo reconhecimento pela inestimável ajuda prestada, e a gratidão do povo do Crato, por essa colaboração.

Para documentar, e mesmo para conhecimento do nosso povo e dos leitores de ITAYTERA, eis os termos de um dos dois convênios firmados entre o ICC e o CFC.

Esperamos, no corrente ano, fazer novos convênios para dar andamento às meritórias atividades culturais de nossa instituição.

## Conselho Federal de Cultura

Térmo de Convênio que entre si celebram o Ministério de Educação e Cultura, através do Conselho Federal, e o Instituto Cultural do Cariri, para concessão de recursos provenientes da(o) projeto - atividade - 15090.8482472.014 Assistência Financeira a Entidades Culturais.

Aos vinte dias do mez de Junho de mil novecentos e setenta e cinco, na cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, através do Conselho Federal de Cultura, doravante denominado apenas de Conselho, devidamente representado pelo seu Presidente, Prof. Raymundo Moniz de Aragão, e de outro lado o Instituto Cultural do Cariri, com séde, á rua Doutor Miguel Lima Verde, na cidade de Crato, Estado do Ceará, doravante denominado simplesmente de Convente, representado pelo seu Presidente Dr. João Lindemberg de Aquino assinaram e teem entre si ajustado o presente convênio, que se regerá pelas cláusulas e condições seguintes:

**CLAUSULA PRIMEIRA** — O presente convênio tem por objetivo a reforma e adaptação do prédio situado na Praça Juarez Távora, em Crato, destinado a instalação da Biblioteca do Instituto.

**CLAUSULA SEGUNDA** — O Conselho entregará ao Convente a importância de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) a ser liberada de acordo com o cronograma de desembolso aprovado para o exercício financeiro, que deverá ser aplicado de acordo com o plano abaixo:

4.0.0.0 — Despesas de Capital

4.3.0.0 — Transferências de Capital

4.3.7.4 — Auxílio para Obras Cr\$ 15.000,00

CLAUSULA TERCEIRA — O conveniente não poderá aplicar os recursos diferentemente dos elementos de despesa constantes do Plano de Aplicação nem apropriar-se de um elemento que por sua natureza mereça classificação em outra categoria de despesa.

CLAUSULA QUARTA — Os recursos decorrentes deste Convênio deverão ser depositados em conta especial vinculada no Banco do Brasil S. A., onde conste, obrigatoriamente, após o nome do Conveniente a codificação e a denominação do(a) projeto atividade especificado(a) na Cláusula Segunda.

CLAUSULA QUINTA — O pagamento dos recursos a que se refere a Cláusula anterior só poderá ser efetuado após a publicação no DIÁRIO OFICIAL da União ou do Estado da Guanabara, do presente Convênio, obrigando-se o Conveniente a publicá-lo dentro do prazo previsto no § 3.º do Art. 25 do Decreto-Lei N.º 426 - 38.

CLAUSULA SEXTA — O Conveniente obriga-se:

1. Garantir pronta utilização dos recursos concedidos, em conformidade com o Plano de Aplicação aprovado pelo Conselho, em atendimento ao objeto do presente convênio.
2. Observar as normas:
  - A) de licitações para compras, obras, serviços e alienação constantes do Título XII do Decreto-Lei N.º 200, de 26 de Fevereiro de 1967 com alterações introduzidas pelos Decretos Ns. 900, de 29 de Setembro de 1969 e 991, de 21 de Outubro de 1969.
  - B) de classificação orçamentária prevista na Lei 4 - 320 - 64.
3. Uma vez cumprido o Plano de Aplicação, apresentar ao Conselho Relatório completo, em duas vias, com análises dos resultados obtidos e prestar contas dos recursos que lhe foram entregues através dos meios originais, obedecendo as normas que regulam a matéria e de acordo com as instruções distribuídas pelo Setor de Prestação de Contas do Conselho, no prazo de 180 dias após o recebimento do auxílio.
4. Cadastrar, através de registros próprios os bens patrimoniais, especialmente equipamentos adquiridos com recursos deste Convênio, não podendo ser doados, expedidos ou transferidos a terceiros nem de seu uso poderá obter lucros ou vantagens.
5. No caso de compra ou construção de imóvel adquirido por conta deste convênio, destiná-lo, exclusivamente, à manutenção de suas atividades específicas devendo comunicar ao Conselho a conclusão da obra ou obras, através de relatório contendo documentação fotográfica autenticada e prova de registro ou averbação passada por cartório competente.

**CLAUSULA SÉTIMA** — Fica o Conselho autorizado, em qualquer época, a fiscalizar in loco a aplicação destes recursos ou vistoriar a execução do programa de trabalho apresentado, devendo a entidade beneficiada prestar todos os esclarecimentos e informações que se tornem necessários.

**CLAUSULA OITAVA** — O presente convênio poderá ser rescindido, independentemente de interpelação judicial ou extrajudicial no caso de infração comprovada de qualquer das suas cláusulas, mediante aviso prévio de 30 (trinta) dias, sendo que o inadimplemento por parte da entidade, de qualquer dispositivo do mesmo implicará no seu disligamento da atividade e na inabilitação para firmar outro de natureza ou finalidade idêntica a este, até o integral cumprimento das obrigações aqui assumidas.

**CLAUSULA NONA** — No caso de rescisão do presente convênio, os saldos em dinheiro, depois de liquidados os débitos provenientes dos encargos assumidos, por força do mesmo, reverterão integralmente ao Conselho, para nova distribuição ou pertinente recolhimento ao Tesouro Nacional.

**CLAUSULA DÉCIMA** — O presente convênio tem validade de um ano, só podendo ser alterado no todo ou em parte qualquer cláusula mediante Termo Aditivo publicado no DIÁRIO OFICIAL da União ou no do Estado da Guanabara, dentro do prazo previsto no § 3º do Artigo 25 do Decreto-Lei N.º 426 - 38.

**CLAUSULA DÉCIMA PRIMEIRA** — Fica eleito o fóro desta capital para dirimir quaisquer dúvidas que se originarem deste convênio.

**CLAUSULA DÉCIMA SEGUNDA** — As despesas decorrentes deste convênio correrão por conta da dotação específica consignada no Orçamento Geral da União para o exercício corrente, sob a especificação abaixo:

1509.08482472.014 - Assistência Financeira a Entidades Culturais.

Empenho N.º 110 — Cr\$ 15.000,00.

**RESSALVA:** Fica esclarecido que as cláusulas do presente que mencionam a Cidade do Rio de Janeiro ou o Estado da Guanabara passam a referir-se à Cidade do Rio de Janeiro capital do Rio de Janeiro.

E por estarem acordes, lavrou-se o presente instrumento, que depois de lido e achado conforme, vai assinado pelas partes convenientes e pelas testemunhas.

RIO DE JANEIRO, 20 DE JUNHO DE 1975

Raymundo Moniz Aragão, Presidente do CFC

José Anchieta Nóbrega, pp. João Lindemberg de Aquino, Presidente.

Testemunhas:

1.º) José Guilherme Canedo de Magalhães

2.º) Maria Suelly Ribeiro Rey, pp Eunice Bitencourt Coelho.

Ref. Processo N.º CFC 132 - 75.

(Publicado no Diário Oficial da União, quinta feira, 26, Junho, 1975, pgs. 6699 e 6700).

# LOJAS AZTECA

---

●

CALÇADOS E CONFECÇÕES

●

ARTIGOS PARA PRESENTES E VIAGENS

●

RUA Dr. JOÃO PESSOA N.º 359

FONE: 599

CRATO

—x—

CEARA

# A Prostituta que queria subir ao Altar...

*Ao grande escritor, dr. José Alves de Figueiredo Filho ao qual devo inspiração para, com seus informes, escrever este conto. Aproveitarei a história do Cariri, à frente da sua obra "Cidade do Crato", interligando fatos de diferentes épocas para realizá-lo.*

Do livro "A marca dos passos...", a publicar.

Os "cerca-igrejas", cabras fanáticos da Serra de São Pedro não sabiam ler, mas as prédicas de um ministro protestante os reuniam aos domingos, para a iniciação de novos "crentes" e cerimônias normais do apostolado.

O homem era "bom mesmo na língua", o que fazia atrair o povoado para as prédicas religiosas, nos últimos tempos.

No começo êle pregava no deserto, pois os "cabras" tinham medo do Satanaz — como era chamado, pelos beatos, e dêle corriam léguas, estimulados pelo vigário do lugar.

As portas dos casebres eram cercadas quando o pastor Jerônimo Quintal se aproximava, bíblia na mão e montado num burrico bralhador.

Úrsula, mulher perdida, mas "bonita como todos os diabos", era uma espécie de sombra do missionário da igreja protestante. E foi a primeira criatura a acolhê-lo, abrindo-lhe as portas da hospitalidade.

Dizia-se até que o "danado" estava doido de amores pelos seus encantos, o que criava certa ciumada no meio do caboclar ao redor da chapada do Araripe.

Seja porque não havia diversões, seja pela atração que a cabrocha despertava, a verdade é que as prédicas do pastor reuniam o rebanho de novos crentes.

Como sempre as pregações iam di-

retamente ao mesmo assunto: "Isso de santos nos altares era uma ofensa, pois Deus não queria a sua imagem e semelhança nos nichos, mas o procedimento dos homens. E Maria Santíssima, como tôda mulher, não continuava virgem depois do parto, como queriam". E assim foi se criando um ambiente de hostilidade entre os adeptos das duas crenças, com ameaças de expulsão do intruso daquelas bandas.

\* \* \*

Pela primeira vez se realizavam eleições na Província, mas somente em dois colégios eleitorais, sendo o local preferido a igreja do Alto do Barro Vermelho, à entrada da cidade cratense.

"Corcundas" e "patriotas" formavam os dois partidos na liça, sendo que a vitória caberia a quem se apresentasse "mais forte" "pelo braço, pelo cacete e pelo fuzil".

A paixão religiosa, destarte, armava cada facção disputante no pleito de rancores, que acabariam em vias de fato.

De índole belicosa os descendentes do tuchaus Miranda, que deu, primitivamente, nome ao lugar, trocavam a enxada pelo bacamarte, substituídos, na peleja final, pela faca e o cacête de jucá, temperado pelo fogo, para torná-lo mais resistente.

Nos altiplanos da chapada os siti-

antes abandonavam os mandiocais dos córregos Batateira, Grangeiro e Carás, os canaviais opulentos, para ouvirem a palavra do pastor nas redondezas dos sítios São Bento, Paraíso e Lameiro: uns, seus contrários, para tirarem a comprovação dos insultos à Santa Madre Igreja, na antevéspera da desforra, outros para cimentarem, mais ainda, a crença na religião discordante.

Estava-se, também, na véspera da eleição.

— E para que serve “inleição”, sinhá dona Florentina? perguntava um dos curiosos à espôsa do chefe do “partido de cima”, naquelas terras onde o coronel Nelson era o manda-chuva respeitado.

E a matrona, antevendo as canseiras com o “de comer” p’ra tanta gente, respondia rapidamente. P’ra tentar! p’ra tentar! meu compadre.

— Ô compadre, de que paragem vosmecê é? — Da Paraíba, minha dona.

— E porque é que de lá vem tanta gente pra estas bandas?

— Minha patroa, é porque quando a gente tem lá um conto de réis compra logo um bacamarte.

— E lá existe também muito cachorro doido, como aqui?

— Sinhá dona, fui uma vez mordido por essa peste de animal. Um companheiro mandou que eu botasse a questão no Juiz. Mas eu só podia botar um letrado que não era doutor de lei. E o dono do animal, que era rico, ia logo arranjar dois doutores de verdade. Se brigasse na Lei acabavam dizendo que fui eu que mordi o bruto. E me decidi: matei o cachorro e fugi por êste mundo do Meu Deus, até chegar aqui. E estou ainda vivo porque com o facão de trabalho arranquei o pedaço da carne no lugar onde o bicho enterrou os dentes.

\* \* \*

Como ameaça, anunciando a refrega que vinha de perto, a cabroeira da Serra de São Pedro colocava à

porta de frente das casas de alguns maiores e da igreja do seu vigário Expedito Cansado um cacete temperado “pra bater e ver a queda”! Era o aviso costumeiro...

Enquanto isso, nas suas folgas, tocava o conjunto zabumba de couro, com os pífaros de taboca, instrumentos fabricados com o tronco de madeira ôca e peles de cabra e carneiro. Era o “cabaçal” tão festejado pelo povolêu.

Dona Florentina, aplaudindo os cabras, em tom fraternal, dizia que fazendo música elas faziam mais bem à gente do que se metendo em política”.

Perto, no “sítio Lagoa Encantada”, alguns dêles mais tímidos não gostavam de aproximar-se do lugarejo, pela tradição da lenda em voga, contada de boca em boca, e de que foi personagem o índio Cariri ao deixar, acossado pelo invasor branco, a região aqui da Chapada do Araripe.

Antigo dono daqueles chãos, algum dia voltaria para a vingança contra o usurpador: abria os mananciais por êle próprio tapados, na retirada, inundando a cidade e salvando apenas a imagem de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Crato.

\* \* \*

Maneco do Bombo, um dos crentes da igreja do pastor Jerônimo, assim contava a história: “No sítio da lagoa, em tempos idos, minha gente, em certa noite de luar o carreiro Totonho da Sinhá Quitela foi atravessar o brejo com o seu carro, sem se importar com o “sumidouro”. Êle “abojava” e o vento do canavial e o ranger do carretão faziam um som que lembrava a “música de couro” do Crato. Pareciam até o “baião pipoca” imitando o milho queimado e pipocando a valer, debaixo do fogo, ou a música do “maribondo” assanhando com o enxame e ferroadas a cara da gente. Parecia até bexiga — a doença da peste braba de que Deus Nosso Senhor li-

# ANTROPONÍMIA CARIRIENSE

(ALGUMAS CURIOSIDADES)

Estas ligeiras notas acerca da antroponímia cariariense ou sul-cearense me foram sugeridas pela leitura de "Português Divertido", da autoria de Abdias Lima, veterano em livros dessa natureza.

Autor de uma duas dezenas de obras, na maioria sobre questões do vernáculo, publicou ele, recentemente, pela Editora Henriqueta Galeno, de Fortaleza, o "Português Divertido", contendo "Centenas de questões resolvidas de português, 140 anedotas selecionadas e um resumo da nova acentuação ortográfica". De envolta com os problemas gramaticais, o apreciado escritor traz à tona, aqui, acolá, a origem ou o significado de nomes próprios de pessoas e a formação de prenomes, com partes de dois outros: Erlice —

vre a gente. Mas a "junta de boi" e o "carretão" afundaram no lamaçal do "sumidouro" e nunca mais se encontrou o rastro da passagem".

\* \* \*

Os fanáticos da Serra de São Pedro deram com o bacamarte o tiro anunciando. Avançar! Avançar!

Correria em todas as direções, mas o capitão-mor José Pereira Filgueiras, tão respeitado pela plebe, dominou a cabroeira.

Mais alguns dias o Manéco do Bombo e outros foram suplicar ao Senado da Câmara perdão para o atentado, situando a culpa na ignorância e nos feitiços da cabocla.

Ouvindo a palavra do vigário, para obter a absolvição, foram expulsar da Serra de São Pedro o pastor maldito com a sua companheira. Mas encontraram somente uma biblia à porta da vivenda...

Jerônimo, ao lado de Úrsula, fôra pregar noutra freguezia...

\* \* \*

Alguns dos "cerca-igrejas" não se

juntaram aos arrependidos: foram aprender a ler, para poderem pregar a palavra deformada da biblia. Enquanto o seu Dão Farinha, "aprendido em letras" e do partido contrário ao capitão-mor, passou a propagar a suposta palavra de Cristo, que não era a mesma ouvida, em contrição, pelas beatas nos púlpitos e confessionários.

\* \* \*

E apareceu, então, por aquelas bandas, o Cônego Antônio Manuel de Souza, vigário de Jardim, "espírito guerreiro, mas homem de fé e caridade", conhecido por "Benze-Cacete", que êste era por êle a arma abençoada com a água benta da sua sacristia, porém unicamente para os prêlios da Liberdade e Independência da Terra de Santa Cruz.

Nunca — publicava — para sagrar o "porrête" dos que desejavam colocar uma prostituta, em carne e osso, no altar de N. Senhora da Penha!

\* \* \*

...E foi assim que a geração dos "cerca-igrejas" se acabou...

de Ernesto e Alice, Silvanir — de Sílvio e Nair, etc. Trata, ademais, de nomes estapafúrdios, assumidos ao filólogo Mansur Guérios: Novela, Seleta, Dpala e outros e outros.

Finaliza o livro, com uma relação de "Nomes Estrambólicos Usados em Portugal e no Brasil": Carlos Eduardo Fogoso, Alexandre Língua, Antônio Veado Prematuro, Maria do Rego Largo, etc., etc.

Focando esse tema, não poucos são os trabalhos publicados, merecendo destaque, entre outros, o de Itamar Espíndola: "Escolha Bem o nome de seu Filho".

Ao ler a citada obra de Abdias Lima, veio-me, à mente a fecundidade do Cariri ou sul do Ceará, em nomes e sobrenomes curiosos ou mesmo exóticos.

Neste particular, nossa onomástica estaria a precisar de um estudo ou pesquisa de especialistas ou interessados no assunto.

Com efeito, o fenômeno não é, entre nós, apanágio da cidade de Várzea Alegre, por antomásia a "Terra dos Contrastes", onde pessoas têm nomes ou apelidos que já passaram ao domínio do folclore, através de anedotas, música de Luís Gonzaga, versos populares, etc.: Zé Peru, Mastruz, Fê, Zé Grande, Zé Pequeno, Agostinho Parafuso, Zé Mandinga, Zé de Mãe, Zé Menino, Chico Francisco, Mundinho do Sapo, Pedro do Sapo, Zé do Brejo, Zezinho das Gamelas... , sem falar na família Bilé.

Respinguemos, ao acaso, alguns exemplos.

Em Aurora existem: Boneca, filha de Antônio Torquato de Macêdo; Amor, irmã do Pe. José Gonçalves Ferreira e do monge beneditino D. Alberto Gonçalves Ferreira; Caçula, viúva de Zezinho Torquato, do Sítio Jitirana; Coração (D. Coração Bezerra), genitora do atual Prefeito de Aurora, Francisco Bezerra dos Santos; Bahia, esposa de Deco Amâncio. E mais: Rainha, Beleza, Pureza, Esperança... Há, aliás, naquele município, verdadeira dinastia de Esperanças, por causa de uma antiga Esperança, ancestral de grande e ilustre descendência. O nome vem repetindo-se através das sucessivas gerações.

Nestas plagas daqui, também, não é raro o forjamento de cognomes, utilizando-se parcelas de prenomes ou dos próprios sobrenomes. Destarte, se vão formando novas famílias: Carleial, Vileicar, Livônio, Silton...

Carleial — de José Bernardino CARvalho LEÍte e Antônia ALves CARvalho LEÍte.

Vileicar — de Antônio VITAL LEÍte e Aurora LEÍte de CARvalho.

Livônio — de ANTÔNIO Costa Sampaio e LIVIA Callou Sampaio.

Silton — de OTON da Cruz Luna e Francisca — SILvinha — Cidália de Luna.

Por outro lado, os apelidos ou nomes de intimidade, (nomes carinhosos, como se diz), são frequentes, conforme é por demais sabido. Mas há estirpe em que esse fato é mais sensível. Em Lavras da Mangabeira, por exemplo, a família da Fazenda Logradouro teve tendência acentuada para o uso de alcunhas com relação às mulheres. A predita família procede do segundo Capitão-Mor da Vila das Lavras, Francisco Xavier Ângelo, parai-bano, fixado no Logradouro, ainda no século XVIII.

Uma filha do Capitão-Mor, Ana Josefa da Conceição, com seu marido, o Capitão Manuel Rodrigues da Silva foram pais de quatro filhas: Isabel — Zabilinha, Jerônima — Gila, Senhorinha — Sinhã, Hermenegilda — Bembém.

Zabelinha, com o esposo, o Major João Carlos Augusto, — troncos dos Augustos —, geraram onze filhos, dos quais, oito do sexo feminino: Fideralina — Dindinha, Minervina — Vinta, Dulcéria — Pombinha, Raquel — Keké,

Amélia — Nen, Teolinda — Icó, Rita — Siadom e Floripes — Lura.

Filhas de Dindinha: Isabel — Sinhara, Joana — Joaninha, Vicência — Cencinha, Maria — Mariinha, Josefa — Zefinha.

Filhas de Vinta: Olindina — Dina e Isabel — Sinhá.

Filhas de Pombinha: Petronila — Mussurica, Joana — Joaninha, Viçência — Cencinha e Isabel — Mozinha. E assim por diante.

Mudemos para Gila, que teve três filhas: Ana — Nanu, Vicência Carolina — Badu e Mariana — Rola. E, desse modo, sucessivamente.

Se nos detivermos nos demais ramos genealógicos, é a mesma coisa. Vejamos. Outra filha do Capitão-Mor foi Manuela Francisca de São José que deixou três filhos varões e uma só mulher: Guilhermina Josefina, vulgo Lolô.

Filhas de Lolô: Joana — Dona, Vicência — Sinhara, Francisca — Chaga, Manuela — Carrola e Glória — Lolô.

Passemos às filhas de Dona: Maria — Marica, Ana — Sinane, Guilhermina — Lousinha, Vicência — Cencene, Júlia — Taminha, Brígida — Bibi. Se continuássemos, iríamos longe, bem longe.

Eminentes caririenses — senador, escritor, pró-reitor de universidade, sacerdote, brigadeiro, etc. — descendem de portadores de alcunhas jocosas: Toinho da Onça, Pedro Zé Anão, Antônio dos Cocos, Zé da Bestinha...

Como em toda parte, nesta região, a fim de que se possa identificar pessoas e distingui-las de homônimas, ajunta-se-lhes ao nome o do lugar onde residem: Maria das Dores do Retiro, Joca do Brejão, Totonha do Sanharó, Zé Vitorino das Lagoas, Zé Inácio do Barro, Joca da Gameleira, Chico Antônio da Ingazeira, Zé Costa do Mari, Totonho do Olho d'Água, Sinhara do Xiquexique do Banco, Maria do Barro Branco, Marica do Tipi, Nê do Pau d'Arco, Joaquim Tomar da Várzea Grande, Naninha dos Pereiros, Cabral da Catingueira, Raimunda da Varzinha.

Existem, em nosso meio, nomes completos que merecem atenção, como: Esperança Homem de Figueiredo, de destacada família caririense. Era a sogra de Antônio Landim de Macêdo, ex-Prefeito de Aurora. Em Várzea Alegre teve origem a linhagem dos Primos, com Antônio Correia Primo, (primo de seu homônimo Antônio Correia Lima). Os descendentes do Velho Antônio Primo ficaram usando "Primo" como sobrenome. Um deles foi Vicente Primo de Morais. Meu sogro, sobrinho deste último, foi registrado como Vicente Primo Sobrinho. Velho vezo, aliás. Uma neta do famigerado Antônio Joaquim de Santana, de Missão Velha, Maria Joaquina de Santana, casou-se com João Correia Sampaio Xixi. A Dra. Gesilda Macêdo, dos Macêdos de Aurora, contraiu núpcias com Firton de Barriga Achá. Em Lavras da Mangabeira, Crecílio Leandro Tavares deu a uma das filhas o nome de Maria Veramon Tavares ora mudado para Maria Vera. Na estirpe dos Cruz da Santa Tereza, município de Missão Velha, existe Maria Eterna Cruz.

Eu, que me dedico à pesquisa genealógica, tenho encontrado, em ascendências caririenses, nomes que me despertam a curiosidade, quais estes: Felicidade Perpétua dos Prazeres e Cândida Rosa de Campos Belo.

Há, outrossim, os que gostam de criar sobrenome, prescindindo dos cognomes paterno e materno. Só um exemplo, para terminar. Aloísio Barreto Peixoto, funcionário do Colégio Agrícola do Crato, consorciado, em Lavras da Mangabeira, com Mariete Leite de Araújo, registra os filhos com o cognome Solos do Mar: Josabete Solos do Mar, Aristides Rubens Solos do Mar...

Pelo visto, talvez tenha ou não razão, quando afirmo estar a antropônimo desta região a merecer estudo especial.

# Itaytera

Tão sugestivo nome é de uma revista anual que se publica na cidade do Crato, órgão do Instituto Cultural do Cariri, um volume de 200 páginas, material e intelectualmente em nível igual ao de outras, no País, oriundas de instituições congêneres.

Em seis anos de existência, "Itaytera" vem coordenando e divulgando o que tem sido o espírito de iniciativa, a cooperação, o esforço e tenacidade de um punhado de homens de letras, quais os que fundaram e dirigem aquele Instituto, autêntico reflexo de tradição e cultura da grande cidade nordestina, desde o berço empenhada no processo de formação social e política do País, integrada, como está, no coração do Nordeste, conservando, como relíquia histórica, a mesa do tribunal que condenou à morte Pinto Madeira, um dos cabeças da guerra civil de 1831, de cujos embates sangrentos ainda me recordo de ter visto, em 1902, como relíquia fúnebre, à margem da estrada entre Crato e Barbalha, grande número de cruzes em campo raso.

O presente número abre com um eloquente discurso do presidente do Instituto, escritor José Alves de Figueiredo Filho, sôbre o que tem sido a instituição que dirige com excepcional carinho e denôdo, destacando-se entre outras iniciativas levadas a bom têrmo, a realização, na cidade de Crato, entre os dias 13 a 15 de janeiro do corrente ano, de um congresso de jornalistas da capital e do interior do Ceará, a que compareceram cêrca de 70 representantes da classe. Nesse discurso, o presidente aproveitou a oportunidade de lançar a última pá de terra sôbre um movimento separatista que visava tornar o

JOAQUIM PIMENTA

vale do Cariri, com outros municípios circunvizinhos, em um novo Estado da Federação; movimento que teria de abortar, como fracassou, de tão fantástico e absurdo.

"Em nosso meio, é preciso que se frise bem, não há idéia de separatismo. Há apenas regionalismo construtor que trabalha intransigentemente pelo engrandecimento da terra cearense e do todo nacional. O Cariri, com suas lutas épicas da independência e seus mananciais a jorrem do Araripe, é tão visceralmente do Ceará, quanto Fortaleza, com a epopéia da libertação dos escravos e seu impressionante progresso. Sente-se irmanado com Sobral que soube realizar o milagre de implantar civilização requintada em plena caatinga, requeimada pelo sol do Nordeste. E Iguatu que se industrializa de dia para dia. E Inhamuns que ainda conserva as virtudes do cearense criador ou essa Serra Grande, viveiro perene de inteligências. Tudo isso forma um Ceará indivisível, que se orgulha de ser o mais brasileiro dos Estados".

"Itaytera", revista do Instituto Cultural do Cariri, não difere, em orientação, de outras congêneres, com a do tradicionalíssimo Instituto do Ceará, sempre preocupada em pesquisas históricas, a buscar, em cada recanto da terra amada, documentos ou vestígios de como as nossas brancas praias e os nossos sertões adustos se abriram à colonização lusa, desde a ponta do Mucuripe à serra da Ibiapaba. "Itaytera" não investiga menos a origem remota do grande vale a que se deu o nome de Canaan do Nordeste, desde as gerações aborígenes, embaladas pelo suave marulhar dos seus mananciais de água cristalina, aos primeiros homens de trabuco que ali foram implantar o seu domínio. Como Fortaleza, Sobral e outras cidades do Ceará, talvez não tenha o Crato uma rua, uma praça, um

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO DESAPARECENDO NO CRATO**

Um verdadeiro patrimônio histórico em CRATO está desaparecendo, sendo devorado pelas traças, pela poeira e pelo abandono: são centenas de livros e documentos, antigos livros da Câmara do Crato, do tempo do Império, atos da Guarda Nacional e documentos de nossa história cívica, política e religiosa.

Tudo isso se encontra no Almojarifado da Prefeitura, na Rua José Carvalho, espalhando-se em velhas estantes e sobre mesas, em desordem, pelo chão e em mistura completa.

Apenas um velho servidor — o ex-Vereador Saturnino Candêia, cuida do setor, mas sua ocupação se prende ao controle de almojarifado, peças e material elétrico, placas, madeira, etc. — de propriedade da Prefeitura.

O outro material a que nos referimos, história viva do Crato, o que de mais precioso temos, em patrimônio histórico, está se perdendo, se estragando, se danificando, sem que providência nenhuma seja tomada pelas autoridades municipais.

O Instituto Cultural do Cariri, que tem por finalidade a guarda e a preservação de nossa documentação histórica, sua divulgação e catalogação e ordenação, tem apelado para a Prefeitura Municipal, para mandar colecionar e arquivar tudo aquilo, em estantes condignas. Um povo que despreza as suas tradições, seus documentos, seu passado histórico, é um povo fadado a não ter História.

O ideal seria a criação, pelo Departamento de Cultura do Município, do ARQUIVO PÚBLICO DO CRATO, onde toda aquela documentação fosse cuidadosamente catalogada e arquivada, para consulta, pelos historiadores do presente e do futuro.

O Crato está muito descuidado de preservação dessa riqueza histórica, que ali, no almojarifado, pelo chão e em desordem completa sobre estantes e mesas velhas, reflete abandono de causar dó e clama aos céus.

A criação do ARQUIVO PÚBLICO se impõe como primeira medida, sendo essa a Repartição que cuidaria de guarda e preservação dos valores históricos do Município, com recursos próprios para sua manutenção e zelo.

*J. Lindemberg de AQUINO — "Correio do Ceará", 30 - 09 - 1975*

templo, sem um cronista à procura de saber do primeiro monte de tijolos que entrou na sua construção e destino. A exemplo da revista do Instituto do Ceará, nela é perene o culto do passado, através de feitos memoráveis e dos personagens que os dramatizaram no teatro da História. Mas não é um culto frio, lúgubre e sem éco, como o silêncio das catacumbas; êle está vinculado, como depósito de experiência e de ensinamentos, à visão contemporânea da vida que continua a ser vivida com os mesmos problemas humanos, com o mesmo cenário de revezes que não

terminam; misto de sofrimento e heroísmo, que assinala o Ceará com o fatal estigma de "Ferreiro da Maldição".

Assim, de tudo que possa interessar ao progresso social, sob qualquer dos seus aspectos, não só na zona do Cariri, como em todo Estado e no País, há sempre estudos de pesquisa, de observação, de análise, que atestam o desempenho e proficiência dos que se dedicam a tais estudos. Revista *regionalista* de origem, mas *universalista* como patrimônio e veículo de cultura.

(Rio — 1960).

# F. C. PIERRE & FILHOS

COLCHÕES DE MOLA

RÁDIOS — REFRIGERADORES

MÁQUINAS DE COSTURA

MÓVEIS E

ELETRODOMÉSTICOS EM GERAL

C. G. C. 07.171.986/001 — C. G. F. 06.217.242-5

RUA SANTOS DUMONT. 60

TELEFONE: 232

CRATO

—x—

CEARA

# CRATO ANTIGO

ESPECIAL PARA "ITAYTERA"

- 1 — Eu senti hoje saudade  
Da minha terra querida  
Aonde fiz amizade  
Onde vivi minha vida  
Saudade da minha rua  
Saudade da sua lua  
Saudade de tudo enfim  
Saudade do clima quente  
Saudade daquela gente  
Que já faz parte de mim.
- 2 — Senti saudade do Crato  
Da cidade onde nasci  
Lugar feliz e pacato  
Coração do Cariri  
Senti saudade das feiras  
Da rua das Laranjeiras  
De sua água gostosa  
Que minha sede não mata  
Da rua do Rabo da Gata  
Também da rua Formosa
- 3 — Eu recordo calmamente  
Enquanto o verso rabisco  
Da capelinha da gente  
Do meu Santo São Francisco  
Onde aos domingos eu ia  
Com muita fé e alegria  
Onde com gosto rezava  
Pedindo felicidade  
Eu até sinto saudade  
Daquela esmola que dava.
- 4 — Esta saudade não cala  
Conversa com a minha dor  
Recordo a rua da Vala  
Ladeira do "matador"  
E no tempo de menino  
O açude de "Seu Lino"  
Onde ia a meninada  
Saudade "Deste tamanho"  
Saudade também do banho  
Lá do Poço da Escada.
- 5 — Saudade do Crato amigo  
De um tempo que não mais vem  
Saudade do Crato antigo  
Que ainda hoje quero bem  
Daquele Crato pequeno  
Saudade do "Mais ou Meno"  
Onde bebia Cachaça  
Saudade de Joaquim Preto  
Que vigiava o coreto  
Localizado na Praça.
- 6 — Do êbrio Zé das Canetas  
Cantando pelas serestas  
Saudade mil das retrêtas  
Que para mim eram festas  
Que tempo fenomenal  
Da banda municipal  
Perfilada e harmoniosa  
Que há tempos foi batisada  
E ainda hoje chamada  
Como "Banda Furiosa".
- 7 — Que tempo bom do passado  
Daquele Crato risonho  
Do meu Crato sem pecado  
Tudo era amor, era sonho  
Daquele Crato feliz  
Que no quadro da Matriz  
A gente ouvia sermão  
Ai como eu sinto saudade  
Daquê tempo em que o frade  
Ganhava mais atenção.
- 8 — Saudade da luz escura  
Do poste feito de trilho  
Da feira da rapadura  
Das velhas vendendo milho  
Do "papagaio" da "ráia"  
Do carro de Pedro Maia  
Das moedas de "deréis"  
Dos dramas lá do Cassino  
Quando eu era menino  
E xingava "Seu Moisés".

- 9 — Saudade do futebol  
Sem ajuda e bem precário  
Do tempo do "Peñarol"  
No campo do Seminário  
Que a gente com jogo e briga  
Bola feita de bexiga  
Fazia time excelente  
Não tinha juiz nem mestre  
Na "vazante dos Silvestres"  
Fazia o campo da gente.
- 10 — O brilhar dos pirilampus  
Sentindo as noites escuras  
Na Praça Siqueira Campos  
Faziam luz com ternuras  
Que prazer a gente tinha  
Nas voltas lá na pracinha  
Todo o passado restauro  
Da mijada escondida  
Quando vinha da avenida  
No bêco do Padre Lauro.
- 11 — A Festa da Padroeira  
Que calor de animação  
O levantar da Bandeira  
O concorrido leilão  
Oh! quanto sinto saudade  
Daquela rivalidade  
No meio das brincadeiras  
Tudo tinha mais valor  
Eu até toquei tambôr  
No bloco das "enfermeiras".
- 12 — E meditando hoje fico  
Relembrando com emoção  
Bar Central de Zé Eurico  
Ponto de reunião  
Café, merenda e bilhar  
Onde ficava a esperar  
Muita gente como o quê  
Para ouvir, num dia tal  
No rádio do Bar Central  
Noticias da B. B. C.
- 13 — E continuo a lembrar  
As coisas que muito amei  
O velho Grupo Escolar  
Onde primeiro estudei  
Dona Áurea, impertinente  
Brigava muito com a gente  
Apesar de zeladôra  
Gostava de Dona Cila  
Mas temia Dona Lila  
A mais dura Diretôra.
- 14 — E tudo vem de mansinho  
Para escrever no papel  
Sanfoneiro Zé Neguim  
Lá no Café de Izabel  
Mestre Nêco, fogueteiro  
No Cariri o primeiro  
No meu tempo de menino  
Como eu achava isso bom  
Tempo em que Cleto Milfont  
Discursava no Cassino.
- 15 — A relembrar me demoro  
A minha terra natal  
Recordo "Seu Deodoro"  
Festas do Bar Ideal  
Onde aprendi a dançar  
Onde tentava fumar  
Me engasgando a fumaça  
Bebendo cerveja quente  
Onde provei aguardente  
Onde dançava de graça.
- 16 — Com a lembrança já fraca  
Tento encurtar a distância  
Relembro o Fundo da Maca  
Onde vivi minha infância  
Tinha lá, no quarteirão  
A uzina de algodão  
Tomando a rua, o formato,  
Fundo da Maca, divina,  
Donde o apito da Uzina  
Marcava as horas do Crato.
- 17 — A ponte de Batateira  
A ladeira da Matança  
Motivo de brincadeira  
No meu tempo de criança  
Relembro as ruas de outrora  
Com outros nomes agora  
(Não sei porque esta falha)  
Rua da Cruz, na estrada  
Rua da Pedra Lavrada  
Rua do Fôgo e da Palha
- 18 — Vou me lembrando de tudo  
Do meu tempo de menino  
"Estêvo", "Mané Buchudo",  
"Gato", "Polícia" e "Josino"  
Todos gostavam do "gole"  
"Chico da Luz", "Mané Mole"  
O bloco dos "Deodato".  
Tinham repentes com graça  
Quando bebiam cachaça  
Pelas bodegas do Crato.

# Museu de Arte do Crato

Idealizado e organizado pelo artista plástico R. Pedrosa, o Museu do Crato — Vicente Leite — concentra grande quantidade de esculturas e pinturas de artistas famosos que não se encontram nem mesmo em Fortaleza. Dirigida por Carlos Borromeu, a pinacoteca reúne obras de Pedro Américo, Bernardelli e Farne de Amoedo entre outros nomes internacionalmente famosos. É uma coleção de valor inestimável, uma das mais ricas do Brasil. A maior parte dos trabalhos foi doado por Sinhá D'Amora e R. Pedrosa. Lá encontramos peças com quase duas centenas de anos, representando usos e costumes de um povo. Uma das mais raras é uma aquarela de J. Reis de Carvalho mostrando uma vista panorâmica do Crato, em 1865. Conta, ainda, com quadros de Armínio Pascoal, Hilda Campfiorito e Sansão Pereira, para citar apenas alguns artistas laureados. O Museu se compõe de três salas e uma Galeria, sendo que esta última denomina-se Celita Vaccani expondo nada menos de oito esculturas dessa grande artista que é catedrática de modelagem na Escola Nacional de Belas Artes e autora de vários monumentos em todo o Brasil. A não menos célebre Sinhá D'Amora, Medalha de Prata no Salão de Belas Artes e Medalha de Ouro no Salão de Abril, também figura em Sala Especial com vinte e dois óleos, sendo dois deles premiados em Salões Oficiais. Para se ter uma idéia da grandeza da coleção, só mesmo visitando o Museu. É uma viagem fascinante ao mundo das artes. Essa verdadeira casa de cultura, resultou do trabalho de um jovem pintor que sonhava demais e queria ver sua terra como repositório de arte e beleza. Do seu esforço, de sua dedicação e luta aliada à sua candente fantasia, surgiu a esplêndida realidade que é o Museu de Arte do Crato, algo de magnífico e grandioso que deve ser admirado por todos nós. (R. Pinto). O POVO 13.9.75.

19 — Oh! como sinto saudade  
Daquêlê Crato atrasado  
Cheio de felicidade  
De Cabaçal e Reizado  
Me lembro quando à tardinha  
Eu ia olhar a Lapinha  
Que tinha lá no Pimenta  
Jesus, a mula e o boi  
E a arte de Dona Enói  
Que o Crato ainda comenta.

20 — Também ficou na história  
Os testes de sabatina  
A trôco de palmatória  
Batendo em muita mão fina  
E muita gente aprendeu  
E nunca mais esqueceu  
O A. B. C. do passado  
Dona Vicência Garrido  
Deixou o Crato instruído  
Naquêlê tempo atrasado.

21 — Bolo de Dona Maroca  
Brincadeiras do "Chicão"  
O "figo" com tapioca  
Lá da Praça da Estação  
"Seu Hormínio" do cinema  
As comidas de Canena  
Servindo café amargo  
Gonzaga de Melo e o xote  
Senen tocando serrote  
E os bonecos de "Seu Argo".

22 — De tantas coisas me lembro  
E a tudo dou importância  
E com saudade relembro  
Tudo que ví na infância  
Essas belezas do Crato  
Que com saudade retrato  
Não me saem da memória  
E êste peito bem meu  
É um verdadeiro museu  
Do que ficou na história.

# Dicionário Quadrado

(1001 DEFINIÇÕES EM TROVAS)

## FELICIDADE

*O dinheiro compra tudo,  
exceto a felicidade.  
Mas, convenhamos contudo,  
Que ajuda barbaridade!*

## FELICIDADE

*O que era a felicidade  
jamais suspeitei, jamais!  
— Até o dia em que casei...  
Mas era tarde de mais!*

## FERRO

*Como disse o conferente  
após ter se contundido:  
"— Pois é: Quem confere ferro,  
com ferro será ferido!"*

## FILATELISTAS

*Filatelistas — senhores  
que nada fazem de mal,  
sendo os colecionadores  
do cuspe internacional.*

## FIM

*Os mundos terminarão,  
as escrituras declaram.  
— Preocupa-me o que farão  
os aviões que decolaram.*

## FLÊRTE

*O flêrte é assim como aquele  
bebedouro popular:  
Todo mundo bebe dele  
mas ninguém o vai levar...*

## FLÊRTE

*"Aquela morena, ué,  
olhava tanto pra mim,  
agora parou..." "pois é,  
mas minha mulher é assim!"*

## FLEUGMÁTICO

*Um exemplo de fleugmático  
é o sujeito que tem onde,  
no paletó ou na carteira,  
guardar passagens de bonde...*

## FÔRÇA

*O homem nunca é tão fraco,  
nunca perde tanto o norte  
que no instante em que lhe diz  
a mulher: "Mas como és forte!"*

## FORMIGA

*Se a formiga é atarefada  
de fato, quero que explique  
então como é que a danada  
nunca falta a um piquenique?*

## FREJE-MOSCA

*Encontro um rato boiando  
na sopa que vou comer.  
"Não grite", avisa o garçon,  
"senão todos vão querer..."*

## FRTZ KREISLER

*"Prá tocar como o senhor  
eu dava a vida inteirinha"  
Dizia a moça a Fritz Kreisler.  
E Kreisler: "Pois dei a minha!"*

## FUMAR

*Deixar de fumar é coisa  
tão fácil... Não tem requinte!  
Eu já deixei de fumar  
quantas vezes?... Mais de vinte!*

## FUTURO

*O futuro é uma barquinha  
de esperança luzidia  
cujas velas se dilatam  
ao vento da fantasia.*

## G

*Um grande bajulador!  
— Demagogo, dava um bom!  
Conforme a vogal (ou côr  
política), muda o som...*

## GALINHA

*A galinha é nada menos  
que a maneira de alguns ovos  
se transformarem serenos  
em outros ovos mais novos...*

## GARÇON

Garçon é um sujeito com idéias estranhas. Veja!  
— Dinheiro, diz o garçon, é coisa que dá em bandeja.

## GARÇON

"Garçon, me diz por fineza, chove lá fora?... É favor!"  
"Desculpe, mas sua mesa não está no meu setor!"

## GATO

O meu gato é inteligente, qualquer dia cola gráu!  
Sabe até dizer meu nome, o meu gatinho Miau!

## GLÓRIA

A glória é uma cortezã muito caprichosa e bela.  
Às vezes, dá-se de graça a quem não pensava nela!

## GIRAFÁ

"Mãe, a girafa tem nenê?" "Mas claro, filhinha!"  
"Ué, pensei que pudesse ter apenas girafinhas!"

## GOLFE

É uma esferazinha sôbre a imensa esfera terrena.  
O jôgo é brandir um taco batendo só na pequena.

## GÔSTO DE PECADO

A moça gorda comeu com gôsto o bombom recheado, porque nêle percebeu a negtura do pecado!

## GORJETA

"Que gorjeta enorme dás à moça da portaria!"  
"Mas vale! Vê com que belo casaco ela me premia!"

## GRAFOLOGIA

Segundo a grafologia, para a gente apresentar na letra grande energia, melhor datilografar!

## GRANDE

"E o que pretendes fazer quando estiveres, meu caro, grande assim como a mãe?"  
É o pequeno: "Dieta, é claro!"

## GRANDES

"Quais foram os grandes homens nascidos aqui?" Se a minha memória não falha, aqui só se nasce criancinha!"

## GRANDE HOTEL

Mas, sem dúvida nenhuma, O Grande Hotel desaponta!  
Não é grande cousa alguma, a não ser mesmo na conta!

## GRIPE

Para a pessoa gripada, sempre receito aguardente.  
Pode falhar, sim, mas nada falha tão gostosamente!

## GUARDA

O guarda: "Rapaz, então vai beijá-la aqui, não é, em pleno parque?" "Eu... eu não..."  
"Segura, pois, meu boné!"

## GUARDA CHUVA

O guarda-chuva me serve bastante, é fato, mas isso jamais se compara ao tempo em que estou a seu serviço!

## H

Vive sempre tão calado...  
Que mistério o cercará?  
Só se ouve em gargalhada...  
— Deve ser maluco, o "H"!

## HENRIQUE IV

*Perguntou Henrique IV  
certa vez a uma beldade:  
"Por onde se entra em seu quarto?"  
"Pela Igreja, majestade!"*

## HERMÉTICO

*Um hermético é êsse poeta  
cujo livro, geralmente,  
virgem de leitor, está  
fechado... herméticamente...*

## HOLLYWOOD

*Em Hollywood, a uma artista  
jamais será permitido  
em duas festas ser vista  
usando o mesmo marido!*

## HONRADEZ

*Honradez — moléstia grave,  
fatalmente perigosa,  
que — louvado seja Deus! —  
não é nada contagiosa!*

## HOTEL

*"Eu quero um quarto e um banho"  
É o hoteleiro, com linha:  
"O quarto lhe dou. O banho  
terá que tomar sózinha!"*

## HUMANIDADE

*É esta imensa caravana,  
desesperada, sem norte,  
travando a batalha insana  
de, a salvo, atingir a morte!*

## I

*É um tracinho e uma bolota,  
é letra magra demais!  
Se não fala, ninguém nota  
o soprano das vogais!*

## IDEAL

*Ficar só — que maravilha!  
a sonhar, pensar e lêr...  
— Mas sucede na família  
o costume de comer!*

## INGLÊS

*Você quer ver um inglês  
passar velhice feliz?  
É só contar-lhe de vez  
piadas quando petiz!*

## INGENUIDADE

*Aquele agente postal  
era ingênuo: Um serafim!  
Se alguém lhe dava um pacote,  
se alegrava: "É para mim?"*

## INIMIGO

*A melhor maneira para  
desfazer-se do inimigo,  
a mais segura, a mais clara,  
é fazer dêle um amigo!*

## J

*É o símbolo do descanso:  
Cachimbo no fim do dia,  
anzol no fim da semana,  
um Juca indo à pescaria.*

## JANTAR

*Um bem servido jantar  
causa bem maior apêgo  
do marido ao caro lar  
que a mulher falando grego.*

## JANTARES

*Os jantares oficiais  
são bem caracterizados  
por dois grupos principais:  
Oradores e chateados.*

## JORNALISTA

*Jornalista respeitado  
é o que ganha um dinheirão  
para escrever seus artigos,  
e muito mais para não!*

## JURADOS

*Jurados: Doze indivíduos  
que vão, após um bocado  
de perorações, julgar  
qual o melhor advogado!*

## JUSTIÇA

*Em Esparta, castigavam  
a quem roubar não sabia  
com esperteza... Ora bolas!  
É a mesma cousa hoje em dia!*

## JUSTO

*A chuva cai sobre todos,  
mas cai menos sobre o injusto  
que na certa estará usando  
o guarda-chuva do justo!*

## K

*Letra estranha, solitária.  
Em português, não faz néxo.  
De tão só no Dicionário,  
deve ter até complexo.*

## L

*A bota, o ângulo reto,  
a esquina, a calha virada,  
o esquadro de carpinteiro,  
o livro aberto uma enxada.*

## LAR

*Um homem pode montar  
a casa como quiser,  
mas pare fazer um lar,  
é necessária a mulher!*

## LEMBRANÇA

*Se vejo criança bela  
lembro logo da filhinha.  
Mas... vejo mulher bonita  
e... pronto! Esqueci da minha!*

Rua Ricardo Pinto, 67, apt. 1 — SANTOS — Est. de São Paulo — Brasil

## LIBERDADE

*A liberdade é tão boa,  
que a humanidade está cheia  
de inteligentes pessoas  
quendo mandar na alheia...*

## LINGUAS

*Disse o professor de Inglês:  
"Até que este ano acabe,  
iremos falar só inglês,  
pois portugueses nós já sabe!"*

## LIQUIDAÇÃO

*Ninguém possui elefante...  
Mas vou dizer a razão:  
Nunca se viu elefante  
vendido em liquidação!*

## LIVROS DE POESIA

*Publicá-los é jogar  
pétalas no Gran Canon  
do Colorado, e ficar  
esperando pelo som...*

## LIXO

*Eu trabalhava contente  
onde o lixo é coletado.  
Mas um dia, infelizmente,  
fiquei bom do resfriado...*

## LOÇÃO

*O barbeiro garantiu  
que o cabelo, com aquilo,  
nascia pesado e forte,  
Um fio nasceu. Tinha um quilo!*

## INAUGURADO O BUSTO DE SIQUEIRA CAMPOS

Em solenidade realizada a 31 de Agosto último, na Praça Siqueira Campos, presente 51 representantes da família, o Lions Club Crato-Siqueira Campos, a Prefeitura Municipal do Crato e a comunidade do Crato entregaram à cidade o busto de Manuel Siqueira Campos, patrono da praça, e grande bemfeitor da cidade. Os filhos Ezequiel, Nair e Carmelita descerraram o pano que encobria o busto. Falaram na oportunidade, José Erlânio de Alencar, em nome do Crato, Ezequiel Siqueira Campos, filho do homenageado, e Míria, bisneta de Siqueira Campos, em nome da nova geração. O Lions, em seguir, ofereceu um banquete aos familiares, na oportunidade em que Ezequiel Siqueira Campos foi empossado como sócio-honorário da instituição. Saudou-o o Sr. José Adolfo de Oliveira.

O I. C. C. se fez presente a ambas as solenidades.

# Lojão Popular

Material Esportivo

Artigos de Viagem

Crediário Sensação

Gostou... Levou...

R. Senador Pompeu, 287

Crato — Ceará

# DOIS PARTICIPANTES DO SIMPÓSIO

DENTRO DAS COMEMORAÇÕES DO 1º CENTENÁRIO DO SEMINÁRIO S. JOSÉ, FOI REALIZADO EM CRATO, COM BRILHO INVULGAR, DE 8 A 11 DE JUNHO DE 1975, O SIMPÓSIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO. DENTRE OS SEUS PARTICIPANTES E CONFERENCISTAS, DOIS NOMES DE EXPRESSÃO E DE VALOR DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI: Dr. JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA E MONSENHOR RUBENS GONDIM LÓSSIO. EIS O CURRÍCULO DE CADA UM, DISTRIBUIDO ENTRE OS SIMPOSIAS:

## José Newton Alves de Sousa

### CURRICULUM VITAE

#### 1. DADOS PESSOAIS:

- a) Nome completo: JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA
- b) Filiação: Jorge Lucas de Sousa / Isabel Alves de Sousa
- c) Naturalidade: Crato, Ceará
- d) Data de Nascimento: 05 de junho de 1922
- e) Estado civil: casado
- f) Registro Geral: Cédula de Identidade N.º 158563
- g) Título de eleitor: N.º 57381, Zona: primeira; Secção 133 — Salvador - Ba.
- h) Carteira Profissional: N.º 07267
- i) Documento militar: Certificado de reservista de 2a cat. N.º 142565.
- j) C. P. F.: N.º 006308023
- k) Endereço profissional: Praça 2 de Julho (Campo Grande), N.º 7.
- l) Endereço particular: Rua Cláudio Manoel da Costa, N.º 9, Apto. 12 Canela — Salvador - Ba.

#### 2. TÍTULOS ACADÊMICOS:

- a) Bacharel em Ciências Sociais, pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, em 1945 (turma fundadora)
- b) Licenciado em Ciências Sociais, pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, em 1946 (turma fundadora)
- c) Certificados:
  - . Curso sobre Introdução ao Método Histórico-Crítico — Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, 1944
  - . Curso sobre Filosofia Social — Faculdade Católica de Filosofia da Bahia, 1957
  - . Curso sobre Introdução ao Estudo da Geografia em Grau Superior — Faculdade de Filosofia do Crato, 1962
  - . Participante do Ciclo de Estudo sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento, realizado pela ADESG, em 1973 — Salvador - Ba.

### 3. ATIVIDADES CIENTÍFICAS, TÉCNICAS, LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS:

#### 3.1. Trabalhos publicados:

- a) "A Professora Primária" — Crato - Ceará, 1963. b) "Função Cultural das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras" — Crato Ceará. c) "Por uma Cultura Organicamente Universitária - Crato Ceará, 1965. d) "As Faculdades de Educação no Contexto Universitário" — Crato - Ceará, 1968. e) "Cariri, Nordeste e Universidade" — Crato - Ceará, 1970. f) "Dimensão Antropológica da Universidade" — Salvador - Ba, 1971. g) "O Padre Antônio Gomes e a Pesquisa Histórica no Cariri" — Crato - Ceará, 1971. h) "Alguns Aspectos da Poesia de Antônio Gedeão" — Crato - Ceará, 1969. i) "Contribuição do Cariri Cearense à Historiografia do Nordeste" — Crato - Ceará, 1971. j) "Álvaro Bomilcar" — Crato - Ceará, 1968. k) "Abrindo o Seminário sobre as Fontes da História do Crato" — Crato - Ceará, 1972. l) "Universidade em Foco — Seu Compromisso com a Realidade Brasileira" — Salvador Ba, 1972. m) "Interiorização da Universidade" — Salvador - Ba, 1973. n) "Aspecto da Compreensão e da Extensão de Estudo de Problemas Brasileiros" — Salvador - Ba, 1973. o) "O Magistério e a Consciência Nacional" — Salvador - Ba, 1973. p) "Páginas de Educação e Civismo" — Salvador - Ba, 1973. q) "O Homem e Alguns Homens" — Fortaleza - Ceará, 1974. r) "Duas notas sobre Universidade" — Salvador - Ba, 1974.

#### 3.2. Trabalhos Apresentados em Congressos:

- a) "O Padre Antônio Gomes de Araújo e a Pesquisa no Cariri" Faculdade de Filosofia do Crato, 1970. b) "Contribuição do Cariri Cearense à Historiografia do Nordeste" — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba, 1971.

#### 3.3. Trabalhos a Publicar:

- a) "Perspectivas Cristãs da Universidade". b) "Mestres das Ciências Sociais na Bahia" — (Thales de Azevedo). c) "Temas de Religião e Cultura". d) "Universidade — Modos & Metas".

### 4. ATIVIDADES DE MAGISTÉRIO:

#### 4.1. Qualificações:

- a) Certificado, de caráter definitivo, como Professor de Português e Francês no segundo Ciclo (MEC). b) Certificado de caráter definitivo, como Professor de História do Brasil no primeiro Ciclo (MEC). c) Registro definitivo de Professor de Português, Francês e Elementos de Economia, da Diretoria do Ensino Comercial (MEC). d) Registro definitivo do MEC, para Filosofia, História Geral e História do Brasil. e) Ex-Titular de História das Idéias Políticas e Sociais da Faculdade de Filosofia do Crato. f) Ex-Titular de Sociologia Geral e Educacional, da Faculdade de Filosofia do Crato. g) Ex-Titular de Fundamentos Sociais da Economia, da Faculdade de Ciências Econômicas do Crato.

## 4.2. Ensino e Pesquisa em Grau Superior:

### 4.2.1. Atuais:

a) Professor Assistente do Departamento de Estudos de Problemas Brasileiros, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, desde 1973. b) Professor Conferencista do Curso de Estudo de Problemas Brasileiros, do Ciclo Profissionalizante da Universidade Católica do Salvador, tendo feito, em duas etapas a abertura desse Curso, em 1972. c) Professor do Curso para Docentes e Técnicos do Projeto Rondon — Tema: "Universidade e Projeto Rondon". d) Professor de Sociologia III da Escola de Serviço Social, da Universidade Católica do Salvador. e) Professor de Métodos e Técnicas da Pesquisa em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Católica do Salvador. f) Professor de Sociologia Relações Humanas, da Escola de Serviço Social da Universidade Católica do Salvador.

### 4.3. Simpósios:

a) Membro Efetivo do 2.º Simpósio Brasileiro de Administração Escolar, realizado em Porto Alegre — Rio Grande do Sul. b) Membro Efetivo do 3º Simpósio Brasileiro de Administração Escolar realizado em Salvador - Bahia. c) Membro Efetivo do 4º Simpósio Brasileiro de Administração Escolar, realizado em Manaus — Amazonas. d) Membro Efetivo do II Simpósio de Estudos Pedagógicos, promovido pelo Centro Pedagógico Medianeira, em Crato Ceará. e) Membro Efetivo do Simpósio sobre o Ginásio Polivalente no Contexto da Educação Fundamental, realizado em Brasília — Distrito Federal. f) Presidente da Comissão que representou a Universidade Católica do Salvador no Simpósio da Avaliação da Reforma nas Universidades Brasileiras, realizado em Juiz de Fora - Minas Gerais. g) Membro Efetivo do I Simpósio de História do Nordeste, realizado em Crato - Ceará. h) Membro Efetivo do II Simpósio de História do Nordeste, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - Paraíba.

## 5. ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

### 5.1. Atividades Liberais:

a) Professor, conforme os dados da sub-seção 4.1

### 5.2. Atividades em Órgãos Privados:

#### 5.2.1. Atuais:

a) Chefe do Gabinete do Reitor da Universidade Católica do Salvador - Bahia, desde abril de 1973. b) Consultor Pedagógico da Universidade Católica do Salvador.

### 5.2.2. Anteriores:

- a) Diretor do Colégio D. Macedo Costa, em Salvador - Bahia.
- b) Fundador e Diretor do Ginásio Pio XII, em Salvador - Bahia.
- c) Fundador e Diretor do Ginásio e Escola Normal São João Bosco, em Crato - Ceará.
- d) Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, da data de sua fundação, em 1960, até fevereiro-março de 1972, em Crato - Ce.
- e) Fundador e Presidente do Centro de Estudos Portugueses, da Faculdade de Filosofia do Crato - Ce.
- f) Fundador do Centro de Cultura Hispânica, da Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará.
- g) Fundador do Centro Caririense de Cultura Germânica, da Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará.
- h) Fundador do Centro de Cultura Italiana, da Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará.
- i) Fundador do Centro de Estudos Norte-Americanos, da Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará.
- j) Promotor e Coordenador do I e II Seminários de Estudos Caririenses, na Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará.
- k) Promotor e Coordenador do I Simpósio de História do Nordeste, realizado na Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará.
- l) Promotor do Seminário sobre as Fontes da História do Crato, realizado na Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará.
- m) Promotor dos programas "Encontro com o Cientista" e "Encontro com o Linguista", na Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará.
- n) Fundador e Diretor das Revistas "Plenitude" (órgão do "Centro Pedagógico Medianeira", Crato - Ceará), "Veritas" e "Hyhytê" (órgãos da Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará).
- o) Coordenador do I Ciclo Geral de Estudos da Universidade Católica do Salvador - Bahia.
- p) Superintendente Administrativo Substituto, da Universidade Católica do Salvador - Bahia.

### 5.3. Atividades em Órgãos Públicos:

#### 5.3.1. Funções:

- a) Ex-Técnico de Educação, do Quadro Efetivo da Universidade Federal do Ceará.

#### 5.3.2. Cargos de Confiança:

- a) Ex-Secretário de Educação e Cultura do Município do Crato Ceará.

#### 5.3.3. Participação em Comissões:

- a) Membro da Comissão Julgadora do Prêmio "José Albano", da Universidade Federal do Ceará, em 1965.
- b) Membro da Comissão Julgadora do Concurso para Professor Assistente do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, realizado em Salvador, em 1972.
- c) Integrante do Grupo de Trabalho para reformular os Currículos da Escola de Polícia "Nelson Pinto", em Salvador - Bahia.

# Rubens Gondim Lóssio (Mons.)

## CURRICULUM VITAE

### 1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome: RUBENS GONDIM LÓSSIO, Monsenhor

Filiação: Julio Lóssio e Eleonor Gondim Lóssio

Nascimento: 27 de maio de 1924

Naturalidade: Jardim, Ceará, Brasil

Identidade: Carteira N.º 1.097.566 — SSP — Pernambuco

Título de Eleitor: N.º 839 — 27a Zona — Crato, Ceará

Situação Militar: Reservista de 3a C., N.º 124131, Série A, 10a R. M., 25a C R.

### 2 - ESCOLARIDADE:

Educação Primária: Escolas Reunidas de Jardim, Ceará

Educação Secundária: Seminário S. José do Crato, Ceará

Educação Superior: Curso de Filosofia — Seminário Maior de Fortaleza, Ceará; Curso de Teologia — Seminário Maior de Fortaleza, Ceará; Licenciatura de Filosofia — Universidade Católica de Pernambuco.

---

#### 5.3.4. Encargos e Participação em Colegiados:

a) Ex-Membro do Conselho Universitário, da Universidade Federal do Ceará. b) Presidente da Congregação da Faculdade de Filosofia do Crato - Ceará, como seu Diretor.

5.3.5. Chefe do Departamento de Estudo de Problemas Brasileiros da Universidade Federal da Bahia (em exercício).

5.3.6. Coordenador de Estudo de Problemas Brasileiros da Universidade Católica do Salvador.

### 6. ENTIDADES CIENTÍFICAS E CULTURAIS A QUE PERTENCE:

a) Ex-Membro-Presidente da sub-seção do Crato do Instituto Brasileiro de Filosofia. b) Sócio Efetivo do Instituto Cultural do Cariri. c) Ocupante da Cadeira N.º 8 da Seção de Letras do Instituto Cultural do Cariri. d) Sócio Efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. e) Sócio Correspondente do Instituto do Ceará. f) Sócio da Associação Cearense de Imprensa. g) Sócio da Associação de Professores do Ensino Superior do Ceará. h) Sócio Plenipotenciário da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos.

### 7. TÍTULOS HONORÍFICOS:

a) Comendador da Santa Sé — Ordem de São Silvestre

b) Sócio Honorário do Instituto Cultural Brasil-Japão - Seção do Ceará.

### 3 - PARTICIPAÇÃO EM SEMINÁRIOS E SIMPÓSIOS:

- a) Simpósio para Avaliação e Implantação da Reforma Universitária — Juiz de Fora, nov. 1971.
- b) Seminário de Serviços de Informações Administrativas — Petrópolis, abr. 1972.
- c) Seminário sobre Formação de Professores de 1º e 2º Grau — Belo Horizonte, nov. 1972.
- d) Seminário de Assuntos Universitários — MEC/CFE — Brasília, maio, 1973.
- e) Seminário sobre Magistério Superior — Belém, jul. 1974.
- f) Seminário sobre Formação Cristã e Humana do Professor — Belo Horizonte, agosto, 1974.

### 4 - TESES E CONFERÊNCIAS EM CONGRESSO:

- a) A Psicologia do Jovem — I Congresso Eucarístico de Baturité, 1944.
- b) A Filosofia Cristã do Trabalho — Semana Social de Fortaleza, 1945.
- c) Responsabilidade dos Católicos na Hora Atual — Congresso Eucarístico de Petrolina, 1950.
- d) A Catequese e a Ação Católica — Semana Catequética Diocesana, Juazeiro do Norte, 1950.
- e) A vocação Sacerdotal e a Vida Eucarística — Congresso Eucarístico de Barbalha, 1950.
- f) A Ciência e a Fé — Oração Gratulatória no VI Congresso Nacional de Odontologia Brasileiro, Fortaleza, 1957.

### 5 - TRABALHOS PUBLICADOS:

- a) Nossa Senhora da Penha de França — Crato, 1961 — 77 páginas.
- b) Campanha Piloto de UDAS contra o Tracoma — Rev. Itaytera, p. 13 - 58 — 1961.
- c) Curato da Catedral do Crato — Rev. Bi-centenário, p. 120 - 150 — 1964.
- d) Renúncia — Crato, 1969 — 70 páginas.
- e) A Serviço da Palavra sob o Impacto das Mudanças — Recife, 1973 224 páginas.
- f) UNICAP em resposta ao desafio do Nordeste — Recife, 1974 — 384 páginas (ilustrações coloridas).

### 6 - FUNÇÕES ECLESIASTICAS

- a) Ordenado Sacerdote Católico, do Presbitério do Crato, em 20 de dezembro de 1947.
- b) Cura da Catedral do Crato, de 1952 a 1969.
- c) Pároco Pontifício do Crato, nomeado por Pio XII, de 1957 a 1969.
- d) Pró-Vigário Geral da Diocese do Crato, de 1961 a 1969.

### 7 - ATIVIDADES DOCENTES:

- a) Professor Titular e Fundador da Disciplina de Filosofia da Faculdade de Filosofia do Crato, reconhecido pelo Decreto CFE 67.140 de 04.09.70.
- b) Professor de Teologia na Universidade Católica de Pernambuco.

### 8.- TÍTULOS HONORÍFICOS:

- a) Monsenhor Camareiro do Papa Paulo VI, desde 25 de outubro de 1963.
- b) Cidadão de Honra do Crato, Ceará.
- c) Cidadão de Honra do Estado de Geórgia, USA.
- d) Medalha do Mérito Cidade do Recife.

### 9 - CARGOS ADMINISTRATIVOS:

- a) Vice-Reitor do Seminário do Crato, de 1949 a 1952.
- b) Presidente do Instituto de Cultura S. Luiz, do Crato, de 1955 a 1969.
- c) Presidente do Centro Social N. S. da Penha, do Crato, de 1957 a 1969.
- d) Diretor da Fundação D. Francisco, do Crato, de 1966 a 1969.
- e) Diretor do Colégio de Aplicação da Universidade Católica de Pernambuco, de 1970 a 1971.
- d) Diretor do Instituto de Letras e Ciências Humanas, da UCPE, em 1971.
- e) Reitor da Universidade Católica de Pernambuco, desde 26 de dezembro de 1971.

# USINA BEZERRA

DE

*Irmãos Bezerra de Menezes S. A.*

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

•  
Compra e Beneficiamento de Algodão

•  
CAPITAL REGISTRADO Cr\$ 3.800.000,00

•  
Insc. Estadual 06.217,284-0

C G C 07.173,867/001

End. Teleg.: BEMENEZES

FONES : 203 - 603

Av. Teodorico Teles, 502

C R A T O

—x—

C E A R Á

Organização

**ANTONIO PRIMO DE BRITO**

**6 POSTOS**

Fortaleza

Milagres

Juazeiro do Norte

Crato

Sempre ao seu dispor!

# A SIGNIFICAÇÃO DE JACAREHY

Como aletófilo, insisto com acatamento à pessoa e o modo de desatuar, do eminente catedrático Dr. Silveira Bueno, autor do Dicionário Escolar, com referência a sinonímia dada a Jacarehy ou Jacaré, oposta ao seu autêntico sinônimo, classificando-o de: "O RIO DO JACARÉ".

Houve troca de correspondência entre nós, porque achei discordância no emprêgo do sinônimo dado por ele, não chegamos alcançar coerência no nosso modo de pensar ou de ver.

Na sua última carta dirigida a minha pessoa, não quero dizer que ele tenha sido descortês, porém a sua missiva chocou-me bastante, como chocaria a qualquer pessoa.

Vejamus pequeno trecho da referida carta: "Como o sr. se apressa a declarar: não sou indianista, sou admirador da língua do amerígena brasileiro, conhecendo alguns vocabulos... achei que não lhe devia responder.

Clamam os céus, os mortos do passado manifestam dor ou pesar. Numa troca de correspondência elucidativa como houve entre nós, acho que o assunto era e é digno de ser clareado. Ele poderia observar na minha explanação de motivos conforme à razão, que o missivista não é tão leigo no assunto como o julgou, ter tido prudência e meditar para responder.

A cultura e a fama daquele mestre não sofreriam aluíção, se tivesse concordado com o princípio certo alertado por mim. Todos nós somos sujeitos ao engano, até mesmo o Papa que lhe implantaram infalibilidade papal em 1870, também es-

tá exposto ao desacerto, porque nenhum mortal é infalível.

Aquele lexicógrafo esqueceu que, noutros nomes ameríndios com significado de pequeno, assim como jacarehy tem e não o deu, achou por bem dar-lhes e sinonimizar jacarehy de: "o rio do jacaré", completamente fora de rota da significação.

Nas minhas cartas, não exemplifiquei tais nomes ao Prof. Silveira Bueno, ficaram no anonimato. A-guardava resposta da minha última carta para poder citá-los, a fim de que reconhecesse seu engano, porém obtive uma resposta indesejável, bo-tei a minha viola no saco e encerrei o assunto, que diz respeito a JACAREHY. Mais adiante, citarei os referidos nomes, para comprovar à verdade que procurei e procuro trazer à lume.

O sistema ortográfico em vigor, não alterou o étimo do vocabulário tupi-guarani, concorreu para haver maior facilidade na grafia e eliminar a superfluidade ou desnecessidade de letras no corpo dos vocabulários.

Ortografava-se jacaré com o sufixo hy, em obediência a uma regra que existia para o emprêgo do y e h nas palavras de procedência indígena, de modo não arbitrário ou irregular. Transcreverei a referida regra mais à frente a fim de quem não a conheceu possa tomar conhecimento.

O sufixo hy foi substituído por í com sinal diacrítico, em cumprimento a regra ortográfica em vigência que, manda utilizar aquela notação léxica que não produz alteração na ortopedia e fonema, como também

no sinônimo.

JACAREÍ quando era grafado com o sufixo *hy*, ou *i* com acento agudo para marcar a pronúncia da vogal, recebia e recebe grau diminutivo, porque o sufixo *hy* determinava o tamanho físico do substantivo, não o individualizava de rio nem água, como muitos utilizam-se arbitrariamente.

Expresso-me assim porque o Dr. Silveira Bueno não concordou, vejamos essa transcrição dum trecho duma de suas cartas: — “Este Y (i grosso), indicante de água, rio, nunca se confunde com *i*, *I* (im) sufixo formador de diminutivo: e *i* fino, acentuado ou átono.

Imbuhy, corretamente imbuiy não é o diminutivo de imbu, mas o Y indica rio: rio do imbu.

Se fôsse diminutivo viria grafado imbuhi, imbuí, imbuim. Cajuy está dentro dos mesmos conceitos: rio do caju e não o cajuzinho. Jacarehy, rio dos jacarés, cidade paulista, poderia ser escrito jacarehu, mas nunca o foi.

Toda a tradição local é de rio dos jacarés e sempre jacarey, hoje, Jacareí. Não é tão pouco o diminutivo”.

Causou-me estranheza o desconhecimento ou esquecimento naquele homem instruído, por fazer aquele explanatório completamente perdido de rumo. Supôs que, no Cariri cearense ainda existe bugre indomável, e a cultura não chegou até então.

A regra ortográfica vigente não tem mais de 35 anos, a regra extinta ou seja a antiga, não admitia que imbuhy, cajuhy e termos dessa mesma natureza, fôsem escritos sem o sufixo *hy* como o Dr. Silveira Bueno grafou acima.

O mais interessante é ele dizer que: “imbuhy não é diminutivo, se fôsse viria grafado imbuhi, imbuí, imbuim”. Não é possível que não tenha na memória, que imbuhy e cajuhy estão sendo grafados: imbuí,

cajuí. Estão tão longe para ser rios do caju e do imbu como citou acima, assim como Roma ser semelhante a Paris. Aquele sufixo indicava pequenez, porém o distinto lexicógrafo não se lembrava, sem querer confessou que é diminutivo, como esclareceu no seu relato transcrito acima.

Quanto ao sufixo *hi* citado pelo Dr. Silveira Bueno no termo “imbuhí”, foge ao meu conhecimento, deixo aos cuidados dos doutos que digam quando houve nos substantivos e porque deixou de existir.

No vocábulo imbu ou umbu não se empregava o sufixo *im*, dava-se-lhe a outros termos: mucuim, etc.

O *y* no corpo dos vocábulos indígenas, nem sempre determina água, depende da sua colocação. O Dr. Silveira Bueno classificou jacarehy, imbuhy e cajuhy: rio do caju, rio do imbu e aquele outro de rio do jacaré. Ao passo que, trata-se de imbu pequeno, cajuzinho ou cajuhy e jacarezinho ou jacaré pequeno.

Jacareí só poderia receber o sentido de rio do jacaré, se grafássemos da seguinte maneira: Jacarehú ou jacaréu.

Vejamos alguns exemplos: “Maracanhú, Acarahú e Pajehú: rios feiteiros, do cará ou acará e das maracanãs. Toda palavra indígena que recebia o sufixo *hú*, este indicava rio de modo geral, não revelava água como Y ou YG, muitos doutos equivocam-se.

Vejamos em Ypiranga (água vermelha) e não rio vermelho. Os índios referiram-se a cor da água e não ao ribeiro. Se tivessem reportado-se no sentido de rio, teriam empregado ao arroio o seguinte termo: Pirangahú ou pirangaú, como se observa no lendário Anhãgabahú que era frequente aparição de coisas sobrenaturais.

Antes da adaptação do Y nos vocábulos de origem indígena, existia um *I* (i grosso), com ponto na cabeça e no pé.

Meu prezado Dr. Silveira Bueno, não leve a mal por eu ter fixado a minha atenção para o seu despercebimento quando afirmou: "Imbuhy se fôsse diminutivo viria grafado imbuí, etc.". Conservo com estima a sua correspondência, sei que não negará o que narrou por escrito, porque suas cartas comprovam.

Em trecho antecedente prometi que mais à frente, mencionaria os nomes grafados pelo Dr. Silveira Bueno no seu Dicionário Escolar, dando aos tais nomes o qualificativo de pequeno. No entanto, esqueceu-se de dar também a Jacarehy que tem o sufixo e sentido consubstanciados aos nomes que vou citar.

Aqui estão os nomes que o Prof. Silveira Bueno os conferiu pequenez, excluindo Jacarehy.

TIRIBAHY ou TIRIBAI — periquito pequeno.

TUHY ou TUI — Nome comum de pequenas aves da família dos Psitacídeos, também conhecidas por tuim e periquitinho.

MIJUHY ou Mijuí — pequena abelha preta.

JACAREHY ou JACAREÍ — "Rio do Jacaré".

Aquele mestre deu dois significados empregando o sufixo hy, um naqueles substantivos como diminutivo, o outro em Jacarehy ou Jacareí como rio, classificou aquele topônimo de: "rio do Jacaré". Este qualificativo é inverso à verdadeira significação. Pois, o sufixo hy além de designar pequenez como ele empregou nos substantivos transcritos acima, não é flexível para outro sentido.

Portanto, a significação de Jacarehy é a seguinte: — Jacaré pequeno e não "rio do Jacaré".

Muitos por inadvertência dão ao sufixo hy, o sinônimo de rio. Vejamos como procedeu o Prof. Silveira Bueno, bem assim o autor de "O TUPY NA GEOGRAPHIA NACIONAL".

Utilizaram aquele sufixo, dando-

lhe a significação de rio, que não se ajusta a esta finalidade, possui acepção definida de pequeno. Causa que deve ser corrigida enquanto há tempo, para não permanecer aos pósteros aquele engano como certo, porque é um dever nosso preservar na íntegra os elementos duma língua própria dos nossos nativos.

Os cultores das letras permitirão que o equívoco do Prof. Silveira Bueno, atinente ao sinônimo que deu a Jacarehy, permaneça em oposição ao étimo?

Creio que ele não se atreve a dizer que, o sufixo hy só manifestava pequenez em Tiribahy, Tuhy e Mijuhy, assim como os classificou de miúdos, noutros substantivos havia condição de mudar o sentido para água ou rio, como o empregou em Jacarehy.

Ainda está em tempo de ser corrigido o engano daquele mestre, a fim de não permitir que as gerações vindouras tomem gato por lebre.

As traduções errôneas são avelhantadas, vejamos o que o Professor Silveira Bueno em outra carta descreveu: — "Cambuy, procede de CAÁ-MBOI, a folha que se desprende. Não é diminutivo de cambu como o sr. julga".

Respondo-o com objetivismo e respeito: — Cambuhy está enquadado como elemento predominante sem sofisma nem brecha para escapular das regras para a colocação do Y e H nos vocábulos indígenas.

Dentro da verdade das normas e não da minha exatidão, era escrito com hy e não y final. Caá-mboi, se eu fôsse traduzir, traduziria assim: MATO DAS COBRAS ou COBRA DO MATO. Caá (mato), mboi (cobra). O tupinólogo que traduziu caá-mboi a folha que se desprende, deu um cochilo tão grande que, a caneta escapou-lhe da mão.

Descuidos dessa natureza, surgiram diversos e continuam sempre aparecendo. Repito mais uma vez: Caá (mato), mboi (cobra).

Quando alguém procura apresentar o princípio certo, não falta quem não diga: — "Está em desacordo com fulano, beltrano e cicrano", sem proceder diligentemente a um esquadrinhamento de opuramento.

Para não ir muito além, vou tratar exclusivamente dos seguintes vocábulos: Tauá, Tatuhy ou Tatuí, Cajuhy ou Cajuí, Jacarehy ou Jacarei.

Infelizmente lusos e africanos, não se interessavam pela linguagem adotada pelas comunidades indígenas, hodiernamente encontramos sérias dificuldades para obtermos com exatidão a significação de inúmeros vocábulos.

Vamos começar dando umas pinceladas na palavra TAUÁ, concernente a sua significação. Sabemos sobejamente que o referido vocábulo é conhecido como barro sem especificação de côr.

Poderia ser barro vermelho se fôsse: TAUAPIRANGA ou TAUAPITANGA. Também não é barro amarelo para o ser teria sua grafia: — TAUAJU.

Acho que a minha opinião nesse respeito, não irá influir para clarear e dissipar as dúvidas existentes. Em todo caso, vou me externar com imparcialidade ao que devemos dar a palavra TAUÁ, segundo o que me parece por lógica o mais exato.

O topônimo Tauá existente no Ceará, foi dado pelo aborígene querendo dizer que outrora naquele local havia sido povoação indígena, possivelmente arrasada pela impiedade do civilizado, pois, os índios chamavam as choças de TAUARY, além de oca e ocaruçu (oca grande). O sufixo ry ou ri também tem o sentido de pequeno.

Na barra do Ceará subsistiu aldeamento conhecido como "TAUÁ CUERA". TAUÁ (aldeia), CUERA ou QUERA (destemido ou valente). ALDEIA DE DESTEMIDOS. Sou apaixonado pela língua dos nossos inesquecíveis aborígenes, que tanto

sofreram por causa da impiedade de alguém que movia contra eles. Por mais que me esforce não consigo aprendê-la.

Agora vamos ao têrmo TATUHY ou TATUI. É uma espécie de tatu pequeno, com o porte igual ao tatu bola e similitude externa com o tatu verdadeiro, sendo este desenvolvido e o tatuí raquítico, conforme indica o seu sufixo. Os índios deram-lhe o nome de TA-TU-HY justificando o seu tamanho, através daquele sufixo.

Pessoa amiga explicou-me ter lido há muito tempo, algo do livro do Dr. Theodoro Sampaio, "O TUPY NA GEOGRAPHIA NACIONAL". Informou-me que, ele em sua obra, deu o significado de Jacarehy idêntico ao especificado pelo Dr. Silveira Bueno. Bem assim, havia grafado JAGUARAY sem o sufixo hy, classificando-o: Rio das Onças.

Aí houve um equívoco do nosso saudoso THEODORO SAMPAIO, que deveria ter grafado da seguinte maneira: — Jaguarahy ou Jaguarary. A regra para a colocação do Y e H nos vocábulos indígenas diz: — Se o i tônico não é articulado por uma consoante, então y é acompanhado de um h.

Jaguarahy e Jaguarary não se relacionam a rio, porque ry e hy indicam pequenez, mais abaixo será clareado. Para tornar-se rio das onças, teria sua grafia: Jaguarahú ou Jaguararú pela nova ortografia.

Grafando-se como Theodoro Sampaio grafou, fuge-se da regra. Ele deveria ter escrito da maneira seguinte: Jaguar-Y. Significa — água das onças, ou local onde as onças costumam beber. Y indica água e não rio, este era representado pela desinência hú.

Agora vamos tratar sobre o sufixo ry ou ri atuante como pequeno. Vejamos Taquary ou Taquari, Patury ou Paturi, Cumbary ou Cumbari, etc. Aquela primeira palavra refere-se a uma espécie de bambu ou taquara

fina e pequena, que se faz canudo de cachimbo. Patury reporta-se ao produto híbrido de marreca com pato, que resulta num pato nanico. Cumbarý era classificada como pimenta miudinha, pelos silvícolas.

O saudoso Dr. Theodoro Sampaio também deu ao têrmo Tatuhy equivalência de: — Rio dos Tatus. Não estou na altura de corrigir, não me sinto com capacidade para tal fim, por não possuir a arte das letras tão desenvolvida quanto ao inesquecível engenheiro autor de "O TUPY NA GEOGRAPHIA NACIONAL". Bem assim ao nosso prezado amigo Dr. Silveira Bueno. Porém, respeitosa-mente faço ver os cochilos que de-ram.

Honro a memória do Dr. Theodoro Sampaio com minha reverencia. Pergunto a mim mesmo: — Seria possível daquele tupinólogo desco-nhecer as regras para a colocação do Y e H nos vocábulos indígenas ?

Por que desconhecia o tamanho do tatuhy e os crustáceos de nome idêntico ? Os referidos crustáceos são parecidos com filhinhos de ta-tu, motivo pelo qual receberam do amerígena do Brasil o nome de ta-tuhy significando tatuzinho, híbrido pelo sufixo.

Cajuhý ou cajuí, classificado pelo Dr. Silveira Bueno como "Rio do Caju", é um tipo de caju todo especial por causa do seu tamanho. Está tão longe para ser rio do caju, assim como Roma ser semelhante a Paris.

O referido fruto é conhecidíssimo em todo o Estado do Ceará, não se trata de rio é uma espécie de caju anão. Pois, seu sufixo está dando-lhe autenticidade de pequeno.

Jacarehy ou Jacarei é o assunto principal que deu motivo a este trabalho tão extenso, a fim de que eu possa provar a exatidão do que me fôra indeferido pelo Dr. Silveira Bueno.

Confiante na justiça reta dos ho-mens de cultura, confio a eles a re-

ferida causa para um julgamento imparcial, a fim de haver corrigenda na significação de Jacarehy, es-tampada no Dicionário Escolar. Não tenho propósito de desabafo, sim-plesmente para salvaguardar aos pósteros a exatidão do sinônimo de Jacarehy.

Num trecho antecedente, citei que havia regras estabelecidas para o emprego do Y e H nos vocábulas indígenas. Como o passado serve de espelho ao presente e o futuro, a-chei por bem ressurgí-las respeitan-do a sua ortografia que jamais per-derá sua beleza para a forma vi-gente.

1.<sup>o</sup> — Quando a syllaba tónica de um nome indígena tiver o som de i, este som será sempre represen-tado por Y, como Mogy, Guarany, Javary, Paraty, Lambary, etc. Se o som do i tónico não é articulado por uma consoante, então Y é acompa-nhado de um H, como Pirahy, Sa-pucahy, Jundiahy, Suruhy, etc. Se a syllaba tónica é um dithongo, o y faz parte desse dithongo, como Ita-tiôya, Jurucêy, Tamôyo, Tapuya, Niteroy, etc.

2.<sup>o</sup> — Quando a syllaba tónica não tiver o som de i, o Y só entrará na syllaba átona que tiver dithon-go, como Cuyabá, Goyaz, Goyãna, Cayrú, Aymcré, etc.

3.<sup>o</sup> — Quando no nome ha duas syllabas com o som de i, somente a tónica leva y, como Itatiaya, Pia-uhy, Itaguahy, Pirahy, Jundiahy, Ita-jahy, Curityba, etc.

Trasladei as regras com fidelida-de, respeitando a saudosa ortogra-fia e suas notações léxicas, conforme o original republicado em 1903.

Ainda do Dr. Silveira Bueno. Re-gistrou no referido Dicionário Esco-lar: — "ENXU, s.m. Nome de uma espécie de vespa; casa ou colmeia desta vespa". Sobre o ponto de vista, permita-me que, o ENXU não é propriamente vespa ou marimbondo, aquele nome cabe à casa construí-da pelas vespas. Entre estas e aque-

# WALDEREDO GONÇALVES E SUA ESTETA - RADICALIZAÇÃO

Decorrida a centralização universalista, torna-se possível diferenciar grandezas nas etapas da arte, não dentro da classificação objetiva, mas no reconhecimento do objeto estético.

É evidente que exista uma atribuição ascendente para os reconhecimentos dos valores, mesmo no engrandecimento a partir do nato, sem se afastar dos horizontes existenciais ou dos enraizamentos regionalistas.

Não é necessário portanto apontar mestres, pois nunca existiram. Existe sim, o transcendental. O homem por ser o animal da eterna procura, fez com que Walderedo mergulhasse com sua sensibilidade sui generis para a transposição dos argumentos do racional, a contestar o lógico, partindo para a atmosfera da apreciação. É assim, criar.

Foi criando no terreno do incontestável, que a inspiração robusta e natural caiu sobre seus admiradores, houve como que uma afetividade pela sua arte, que foi rompendo as muralhas do regionalismo (que fortes são), partiu para o um reconhecimento do animal; este chegou aos Museus Europeus, Galerias de Artes e Universidades Americanas, embora o

CANDIDO B. C. NETO

próprio materializador, não tenha ido além da nossa capital.

Uma teoria nova seria necessária para abordar suas formas, onde repositaremos a apreciação, para um batismo reivindicado ao construtor de fatos coletivos, já que nele existe a implicação do transcendentalismo ao regionalismo cultural.

Não há contestação para se estabelecer o belo em sua arte, dado ao fato da concepção ao material criador. Tudo constitui matéria. Em 1920 na Cidade do Crato, houve a congratulação vital de Walderêdo Gonçalves, que com suas qualidades próprias, partiu para a conferência da criatividade. Hoje interessante se faz estudar o alcance do diagnóstico de valores.

Não quero contanto desfazer a afirmativa que "Cada valor se mantém autônomo, independente da axiologia pessoal", mas, afirmar que ali existe uma fonte de produções artísticas e que seus efeitos dentro de uma metodologia geral, é sem dúvida alguma mais um engrandecimento para a estética regionalista.

le existe enorme desconformidade, devemos observar a distinção existente entre vespas e a morada edificada por elas, que é o ENXU.

Fazem-no, moram nele e fabricam o mel, depositando-o em capas superpostas com espaço pequenino entre as referidas capas.

Nós provincianos, somos considerados troglodíticos, porque só apresentamos o nosso trisso depois que os pássaros canoros das metrópoles soltam os seus gorgeios. Então, os

passarinhos metropolitanos despertam ao ouvir a modulação da nossa voz, reconhecem que nos sertanejos há algo que se aproveita e retiram aquele conceito, ficam conhecendo que os sertanistas não são rudes como os homens pré-históricos das cavernas.

Senhor Dr. Silveira Bueno, dê-me permissão para apresentar-lhe meus parabens pelo fruto da sua obra que, poderia ser classificada como o Maná dos Escolares.

Depósito Nossa Senhora Aparecida

---

“O GIGANTE DO CRATO”

---

VALDEMIR CORREIA DE SOUSA

LOUÇAS, FERRAGENS, ELETRO-DOMÉSTICOS, MÓVEIS  
ARTIGOS DE TOUCADOR E PARA PRESENTES, UMA  
INFINITA VARIEDADE DE COUSAS PARA O SEU LAR!



PREÇOS INIMITÁVEIS, QUE NÃO ADMITEM CONCORRÊNCIA!



RUA SANTOS DUMONT N.º 39

CRATO

—x—

CEARÁ

Escritório de Advocacia:

Dr. Aglézio de Brito

Dr. Antônio Nirson Monteiro



CAUSAS CÍVEIS, CRIMINAIS, TRABALHISTAS, ACIDENTES  
DE TRÂNSITO, COBRANÇAS EM GERAL



PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS N.º 1 — CONJ. 2



TELEFONE: 205



CRATO

—x—

CEARÁ

# A Cultura Brasileira e o Desenvolvimento Nacional

País de dimensões continentais, com sensíveis diferenças geográficas a atuarem sobre o homem, a cultura brasileira não pode ser uniforme. Necessariamente, há de refletir as expressões do meio ambiente.

Com certeza, o homem, como se tem pretendido afirmar, não é, de um modo geral, produto do meio. O meio físico, porém, exerce larga influência sobre o homem, as sociedades e as nações.

Como ocorre no Norte e Nordeste brasileiro, o indivíduo ora é agredido pelo meio, ora este lhe facilita o passo e a ação, como foi o caso da colonização nos Estados Unidos.

Se o Egito é uma dádiva do Nilo, como já o dizia Heródoto, Israel — república proclamada em 1948 por ocasião do término do mandato britânico sobre a Palestina e após a divisão da Palestina entre judeus e árabes, segundo a conclusão dum Comitê Especial das Nações Unidas — é uma conquista técnica, através do vasto sistema de irrigação artificial que tornou cultivável as suas terras desérticas.

Submetido o Brasil durante quase quatro séculos aos interesses políticos da Corte Portuguesa, só muito tardiamente dela se libertou o povo brasileiro por força do sentimento de nacionalismo de uma raça que se fundiu e plasmou ao sol dos trópicos, afirmando-se vitoriosamente.

Do largo e tão explorado período de dominação da Metrópole, disse, numa síntese a Fustel de Coulanges, Frei Vicente do Salvador: "Usam da terra não como senhores, mas como usufrutuários".

Assim o foi, com certeza, e notadamente porque "a alienação constituiu a essência do complexo colonial. A colônia é um "instrumento" e existe em função do "outro".

Pretender-se o contrário é desconhecer a história, o critério com o qual, por sua vez, foram também tratadas as possessões inglesas e francesas, mercê não apenas do "clima espiritual" de uma época, como, inclusive, das injunções econômicas das quais ainda se não libertou, de todo, o nosso país.

Escreve Roland Corbisier:

"O "ser" do homem se "revela" nas obras que produz, no que realiza ao longo de sua existência. Devemos, porém, observar que o trabalho pelo qual o homem se revela a si mesmo é o trabalho livre e não o trabalho escravo, porque neste, embora transforme o dado material, o homem se comporta como um simples instrumento a serviço de projetos e interesses. No trabalho escravo o que se revela não é o ser do escravo, reduzido à mera condição de instrumento, mas o ser do senhor. Que é a pirâmide egípcia senão o túmulo do faraó?"

Aliás, do ponto de vista da história da civilização, não procede a ênfase que se dá aos excessos da Coroa no período colonial.

Nela, vale antes o efetivo processo de transculturação levado a efeito pelo pequeno e obscuro emigrante.

Diz Gladstone Chaves de Melo:

"Não falta quem maldiga os reis e capitães-mores portugueses que nos levaram o ouro e os diamantes das Gerais. Nem quem estenda a maldi-

ção à própria colonização portuguesa. Mas é atitude materialista, de um materialismo rasteiro".

E adianta:

"Muito mais que as arrôbas de ouro e os quilates de diamantes, vale a palavra do Evangelho aqui pregadas e pegada, vale a beleza plástica da língua romântica, vale êsse ecumenismo étnico, que tanto nos honra. Se os reis levaram riquezas materiais, se exauriram o subsolo, como dizem, êles mesmos e, principalmente os missionários e os "miúdos", sempre os portugueses, nos legaram riquezas que não têm preço, porque são de outra natureza, são espirituais".

E onde, senão nestes legados espirituais, na escola profissional, e no positivismo, inclusive, vamos encontrar as bases de nossas instituições?

Pelo trabalho anônimo, pela língua, pela religião, o Brasil é obra de Portugal. Um príncipe português, romântico e impulsivo, proclamou a nossa independência, e não afronta a verdade o afirmar-se seja o Brasil "o maior laboratório de caldeamento étnico do mundo e da história".

Sem sombras de dúvidas, apressado o foi Euclides da Cunha quando vaticinou que nunca teríamos unidade de raça.

Efetivamente — escreve CAPISTRANO — "a desafeição entre as três raças e respectivos mestiços lavrava dentro de cada raça. O negro ladino e crioulo olhava com desprezo o parceiro boçal, alheio à língua dos senhores. O índio catequizado, reduzido e vestido, e o índio selvagem ainda livre e nu, mesmo quando pertencentes à mesma tribu, deviam sentir-se profundamente separados.

O português vindo da terra, o reino julgava-se muito superior ao português nascido no Brasil, o mazombo, sentia e reconhecia sua inferioridade.

Em suma, dominavam forças dissolventes, centrifugas, no organismo social; apenas se percebiam as diferenças; não havia consciência de unidade, mas de multiplicidade".

Pouco a pouco, porém, a dispersão foi cedendo. Vencido o invasor holandês, numa luta começada em 1624 e levada ao fim sem desfalecimento durante 30 anos, — eis que tinha início a formação de uma raça nova, com a consciência de sua força e do seu valor.

Fixa o fato, com apurada agudeza sociológica, o autor de *Capítulos de História Colonial*: "Venceu o espírito nacional. Reinóis como Francisco Barreto, ilhéus como Vieira, mazombo como André Vidal, índios como Camarão, negros como Henrique Dias, mamelucos, mulatos, caribocas, mestiços de todos os matizes combateram unânimes pela liberdade divina. Sob a pressão externa operou-se uma solda, superficial, imperfeita, mas um princípio de solda, entre os diversos elementos étnicos. Vencedores dos flamengos que tinham vencido espanhóis, algum tempo senhores de Portugal, os combatentes de Pernambuco sentiam-se um povo, e um povo de heróis".

Apresentando-se como um intruso, pela diversidade de língua e de religião, e em contraposição com tôdas as características que nos são peculiares, teve o flamengo a virtude de representar a força catalítica na formação da nossa nacionalidade.

Culturalmente e economicamente, a inautenticidade foi a nossa característica até 1922.

Em se tomando 1922 e 1930, inclusive, como o exato momento a partir do qual começamos a tomar conhecimento de nós mesmos, a integramo-nos na consciência de nossas necessidades, a sentir o vazio que era o Brasil do litoral para o centro, a apercebermo-nos da nossa incultura e da nossa pobreza, longe estamos de subestimar o primeiro e grande movimento literário brasileiro que foi o Romantismo, movimento que sem demora se aliou ao indianismo e que teve em José de Alencar, Gonçalves Dias e Machado de Assis, entre outros, as suas figuras máximas.

O Atlântico — já se disse — é uma rua. Larga, mas rua. Do outro lado da rua, está a Europa.

Encharcados de literatura européia (Eça, Anatole, Victor Hugo, Lamartine, Chateaubriand), o advento do Romantismo realizou, no consenso unânime da crítica, a rutura da "inteligência" brasileira com Portugal, e teve, sob o aspecto cultural, tanta influência quanto a Semana da Arte Moderna de 1922. O Romantismo foi o Ipiranga das letras.

Conhecendo tôda a extensão da nossa dependência, fato para o qual contribuíram decisivamente a primeira e a segunda guerra mundial, eis que a realidade apontou-nos um caminho: o da luta contra o subdesenvolvimento, empenho no qual participa a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e, simultâneamente, o Ministério da Educação e Cultura, acelerando e orientando o processo de desenvolvimento econômico, tarefa comum por constituir-se hoje aspiração de todos os brasileiros.

Ainda agora — ressalte-se — a propósito da lei que "fixa Diretrizes e Bases para o ensino do primeiro e segundo graus" (e cujo projeto recebeu, na Câmara e no Senado, 357 emendas, tal o inusitado interêsse dos parlamentares que nêle trabalharam) assim se manifestou o presidente Médici, definindo-a: "Ajusta a nossa organização escolar às condições sociais da época e às peculiaridades do País, alarga, pela distensão do ensino primário, a faixa da educação obrigatória, prevê quanto à preparação para o trabalho e modela o sistema educacional no primeiro e segundo graus, de maneira a permitir a sua constante atualização e reforma".

Um artista do porte de Niemeyer construiu Brasília; e, com a Transamazônica, estamos escrevendo a última página das Bandeiras.

Na verdade, desenvolvendo o potencial das grandes centrais elétricas, redimindo o Nordeste, impulsionando

o desenvolvimento da Amazônia, dando integração social ao trabalhador, fomentando a educação, rasgando estradas, edificando casas para o povo, incrementando, com impulso novo, a agricultura, o govêrno brasileiro enceta uma marcha de liberdade e de libertação.

É um fenômeno histórico, autônomo, que independe da vontade de grupos. Dai, a famosa afirmativa do presidente Médici: "Ninguém segura mais êste País".

Tanto no Norte como no Sul, os tentam-se duas literaturas como expressões de valores nossos. Que o digam as obras de Jorge Amado, de Rachel de Queiroz, de José Lins do Rêgo, de Graciliano Ramos, de José Américo de Almeida, e as do mais vigoroso dos nossos ficcionistas — Érico Veríssimo.

E saliente-se que os ficcionistas do Nordeste, a partir da publicação de *A Bagaceira*, em 1928, e de *O Quinze*, em 1930, anteciparam-se à literatura de tendências regionalizantes surgida entre os anos de 30 e 40 dêste século nos Estados Unidos e que, como a nossa, enfocando misérrias e desníveis sociais, visou a despertar a atenção para os problemas de vida que afligiam as populações dos Estados sulinos daquêle país e aos quais não havia chegado, sem atritos, o processo social do enriquecimento pela industrialização. Dessas produções, uma peça teatral "Um bonde chamado desejo" foi aqui no Brasil encenada com o nome "Uma rua chamada pecado" (Wagner Barreira).

Jackson, Milliet, Tristão de Atayde, Monteiro Lobato, Artur Ramos, Euclides da Cunha, Lúcia Miguel Pereira, Gilberto Freire, são os nomes cuja perenidade ninguém pode deixar de reconhecer. Inconfundíveis são os merecimentos de um artista plástico como Antônio Francisco Lisboa — o Aleijadinho.

Escreve Viana Moog:

"Por mais que se percorra o Bra-

sil, e não apenas o Brasil, mas as duas Américas, inclusive o Peru e o México — em cujas igrejas se encontram prodígios de barroco — em busca de obras de arte, para efeitos de contemplação, aferição e confronto de valores artísticos, nada se encontrará comparável, em matéria de escultura, à obra por êle realizada. Para descobrir algo semelhante ao conjunto de monumentos que o cinzelador de Vila Rica leigou à posteridade, sob a forma de estátuas de santos, frontispícios de igrejas, lavabos, volutas, medalhões, alto-relêvos, púlpitos e altares, executados ora na pedra ora na madeira, é preciso transportar-se um pouco mais longe no espaço e no tempo. No espaço, talvez seja necessário estender a investigação ao Velho Mundo; no tempo, remontar à Renascença, porque talvez só no Velho Mundo e na Renascença, e não em outra parte ou em outra época, poderemos identificar obras equivalentes ou semelhantes”.

Como a arte não é estática, mas dinâmica, aí temos Augusto Frederico Schmidt, a maior figura da segunda fase do Modernismo. Dêle procede “o verso livre, amplo e melódico”, e vultos como Guimarães Rosa e Gustavo Corção, de par com a criação de Universidades, expandindo e ativando os estudos críticos e filosóficos, permitem-nos antever um imenso florescimento na literatura brasileira.

Em originalidade, Portinari, na pintura, corre parilha com Villa-Lobos na música.

A “criação” de Villa-Lobos, escreve o folclorista e crítico musical Renato Almeida, “é de uma audácia extrema. (...) É um dominador da matéria musical, que modela com violência e rudeza, da forma que sabe contorná-la com sutileza e finura. Eis porque não se pode falar a rigor de uma maneira de Villa-Lobos, característica e específica. A sua expressão pessoal varia a cada passo e

êle busca incessantemente novas trilhas e diretivas, não raro desnorantes. Na sua música não se detém nunca em aperfeiçoar processos, a sua ânsia constante é a descoberta. Isso explica a vastidão de sua obra, o seu valor e a sua riqueza. (...) A música de Villa-Lobos é essencialmente brasileira. A afirmativa pode parecer ousada e concedo que há nela alguma coisa difícil de explicar, desde que não se pode definir o que seja música brasileira. Tudo o que quero dizer é que encontro na música de Villa-Lobos uma substância profundamente nacional, que não está somente no aproveitamento ou deformação da temática ou de certas formas e modalidades do nosso populário, mas sobretudo no ambiente que cria, traduzindo uma palpação especial, perfeitamente sensível, muito embora refugindo a precisões definidas. Esse sentido nacional não é uma limitação. (...) E a prova é que sua obra tem obtido a maior repercussão em toda a parte, exatamente por encerrar uma mensagem nova, como até então não contivera a música brasileira.

Realmente, “a mensagem de Villa Lobos não se restringiu ao Brasil; foi mais além. Ultrapassou as fronteiras pátrias. O mundo civilizado a escutou. As nações de reconhecida cultura artística ouviram-na reverentes. Êle mesmo, com luta e sacrifício, a conduziu, com as próprias mãos, a Paris, Berlim, Londres, Roma, Madrid, Nova Iorque, ao mundo inteiro. Sua música verde amarela, impregnada dos nossos ritmos, cheirando a floresta virgem, possuída de nossos motivos populares, de nossas canções de roça, vestida com fragmentos de samba, de choro, de mólulo, de batuque, enfeitada de milhares de temas folclóricos, penetrou nos mais distantes auditórios das cultas cidades da Europa e da América, provocando surpresa, admiração, protestos, para afinal ser acolhida, com admiração, pelo rosário de pla-

téias que êle, o gênio, a conduziu e plantou, como se conduzira e a hasteara a bandeira brasileira”.

Com Villa-Lobos, que teve como precursores Alexandre Levy e Alberto Nepomuceno, afirma-se a originalidade da música brasileira, reagindo e sobrepondo-se às influências italianas e alemãs de que tanto se ressentem as óperas de Carlos Gomes. “Êsse môço começa por onde eu acabo” — exclamou Verdi no Scala de Milão quando da triunfal apresentação de “Il Guarany”, extraída do romance de José de Alencar.

Em Francisco Braga e Luciano Gallet, tiveram Levy e Nepomuceno os seus mais autênticos continuadores.

Através do tupi, enriqueceu-se o nosso léxico, e a herança africana sobrevive em manifestações diversas, sobretudo na música popular das quais são exemplos típicos o sambade-morro, os batuques, de Camargo Guarniere, a Congada, de Francisco Mignone. Por outro lado, o mestiçamento é o tipo mais sutil da influência africana em nossa cultura.

Como forma de expressão plástica, sonora e crômica, é de destacar-se o cinema, que pode descrever qualquer tema, e presta-se para exprimir quaisquer emoções humanas; e todo êsse admirável conjunto de comunicação entre os homens, que é a imprensa (oral, escrita e visual).

Valôres os temos, e muitos, no teatro. Sofre êsse, porém, não apenas a concorrência de outros meios de entretenimento mais acessíveis ao povo como o reflexo de problemas circunstanciais que lhe impedem o desenvolvimento.

Além de uma música nossa, de uma literatura nossa, de uma arquitetura nossa, temos também e por igual uma poesia nossa, e instituições nossas.

Como expressões de cultura nova, aí temos o Instituto Biológico, o Instituto Agrônômico, o Butantã, o Adolfo Lutz, o Nina Rodrigues, o

Manguinhos e o Instituto de Antibióticos da Universidade Federal de Pernambuco, dirigido por uma equipe que tem à frente o médico Osvaldo Gonçalves de Lima (e ao qual se deve a descoberta de oito antibióticos extraídos da flora e fauna nordestinas e capazes, todos êles, de exercerem atividade restritiva direta sobre a proliferação e maturação das células neoplásticas), além de instituições outras voltadas para a pesquisa e o estudo das ciências naturais.

Há — todos o sabemos — um tremendo esforço no sentido de desnacionalizar a nossa cultura e, inclusive, de subverter a ordem através de atos que tomaram a forma radical do terrorismo. Mas as forças que nos unem e que nos levam à defesa das nossas tradições, são mais fortes do que as inspiradas na cartilha marxista e as oriundas do exacerbado nacionalismo antiamericano.

Ainda agora, ao assumir o comando da Escola Superior de Guerra, disse o General Rodrigo Otávio Brandão: “Não nos entibiam, nem hão de delongar a nossa marcha para o futuro, o terrorismo cruento e desumano, envolvendo tristemente parcelas de uma juventude desavisada, tisonada pelo mao-anarquismo e conduzida por sectários fanatizados, aliados a alguns políticos inconformados — em seu saudosismo e revanchismo — e ainda a alguns apóstatas renegados, transmutando-se da pregação evangélica da caridade e da renúncia, da doce e pacífica fé cristã, para a dialética violenta da fé marxista”.

E lembrou com Nilo Pereira, eminente mestre: “Se recusarmos êsse caminho é porque preferimos as veredas; mas um povo não tem o direito de trocar a estrada feita pelos seus maiores pela sedução de horizontes escuros e incertos. Um povo que se nega perde o rumo. Renega-se de si mesmo à glória que o fêz povo, cultura, civilização, dignidade

# De Barbalha ao Pe. Agostinho Mascarenhas

*Reverendissimo D. Mário Gurgel*  
*Sr. Prefeito Municipal*  
*Demais autoridades*  
*Reverendissimos Padres*  
*Reverendissimo Padre Provincial*  
*Ilustres convidados*  
*Meus Senhores*  
*Minhas Senhoras*  
*Reverendissimo Padre Agostinho!*

Barbalha quiz que fosse eu o intérprete do seu pensamento e do seu coração, neste festivo dia em que tôda se alvoroça e emociona, para comemorar condignamente o Jubileu de Prata de Ordenação Sacerdotal do reverendissimo Pe. Agostinho Mascarenhas.

Ouvindo o seu chamamento aqui estou, para em rápidas, simples mas sinceras palavras, trazer-vos, padre Agostinho, o amplexo maternal desta terra amada que bendiz a hora que vos conheceu, e vos conhecendo vos admirou, e vos admirando vos amou e amando-vos finalmente vos adotou como filho!

---

humana”.

Quaisquer que sejam os entrecortes de nossos interesses, e por mais variados que se mostrem os nossos aspectos ecológicos, o Brasil é uma nação una: historicamente, geograficamente, culturalmente.

---

NOTA - Palestra proferida primeiramente na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Ceará e, depois, na Escola Superior de Música (Conservatório Alberto Nepomuceno) como parte da Disciplina “Estudos Brasileiros” (Educação Moral e Cívica).

É portanto, com grande júbilo, que me desincumbo da grata tarefa que me foi imposta, porque sei que o sentimento que ora me invade a alma e transborda em palavras descoloridas porém impregnadas pela sinceridade, é talvez o mais unânime sentimento desta cidade e de sua gente simples: a admiração que ambos dedicam ao seu grande sacerdote, em quem não sabemos o que mais admirar: o universalismo da sua sólida cultura, se a sua proverbial simplicidade, se a beleza da sua vocação, se o primado das suas virtudes humanas e religiosas ou se a firmeza granítica do seu apostolado!

Daí Barbalha muito orgulhar-se do grande sacerdote que pode oferecer a Deus para enriquecimento de sua Santa Igreja, esta Igreja hoje renovada sem perder o traço das suas tradições seculares e as feições austeras que lhe imprimiu o Divino Mestre ao toque mágico da sua palavra de fé, feições que nem a poeira dos séculos, nem a amargura das vicissitudes conseguiram macular.

Mãe e Mestra, hoje mais do que nunca a Igreja de Cristo está sintonizada com o pioneirismo do Santo Padre, o Papa João XXIII, de santa, veneranda e saudosa memória, seguindo resoluta e decididamente os passos firmes do Santo Padre, o Papa Paulo VI, na sua gloriosa caminhada para fazê-la cada vez mais atualizada, autêntica, atuante, dinâmica e vigilante, mãe e mestra, voltada para os problemas que angustiam o mundo, para o bem estar social dos povos, para as reformas sociais, para as conquistas do espírito, para a paz internacional, para o de-

envolvimento das nações e para o convívio da Liberdade como clima propício ao culto do Direito e da Justiça!

Barbalha vos amou, Padre Agostinho, como operoso e esforçado diretor do seu "Ginásio Sto. Antônio", como abalizado educador, como Provincial da vossa ordem religiosa e hoje como Superior da nossa Casa Salvatoriana e nesta ocasião vos estreita ao peito como legítimo filho seu, filho amado que ela já se habituou a ver diariamente por suas ruas como elemento insubstituível na sua paisagem.

Barbalha ufana-se de poder apresentar à Igreja, nesta hora cruciante da história da humanidade, um sacerdote integral, um apóstolo da vossa têmpera, pe. Agostinho, um padre atualizado sem ser rebelde, evoluído sem ser revolucionário, austero sem ser conservador, moderno sem ser rebelado, manso sem ser subserviente, prudente sem ser acomodado, modesto sem ser obscuro, compreensivo sem ser despersonalizado!

Sois, efetivamente, um sacerdote padrão para os dias que ocorrem, sem o conservadorismo improdutivo que gera a inércia e para no tempo, mas também, por outro lado, sem a doentia rebeldia que cria dissensões, gera descontentamento, abre fossos profundos entre as tendências e finalmente produz o escândalo. Sois o homem do centro com incinações para o socialismo cristão da "Rerum Novarum", da "Mater et Magistra" e da "Populorum Progressio".

Sentimos que a Igreja Moderna não mais pode ficar naquela mera atitude contemplativa assistindo outros fazerem as reformas que lhe competia inspirar. Sentimos que o padre de hoje não mais poderá limitar-se a rezar missas, orar e fazer confissões! Não, o padre dos nossos dias tem que deixar de ser um elemento estático para ser um fator ponderável da dinâmica social, uma levedura moral a fermentar sadias

iniciativas, um bastão a triturar constantemente as anomalias sociais no cadinho imenso das experiências humanas! Sentimos que a Igreja nova de Paulo VI tem que marchar na vanguarda das reformas como orientadora e inspiradora dos movimentos reformistas que sacodem as estruturas do mundo neste conturbado século do domínio pelo homem do espaço sideral. Sentimos que a Igreja foi posta diante de uma terrível opção: ou evoluir ou ser tragada por uma evolução desenfreada, fora dos moldes que preservem as forças do espírito, a dignidade da pessoa humana, o direito à propriedade produtiva e finalmente o respeito à Liberdade e aos inalienáveis direitos do homem. Os extremos são sempre perigosos, razão pela qual devemos fugir deles. Por outro lado, em um mundo que sente fome o desenvolvimento é o novo sinônimo de paz social segundo a encíclica "Populorum Progressio".

Na marcha em que as coisas vão, com o aumento progressivo das populações pela queda do índice de mortalidade infantil e aumento da média de vida, tendo como agravante a diminuição da produtividade, já em 1980 o mundo terá crise de alimentação, segundo abalizadas previsões estatísticas.

No seu recente discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, o grande pensador nordestino José Américo de Almeida, disse ser a fome o mais grave problema que ora assoberba a humanidade, podendo tornar-se mais devastadora que a guerra. Pois bem, se há fome, se há crise de alimento, não há mais lugar para o latifúndio improdutivo quando sobram braços desocupados para cultivá-lo! O combate ao comunismo ateu e iconoclasta tem que ser feito pelo combate à miséria em todas as frentes!

A palavra de ordem é evoluir para não perecer! "Ninguém se isola das condições gerais", nem mesmo o pa-

dre. Daí a oportunidade do Concílio Vaticano II como órgão normativo das diretrizes da Igreja Nova, sensível aos apelos do mundo, às solitações da hora presente, ditando normas para engajar a Igreja no ritmo de desenvolvimento vertiginoso que acelera o Universo neste sempre insatisfeito século XX!

E assim procedendo a Igreja apenas segue diretrizes do seu fundador, pois, em última análise, Cristo foi um santo reformador! Que outro nome, meus senhores, poderá ter senão o de santo reformador, (?) aquele que em meio ao falso puritanismo da sua época aproximou-se publicamente de uma decaída, lançando na frente das turbas ululantes aquele terrível desafio que atravessou os séculos: "Quem for isento de pecado que atire a primeira pedra".

E para esses embates que o mundo assistirá atônito e perplexo, é preciso munir-se a Igreja de valores, de homens da vossa têmpera, Pe. Agostinho, sacerdotes que, pelo seu equilíbrio emocional fiquem no invejável meio termo, catalizando na sua conduta sensata a média das tendências que sacodem o clero moderno, puxando-o ora muito para a direita, ora muito para a esquerda.

Reverendíssimo Pe. Agostinho!

A vossa missão de pregador da palavra de Cristo é tão sublime que dela Santo Agostinho chegou a dizer: "Quase tão importante quanto fazer o Céu e a terra, é fazer do impio um justo". E São Bernardo dizia: "Não insistais demais nos olhos habituados à contemplação, porque mais sublimes são os lábios da pregação".

"Salvaste uma alma, predestinaste a tua"! Também palavras de um grande doutor da Igreja.

"A salvação do mundo depende do pregador", asseverava São Paulo.

Por tudo isto a pregação, que é a espada do apóstolo, é uma arma tão importante para os nossos dias carentes de diretrizes.

"A palavra é a mais nobre faculdade da alma, não deve morrer na garganta", principalmente quando a inspira uma inteligência sadia e privilegiada com a vossa, reverendíssimo padre jubilar, capaz de burilá-la e soltá-la qual lâtego de fôgo a verberar os erros, a sublimar o bem fecundado pelo exemplo de uma vida reta.

A grandeza da vida humana não pode ser aferida pela sua duração cronológica, senão pelas boas ações praticadas no seu decorrer, pelo bem que haja inspirado, pelas boas obras que tenha feito nascer e pelo exemplo legado aos espectadores da sua vivência aqui na terra. Assim, a vossa vida, Pe. Agostinho, já é uma longa vida, bastando para isto avaliá-la e aferi-la em função da vossa ação no preparo de sucessivas gerações de jovens que já passaram por este grande "Ginásio Santo Antônio" e hoje, lá fora, na vida prática, pautam a sua conduta mirando-se no exemplo da vossa simpática austeridade.

Reverendíssimo Pe. Agostinho!

Em nome da nossa municipalidade, em nome de Barbalha e do seu povo, recebei a minha humilde saudação com votos ao Todo Poderoso para que vos prolongue a vida, vos dê ânimo para a propagação da fé, vos dê saúde para uma progressão geométrica do vosso trabalho apostolar, e vos dê cada vez mais coragem para combater os erros, aplaudir o certo e promover o bem. E que o vosso apostolado tão rico de exemplos dignificantes para a humanidade e cheio de messes para Igreja, continue a dardejar luzes no Sul do Ceará, onde Barbalha vos implora com balbuciante voz de mãe, seja ela para todo o sempre o foco da sua irradiação.

---

(Pronunciado no dia 8.12.67, no banquete de 100 talheres oferecido pela Prefeitura Municipal de Barbalha ao Reverendíssimo Padre Agostinho Mascarenhas, no salão nobre do "Ginásio Santo Antônio").

# INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

BALANÇO REFERENTE AO ANO FINANCEIRO DE 1975

R E C E I T A	Cr \$	Cr \$
<b>Movimento de Fundos</b>		
Saldo do ano de 1974 .....		231,53
<b>Subvenção Federal</b>		
Recebida por transferência pelo Banco do Brasil, do Ministério de Educação e Cultura — IGF OPS N.º 051 — OCD 0000401654 .....		7.000,00
<b>Auxílios Especiais</b>		
FEDERAL — Recebido por transferência pelo Banco do Brasil, do Ministério da Educação e Cultura — (Conselho Federal de Cultura) — autorização telefônica N.º 4780, de 6.7.75 (Convênio de 20.06.75) .....	30.000,00	
MUNICIPAL — Recebido da Prefeitura Municipal do Crato, por cheque contra o Banco do Est. do Ceará .....	<u>2.000,00</u>	32.000,00
<b>Donativos Especiais</b>		
Do Sr. Aderson Tavares Bezerra .....	500,00	
Do Sr. Antônio Almino de Lima .....	500,00	
Da Companhia de Cigarros Souza Cruz .....	500,00	
Do Sr. José Arrais de Alencar .....	200,00	
Do Sr. Esequiel Siqueira Campos .....	5.000,00	
De Lundgren Tecidos S. A. (Casas Pernambucanas) .....	<u>1.000,00</u>	7.700,00
<b>Venda de uma Máquina de Escrever usada</b>		
Venda de uma pequena máquina de escrever usada, marca Hermes Baby, por não servir mais ao Instituto .....		600,00
<b>Venda de Móveis de Madeira usados</b>		
Venda de 3 estantes, 1 bureau e 7 cadeiras, móveis estes desatualizados não servindo mais para o Instituto .....		1.200,00
<b>Arrecadação "Livro de Ouro"</b>		
Recebido de diversos signatários .....		600,00
<b>Empréstimo Bancário</b>		
Empréstimo contraído ao Banco Industrial do Ceará, com o prazo de 4 meses .....		<u>5.000,00</u>
TOTAL GERAL DA RECEITA .....		<u>54.331,53</u>
<b>D E S P E S A</b>		
<b>Biblioteca</b>		
Aquisição de livros .....		282,00
<b>Impressões Tipográficas e Publicações</b>		
Do XVIII número da revista "Itaytera" (restante) .....	2.312,40	
Do XIX número da revista "Itaytera", impresso na Imprensa Universitária de Fortaleza (contribuição para aquisição do papel) .....	4.000,00	
Do XX número da revista "Itaytera", pago à Tipografia do Cariri .....	<u>15.000,00</u>	21.312,40

**Séde Social**

Aluguél referente a janeiro/outubro/1975 .....		2.200,00
<b>Representação ou Gratificação ao Presidente</b>		
Contribuição referente ao 1º semestre/75 .....		300,00
<b>Viagens a Fortaleza a Serviço do Instituto</b>		
Despesas de seis viagens durante o ano de 1975 ..		2.332,00
<b>Reforma do Prédio à Praça Juarez Távora para a Séde do Instituto</b>		
Material de construção em geral .....	10.053,38	
Mão-de-obra e prestação de serviços .....	4.946,62	15.000,00
<b>Despesas de Comissão para o Recebimento de Subvenção e Auxílio Federais</b>		
Pago ao Escritório da RELVAN, em Brasília ....		3.170,00
<b>Contribuição para a Impressão e Publicação do Trabalho "Roteiro Turístico do Crato"</b>		
Compra de papel e trabalhos tipográficos .....		750,00
<b>Juros Bancários</b>		
Juros do empréstimo feito ao Banco Ind. do Ceará .		375,00
<b>Compra de uma Máquina Escrever e Móveis Madeira</b>		
Compra de uma máquina de escrever "Remington" à firma Thomaz Osterne de Alencar S. A. (pago três prestações) .....	1.520,00	
Compra de Móveis de Madeira à Movelaria Irmãos Rôla (pago três prestações) .....	3.200,00	4.720,00
<b>Aquisição de uma Placa Luminosa (Agrílico)</b>		
Pago à Fábrica de Esmeraldo Furtado da Silva, (duas prestações) .....		1.300,00
<b>Secretaria</b>		
Despesas postais-telegráficas .....	404,70	
Despesas com telefonemas .....	32,26	
Aquisição de materiais de escritório .....	187,60	
Serviços fotográficos .....	120,00	
Confecções de clichês diversos .....	383,00	
Despesas com transportes urbanos — taxi .....	20,00	
Consumo de energia elétrica na séde .....	21,50	
Publicação de edital-convocação de assembléia ....	50,00	
Aquisição de molduras para quadros .....	40,00	
Conservação e consertos em móveis diversos .....	200,00	1.459,06
T O T A L .....		53.200,46
<b>Movimento de Fundos</b>		
Saldo para o ano de 1976 .....		1.131,07
TOTAL GERAL DA DESPESA .....		54.331,53

Crato, 31 de dezembro de 1975

VISTO:

Antônio Correia Coelho  
TESOUREIRO

João Lindemberg de Aquino  
PRESIDENTE

# A FERRAGISTA UMA ORGANIZAÇÃO TÃO CRATENSE QUANTO ESTA REVISTA

Em 1950 começava no Crato a história de uma grande organização comercial. Inicialmente com o nome de Casa Vitória, tempos depois (1966) mudado para A FERRAGISTA. Essa firma cresceu e logo conquistou Fortaleza (1970), abrindo uma grande loja onde sediou a Matriz, conservando no entanto a loja do Crato e depois (1974) inaugurou a terceira loja, também na capital.

Da antiga Casa Vitória, fundada por Cícero Alves de Sousa, à organização de hoje, a FERRAGISTA, capitaneada desde 1962 por Edmilson Alves de Sousa, muito progrediu e muito orgulho deu ao povo cratense. Mas o nosso maior orgulho é ser tão cratense quanto a ITAYTERA.

**a ferragista**

A única fiel a origem do seu nome.

Sena Madureira — Major Facundo (Fortaleza)

R. Dr. João Pessoa (Crato).

**CERÂMICA NORGUAÇU S. A.**



**Produzimos ladrilhos cerâmicos da  
melhor qualidade**

**Estamos exportando para o Norte  
e Nordeste**

**Avenida Padre Cícero - Km. 3**

**CRATO**

**-x-**

**CEARÁ**